

1
3
0
0
0
Bid

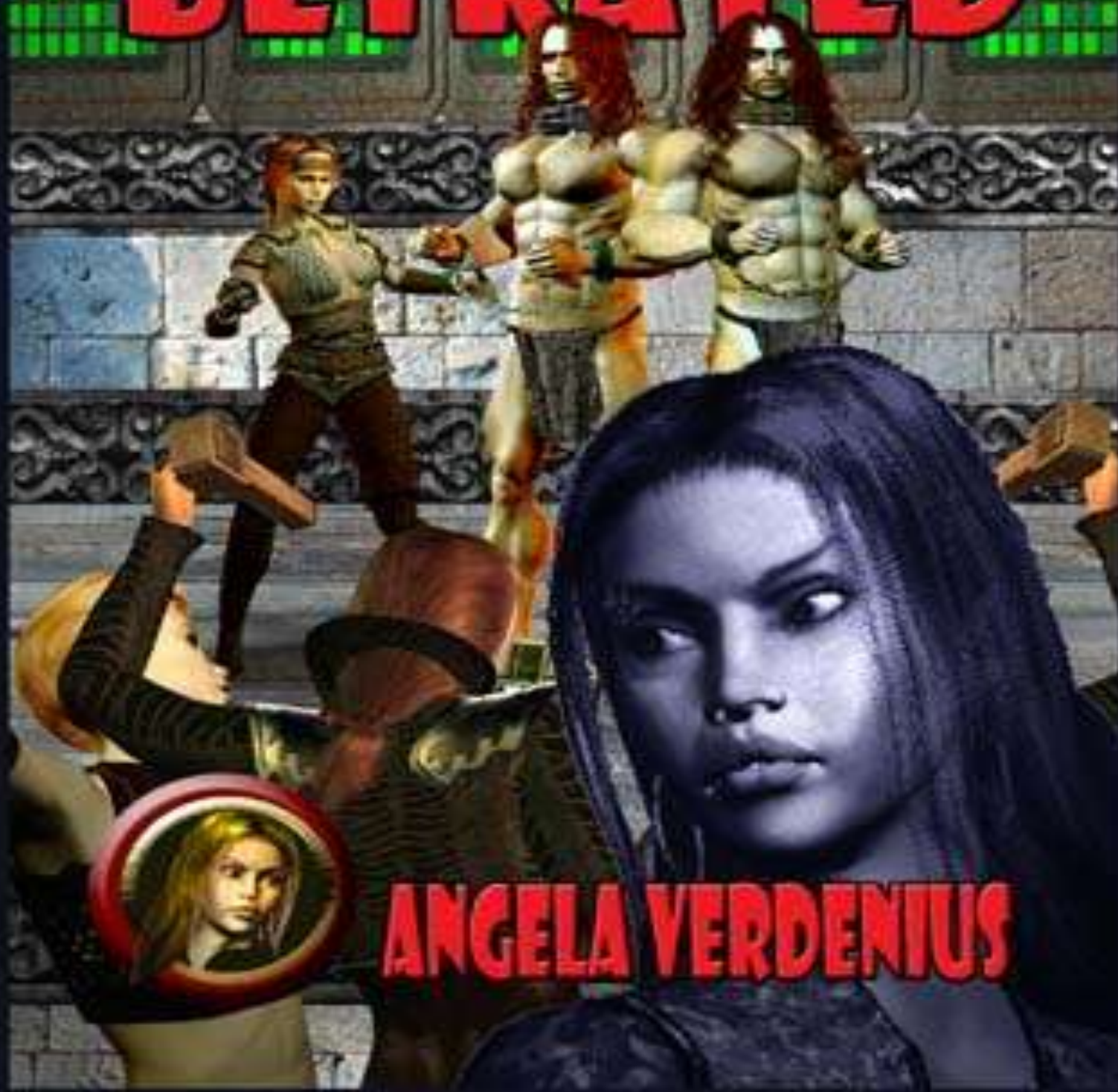
1
5
0
0
0
Bid

1
5
0
0
0
Bid

2
0
0
0
0
Bid

1
9
0
0
0
Bid

HEART OF THE BETRAYED



ANGELA VERDENIUS



CORAÇÃO DE UMA TRAÍDA

HEART OF THE BETRAYED

SERIE
HEART & SOUL
LIVRO TRES



ANGELA VERDENIUS



*Envio: **Soryu***

*Tradução: **Marcia/Chayra Moom***

*Revisão Inicial: **Anary, Elen Bia***

*1ª Revisão Final: **Elizabeth, Michelle Lopes, Silvia T, Marileide Alves, Ana Almada***

*2ª Revisão Final: **Chayra Moom***

*Leitura final: **Carol Vênus***

*Formatação: **Chayra Moom***



A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo **PÉGASUS LANÇAMENTOS** de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor Não Publicar Nossos Arquivos No Facebook

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
Se Você gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo
de forma desnecessária

Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original

*Pégasus
Lançamentos
Equipe Pegasus Lançamentos*

Introdução

Sentado no banco mais próximo, ele girou ao redor para encará-la. —Sim. O que está acontecendo, moça?

—Nada.

—Não há mais como evitar isso. Ele a aborreceu tanto que você ficou bêbada e irresponsável, não que seja normal para você. Você o conhecia antes de ontem à noite, não é?

Cansada, ela esfregou as têmporas doloridas.

—O que faz você pensar isso?

—Você mencionou um encontro feliz, embora fosse obviamente nada.

Dana notou os outros comerciantes ouvindo atentamente. Cam sentado na extremidade oposta da mesa, Simon e Jase em duas das quatro poltronas do outro lado da cabine, e Red encostado no balcão de alimentos.

—Fale comigo, -Garret ordenou suavemente.

—Você não vai deixar isso passar, vai?

—Não.

—Muito bem. Você já ouviu falar de Southland e Northland?

—Em um planeta chamado Orkra? Sim. -ele fez uma careta.

—Um estranho sistema que há lá, os homens e além das prostitutas.

—Aquele homem era Diago, líder de Northland. Seu filho foi capturado por Southlanders. Ele quer que eu vá e o resgate.

—Você?

De repente, ela se levantou a mão batendo sobre a mesa.

—Dane-se tudo, para o inferno! Eu não tenho que ir, maldição!

—Calma moça. Claro que sim. Basta dizer não a Diago.

—Essa não é uma opção que eu tenha, embora eu pedisse a Deus para ter!

—Você não está fazendo sentido. —Garret franziu a testa. —Você negou a outras pessoas antes, o que torna isso tão diferente?

Dedicatória

Para Marie e Ron Gibson. Vocês dois tem um lugar especial em meu coração.

Para Richard Stroud, pela sua visão e arte.

Para Leslie Hodges, passamos paor tudo de novo e saímos sorrindo!

Para minha mãe, Doreen Verdenius. Te amo sempre.

Capítulo 1

—O que quer dizer ‘ele se foi’? -o homem olhou para o mensageiro infeliz.

—Ele não pode ser encontrado em qualquer lugar.

—Você já procurou em todos os lugares? —os olhos de Diago se estreitaram. —As senzalas?

O mensageiro engoliu audivelmente.

—Cina se foi também.

—O idiota!

Vearc viu o líder andar pela sala irritado, o cabelo negro com fios grisalhos, normalmente arrumado, em desordem.

—Ele está determinado a libertá-la?

—Claro que está! Rominac é um tolo!

—Ele se imagina apaixonado por ela.

—Ele é um idiota ainda maior. Amor, bah! -Diago derrotou seu segundo em comando com um olhar ardente.

—Envie uma tropa armada para trazê-lo de volta!

—Ele pode estar perto da fronteira agora.

—Reze para que ele não esteja. Agora vá.

Vearc se foi, seguido pelo mensageiro.

Xingando, Diago se jogou na grande cadeira que dominava o quarto. Garoto explosivo! Será que ele não aprendeu alguma coisa, o filho dele? Normalmente ele não era tão teimoso, tão obstinado, mas desde que conheceu a nova escrava, a menina chamada Cina... Amaldiçoava o dia em que tinha sido capturada perto da fronteira que separava Northland e Southland, e amaldiçoou o dia que a trouxe aqui para o seu filho! Ela deveria trazer para fora o homem em si, o lado dominante, e não transformá-lo em um filhote de cão doente de amor, mais fraco do que ele já era.

Mas, fraco como Rominac era, ele o amava. Ele era seu filho, depois de tudo.

Através das janelas do chão ao teto, ele olhou para dentro do pátio e viu os cavalos sendo alinhados e os soldados dando as suas ordens, antes de finalmente andarem em direção ao amanhecer.



A chegada dos Rashmars na reunião interpaíses sobre o planeta Rashmar, foi observada com interesse em comunicadores visuais pelo Navio da Paz Intergaláctica e cidadãos de outros planetas, pois a angustia era abundante em suas fileiras recentemente. Alguém tentou assassinar um líder idoso, o único que conseguiu manter a paz entre sua ninhada de longo alcance de parentes reais e mulheres, um grupo argumentativo de líderes que

governaram seus países em Rashmar. A reunião deste dia era entre os parentes, que ameaçavam com a guerra uns aos outros, devido a um motivo ainda desconhecido. Foi um encontro que os idosos imperiais de Ravnor tiveram que agir como mediadores mais uma vez.

Os observadores ouviram o silêncio ser quebrado pelo som das vozes se aproximando, então a porta se abriu e os líderes dos países entraram na sala. Papéis e livros, juntamente com computadores, em minutos bateram na mesa, na enorme mesa circular, e cadeiras se arrastavam pelo chão de mármore quando eles tomaram seus assentos.

Os membros menores da família real olhavam avidamente, a partir da galeria acima, com a porta aberta, um homem idoso entrou regamente na sala, vestindo um manto longo, tocando o chão, as mãos juntas dentro das mangas. Sombriamente, ele inspecionou seus parentes antes de se sentar na cabeceira da mesa, tendo os seus dois conselheiros nas cadeiras, um de cada lado.

Um murmúrio surgiu quando uma quarta pessoa entrou na sala e dirigiu-se imediatamente para ficar atrás de Ravnor, elevando-se acima dele, em seus impressionantes um metro e noventa e oito.

O guarda-costas. O contratado para proteger o Imperial Ravnor, pago para proteger à custa de sua própria vida. Aquele que lutaria até a morte. A Mulher Guerreira Reeka.

Todos os olhos do sexo masculino demoraram melancolicamente sobre os seios arredondados envoltos no colete de couro sem mangas, que era atado firmemente até a frente por um entrecruzamento de tiras de couro cru. Havia uma força inacreditável nas curvas do corpo generosamente feminino, magro e forte.

Olhos castanhos varreram os líderes com profundo desprezo, fazendo-os afastar o olhar às pressas, antes de virar-se e estudar os rostos na galeria.

Ravnor convocou a reunião para a ordem e as atenções dos líderes foram atraídas de volta para ele. Dana olhou todos eles sem nenhuma tentativa de esconder sua raiva. *Droga Ravnor, por que ele faz a si mesmo como um alvo fácil?* Quando ela percebeu que ele realmente queria estar presente na mesma sala que seus parentes, ela tinha praticamente gritado com ele.

—Você perdeu o juízo?

Seus assessores estremeceram. Ninguém falava com o Imperial Ravnor dessa maneira. Exceto esta guerreira.

—Eu preciso estar lá.

—Bem no meio? Você será o alvo principal!

Um dos conselheiros levantou a mão.

—Ele deve estar na reunião.

—Ele poderia morrer por causa dessa maldita reunião!

—É o seu trabalho manter a sua segurança... -suas palavras foram sufocadas por uma mão forte segurando na frente de sua túnica e puxando-o para frente.

Olhando para baixo em seu rosto assustado, Dana arrastou-se facilmente nas pontas dos pés.

—Você não está tornando isso mais fácil, Quin.

Ele gritou e engasgou, agitando as mãos para agarrar os pulsos da guerreira, enquanto tentava puxar suas mãos, embora sem sucesso.

—Dana, liberte-o, -Ravnor suspirou.

Não era a primeira vez que a guerreira Reeka colidia com seus dois assessores, Quin e Vincc. Quando veio para a sua segurança, ele verificou que ela era muito feroz em relação ao que ela considerava uma ameaça para ele.

Tragando grandes goles de ar, Quin caiu no chão.

Dana olhou para Ravnor.

—Você poderia presidir este encontro, transmitindo da sala, através do comunicador visual.

—Não. Eu devo estar lá em pessoa. -ele começou a pegar seus papéis. —É a tradição.

—Vai ser uma tradição que você morra.

Vincc franziu a testa.

—Ele vai estar entre os parentes.

—Ele estava entre eles na semana passada, quando o tiro foi disparado. E quem colocou essa víbora em sua cama?

Com cenho carregado, Vincc cruzou os braços.

—Eu sei que ele teria sido mordido, se você não tivesse insistido na verificação de tudo, todas as noites, em seu quarto antes de se deitar, mas...

—E eu estava certa! O atirador fugiu porque havia tanta gente em pânico, ele literalmente se misturou à multidão. Eu também lhe disse então, que Ravnor estava em perigo, aparecendo em público.

Vincc olhou para o líder.

Ravnor andou para frente. —Ser um líder tem seus riscos.

—Que seria menor se você fizer como eu digo! -Dana rebateu.

—Há algumas coisas que simplesmente não podem ser adiadas. -ele caminhou em direção à porta. —Desde que eu a contratei há dois meses, você salvou minha vida várias vezes, até capturando dois dos assassinos.

—Que por *acaso* morreram nas masmorras, antes que pudesse ser interrogado.

—Minha querida. -deu um sorriso gentil para ela. —Eu sei que você se preocupe comigo, mas como Vincc disse, estarei entre os parentes. Estarei seguro.

Dana perdeu a carranca.

—Não faça isso, eu peço a você.

Uma mão acariciou a longa barba branca.

—Eu devo. —a mesma mão fez um gesto para os dois assessores. —Venham, vejamos esta última disputa.

Eles correram atrás dele, Vincc lançou um olhar triunfante para Dana, conforme ele fez isso.

Sim, ela estava com raiva. Ela estudou os trinta líderes de países reais, sentados e discutindo acaloradamente entre si. Um deles poderia muito bem ser o tentaria matar Ravnor. Sendo parentes não havia razão a confiar neles. Seu olhar varreu a galeria acima, de onde a realeza menor observava avidamente, sussurrando entre si. Abutres. Inúteis sangrentos comedores de carniça, estão aqui para a última refeição.

O tempo se arrastou e Dana se mexeu um pouco atrás da cadeira do líder Imperial, enfiando uma espessa mecha de cabelo loiro na altura dos ombros atrás da orelha. Ela odiava essas longas reuniões, reuniões cansativas. Se ela tivesse parentes, como os dois briguentos homens de meia idade que governavam Rashnor 10 e Rashnor 11, bateria as suas cabeças juntas.

Vincc sussurrou para Ravnor, que balançou a cabeça, e Vincc deixou a mesa.

Agora isso era curioso, Dana pensou. Por que o conselheiro saiu bem no meio desta discussão familiar? Seus lábios se contraíram, quando ela o viu sair da sala.

—Agora, Ivar, o que o está deixando tão chateado? -Ravnor olhou com severidade para o pequeno homem de cabelos escuro sentado a meio caminho, na mesa, à sua direita.

—Ouvi dizer que Zenk, -Ivar lançou um olhar acusador ao homem sardento em frente a ele-, tem o objetivo de derrubar meu governo e confiscar meu império para si!

Pulando o acusado apunhalou o dedo no ar.

—Desejo o seu país insignificante? Acontece que eu sei dos teus caminhos escusos! Você está causando problemas e, enquanto eu estou aqui para provar minha inocência, os seus soldados estão, provavelmente, invadindo meu palácio agora!

—Por que, você é baixo como a escória! Eu não sou um desonesto falso como alguns que poderia citar... você, por exemplo!

Isso era tão chato. Dana girou preguiçosamente os dois aros de prata pequenos em sua orelha direita. Estes homens inúteis lutam e brigam entre si como crianças. Pior, na verdade. Muito tempo em suas mãos. Mais dinheiro do que cérebro. Eles precisavam saber como é um dia de trabalho, realmente, orientá-los na direção certa. Ou um bom pontapé em seus bem acolchoados traseiros.

A súbita agitação na galeria lhe chamou a atenção, um pequeno movimento em um canto sombrio. *Um dos membros menores realeza?* Não, eles estavam todos se debruçados sobre o trilho da galeria, observando os argumentos.

Seu olhar aguçado. *Um canto escuro em uma galeria acima da reunião, a realeza menor ocupada de outra forma. Ninguém notou...*

—Ravnor! Abaixese! -Dana empurrou-o, ao mesmo tempo que gritava o aviso, empurrando para o lado, para que ele caísse de sua cadeira para o chão.

Bem a tempo. A explosão do laser queimou em linha reta na parte de trás de sua cadeira, direto onde o seu coração teria estado.

—Assassino! -Quin guinchou. —Onde ele está?

A sala explodiu e em pânico as pessoas debandaram para as saídas. Explosões de laser destruíram a cadeira desocupada de Ravnor em uma ruína em chamas.

Agachada sobre o líder idoso Dana segurou-o com uma mão e um forte agarre.

—Fique aí!

Lentamente, levantou a cabeça acima do nível da mesa e olhou em volta cautelosamente. O local estava um caos. As pessoas corriam descuidadamente para as saídas, enquanto os guardas estavam tentando forçar seu caminho para proteger seu líder. Muitas pessoas e sem portas suficientes.

Descartando-os de sua mente, Dana procurou a galeria acima dela. Sim, lá estava o assassino, nas sombras, escondendo-se na escuridão, esperando por um tiro limpo em Ravnor. Ela tinha que tirá-lo da sala. Pensando rápido, se inclinou para ele.

—Quando eu disser '*corra*', vamos direto para a saída diretamente à nossa esquerda. É a mais próxima. Você entende?

—Eu... Sim. -tremendo, ele apontou para as pernas trovejando ao passar por eles.

—Mas onde está o atirador?

—Lá em cima, na galeria. -ela enganchou uma mão em torno de seu braço. —Corra agachado, isso vai fazer de você um alvo mais difícil.

—Onde você estará? -uma gota de suor escorreu pelo seu rosto.

—Eu vou te cobrir. Não perca mais tempo. Nessa confusão, será mais difícil obter um raio em você. Agora, corra!

Com um movimento rápido puxou o laser do coldre anexado a sua coxa e se levantou, visando suas explosões na galeria, ao mesmo tempo arrastava Ravnor sobre seus pés.

Ele não precisava de uma segunda ordem, correu agachado para a saída.

O assassino blasfemou com as rajadas de laser do guarda-costas que o obrigou a abaixar.

Mas ele tinha que matar Ravnor! Ele não poderia falhar desta vez! Perscrutando em torno da borda da cortina, avistou a guerreira loira apoiando rapidamente em direção à saída, garantindo que o velho idiota estivesse seguro por trás dela, protegendo-o com seu próprio corpo alto.

Bem, ele só tinha que matá-la também. Sorriu para si mesmo. Ela tinha a boca muito grande, de qualquer forma, sempre discutindo e fazendo comentários sarcásticos.

Cuidadosamente, apontou, mas, maldição, seus olhos estavam muito atentos e balançou o laser de volta, de forma acentuada e apontado diretamente para ele.

Mesmo quando ela disparou, Dana se jogou de volta para bater em Ravnor, empurrando-o para o meio dos parentes xingando e gritando.

—Eu vou matar todos vocês! -o assassino gritou. —Todos vocês para chegar a Ravnor! -e começou a disparar contra a multidão.

—Protejam-se! -um guarda musculoso rugiu. —Protejam-se!

Um baque forte soou e Zenk gritou: —A porta está fechada! Alguém abra!

—Abra-a! Maldito seja, abra! -Ivar gritou.

Mais do que um par de mãos apertavam em vão o painel de controle.

—Está presa! Não vai abrir!

Um grito de agonia e o cheiro de carne grelhada enchia o ar, quando alguém foi atingido pelas explosões.

Dana teve um vislumbre de Ravnor com o canto do olho ao mesmo tempo que o assassino. Ambos mexeram-se como um só, o assassino visando o líder Rashmor e puxando o gatilho do laser,

enquanto ela virou e se jogou sobre Ravnor, enviando-os tanto para o chão, como em um giro rápido.

Foi rápido o suficiente para evitar que Ravnor fosse atingido, mas Dana sentiu a queimadura em volta de seu ombro e amaldiçoou. Ela recebeu parte dos tiros destinada a ele, mas não havia tempo para pensar sobre isso agora.

Dez parentes haviam deixados na sala. Seis guardas estavam atirando para dentro da galeria, mas as sombras deram cobertura ao assassino e ele retornou o fogo, pegando três com facilidade. Os guardas restantes mergulharam atrás de uma mesa.

Dana e Ravnor pararam atrás da mesa do outro lado.

—Querido Deus, ele vai me matar desta vez! -Ravnor ofegou, o peito arfando.

—Não, ele não vai, -afirmou Dana severamente.

—O que vamos fazer? -Zenk exclamou de perto.

—Nós não podemos vê-lo! -um dos guardas rosnou.

Maravilhoso, deixar o inimigo saber a vantagem que ele tem. Os lábios macios de Dana se torceram.

—Mas eu posso ver vocês! -o assassino gritou. —E vou matar a todos!

Zenk pulou e gritou com medo quando uma explosão de laser através da superfície queimou a mesa acima dele. —Nós vamos morrer!

Uma batida podia ser ouvida nas portas, gritos de espanto, a ordem do Chefe da Guarda.

—Abram essa coisa maldita!

Riso alegre caía em direção a eles.

—Eles não serão capazes de fazê-lo! Só eu tenho os controles para isso!

Olhos temerosos encontraram uns duros olhos de avelã. —Ele vai nos matar!

—Acalme-se, —Dana ordenou secamente. —Me deixe pensar.

Cerrando sua mandíbula, Ravnor engoliu suas palavras terríveis, mantendo os olhos na sua guarda-costa. Reeka tinha salvado sua vida muitas vezes nos últimos tempos. Mas o que ela poderia fazer agora? Era só uma questão de tempo.

—Ele tem todas as vantagens.

Com a sobrancelha bem arqueada, pensativa ela olhou ao redor da sala debaixo da duvidosa segurança da mesa. —Tenho que pegar esse assassino antes que ele pegue você.

—O que você pode fazer?

—Eu tenho uma ideia, mas você deve fazer exatamente o que eu digo. Compreende?

Ele não sabia o suficiente para questionar.

—Entendido.

Ela imaginou que os controles para as luzes estavam perto da porta, o que significava que teria que arriscar se levantando para obter uma imagem clara. Rapidamente, examinou as pessoas debaixo das mesas. Não havia uma mais perto e, além disso, não confiava em qualquer um desses parentes, eles seriam capazes de dar-lhe um tiro, e os guardas estavam muito longe para explicar seus planos. A única pessoa em quem confiava era ela mesma.

—Ravnor, quando me levantar, você rola para a direita e não pare até chegar aos guardas.

—Levantar? -seus olhos arregalaram.

—Só faça isso. -Dana levantou, se jogando para a esquerda e disparando no painel de controle, enquanto fazia isso.

O assassino disparou loucamente para ela, então de repente ele não podia ver nada, pois o painel de controle a encobria e ficou escuro. A única luz era agora no canto mais distante da galeria acima da porta.

—Maldita seja! -gritou em fúria, percebendo o que ela tinha feito. —Maldita seja, sua puta!

O fogo do laser respingou na escuridão abaixo de onde ele tinha certeza de que a guarda-costas se escondia.

Só que ela não estava mais lá.

Aproveitando-se da escuridão e sua surpresa, ela mergulhou debaixo da mesa e correu toda sala, chegando e parando na metade do caminho para andar com cuidado até que foi para a curva

oposta da mesa circular. Esquivando-se debaixo dela, foi do outro lado.

—Sua puta! -o assassino gritou, ainda disparando na direção de onde ela vinha. —Eu vou explodir você, inferno!

Bom homem. Cuidadosamente Dana começou a avançar, colocando seus pés suavemente, um diante do outro, sabendo que cadeiras foram viradas em todos os lugares, para não mencionar copos e jarras caindo, durante o pânico. Ela não podia arriscar, dando a sua posição por esbarrar em algo e fazer barulho.

Finalmente chegou na parede e sentiu ao redor até que entrou em contato com o veludo pesado das cortinas que pendiam de hastes de aço até o teto. As cortinas caíam varrendo da galeria ao chão. Firmemente, puxou as cortinas, aumentando a tensão. Esperava, com sorte, que não rasgasse, ou a costura se desfizesse com a tensão.

Tomando dois punhados do material pesado, puxou o comprimento balançando. Mão sobre mão, ela passou, atraindo cada vez mais perto do trilho da galeria, silenciosamente abençoando a curta, saia de couro que usava para liberdade de movimento.

Amaldiçoando vilmente, o assassino olhou para a escuridão abaixo dele. Na verdade, ele tinha o líder Imperial de Rashmor fixado para baixo na sala, mas xingou a guarda-costas... ela sempre conseguia destruir seus planos! Seu maior erro era mirar em Ravnor em vez de acabar com essa guerreira intrometida!

Ele pulverizou a escuridão com mais fogo de laser, recompensado por um grito sufocado, mas infelizmente reconhecia como um dos compatriotas. Tais covardes, bobos e fracos! Assim, facilmente conduzidos.

Dana viu o tênue contorno sob a luz fraca, mas não havia sinal do assassino. Ele poderia ter se escondido em qualquer lugar nas sombras.

Desenhando o nível com o trilho, esticou a bota, colocou-a de forma segura sobre a madeira polida, e seguiu com outro pé. Ainda usando a cortina de apoio, abaixou-se cuidadosamente para o chão da galeria. Silenciosamente tirou o laser do coldre na coxa. *Certo, a parte mais difícil acabou, agora tudo o que tenho a fazer é...*

—É ele? Fogo! -um dos guardas gritou e imediatamente um tiro de laser estourou para cima.

Porra! Dana caiu rapidamente nos joelhos. Os idiotas estúpidos vão me matar!

—Não! -Ravnor gritou em horror tardio.

O assassino riu e ergueu a cabeça, seu olhar penetrou a escuridão. Ele estava nas proximidades. Bem a frente, em torno do pilar. Em seguida, uma luz fraca foi disparada e a galeria mergulhou na escuridão de breu.

—Veja-me se você puder agora, escória inútil! -o assassino se regozijou como os sons de palavrões flutuando abaixo em direção a ele.

Continue falando, Dana pensou, endireitando-se e avançando para frente lentamente. *Leve-me a você, e eu vou para-lo para sempre.*

Mas ele se calou, sem dúvida, esticando seus próprios olhos na escuridão, tentando identificar sua presa.

Ela tinha uma ideia de onde ele estava e, finalmente, fez a volta no pilar. Parando, respirando superficialmente, não escutou qualquer som que pudesse trair o seu paradeiro.

Sua pele arrepiou. Ele estava nas proximidades. Lentamente, inclinou a cabeça, esforçando-se para ouvir qualquer coisa, um farfalhar de roupa, uma fungada, um passo, ela olhava atentamente para a escuridão.

Nada. Bem, tudo o que poderia fazer agora era pulverizar toda a galeria com fogo laser ou esperar ele sair. Mais cedo ou mais tarde, ele faria um barulho e quando o fizesse...

Segundos viraram minutos, depois veio um som próximo, raspando ao lado dela. Lentamente, virou o laser em direção ao som. *Era ele?* Não poderia ser demais ninguém. Seu dedo apertou o gatilho e...

Uma luz brilhante piscou em cima, cegando Dana momentaneamente. Ao mesmo tempo, uma confusão de vozes começou quando as principais portas abaixo se abriram e os guardas invadiram a sala.

Ela estava cara a cara com o assassino, reconhecendo-o no mesmo instante, Vincc, registrou sua presença. Seu laser foi destinado apenas a ela, enquanto ela própria foi para o lado.

Ele a mataria antes que ela fosse em torno para chegar a ele.

Vincc deu um riso rosnado, e mudou o laser sobre ela no mesmo instante que ela pulou para frente, agarrando-o pelo peito e jogando o laser para longe. O feixe brilhou inofensivamente, passando por ela.

Seu impulso empurrou-os para cima e sobre o corrimão.

Os guardas e Ravnor pularam para trás apenas a tempo quando as duas figuras caíram sobre a mesa, o rosto de Vincc em primeiro lugar, Dana nas costas. A seção da mesa quebrou sob a força combinada.

O instinto a fez rolar, ainda com pontos pretos de dor dançando diante de seus olhos. Com um esforço quase sobrehumano, se empurrou para cima, sobre os joelhos, alcançando Vincc com uma mão, enquanto arrancava o punhal da cintura com a outra.

Vários guardas correram para frente, arrastando Vincc de costas. Pegando um punhado de seu manto, Dana sacudiu-o na posição vertical.

—Ele está inconsciente, -disse um guarda.

—Não. -ela arrastou-o para seus pés. —Aqui está o seu assassino, Ravnor.

O líder idoso se aproximou com o rosto pálido de choque. Atrás dele, seus parentes pressionavam, enquanto os guardas com lasers os rodeavam.

—Vincc? Era você o tempo todo?

Os olhos de Vincc se abriram lentamente e dolorosamente, ele riu.

—Então, chocado, Ravnor. Oh, poderoso líder?

—Por quê? Você é o meu conselheiro!

O sangue escorria pelo canto de sua boca e sua cabeça pendeu.

Dana sacudiu-o duramente.

—Acorde, conselheiro. Não vai dormir ainda.

Os olhos se abriram novamente, com uma pitada de loucura nas profundezas.

—Ah, a guarda-costas poderosa. Você o salvou mais uma vez, guerreira.

Ravnor estendeu a mão tremendo, hesitou, e retirou-a.

—Por que, Vincc? O que fiz a você para merecer isso?

Sangue salpicado de espuma saía da boca do assassino, quando ele tossiu.

—Por que eu deveria responder?

—Porque se você não... -Dana começou.

—Você o que? -zombou. —Vai me matar? Tarde demais para isso! -seu sorriso era desagradável.

—Oh, concordo. Você está morrendo agora, não há dúvida sobre isso. Mas posso fazer os seus últimos minutos parecerem uma eternidade. Muito agonizante.

Os lábios finos torceram. —Você tem a misericórdia de um assassino, cadela!

—Vou receber isso como um elogio, obrigada.

Ravnor se aproximou.

—Você matou os assassinos no calabouço, não é?

Vincc engasgou com o sangue, ingerindo, em seguida, ergueu a cabeça e riu fraco.

—Antes que eles pudessem falar, sim. Você realmente quer saber por que tentei matá-lo, oh poderoso líder?

—Sim.

—Por que... -ele deu uma risada rascante de triunfo, em seus olhos enlouquecidos. —Não, não, não vou lhe dizer. Que seja uma preocupação para sempre, uma questão candente em sua mente até o dia que você morrer!

Na confusão, frustrado, Ravnor cerrou os punhos.

—O que eu fiz para você?

Vincc cuspiu sangue, tentando atingir o homem mais velho com a saliva, mas sua força estava rapidamente se esgotando e só conseguiu acertar abaixo de seu manto.

Sua cabeça ergueu quando a guerreira loira segurando-o na posição vertical, de repente, disse em um tom aborrecido.

—Vincc amava a sua filha e você a casou com Izark.

—*O quê?* -Ravnor olhou.

A reação de Vincc era de raiva.

—Sua vagabunda! Você espionou, sua puta!

Segura-lo fazia seu ombro pulsar e queimar, e parecia que todos os ossos do seu corpo estavam doloridos da queda, mas ela ignorou-os, mantendo sua atenção sobre ele.

—Você precisa manter uma pintura dela.

—O quê? Onde? -Vincc rosnou.

—Aqui, Vincc. -do bolso do robe, ela arrancou um medalhão em uma corrente.

Agarrando-o, Ravnor olhou para o retrato da mulher pintado nele.

—Esta é minha filha! -ele olhou para Dana acusadoramente.

—Você sabia que ele tinha todo esse tempo?

Ela lançou lhe um olhar de nojo.

—Não. Você acha que eu sou tola? Isto parcialmente caiu de seu bolso durante a queda da galeria, e eu só o vi minutos atrás. Não demorou muito para juntar as peças.

Ravnor estava envergonhado.

—As minhas desculpas.

Vincc caiu e ela abaixou-o para o chão, ajeitando para ficar vigilante sobre ele.

—Sempre a guarda-costas. -ele zombou. —Subestimei você, guerreira. Pensei que fosse toda beleza e força, mas parece que é mais esperta do que lhe dei crédito.

—Você quer dizer que é verdade? -Ravnor perguntou.

—Sim, muito. Eu quase consegui matar você. Quase... —sua voz desbotada em um gorgolejo e sua cabeça caiu de lado.

Dana ajoelhou-se e sentiu o pulso carotídeo no pescoço. Não havia nenhum.

—Ele está morto.

Mão de Ravnor se fechou em torno do retrato de sua filha.

—Então... acabou?

—Assim, parece. -seu olhar em torno da multidão de pessoas urgentes em torno deles. —A menos que haja quaisquer corações quebrados a mais aqui? -ela sabia que pelas expressões em seus rostos chocados não era assim. O assassino estava morto e não havia mais. —Sim, acabou.

Quin veio conversar calmamente com Ravnor e ele concordou. Antes de partir, sorriu para a guerreira alta quando ela se levantou.

—Você fez bem, Dana. Eu vou vê-la antes de ir, sim?

Ela assentiu com a cabeça, com o rosto inexpressivo.

Vincc foi transportado, seguido por Ravnor, Quin e os parentes e guardas, deixando Dana sozinha na sala.

Lentamente, examinou a sala vazia, tornando-se consciente da queimação de seu ombro machucado, e o fino rastro de sangue escorrendo do lado do rosto de uma lasca de vidro. Sem dúvida, por causa do jarro que tinha sido esmagado sobre a mesa quando desabou sobre ela.

Ela estava sozinha. Mais uma vez. Era sempre o mesmo. Dana estendeu a mão e limpou o sangue com as pontas dos dedos, olhando para baixo, para a mancha vermelha.

Uma vez que o trabalho foi feito, era deixada para se curar, enquanto aqueles cujas vidas salvou iam cuidar de seus negócios.

O que mais ela esperava? Impaciente, olhou ao redor, procurando o seu laser. Achando-o no outro lado da mesa caída, reuniu-o rapidamente o coldre, virou-se e saiu da sala.

Esquecido por todos, o comunicador visual continuou a registrar os eventos para a galáxia atordoada.



Quando Vearc entrou na sala, quatro dias depois, Diago sabia pela expressão no rosto que a notícia era ruim. —Meu filho?

—Capturado.

Ele cerrou os punhos.

—Como você sabe?

—Isso. -Vearc levantou o manto de Rominac, em que um rude 'Z' tinha sido cortado. —Achamos pendurado em uma árvore.

—Perto da fronteira?

—Sim.

—Droga! -girando em torno, Diago passeou furiosamente. —Nós temos que recuperá-lo!

—As Southlanders estarão esperando por nós.

—Eu sei. É uma armadilha inteligente.

—Quem podemos enviar? Não há ninguém que possa entrar e não ser conhecido como um Northlander.

De cabeça baixa, Diago pensou por alguns minutos. Quando levantou a cabeça, seus olhos eram duros e sombrios.

—Conheço alguém que pode fazer, é perfeito para o trabalho. Vearc, prepare a nave de viagens. Saímos ao meio dia.

—Como você quiser.

—E envie uma mensagem.

—Para quem?

—Um ex-bandido e mercenário.

Capítulo 2

Oito caçadores de recompensas estavam em diversas áreas entre a porta e o bar, seus olhares frios explorando a sala. Vestindo diferentes estilos de roupas, dependendo de qual parte da galáxia tinham vindo, o chicote e o laser que carregavam adicionava um ar mais perigoso.

Dana soube imediatamente que estavam à caça de alguém, reconhecendo-o em sua postura e sua desconfiança.

A sua fome para a presa.

O líder do bando estava no bar, seus perfurantes olhos cinzentos pálidos, buscando.

Cormac. O caçador de recompensas e de cabeças. Ele uma vez caçou as mulheres guerreiras Reeka, quando tinham sido fora da lei, com um preço sobre as suas cabeças. Ele quase conseguiu pendurar suas duas primas, Tenia e Reya.

Bem, bem, bem, ela pensou, correndo uma mão pelo cabelo espesso e loiro que escovava o ombro nu. Aqui, pensou que a espera seria chata, mas agora podia irritar Cormac e em sua opinião, era uma forma agradável de passar o tempo.

Os olhos cinzentos pálidos varreram além dela, fez uma pausa, balançou para trás e se estreitaram.

Ela não podia ajudá-lo. As palavras saíram fora de sua boca, zombeteiras.

—Desculpe Cormac, não há mais preço sobre a minha cabeça. Você vai ter que procurar em outro lugar.

Alguém riu no silêncio, mas foi rapidamente silenciado.

—Ah, Dana. -ele inclinou a cabeça. —Então... bom... vê-la novamente.

—Pena que eu não possa dizer o mesmo. Meus sentimentos não são tão apaixonados como os seus.

Lentamente, ele avançou em toda a sala, seu olhar nunca deixando a sua inimiga, nem uma única vez.

Os frequentadores da taberna assistiam, com antecipação, pendurados em cada palavra e expressão que passava entre eles.

Sem medo, Dana observou. Inclinando-se preguiçosamente para trás na cadeira de madeira, colocou o tornozelo de uma bota de couro cru em cima do joelho oposto, e descansou o pulso no joelho levantado. A partir daí era um curto alcance para os punhais presos em sua bota de cano alto e o laser amarrado à sua coxa, fora da vista, sob a mesa.

Ele parou no lado oposto da mesa de madeira.

—Sozinha guerreira?

—Estamos sempre por nós mesmos? Está em uma pequena caçada? Quem é o pobre coitado? Alguém que eu conheça?

Seu sorriso foi de arrepiar.

—Há bandidos que você não conhece?

—Deixe-me ver. -batendo os dedos da outra mão sobre a mesa, pensativamente contemplou a teto antes de baixar os olhos para o caçador, silencioso e frio.

—Eu não posso dizer, realmente. Diga-me quem você caça e vou lhe dizer se o conheço.

—Você gostaria, não é? Será que, então irá avisá-lo, Dana?

—Por que, com isso estaria quebrando a lei, caçador. Você acha que eu faria isso?

—Não tenho nenhuma dúvida.

—Estou profundamente magoada. Você não sabe que sou uma pessoa obediente à lei agora?

—Ah, sim, já ouvi falar de seus talentos como guardacostas. Você se tornou uma heroína oficial. Salvou algumas vidas. - colocando as mãos sobre a superfície áspera da mesa, ele se inclinou para frente, os lábios curvando desdenhosamente. —Mas eu sei quem você é, Dana. Um dia você vai ultrapassar essa linha e voltar à vida de fora da lei.

A tensão encheu a sala, os frequentadores se inclinaram para frente, ansiosos. Estava para acontecer uma luta entre inimigos famosos, afinal? Atrás de Cormac, seus caçadores vigiavam de perto, com as mãos pairando perto de suas armas.

—E você estará lá para me pegar, pequeno impertinente?

—No seu cangote, guerreira.

—Isso é um pouco bizarro. Eu não sabia que você se importava tanto.

Um músculo se contraiu no maxilar apertado.

—Um dia...

Ela se inclinou para frente, de repente.

—Por que não hoje? Agora?

Ele estava perto de perder o seu temperamento, ela podia ver a fúria em seus olhos, mas ele respirou fundo, apertou suas mãos e se afastou abruptamente.

—Um dia, guerreira, eu vou estar no seu caminho.

—Você não tem um único osso com confiança em seu corpo, Cormac. Até mais tarde, então. -soprou-lhe um beijo.

Girando nos calcanhares, ele gritou: —Eles estão aqui?

—Não, -um dos caçadores respondeu.

—Continue a busca.

A conversa estourou mais uma vez, quando deixaram a taverna. Dana sorriu com satisfação.

—Querida, você provocou uma víbora. -uma cortesã da taberna parou ao lado de sua mesa.

—Nós nos divertimos quando podemos, Sal.

—Você vai empurrar o caçador longe demais.

—Nunca é o suficiente.

Balançando a cabeça, Sal se virou para outro cliente.

Alongando-se, Dana recostou na cadeira e cruzou os braços.
Ah, o doce sabor de provocar a víbora.

—Sal esta certa, moça. Você vai forçar muito o caçador, um dia.

Isso certamente não poderia ser... Cabeça girando ao redor, ela se viu olhando para uns quadris magros envolto em calças apertadas. Seu olhar viajou até o plano estômago definido e continuou até que encontrou os divertidos olhos cinzentos do fortemente musculoso gigante.

Instantaneamente seu humor azedou.

—Só quando eu pensei que meu dia estava melhorando.

—Eu vim e fiz o melhor? -Garret sentou em frente, a cadeira de madeira rangendo alarmante sob seu peso.

—Ele deu uma guinada para o pior. Que diabos você está fazendo aqui?

—Negócios, claro. Por que, estava esperando que eu viesse por você? -ele sorriu de maneira cativante. —Garota bonita, quando você estará pronta para vir para a minha cama, apenas diga a palavra e vou correr para lá!

—Você é nojento.

—De você, meu pequeno morango, isto é um elogio.

Ela observava o comerciante Daamen em silêncio.

—Admirando minha aparência? —com os olhos brilhando maliciosamente, ele acariciou a mão em seu queixo quadrado.

Seu olhar caiu sobre o longo, cabelo desgrenhado marrom derramado a esmo sobre os ombros enormes e quando ela olhou para os lados, Sal estava observando e olhando para ele com olhos sonhadores.

Seu humor ficou ainda mais azedo. As mulheres adoravam a altura de dois metros ou mais dos comerciantes gigantes. Como muitas vezes tinha visto, elas suspiram sobre as ondas duras dos músculos em seus peitos e braços, com a vantagem dos coletes sem mangas, que usavam pendurados abertos, e sobre a sua malandra boa aparência? Ao seu apelo perigoso, era adicionado o pequeno arco de prata que todos os homens Daamen usavam em seu lóbulo esquerdo.

—É o suficiente para estragar o meu apetite. Onde está o resto dos seus amigos?

—Alguns estão no andar de cima. Com uma meretriz. -ele piscou.

—Eu posso imaginar.

Pegou o olhar de Sal encantada, Garret gesticulou para uma cerveja.

—Então, por que está aqui, Dana? Pensei que estivesse de volta à Daamen, com suas primas, recuperando-se após a sua última missão.

—Eu estava, mas tive uma mensagem para encontrar alguém aqui, então eu vim.

—Atribuição nova?

—Possivelmente. Qual o seu interesse?

—Apenas interessado. *Como sempre estou, em seus movimentos.*

Sal colocou uma caneca de cerveja em frente a ele e sorria tolamente, mas seu sorriso era automático, pois sua atenção estava na guerreira diante dele.

—Você se recuperou, então?

—Foi só um arranhão.

—Você diria isso, de qualquer maneira.

—Portanto, não pergunte. -ela se levantou abruptamente.

Decepção inundado por ele.

—Já está indo? E o mensageiro?

—Irei encontrá-lo esta noite.

—Faltam algumas horas. Passe algum tempo comigo.

Uma sobrancelha arqueou interrogativamente.

—Pensei que você estivesse aqui para negociar?

—Estou, mas sempre tenho tempo para você.

As palavras rastejaram através de seus sentidos como o mel quente. *Enganador. Ele diz isso provavelmente, a todas as prostitutas.*

—Como é doce. Felizmente, não tenho tempo para ficar.

Garret olhou sua caminhada por entre a multidão que se separava para permitir a sua passagem livre. Mais do que um olhar de cobiça foi lançado para a loira de pernas longas com as curvas generosas, mas nenhum homem ousaria tocar nela. Sorte deles, caso contrário, ele teria que quebrar algumas cabeças. Se ela não os espancasse.

Um comerciante de cabelos vermelhos se sentou na cadeira desocupada.

—Essa expressão indica problemas com a moça.

—Conheço Dana há três anos, Red. Tudo bem, no primeiro ano após as Reekas serem perdoadas, estavam ocupadas se ajustando em Comll, e no segundo ano, ela acompanhou Reya em suas atribuições mercenárias no Setor Fora da Lei, mas no ano passado...

—Sim? -Red cobiçava Sal, enquanto ela enchia outra caneca de cerveja, antes que seu amigo o pegasse com um olhar 'vem cá'. Ele estava mais do que pronto para qualquer lugar que ela quisesse.

—Seu trabalho como guarda-costas a tem por toda a galáxia, ela é procurada constantemente pela realeza e dignitários. Como é que vou fazê-la gostar de mim quando ela não está por perto?

—A rapariga não quer você por perto, caso não tenha notado. Na verdade, a menos que ele seja uma tarefa, ela não quer nenhum macho por perto.

—Não é assim. -um jovem comerciante, de cabelo preto selvagem e encaracolado tomou o assento ao lado de Garret. —Ela gosta de meninos.

—Sim, Cam está certo. Ela não gosta apenas dos adultos do sexo masculino. —neste momento, um terceiro comerciante tomou a última cadeira disponível.

—Você também, Simon? -Garret suspirou. —Assim, quantos de vocês estão ouvindo a minha conversa privada?

—Só nós, -foi a resposta alegre. —Jase ainda está com a meretriz. Então, estamos ansiando justo pela Dana, não é?

Garret deu para os seus amigos um olhar de nojo.

—Se você acha que vou discutir os meus senti... -ele tropeçou em um impasse.

—Sentimentos! -Cam disse alegremente.—Aha! Então eu estava certo! Você me deve dez dinnos, Simon!

—Maldito inferno.

—Você está apostando em mim? -Garret rosnou.

—Nós fizemos o mesmo com Tenia e Darvk, lembra?

—E você ganhou uma boa quantidade deles, -Red lembrou.

—De qualquer forma, o que você vai fazer sobre a moça?

—O que posso fazer? Ela tem seu trabalho, que a mantém fora de alcance.

—Mostre o seu lado terno.

—Ela vai rasgá-lo fora e enfiar goela abaixo. -Cam riu.

—Muito engraçado. —engoliu o último gole da cerveja, Garret bateu a caneca de volta para a mesa. —Voltarei ao navio e descobrir quem mais temos de contatar enquanto estamos em Oslow.

Red piscou para Sal, e com um largo sorriso, ela começou a fazer o seu caminho na direção dele.

—Você faz isso. Eu vou ter um pouco de coração para coração com essa moça formosa, então irei para lá.

—Tome seu tempo, como não duvido que você vá. Apenas ajude a terminar a noite de carga e o resto do tempo é seu. Saímos pela manhã.

Garret voltou para o navio na baía de ancoragem, fora do assentamento, mas seus pensamentos não estavam nos comerciantes com quem estava negociando. Em vez disso, estava cheio de Dana.

Sim, ele tinha sentimentos por ela. Ah, no começo tinha apenas prazer em provocar a Reeka temperamental, a conheceu quando era um membro da tripulação Darvk, e tentou provar a inocência das Reekas, mas desde então, seus sentimentos mudaram. Ele estava, admitiu para si mesmo, se apaixonando por ela, algo que os outros homens achariam inacreditável, para

qualquer um que tivesse coragem de tentar conhecê-la melhor e havia experimentado sua afiada língua.

Sua língua era caustica, não havia dúvida sobre isso, mas certamente era mais ácida quando ela escolhia. Sorriu com tristeza. Ele tinha sido o destinatário de muitas das suas farpas, e era um milagre que não tivesse perdido algum sangue. Então, e mais uma vez, sua língua afiada nunca o perturbou. Ele gostava da disputa verbal. A vida com Dana nunca seria chata. Além disso, coçou o queixo, se o que suspeitava fosse verdade, esse azedume era um véu para alguns problemas subjacentes. Ele tinha certeza de que, se pudesse descobrir o que era...

—Comerciante! Eu queria saber se você voltaria! -um comerciante gordo correu em direção a ele, a partir do navio. —Você esqueceu que iríamos nos encontrar aqui?

—O quê? Ah, sim, as minhas desculpas. -Garret avançou. —Eu fiquei retido.

O comerciante olhou de soslaio.

—Com meretrizes ou brigando? -os Daamens eram, afinal, bem conhecidos por sua excelência em ambos.

Empurrando o quebra cabeça de Dana para o fundo da sua mente, o comerciante se concentrou na tarefa em mãos. Felizmente, ele a veria depois de terem terminado o carregamento desta noite.



Restritiva, Dana olhou para o Northlander. —Eu não vou ser contratada como um mercenário a mais.

—Esta é uma missão de resgate. Não há a intenção de que alguém seja morto.

—Não há essa garantia, seja missão de resgate ou não. Por que não manda sua própria gente?

Vearc tomou um gole da taça de vinho. —Você sabe alguma coisa sobre a nossa situação?

—Não.

—Então, permita-me esclarecê-la. Northland é governado por homens, Southland por mulheres. A fronteira nos separa.

—Então por que as Southlanders levaram o filho de seu líder? Que uso elas tem para um homem, além do óbvio?

Recolocando a taça sobre a mesa, Vearc tamborilou os dedos e olhou para a guerreira sentada no lado oposto. A familiaridade estava lá, sem dúvida. Quase uma imagem espelhada, exceto por certos detalhes.

Impacientemente Dana mudou, um sexto sentido a alertava que este era um encontro que não iria encontrar aprovação. Ela estava perdendo seu tempo.

Percebendo a inquietação, Vearc continuou rapidamente.

—Ele foi levado como escravo, para ser usado para o prazer. Além disso, era um insulto pessoal ao meu líder.

—As Southlanders mantem os homens como escravos?

—E os Northlanders manter as mulheres como escravas.

Agora fazia sentido. —Ah. É por isso que você não pode enviar um homem em missão de resgate. -seus lábios curvaram com desprezo. —A equipe de resgate do sexo masculino seria capturada.

—Exatamente, é por isso que buscamos sua ajuda.

—Agora, por que eu iria interferir em algo assim? -seu rosto escureceu. —Eu abomino a escravidão, Northlander. Parece-me que ambos os lados têm merda em seus próprios ninhos. Encontre alguém.

—Você se recusa a nos ajudar?

—Você é rápido. -ela caminhou até a porta.

—Espere. Há alguém que você deve conhecer, aquele que pode mudar sua mente. -Vearc acenou para o guarda silencioso em pé ao lado da porta, no lado oposto da sala. —Uma surpresa, você poderia dizer.

O guarda entrou na sala ao lado, fechando a porta atrás dele.

Este desenvolvimento não era do agrado de Dana. Surpresas não eram geralmente agradáveis. Mantendo sua mão perto do laser amarrado em sua coxa, estudou o Northlander reclinado para trás na cadeira. Além do guarda e ela, ele era a única pessoa nesta sala.

—Nada vai mudar minha opinião.

—Chame-me de Vearc.

—Chamarei de qualquer coisa que eu bem entender. Eu fiz a minha opinião.

—Não faça isso ainda, pois acho que você vai mudar isso. Tudo que peço é que conheça esta pessoa, tenha uma conversa rápida e pense sobre isso. Podemos esperar até o meio da manhã pela sua decisão. -ele se inclinou para frente, olhando firme. —Há muito para pensar, guerreira.

Uma sensação de desconforto arrepiou sua espinha. Houve um conhecimento em seus olhos que não augura nada de bom.

A porta oposta se abriu e seu olhar voou para ele. O guarda atravessou e ficou a um lado, permitindo que o homem entrasse na sala.

Não havia como confundi-lo, mesmo depois de todos esses anos. O sangue saiu de seu rosto em uma corrida e seu coração martelava em seu peito.

—Você!



—Bem, essa é a última. -Garret esfregou as mãos com satisfação. —Defina uma barreira invisível, Jase.

—Sim e se apresse. -Red sorriu com antecipação. —Eu tenho um encontro com Sal esta noite!

—O que há de novo? -Cam bocejou. —Você se apoderou dela durante toda a tarde.

—Eu acredito em romance com uma moça, não apenas saltar sobre ela como alguns que poderia citar.

—Desde quando?

—É preciso trabalhar. -Simon desceu a rampa aberta. —Aqui está Sal e ela está correndo.

Os Daamens viraram-se, ela estava com lágrimas caindo e vindo pela estrada poeirenta, em direção a eles, mas seus sorrisos alegres se desvaneceram quando ela se aproximou. Seu rosto estava branco e uma marca vermelha estava impressa em uma bochecha.

Tropeçando em uma parada brusca, ela suspirou, —Você precisa vir rápido!

Red deslizou um braço ao redor de seus ombros. —Quem fez isso com você, Sal? Vou castigá-lo!

—Não se preocupe comigo. Dana esta enlouquecida!

—Enlouquecida? -Garret avançou. —O que você quer dizer?

—Ela está atacando os caçadores de recompensa!

—Que inferno! -girando em torno, ele correu o mais rápido que pôde para as luzes de Oslow.

As longas pernas dos comerciantes comeram a curta distância facilmente, e em poucos minutos a calçada de madeira trovejou sob suas botas pesadas.

Eles não tinham que adivinhar em qual das três tabernas que revestiam a rua acontecia a briga, o som de maldições, batidas e madeira fragmentada os atraíam direito para ela. A enorme janela

da frente explodiu em cacos de vidro quando um caçador foi arremessado através da rua e ficou quieto.

—Vá para o inferno, guerreira!

—Vamos lá, seu bastardo inútil, me envia para lá e vou levá-lo comigo!

Garret abriu caminho através da multidão agrupada na porta e deram passagem ao gigante, reconhecendo-o. O que ele viu, o fez praguejar.

Três caçadores estavam inconscientes em meio a um amontoado de cadeiras quebradas e mesas reviradas, juntamente com dois seguranças pesados. No meio da confusão estava o caçador de recompensas chefe e três de seus homens. Menos de dez metros deles estava Dana, punhos cerrados e os olhos queimando.

—Quem é o próximo? É você, Cormac?

—Eu não sei o que diabos a está incomodando...

Uma cadeira foi chutada de lado, quando ela começou a avançar. —Eu não preciso de uma razão.

—Dana! -Garret chamou.

Cormac olhou atentamente para ver o comerciante Daamen na borda da multidão. —Pare esta mulher antes que ela se machuque!

—Covarde! -ela pulou de repente.

Os caçadores ao lado de Cormac reagiram instantaneamente, houve um estalar de chicote e o chicote serpenteou na direção dela. Sem hesitar, ela o agarrou e puxou firme, puxando-o para frente. A

sua bota bateu no estômago dele, assim quando ela soltou o chicote, ele cambaleou para trás sobre o bar, ofegante.

O outro caçador disparou um soco, mas ela se esquivou e pulou para ele, pegando-o pela cintura e trazendo-o para o chão.

Entrando em ação, Garret pulou para frente do casal que lutava e rolava pelo chão. Agarrando Dana sob os braços, ele a puxou, xingando e praguejando, afastando o caçador.

Lutando com seus pés, o caçador tateou para o laser no coldre da cintura, apenas para ter a sua mão agarrada e esmagada por um gigante, o comerciante de cabelos vermelhos.

—Nem pense nisso, -Red aconselhou e empurrou firme, mandando-o de volta contra o bar.

—Maldito seja, deixe-me ir! -Dana chutou para trás.

—Sou eu, Garret. -ele a soltou, apenas para agarrá-la novamente quando ela se lançou para frente.

—Me ponha no chão!

Cormac enxugou uma gota de sangue de seu queixo com a manga.

—Eu sempre soube que ela era uma selvagem.

No silêncio as suas palavras eram barulhentas.

—Você deve tê-la provocado, -afirmou Simon.

—Não houve provocação...

—Houve. -Sal apareceu e apontou para um dos caçadores de recompensa inconscientes. —Ele me deu um tapa.

—E a Reeka enlouqueceu, -Cormac rosnou. —Ela atacou todos nós!

—Basta! -Garret olhou para os caçadores. —Eu sugiro que você pegue seus amigos inconscientes e saia daqui.

—Ou o quê?

—Ou você vai nos enfrentar também.

—Agora que vai ser algo para se ver, -alguém riu.

Os olhos de Cormac se estreitaram furiosamente, mas ele sabia quando ele tinha sido batido. Contra os gigantes Daamens ele e seus dois caçadores restantes não tinham a menor chance. Olhando em volta, para os clientes sorridentes, ele sabia que tinha havido assistência para isso. Caçadores de recompensas não era uma raça bem quista.

Com um movimento de cabeça, levou os seus homens para fora, arrastando os inconscientes com eles.

—Seu filho da puta, volte! -Dana rugiu, seguindo em frente.

—Basta! -Garret bloqueou seu caminho.

—Não para mim! Agora saia do caminho ou vou começar em você!

Assustado, ele pegou um cheiro de álcool, e percebeu que ela estava bêbada. Perigosamente, de forma imprudente. Ele tinha que tirá-la de lá.

—Venha comigo, moça.

—Não! -ignorando a sua mão, ela se enfiou no meio da multidão.

—Aonde você vai?

—Qualquer lugar, menos aqui! -cambaleando um pouco, desapareceu pela porta dos fundos.

Pelo menos estava lá fora no ar fresco e longe da taberna.

Os comerciantes a seguiram rapidamente, Simon virou na porta de entrada para os espectadores boquiabertos.

—O que diabos vocês estão olhando?

Em poucos segundos a multidão se dispersou.

Na ruela atrás da taverna, Garret olhou para os dois lados antes de ver Dana encostada no canto de uma parede.

Aproximando-se rapidamente, ele a viu enxugando o sangue de um corte no lábio.

—Moça, o que há de errado?

—Não é assunto seu.

—Isso não parece você, ficar bêbada e irresponsável.

—Preocupado em ser associado a mim? -ela se afastou para longe da parede, balançando.

—Nunca. -respondeu suavemente, preocupado com o brilho de seus olhos e a frieza em sua voz. O súbito pensamento lhe ocorreu.

—Isso tem algo a ver com a sua nova missão? Será que o encontro foi mal?

—Encontro? -apoiando uma das mãos na parede, ela riu asperamente. —Oh, encontros felizes! -terminou com um soluço.

—Isso não é bom, -Jase murmurou para Cam. —Eu nunca a vi assim antes.

—Dana. -Garret tocou seu braço. —Venha com a gente.

Empurrando para longe, ela quase caiu, seu braço rapidamente a cercou, e era a única coisa impedindo-a de cair no chão.

—Deixe-me sozinha. -lutou, mas era indiferente, e de repente, caiu contra ele. —Eu sou uma inútil, Garret. Basta ir embora. — lágrimas engrossaram a sua voz.

—Não, não diga essas coisas. -abaixando-se, deslizou um braço sob seus joelhos e arrastou-a para seus braços. —Vamos, moça, vamos levá-la de volta para o navio.

Capítulo 3

Sua cabeça doía, sua boca era como um deserto e seu estômago embrulhou doentiamente.

Dana fez uma careta para seu reflexo no espelho acima do lavatório. Não só ela se sentia mal, mas parecia mal também. Um hematoma escurecia a sua mandíbula, um corte cresceu no canto do lábio e um arranhão marcava uma bochecha. Um curativo autoadesivo foi preso em seu braço esquerdo logo acima da pulseira de prata larga que o rodeava, e os nós dos dedos estavam esfolados.

Tinha sido um inferno de uma briga. Até que Garret tivesse chegado, se intrometendo nela.

Gemendo silenciosamente, lavava a boca. Alguns fatos de ontem à noite ela se lembrava. O encontro, a luta, e sendo trazida de volta aqui para o navio de comércio Daamen. Deve ter caído no sono enquanto seus ferimentos estavam sendo atendidos, porque a próxima coisa que sabia, foi que acordou para se encontrar deitada na cama de uma cabine. O que significava que estava no terceiro andar do navio mercante Daamen, que abrigava as acomodações da tripulação.

O que significaria que Garret iria retornar para uma explicação, que não queria dar. O motivo que, ela desejava como as estrelas, nunca tivesse ocorrido.

Seu coração estava pesado. O motivo, ela tinha que enfrentar. Pensou nunca mais vê-lo de novo, nunca queria vê-lo novamente.

Nunca sonhou em vê-lo de novo. A traição era algo que nunca esqueceria. Ela tinha que sair daqui.

O corredor estava vazio e a esperança cresceu dentro dela. Talvez tivesse que fazer isso pela plataforma elevatória no final do corredor, sem ninguém vê-la.

—Indo a algum lugar?

Porra. Tinha tanta esperança.

—Dana, espere. -saindo da cabine de jantar, Simon ajustou o passo ao lado dela. —Garret quer falar com você.

—Bem, eu não. Diga-lhe obrigado por atender minhas lesões. Era ele, não era?

—Sim, mas...

Andando para a plataforma elevatória, ela apertou o botão de descida.

—Moça, estamos preocupados com você. -ele pulou para a plataforma elevatória ao lado dela.

—Não fique.

A plataforma sacudiu passado o segundo andar, que abriga a cabine de comando e motores, e para baixo com um som monótono pela carga enorme que levava.

Dana gemeu quando viu o homem sentado em uma caixa perto da rampa aberta que, ao som do elevador, se virou e olhou para ela. Levantando-se, andou em sua direção.

—Eu não quero falar sobre isso, -afirmou antes que ele pudesse dizer uma palavra.

—Bem, eu quero. -Garret parou na frente dela e franziu a testa. —O seu comportamento na noite passada estava totalmente fora do normal.

—Minhas desculpas se choquei você.

—Seja sarcástica o quanto quiser, mas fale comigo.

—Não é o seu negócio.

—Não comece com isso de novo. O que deu em você na noite passada?

Quando ela ameaçou passar por ele, ele a segurou pelo braço e puxou-a de volta para enfrentá-lo.

O movimento brusco fez seu estômago enjoar e cabeça doer mais.

A moça teve uma ressaca. Cam, Jase e Red trocaram sorrisos. Todos sabiam como me sentia!

—Sinto muito, moça. -afrouxou seu aperto, Garret transferiu a mão para o cotovelo. —Sente-se aqui e se firme.

Engolindo contra a náusea, ela murmurou: —Eu tenho que ir.

A moça ia ser teimosa. Era hora de ir mais fundo.

—O encontro não foi agradável... como você disse na véspera... reunião?

Seu rosto pálido perdeu toda a cor restante.

—Isso é um golpe baixo.

—O que aconteceu lá que a aborreceu tanto?

O Daamen era muito observador.

—Garret, você está esperando mais comerciantes? -Simon perguntou.

—Não, por quê?

—Há vários se aproximando.

Impaciente com a interrupção, Garret caminhou até a rampa e espiou para os seis homens que chegavam à cavalo. Sentindo uma presença calorosa ao lado dele, automaticamente colocou o braço para impedir Dana de passar por ele. Ele queria chegar ao fundo de seu comportamento intrigante.

—Maldição do inferno! -amaldiçoou ferozmente.

Curiosamente, o comerciante estudou os homens se aproximando, querendo saber qual era o foco de sua ira.

Nenhum dos homens desmontou, e foi o um de meia-idade que falou.

—Então, Dana, você já se decidiu?

—Eu tenho até o meio da manhã. Não é o tempo ainda.

O olhar do Northlander se desviou para os comerciantes, antes de firmar mais uma vez sobre ela.

—A palavra no assentamento se provou correta.

—E o que foi isso?

—Você esteve numa briga na noite passada. Parece que você apanhou tanto quanto você bateu. -ele hesitou antes de acrescentar: —Espero que não esteja muito ferida?

—É um pouco tarde para preocupação. -girando, ela caminhou de volta para a plataforma elevatória. —Você terá sua resposta no meio da manhã. Até então, eu não quero ver sua cara.

Um músculo saltou na mandíbula cerrada do Northlander, sua olhar intenso, enquanto observava o barulho da plataforma saindo de vista.

Garret estudou o homem, sentindo que ele deveria reconhecê-lo, mas foi incapaz de fazê-lo.

—Você e a minha amiga tiveram uma reunião na noite passada.

—E se eu tive?

—Chateou a ela e você me chateou.

—E a nós, -Jase acrescentou.

—Ela ficou chateada? -o Northlander parecia sóbrio.

—É um aviso, isso é tudo. -Garret encontrou seu olhar constantemente.

O Northlander lhe deu um olhar semicerrado, então girou seu cavalo em torno e se afastou, os seus homens por trás e ao redor dele também.

—Então ele é a causa. -Red quebrou o silêncio.

—Parece que sim, mas há uma maneira de saber com certeza. -
Garret atravessou para a plataforma elevatória, os seus amigos o seguiram.



Sentada em um banquinho no final da longa mesa de jantar na cabine, Dana apoiou os cotovelos sobre ela e escondeu o rosto nas mãos. Vê-lo novamente era tão doloroso como a primeira visão dele, na véspera, tinha sido. Assim que ele entrou na sala, toda a mágoa e traição vieram correndo de volta, nítida e real, como se tivesse acontecido minutos atrás.

—Dana?

Soltando as mãos, ela viu Garret entrar na cabine.

—Será que ele já foi?

Sentado no banco mais próximo, ele girou ao redor para encará-la.

—Sim. O que está acontecendo, moça?

—Nada.

—Não há mais como evitar isso. Ele a aborreceu tanto que ficou bêbada e irresponsável, isso não é normal para você. Você o conhecia antes de ontem à noite, não é?

Cansada, ela esfregou as têmporas doloridas.

—O que faz você pensar isso?

—Você mencionou uma alegre reunião, embora fosse obviamente nada.

Dana percebeu os outros comerciantes ouvindo atentamente. Cam se sentou na extremidade oposta da mesa, Simon e Jase em duas das quatro poltronas do outro lado da cabine, e Red encostado no balcão de alimentos.

—Fale comigo, -Garret ordenou suavemente.

—Você não vai deixar isso ir, vai?

—Não.

—Muito bem. Você já ouviu falar de Southland e Northland?

—Em um planeta chamado Orkra? Sim. -ele fez uma careta.

—Estranho sistema que tem por lá, os homens vivem separados das moças.

—Aquele homem era Diago, líder de Northland. Seu filho foi capturado por Southlanders. Ele quer que eu vá resgatá-lo.

—Você?

De repente, ela se levantou, um punho batendo para baixo sobre a mesa.

—Dane-se tudo para o inferno! Eu não tenho uma escolha!

—Calma moça. Claro que sim. Basta dizer não a Diago.

—Isso não é uma opção que eu tenha, embora eu desejasse, Deus!

—Você não está fazendo sentido. -Garret franziu a testa. —Você recusou pessoas antes, o que torna isso tão diferente?

—Posso recusar ajuda ao meu próprio irmão? -as palavras produziram um silêncio chocado. Os comerciantes a encararam.

Finalmente, Jase gaguejou: —Seu... seu irmão?

—Você tem parentes vivos? -Cam perguntou incrédulo.

—Você não sabia que ele ainda estava vivo? -Red acrescentou de olhos arregalados.

Antes que ela pudesse responder, Garret disse lentamente: —Se o filho de Diago é o seu irmão, então...

—Sim, Diago é meu pai, -ela terminou amargamente.

—Eu não entendo. Eles não foram mortos, como os outros machos Reeka? O que está acontecendo?

Respirando fundo, ela retomou ao seu assento.

—Tempo para uma pequena história, comerciantes. Diago nos deixou quinze anos atrás. Eu tinha seis anos. Quando os machos da tribo Reeka começaram a morrer, ele acreditou que foram as mulheres que estavam cometendo os assassinatos. Pegou meu irmão, Rominac, e se afastou.

—Inferno, -disse Simon. —Isso deve ter partido o coração de sua mãe.

—Ele partiu. Ela implorou e suplicou, mas ele não quis ouvir. - seus olhos eram tristes com as memórias dolorosas.

—Eu sinto muito. -Garret pousou a mão sobre a dela. —Eu nunca soube.

—Por que deveria? Ele foi o único que saiu. Os outros homens eram fortes, fiéis e ficaram. E morreram. -puxando a mão, ela se levantou e caminhou até a porta. —Rominac tinha apenas cinco anos quando foi embora, e chorou tanto quanto eu, o que nunca vou esquecer. Eu faço isso por ele.

—Onde você vai?

—Vou dizer a Diago que vou fazer isso. -ela deixou a cabine.

—Uma reunião feliz, de fato. -Cam murmurou.

Garret se levantou.

—Eu vou com ela para o povoado. Ela não deve estar sozinha agora.

Seus amigos assentiram.

Apressando-se a sair da cabine, ouviu o elevador gemendo e percebeu que o tinha perdido. Arrancando por uma porta aberta para à esquerda, correu para baixo, pela escada e entrou no compartimento de carga a tempo de vê-la andando pela rampa.

Ela olhou para cima quando caiu em passo ao lado dela.

—Eu não preciso de um guarda-costas.

—Você precisa de um amigo.

—Eu precisava de um pai, mas vivi sem ele.

Ele olhou para seu rosto.

—Eu não sou seu pai.

Andaram o resto do caminho em silêncio.

A mente de Garret girou com o que Dana havia dito. Não é à toa que ela nunca tinha confiado nos homens e sentia rancor contra eles. Todas as vezes que ela tinha segurado os homens no comprimento de um braço, apenas com navalha de sua língua, agora fazia sentido.

Ela bateu forte na porta de uma casa de pedra, com dois andares. Quando abriu, empurrou o homem e entrou na sala à esquerda.

Endireitando-se de onde ele se encostava, olhando para a lareira vazia, Diago olhou para ela com expectativa através da extensão da sala.

—Eu vou.

—Eu sabia que você o faria.

Seus olhos castanhos escureceram com a supressão da emoção.

—Eu não faço isso por você, quero que saiba disso.

Ele balançou a cabeça lentamente.

—Você faz isso por Rominac. Sempre, você e seu irmão eram muito próximos.

—Talvez ainda fosse, mas agora nós nunca saberemos. ‘Sempre’ acabou por ser tão pouco tempo.

Atrás dela, Garret viu um lampejo nos olhos de Diago, e percebeu que havia a familiaridade que ele reconhecia. Pai e filha dividiam os olhos da mesma cor, olhos que refletiam o que pensavam e sentiam. Só que o Northlander escondia seus sentimentos de uma forma mais eficiente.

—Quem é meu contato em Southland?

Diago apontou para a mesa no meio da sala.

—Não há contatos, Dana. Você estará por conta própria.

—Muito apropriado. -ela pegou a folha de papel que ele indicou. —São estes os nomes das Southlanders?

—Correta. Dana...

—As mulheres de alta posição, eu aceito isso. -ela não olhou para ele.

Curiosamente Garret assistiu Diago, tenso quando levantou a mão como que para alcançá-la. Se ele fosse para machucá-la, estaria do outro lado da sala e o teria preso à parede em segundos. Ela tinha sofrido suficiente, por causa deste homem.

Diago baixou a mão.

—Mais alguma coisa? -Dana perguntou friamente.

—Não.

O papel foi dobrado.

—É isso, então.

—Você vai viajar com a gente, é claro.

—Como o inferno!

—É só o direito, afinal, você... trabalha para mim.

—Eu não trabalho para você, nem agora, nem nunca! Eu faço isso por Rominac! -olhou para ele. —Vamos deixar uma coisa certa agora, Diago. Quero que você esteja o mais longe possível de mim, o que significa que até que eu retorne com Rominac, não vou vê-lo novamente. Entendido?

—Como você vai chegar a Orkra, em seguida a Southland, sem a minha ajuda?

—Vou encontrar um caminho. -pânico construiu dentro dela, de repente, irracional e estranho, e lutou para mantê-lo escondido.

Então ela o sentiu, um calor firmando em suas costas. As mãos reconfortantes de Garret vieram para descansar em cima de seus ombros.

—Não há razão para se preocupar Diago. A moça vem comigo. - a voz grave ressoou através dela, a partir do peito enorme nas costas dela.

O pânico desapareceu e Dana levantou o queixo.

—Com você?

—Sim, -Garret declarou calmamente, o seu tom indicando que não admitia interferências em sua decisão.

Rigidamente o Northlander estudou o gigante em pé atrás de sua filha. *Quem era este comerciante Daamen com ela?*

—Dê-me as coordenadas. Isso é tudo o que preciso de você. - jogando o papel para baixo sobre a mesa, Dana cruzou os braços.

Por alguns segundos Diago a olhou, então com um grunhido pegou o papel, um lápis, rabiscou sobre ele, em seguida, o devolveu. Seus olhos se estreitaram quando ela o tomou com cuidado, garantindo que seus dedos não a tocassem.

Sem mais palavras, se virou e saiu da sala. O gigante lhe dirigiu um último olhar duro, em seguida se foi. Então, ele estava sozinho.



De pé na porta do quarto alugado acima da taberna, Garret observava Dana recuperar a mochila de roupa e começar a embalá-la.

—Devo lhe agradecer de pôr um fim aos planos de Diago.

—Não há necessidade, moça.

—Não que eu o tivesse deixado ir em frente com ele. Não me deixe segurar você de volta de sua viagem de negócios por mais tempo.

Uma sobrancelha escura levantou.

—Como é?

Pegando a mochila, ela estendeu a mão para a espada embainhada.

—Adeus.

—Isso não é um adeus, moça. Eu sou sua carona para Orkra, lembra?

—Você não pode estar falando sério. -parou e olhou para ele.

—Não mesmo.

—Não há necessidade de você se envolver com isso.

Arrancando a mochila de sua mão, ele pendurou-a sobre um ombro largo.

—Você prefere ir com Diago?

Seus lábios macios apertaram.

—Sobre o meu cadáver.

—Bem, então vamos embora.

—Eu não preciso de você, comerciante.

—Você precisa de alguém, e esse poderia muito bem ser eu. A menos que você prefira que eu informe suas irmãs guerreiras?

Sabendo, Reya e Tenia, mesmo com seus bebês tão pequenos, iriam insistir em acompanhá-la.

—Não, elas não.

—Elas ainda são as líderes das Reekas. Uma o faria.

Maldito seja, era verdade.

—Você ganhou. -ela foi seguida por ele. —Por enquanto.

Ele seguiu calmamente, dizendo baixinho para si mesmo, —Eu sempre ganho moça, quando você está em causa. Eu mantenho e cuido do que é meu.

Ele falou com ela na escada e em sua viagem de regresso ao navio estavam em silêncio. Uma vez a bordo, mostrou sua cabine para usar na viagem, então foi informar aos seus amigos a mudança de planos.

—Isso pode ou não revelar-se perigoso, -disse ele. —Por que eu não tenho a intenção de simplesmente deixá-la e esperar no assentamento de Northland. Ficarei tão perto da fronteira quanto puder, e se ela se vê em apuros, irei atrás dela.

—Soa como um plano. -Red balançou a cabeça. —Quando partimos?

Garret hesitou. —Não quero que ninguém se sinta pressionado a ir. Se algum de vocês quiser ir para Daamen em primeiro lugar, eu entendo.

Os comerciantes se entreolharam.

—Sangrento desconsiderado, não é? —Cam ergueu as sobrancelhas.

—Pensa em enviar-nos para casa enquanto ele vai se aventurar fora. —Simon balançou a cabeça tristemente.

—É o que ele gostaria. —os olhos azuis de Jase brilhavam. —Para ter o navio pra si mesmo e a rapariga cabeça quente que ele cobiça. Eu não penso assim!

Red sorriu.

—Desculpe Capitão. Você está preso com a gente.

Ele não esperava realmente qualquer outra coisa com eles. Os Daamens eram um grupo leal.

—Tudo bem. Red ligue os motores. Simon, estas são as coordenadas. Tente não ficar perdido.

—Posso ser capaz de pegar uma garota bonita, enquanto estamos em Orkra, —Jase comentou com Cam quando eles deixaram a cabine de jantar. —Pense em como ela ficaria grata!

—Você vive na terra da fantasia. O que uma moça em seu juízo perfeito queria com um bárbaro como você? Agora, se fosse comigo...

Suas vozes desapareceram pelo corredor e Garret foi deixado sozinho para refletir sobre as revelações do dia. O efeito de seu pai voltando não era bom para Dana. Isso foi comprovado pela forma como ela agarrou e bateu nos caçadores de recompensas. Além do que, no entanto, não houve emoção real a ser mostrada.

Ele encontrou o mesmo com ela durante todo o jantar. Tendo ficado em sua cabine durante toda a tarde, pensou que ela estaria pronta para falar, mas tudo o que recebeu foram monossílabos às suas perguntas. Depois, ela retirou-se para sua cabine.

Preocupado com ela, ele fez o mesmo pouco tempo depois, mas em vez de dormir, virava na cama. A moça não poderia manter esse muro de silêncio controlado para sempre. Será que podia? Não era bom prender sentimentos como esse.

À meia-noite, desistiu de qualquer pretensão de sono e decidiu ler. Acendendo a luz, murmurou para si, quando se lembrou que tinha deixado o livro na cabine de jantar. Puxando as calças, rumou descalço pelo corredor para encontrar o lugar iluminado. Ao entrar na cabine, o seu olhar se dirigiu imediatamente para a mulher sentada na borda da mesa, as pernas esguias acenando lentamente para trás e para frente, enquanto tomava um gole de um copo de suco de fruta e olhava para o espaço.

Descalça e vestindo uma camisola de algodão, que atingia os joelhos, Dana parecia distante da guerreira de couro cru. Na verdade, Garret achou que parecia muito macia e deliciosamente despenteada do sono. Foi só quando se aproximou que viu as sombras sob os seus olhos e percebeu que ela passou uma noite agitada também.

Tornando-se consciente de sua presença, ela olhou para ele. Seus olhares se encontraram por alguns segundos antes que ela olhasse para o copo que segurava.

—Você está acordado até tarde.

—Eu poderia dizer o mesmo sobre você, moça. Pensamentos problemáticos mantiveram-na acordada?

Ele foi para uma parada ao lado dela. Incomodada, ela levantou o copo aos lábios.

—Deve ter sido algum tipo de choque se encontrar cara a cara com seu pai.

—Eu não quero falar sobre ele.

—Cedo ou tarde, você terá.

—Você não pode me dizer o que fazer. -olhando para ele, ficou desconcertada ao encontrar Garret mais perto do que tinha pensado.

Uma grande mão descansava perto de sua coxa quando ele se inclinou sobre a mesa.

—Você permitiu que seus sentimentos de mágoa e traição apodrecessem em ódio e desconfiança pela espécie masculina, Dana. Não deixe isso ficar pior escondendo seus sentimentos, agora.

—Quando você se transformou em um perito em sentimentos?

Os olhos cinzentos a olharam com firmeza.

—Eu não sou nenhum expert, mas eu sei que você está sofrendo e eu estou aqui para você.

Como seu pai nunca tinha estado. Cerrando sua mandíbula contra o pensamento doloroso, ela virou o rosto.

Uma mão suave sob o queixo a trouxe de volta, para olhar para ele.

—Fale comigo.

—Sobre o quê? -ela perguntou amargamente. —O que você quer ouvir? Das noites que a minha mãe chorou depois que ele foi embora? Como eu ainda posso ouvir meu irmão chamar o meu nome e lutando para se libertar de Diago? A piedade que as outras Reekas tiveram por nós? É o bastante?

Seu polegar roçou o rosto com compaixão.

—Você era tão jovem.

—Jovem o suficiente para chorar por um pai que me abandonou, e idade suficiente para perceber como os homens podem ser infiéis. Como um homem pode levar uma mulher a morrer de um coração partido.

—Sua mãe morreu de um coração partido?

—Demorou vários meses. Aos poucos parou de comer e apenas ficou lá, olhando para os montes, esperando por seu amado voltar. Foi a nossa líder, Karana, que cuidou de nós.

—A mãe de Tenia e Reya.

—Sim. Ela caçava e nos alimentava, me ensinou a caçar, e me levava de vez em quando, eventualmente, como previsto, minha

mãe morreu. Diago roubou toda a minha família. -ela olhou para Garret. —Isso está no passado. Eu aprendi minha lição.

—Esta não é a lição correta. Nós não somos todos assim...

—Eu não tenho inclinação para discutir isso. -ela deslizou para fora da mesa.

—Moça, eu odeio vê-la sofrer.

—Eu não sofro de nada e não é preocupação sua como eu já aponteí inúmeras vezes antes. Uma vez que me deixe em Orkra, sua tarefa automeada estará terminada.

Viu-a sair da sala com passos longos, de raiva.

—Isso é o que você acha moça. Um dia essa barragem mantendo essas emoções vai quebrar e eu estarei lá.

—Chegaremos a Orkra em três dias, comerciante. Tenho certeza de que posso esperar até lá. -a porta se fechou atrás dela.

Garret sorriu. A rapariga teimosa era uma surpresa.



Percebendo como perigosamente perto ela estava a se jogar em seus braços, com seu coração chorando, Dana garantiu que nunca estivesse sozinha com ele pelos próximos três dias. Na quarta manhã, enquanto rondava incansavelmente ao redor do navio, ela

se aproximou da cabine de controle e ouviu dois dos comerciantes falando.

—Você reverificou as coordenadas, Simon?

—Sim, por quê?

—Garret quer saber se você encontrou um lugar perto da fronteira Southland onde podemos esperar em segurança por Dana.

—Eu acho que tenho, mas é muito cedo ainda para ter certeza. Uma pena que ele não pode perguntar, pois Diago poderia ter mencionado um lugar.

—Isso está fora de questão. Ele não quer que a moça saiba que temos a intenção de aguardar por sua missão ser concluída.

A risada soou.

—Ele acha que ela é teimosa demais para seu próprio bem. Como se já não soubesse disso!

A raiva ferveu dentro dela. *Como esses idiotas se atrevem a planejar atrás das suas costas! Garret está por trás de tudo!*

Furiosa, marchou fora, para o elevador de plataforma.

Ouvindo o tilintar e gemer, Red enfiou a cabeça para fora e observou sua expressão com o elevador subindo.

—Uh-oh, ela nos ouviu.

—Haverá alguns problemas agora, -Simon previu.

—A moça está indo direto para a cabine de Garret, eu apostaria minha alma sobre disso!

—Então as coisas vão ficar interessantes. -Simon pegou o pequeno interfone.

—Você vai para avisá-lo? Ele está em sua cabine.

—Inferno, não! Vou ver o que Cam e Jase vão apostar por este resultado!



Arremessando a porta de sua cabine aberta, ela gritou,
—Garret! Você é um idiota estúpido!

Tendo começado a se secar de um banho, Garret inclinou a cabeça para um lado, surpreso. A moça parecia irritada. Furiosa, de fato, e embora ele não soubesse o porquê, estava feliz que ela estava de volta ao seu estado normal. Mesmo que *ele* fosse a causa disso.

Um breve silêncio a saudou, então uma voz irritantemente alegre veio do banheiro.

—Não podia esperar para me ver de novo?

Ela chutou a porta que se fechou com um salto.

—Nós temos negócios inacabados comerciante, Saia daí!

—Só um minuto, meu amor...

—Porra do inferno! Se você não sair e me enfrentar como um homem, eu vou entrar e pegar você!

Contornando a cama grande do lado esquerdo da cabine, ela chutou um dos tapetes macios do assoalho de lado.

Saindo do banheiro, ele sorriu encantadoramente.

—*Está* com pressa de me ver.

Ela nunca tinha notado antes que ele tinha uma covinha em sua bochecha direita. Foi combustível para o fogo. *Quem diabos se preocupava com uma covinha?*

—Você não vai ficar esperando perto de Southland por mim!

—Eu vou.

—Como você ousa fazer planos nas minhas costas? Este não é o seu negócio!

—Eu fiz disso assunto meu. -ele se moveu passando por ela.

Ela bloqueou sua passagem.

—Não se atreva a se afastar de mim!

—Isso não foi minha intenção, moça, eu estava apenas...

—Assim nada! Ouça com atenção, comerciante, pois eu só vou dizer isto uma vez!

Com uma expressão de paciência enlouquecedora, Garret cruzou os braços sobre o peito nu e musculoso.

—Muito bem, visto que isto não pode esperar, fale.

—Oh, muito obrigado pela sua permissão, que eu não preciso!

Ele sorriu compreensivamente.

—Tire esse sorriso da sua cara ou eu vou fazer isso por você! -
Dana rangeu os dentes de frustração.

—Moça, você vai mencionar o que está em sua mente, ou foi embora a sua intenção de ameaçar-me?

Ele era tão sangrentamente irritante, que ela queria gritar.

—Porque se você está só aqui para ameaçar, você pode fazê-lo enquanto eu me visto.

O pedido a fez vacilar.

—Vestir?

—Sim, vestir. Você não me daria tempo para me secar e me vestir adequadamente para... -ele encolheu os ombros.

Pela primeira vez, Dana percebeu que estava diante dele vestido apenas com uma toalha, que pendia perigosamente baixa nos seus quadris magros, e estava presa descuidadamente por um canto escondido em si. Um filete de água escorria do cabelo lavado e seus olhos o seguiam. Deslizou pelo ombro largo, rolou pelo dilatar de um músculo grande no peitoral, brilhou por uma instância breve no final de um mamilo marrom, então deslizou sobre o músculo estriado de seu abdômen. Contornou o seu umbigo para rolar ainda para baixo... mais baixo... para finalmente ser absorvido pela toalha.

Sua boca ficou seca. *Ele estava nu.* A única coisa que o mantinha decente era a toalha.

Vendo a sua reação atordoada, Garret quase riu, até que também viu o lampejo de calor em seus olhos, uma consciência breve dele, como um macho.

Na mesma instancia de consciência dele como mais do que apenas um comerciante Daamen, com grandes mãos e maneiras irritantes, Dana, de repente, percebeu o quão bonito ele era. Olhos cinzentos afiados, da cor de um céu tempestuoso. Um nariz reto e firme, lábios sensuais e um queixo quadrado. Um forte rosto bonito. De tirar o fôlego. Não era de admirar que estes comerciantes roubassem o coração onde quer que fossem. Sua construção muscular, altura e perigosa boa aparência lhes dava uma vantagem injusta sobre as outras raças.

—Dana?

Piscando, ela voltou para os seus sentidos, que giravam sem foco. Olhou para cima, com a respiração presa na garganta.

Aqueles olhos cinzentos agora olhavam para ela com uma fome que estava crescendo mais quente a cada segundo.

Alarmada com a cintilação de faíscas em suas veias, ela levantou uma mão.

—Não... -sufocou uma parada quando ele pegou a mão dela e a colocou em seu peito.

—Não o quê? -o baixo tom rouco acariciou seus sentidos, como o mel morno.

Ela puxou a mão, mas ele segurou firmemente.

—Solte. —havia um tremor de medo em sua voz, e ela tentou puxar com a sua mão livre, apenas para tê-la capturada também.

—Por quê? —lentamente, ele levantou a mão para a boca, observando-a preguiçosamente. Calorosamente.

—Porque Eu... Eu... —não podendo ter seus pensamentos em ordem, ela vacilou.

Todo pensamento fugiu quando, segurando os dedos finos de leve, ele levou os nós dos dedos para um beijo leve de seus lábios firmes.

Ouvindo-a prender a respiração e vendo a faísca vir à vida em seus olhos, ele deliberadamente virou mais a mão, expondo o interior de seu braço. Mantendo o seu olhar, abaixou a cabeça e traçou seus lábios para baixo para as linhas delicadas de seu punho e antebraço.

Hipnotizada, ela observava o caminho lento e a queima de seus lábios. A rápida raspagem sedutora de sua língua em seu cotovelo a fez saltar.

Endireitando-se, ele deslizou as mãos lentamente nos seus braços, passado os cotovelos, passando a banda de prata do seu braço, e mais ainda, aos suaves ombros nus. Suavemente, quase delicadamente, com as mãos percorrendo suas costas, puxando para mais perto e mais perto ainda.

Onde quer que ele tocasse, um caminho de fogo foi deixado em sua pele, um caminho que foi mais fundo e acendeu o fogo do desejo em seu sangue, que varreu seu corpo. Quando ele finalmente

a puxou contra o próprio corpo e seus lábios desceram sobre os dela, ela o encontrou com uma ferocidade que tanto surpreendeu e como agradou.

Ele tomou posse de seus lábios com a fome de quem tinha aguardado muito o que, finalmente, lhe dava. Ela parecia tão bem em seus braços, quente e macia, mas firme. A generosa curva de peito e quadril, a cintura pequena, longas pernas. Cada linha do seu corpo compatível com as linhas mais duras de sua moldagem, juntos, encaixando perfeitamente e onde quer que sua pele encostava, queimava com uma sensação deliciosa.

Esmagando-a contra seu corpo, uma grande mão deslizou para enrolar no macio cabelo espesso e loiro, e ele segurou firme a sua prisioneira para a pilhagem de sua boca. Quando ela se abriu para ele, com um suspiro, sua língua varreu para saborear a fenda de mel de sua boca, mas não foi o suficiente. Havia outra profundidade de mel que doía para reivindicar, para enterrar a si mesmo, e Garret a apoiou contra a cama.

Foi só quando sentiu a cama nas costas dos seus joelhos que ela quebrou o contato de seus lábios sussurrando: —O que você está fazendo?

Sua respiração estava quente em seu ouvido.

—Está tudo bem, moça. Você é tão bonita. -ele beliscou o lado do pescoço gentilmente, enviando os seus sentidos de luta a dançarem distantes.

Então, ela foi deitada de costas sobre o colchão e o calor de boas-vindas de seu corpo estava sobre ela. Ele a beijou profundamente, apaixonadamente. Calor líquido floresceu entre as suas coxas quando uma palma grande em concha esfregou, e moldava o seu seio, através do colete de couro macio que ela usava.

—Garret. -gemeu, arqueando o pescoço, enquanto ele perdia um caminho em chamas para o lado de sua garganta. —Oh, pelos sóis, eu me sinto tão... tão...

—Tão o quê? -ele respirava, sua mão deslizando debaixo de sua saia e correndo para cima de sua coxa, dedos avançando abaixo da borda de sua calcinha.

—Eu... não sei -ela suspirou, fechando os olhos quando os lábios firmes dançaram suaves beijos quentes em todo o início das ondas dos seios acima do colete firmemente atado. —Eu quero... alguma coisa.

As palavras eram como um fósforo para acender e ele gemeu.

—Doce céu, moça, você deve tê-lo!

Foi com esforço que ele rasgou-se longe dela.

Assustada, ela veio nos cotovelos. —Garret?

—Um minuto, meu amor. -seu sorriso era tenso. —Só uma precaução que preciso tomar.

—Precaução? -ela afastou a mecha de cabelo que caiu sobre seus olhos. —Eu não entendo. -ela entendia como era vazio seus

braços sem ele, e como seu corpo estava frio sem o calor de sua pele contra a dela.

Abrindo a porta do armário embutido, ele pegou um robe, checou no seu interior.

—Precaução contra a gravidez, pequena inocente.

—Gravidez? -a palavra penetrou lenta e indesejável, na profundidade cheia de prazer de sua mente.

—Sim. -retirou uma pequena garrafa, Garret se virou e lançou um sorriso torto, os olhos quentes atropelamento seu cabelo desgrenhado, bochechas rosadas, e lábios inchados dos beijos. *Inchados de seus beijos.* —Isso é o que pode acontecer quando um homem e uma moça fazem amor, lembra?

Uma sombra substituiu o desejo latente nos olhos dela, ela se sentou de repente.

—Bebês.

No ato de abertura do frasco, Garret ouviu a súbita frieza na voz dela e parou.

—Dana? O que é isso?

De repente ela se levantou e caminhou apressadamente em torno do beliche.

—Espere! -andando para frente, ele pegou seu braço e a girou em torno para enfrentá-lo. —O que há de errado moça?

Sua risada era curta e dura.

—Precauções contra a gravidez?

Confuso, ele olhou para ela.

—Você não quer tomar precauções? É isso?

Seu agarre apertou quando ela tentou se afastar dele, só que não era tão apertada quanto estava sua garganta.

—Esqueça isso, Garret. Isso nunca deveria ter acontecido.

—Nada aconteceu, moça. -ele estudou-a atentamente. —Agora me diga o que provocou essa mudança. Você está preocupada que a poção esterilizante não funcione? Isso é infalível, eu lhe garanto. Serei estéril por vinte e quatro horas. Não há medo da gravidez.

—Eu disse esqueça! -ela cerrou os dentes, segurando as lágrimas. Tinha que ficar longe dele, em algum lugar privado, para recuperar a compostura perdida. —Agora vamos lá.

Em vez disso, tomou o pequeno queixo teimoso entre o polegar e o dedo indicador, ele inclinou a cabeça para trás.

Ela parecia tão triste, desafiadora e com raiva, tudo de uma só vez, que seu coração amoleceu.

—Mesmo que o impossível acontecesse e a poção não funcionasse, moça, eu nunca que iria deixá-la. Eu me casaria e cuidaria de você e do nosso bebê.

A ideia de uma mulher loira com olhos grandes castanhos tendo seus filhos e compartilhar sua vida e cama parecia certo. Como estava destinado para ser.

—Maldição, Garret. -sua voz era rouca e seus olhos estavam brilhantes com desconfiança. —Não pode ser.

—Por quê? -seu polegar roçou em seu lábio inferior suavemente. —Ter filhos é o desejo de cada Daamen. Eu sei que eles são muito amados pelas Reekas, e eu vi você com eles. Você nasceu para ser mãe.

Suas palavras deveriam confortá-la. Em vez disso, cortaram como uma faca, reavivando uma ferida já aberta.

Dor nua queimando em seus olhos e, arrancando-se livre, ela se virou e correu.

—Dana!

Agarrando a maçaneta da porta, ela começou a abri-la, mas antes que pudesse sair, o navio sacudiu e balançou, jogando ela e Garret pesadamente no chão. Um alarme perfurou o silêncio.

Instintos guerreiros assumiram imediatamente. *Alguma coisa estava errada.*

O grito de Red confirmou suas suspeitas.

—Estamos sob ataque!

Capítulo 4

Lutando com seus pés, ela abriu a porta e correu pelo o corredor.

Garret a seguiu, mas, finalmente, a toalha caiu, e com uma maldição, ele arrancou as calças do armário, puxando-as e colocou suas botas antes de sair da sua cabine. Ele encontrou com ela no elevador da plataforma, e ele chiava e gemia para o segundo andar. Enquanto a maior parte de sua mente estava agora no ataque, uma parte ainda estava em Dana.

O que tinha acontecido com ela? Ela tinha sido tão ágil em seus braços, tão quente e ansiosa, até que ele tinha mencionado gravidez.

—Dana...

—Não. -a palavra era curta, dura.

Ele não podia levar mais o assunto, o navio recebeu outro golpe direto, e o tremor os atingiu ao mesmo tempo, a plataforma parou no segundo andar, derramando-os para o corredor.

Cambaleando em seus pés, Dana perguntou: —Quanto mais este navio pode levar?

—Depende do que está sendo disparado contra nós.

Red apareceu na porta da cabine de comando.

—Piratas espaciais.

—Você não os pegou no radar? -Dana entrou na cabine.

—Eles estão usando um bloqueador, -Jase respondeu de onde estava sentado, em um dos dois assentos diante do painel de controle. —No momento em que percebemos sua presença, já era tarde demais.

Garret deslizou para o outro banco.

—Onde estão Cam e Simon?

—Estão nas armas, tentando desativar os piratas o suficiente para nos afastar.

—Não basta desativá-los, mate-os, -disse Dana.

Tocando as teclas de controle sobre o scanner, Garret trouxe o navio pirata em visão mais próxima. Outro choque atingiu o norte do navio e as luzes se apagaram, tremeluziram e acenderam novamente.

—Verifique os motores, Red, vê se algum dos tiros danificou o circuito.

Com um aceno de cabeça, Red correu para a sala de máquinas.

Um lampejo apareceu na tela, uma explosão no blip que representava o navio pirata. Os comerciantes tinham acertado um tiro, seguido por vários outros. O blip começou a se mover para longe.

Um estalido soou e a voz de Simon veio através do intercomunicador.

—Atingimos vários ataques diretos. Os piratas estão se afastando.

—Bom, -respondeu Garret. —Desça e vamos avaliar os danos causados ao navio.

Houve uma pausa, em seguida, Simon falou de novo.

—O navio não é a única coisa a sofrer danos.

—O que você quer dizer? -Jase perguntou. —As armas?

—Não. É Cam. Ele está inconsciente e seu rosto está coberto de sangue.

—Merda! -Garret jurou. —Eu estou chegando!

Dana agarrou seu braço.

—Traga os primeiros socorros com a gente.

—Onde você pensa que está indo?

—Com você, é claro. -ela passou por ele e para fora da cabine.

Com uma maldição, ele agarrou os primeiros socorros e correu atrás dela.

—Espere aqui, Dana. Eu não sei a extensão dos danos. Pode ser perigoso!

Ela o examinou da plataforma elevatória com um brilho arrogante que tinha aperfeiçoado a partir de uma idade muito jovem.

—Eu não sou uma tola. Estive em lugares perigosos antes.

Ele erguia-se acima dela.

—Moça, eu proíbo...

A palma da sua mão bateu no botão de controle.

—Independentemente de quão insensível você acha que sou, nunca esquecerei como os Daamens salvaram minhas irmãs guerreiras quando fomos caçadas até a morte, nem como Maverk salvou Reya da insanidade. Se um de vocês está machucado, eu vou ajudar.

Era a honra das guerreiras Reekas.

Ele suspirou.

—Muito bem, mas vou entrar primeiro no buraco da arma de Cam. -o elevador retiniu a um impasse e Garret saiu para o corredor estreito e mal iluminado.

—Simon?

—Aqui. -a resposta veio de uma sala à direita, aquela que tinha uma janela grande e várias cadeiras. A que todos eles, rindo, chamavam de sala do santuário.

Entraram para ver a corpo do mais novo dos amigos de Garret no chão, com Simon ajoelhado ao lado dele. Por um segundo, temia que Cam estivesse morto, porque o sangue cobria o rosto e o normalmente emaranhado cabelo de cachos brilhantes. Rapidamente, ele se ajoelhou ao lado de Cam, enquanto Dana caiu ao lado da cabeça de Cam.

—Dê-me um pano para enxugar um pouco deste sangue, -ela instruiu.

Sabendo que ela viu ferimentos graves durante os seus anos de fora da lei e mercenária, Garret fez como ordenado.

Limpendo o sangue, ela limpou a ferida com água estéril de um pequeno pote, e encontrou um corte acima de sua sobrancelha esquerda e outro de sua orelha a parcialmente em todo o rosto.

—Não é tão ruim. Ele vai precisar de alguns pontos para fechar as feridas. Me dê agulha e linha, Simon.

Não demorou muito para que a costura fosse concluída e ela estava colocando autoadesivos sobre as feridas.

Cam gemeu. Seus olhos escuros se abriram, fecharam, em seguida, abriu novamente. Ele apertou os olhos.

—O que aconteceu?

Garret o assistiu de perto.

—Fomos atacados por piratas espaciais. Você se lembra?

—Sim. -Cam tocou a cabeça e entrou em contato com os cabelos molhados. Olhou para a mancha de sangue nas pontas dos dedos e olhou interrogativamente para Dana.

Sua voz era mais suave do que o normal.

—Sua arma foi atingida pelo fogo laser.

—Ah. -ele fez uma careta. —Eu me lembro.

—O que aconteceu? -Garret perguntou.

Cam lutava para sentar e logo os seus amigos o ajudaram.

—Obrigado. A explosão atingiu o poço injetor. Felizmente o escudo espacial permaneceu intacto, mas a força me jogou da cadeira e bati nas alavancas de controle. —ele fez uma careta. —Isso é tudo que eu lembro.

—Você cortou seu rosto com eles, —Simon o informou.

—Eu fiz? —com o cenho franzido, ele tocou seu rosto.

—Não se preocupe, —Garret disse secamente. —Além de algumas cicatrizes, você ainda será bonito o suficiente para transformar a cabeça das moças.

—Bem, isso é um alívio. —ele sorriu, mas estremeceu com a força dos pontos. —Todo mundo está bem?

—Sim. Red está verificando os motores.

Dana observou a palidez no rosto do jovem comerciante.

—Vamos levá-lo para a cama.

Ele protestou, mas Garret e Simon o ajudaram a se levantar, apoiando-o entre eles e levando-o para o quarto. Uma vez lá, Garret voltou-se para Dana.

—Quero verificar o dano no poço injetor. Você será capaz de ajudar Simon com Cam?

—Claro.

—Ótimo. Voltarei em breve. —ele andou de volta do jeito que eles vieram.

—Tenha cuidado. —as palavras vieram espontaneamente.

Ele se virou na direção dela.

—Preocupada comigo, moça?

Droga, ela podia sentir o vermelho manchando suas bochechas.

—Foi uma coisa automática, comerciante, que eu diria a qualquer um!

Um calor entrou em seus olhos e eles plissados de maneira cativante nos cantos.

—Mas você disse para mim, doce flor.

—Devo ter batido minha cabeça em algo quando o navio foi atacado, porque do contrário, eu não diria!

Sua mão bateu no botão de controle.

Ele riu e caminhou pelo corredor.

—O que diabos vocês estão olhando?

Simon e Cam apressadamente desviavam os olhos.

—Nada.

O silêncio reinava enquanto descia para o terceiro andar, onde Dana e Simon ajudava Cam em sua cabine e o deitavam sobre sua cama. Dana tirou as botas e colete, enfiando-o debaixo das cobertas com rápida eficiência.

—Eu vou ficar com ele por um tempo, -disse Simon.

Ela olhou para ele, do armário onde foi guardar o colete e as botas.

—Não, eu vou ficar. Você vai ser mais útil tentando manter este balde quebrado de parafusos voando.

—Bem, você está certa.

Cam acenou para ele.

—Tenho um anjo da guarda para tomar conta de mim. O que mais poderia pedir?

Ela bufou.

Ele sorriu e fechou os olhos, enquanto Simon saía, dizendo:
—Chame se precisar de ajuda.

Murmurando para si mesma, Dana pegou a cadeira e olhou ao seu redor. Vendo a pequena mesa em frente à cama contra a parede, ela colocou a cadeira ao lado dela, sentou e apoiou os calcanhares no topo da mesa. Cruzando seus tornozelos, ela apoiou os cotovelos sobre os braços e as mãos ligadas em cima do estômago.

Cuidadosamente Cam rolou para o lado e estudou o perfil da guerreira, imaginando o que ela estava pensando. Mesmo parecendo resolvido, ele podia ver a tensão nela. Seu olhar estava na porta do banheiro, mas era óbvio, seus pensamentos estavam em outro lugar. E preocupada.

—Você está preocupada que poderíamos falhar moça?

—Hmm?

—Você parece preocupada.

—Não. Como está sua cabeça?

—Um pouco dolorida. Obrigado por ne costurar.

Ela encolheu os ombros.

—Você teria feito o mesmo.

—Sim.

Ele se calou e ela voltou seu olhar para a parede, inconscientemente, mastigando o lábio inferior.

Vários minutos se passaram em silêncio, antes que ele fosse novamente quebrado.

—Ficarei bem aqui sozinho, moça, se você tiver algo para fazer.

—Eu não tenho nada para fazer.

—Você está preocupada. Quer falar sobre isso?

Irritada, ela respondeu: —Feche os olhos e descanse.

—Eu apenas pensei...

—Esse é o problema com vocês Daamens, pensam muito. Agora, pare de desperdiçar o seu fôlego e comece a descansar um pouco.

—Muito bem, -respondeu, não porque ele queria parar, mas porque sabia que não ia conseguir mais nada dela. Além disso, sua cabeça doía e conversar fazia sua bochecha doer mais.

Fechou os olhos. Tê-la na sala não o incomodava. Havia algo de reconfortante na maneira como ela o colocou na cama, e então, ficou a vigiá-lo. Lembrou-se que qualquer moça no mesmo quarto

com ele, estava geralmente na cama com ele. Ele sorriu para si mesmo.

Dana soltou um suspiro de alívio. *Estes comerciantes eram muito atentos para seu próprio bem!* Cam estava certo.

Ela se perturbou. O que aconteceu com ela quando estava na cabine de Garret? Ela originalmente foi lá para desabafar sua raiva nele e, em vez disso, terminou nos seus braços e deitada de costas na cama.

Com um gemido silencioso, deixou cair a testa na palma da mão. Se ele não tivesse se levantado quando o fez, o quanto teria avançado? O calor deslizou através dela. *Todo o caminho, era o quanto teria chegado.* Ela havia caído em seus braços como um pêssago maduro! Ela nem sequer gostava dele! *Ele era muito vaidoso e arrogante, muito seguro de si, confiante demais, demais... tudo.* Então como é que, de repente, percebeu como ele tinha tão boa aparência? Seu toque teria disparado através de seus sentidos e os seus beijos tinham feito a onda de sangue grosso e quente em suas veias.

Suas palavras vieram de volta para ela. “Eu cuido de você e do nosso bebê.” “Eu me casaria com você.” “Você nasceu para ser mãe.”

Nasceu para ser mãe. Seus lábios torceram. *Como é irônico.* Sua experiência com Diago a fez determinada a nunca casar e ter filhos. Como poderia confiar em um homem depois do que seu pai tinha feito? Traição não é facilmente esquecida. Sua mente deslizou

impacientemente longe dos pensamentos. Não ia ficar pensando em seu passado problemático.

Então, casaria com ela, não é? Fale sobre quem está sendo levado pela paixão! Ela não se casaria com ele, nem que a sua vida dependesse disso. *Ele me enlouquece. Ah, seus beijos e toques eram legais... muito bom. Alucinante, de fato, mas...* fez uma careta. Especialmente porque a memória produziu uma sensação estranha na boca do seu estômago. Cruzando os braços, mordeu o lábio, aborrecida. *Homens sangrentos! Sempre perturbando alguém!* Pensativa, olhou para a parede. Ela não ouviu a porta abrir até uma respiração quente roçou seu ouvido.

—O que está irritando você, moça?

Ela pulou, então se virou para encontrar os olhos cinzentos.
—Nada que seja da sua conta.

Garret sorriu levemente, em seguida, fez um gesto para seu amigo.

—Como ele está?

—Descansa bem. -Dana balançava os pés no chão e se levantou.

—Tinha que ficar bem, com você aqui com ele.

—Ele só precisava de alguém por perto por um tempo. - espontaneamente, veio a lembrança do homem envolto apenas em uma toalha. Tentando dissipar a memória, perguntou: —O navio? Há muito dano?

—O motor recebeu várias explosões, perturbando o circuito.

—Red pode corrigi-lo?

—Esperamos, mas vamos aterrissar no planeta mais próximo, enquanto ele faz isso.

—É realmente necessário?

—Até que saibamos a extensão do dano, será mais seguro estarmos no chão.

—Qual o planeta mais próximo?

—Estamos com sorte. É Northland, Orkra.

—Nós já estamos lá? Que delícia, cheio de homens esperando para escravizar as mulheres.

Um dedo forte a pegou abaixo do queixo.

—Talvez você vá aprender alguma coisa enquanto estamos lá.

—Eu não preciso de um lembrete de como são egocêntricos os homens.

Diversão e compreensão estavam misturadas em seus olhos.

—Isso não foi o que eu quis dizer, mas se você está preocupada com estar entre todos esses homens, apenas fique com a gente e estará a salvo de quaisquer tentativas de escravizá-la.

Sarcasmo atava seu tom.

—Estou realmente com medo. Qualquer homem que tentar, vou esculpi-lo no local.

—Tão sanguinária! -Garret sacudiu a cabeça. —Você precisa de um homem para lhe mostrar o quão legal nós podemos ser. Como útil. Como -seu olhar caiu sobre os lábios- demorado, de uma maneira deliciosa.

A sugestão não foi perdida por ela.

—Arraste sua mente da sujeira, comerciante!

Um riso abafado veio da cama e ela olhou para encontrar uns alegres olhos escuros.

—Vocês, homens sangrentos, são todos iguais! -ela saiu da cabine, o som do riso seguindo-a.



Garret franziu a testa olhando em volta da clareira.

—Tem certeza que isso é Northland, Jase?

—Deve ser. O computador diz que é.

Dana se inclinou contra a lateral do navio.

—Se os componentes eletrônicos estão exagerando, as coordenadas do computador estão, provavelmente, erradas.

—Sim, -Garret concordou. —Este lugar não é certamente a solução que buscamos. Na verdade, não há solução em nada.

—Muito observador, -ela disse com voz arrastada.

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

—É melhor você verificar as coordenadas de novo, Jase.

Empurrando para longe do navio, ela pesquisou a clareira. Grama grossa feito um tapete elástico sob seus pés, árvores altas que se estendiam para o céu, e flores silvestres cresciam abundantemente sob os troncos pesados. A brisa suave soprava, despenteando seus cabelos e soprando fios de seda em suas bochechas.

Fechando os olhos momentaneamente, ela suspirou. Era um lugar bonito e tranquilo, um para a solidão e regeneração dos sentidos perturbados. Sem pressa se esticou.

—Acho que vou dar um passeio, ver o que posso encontrar.

—Eu vou acompanhar...

—Eu vou sozinha.

—Você não sabe o que está lá fora.

—Eu tenho o meu laser. Vou ficar bem. Além disso, posso me esconder facilmente. Você, no entanto, é mais difícil de esconder.

Cruzando os braços sobre o peito enorme, Garret franziu o cenho para ela.

—Pode ser perigoso. Eu não gosto da ideia de você perambulando quando não temos nenhuma ideia de onde estamos.

—Eu não me importo se você gosta ou não, comerciante. Você não vai dizer o que eu devo fazer.

—Talvez não, mas como seu amigo...

Ela bufou.

—Sim, amigo. -sua voz caiu mais baixo. —E quase amante.

—Amante? -ela gaguejava. —De onde diabos tirou essa ideia?

Ele chegou mais perto.

—Apenas esta manhã você estava em meus braços.

—Isso foi um erro, um momento de loucura, isso é tudo!

—Acho que não. -lentamente, ele balançou a cabeça, seus longos cabelos castanhos pairavam sobre os ombros. —O que me traz para outro tema de conversa que pretendo ter com você, moça.

Cautelosamente, ela olhou para ele.

—O que aconteceu no último minuto? Você estava tão sensível...

Os punhos bateram para seus quadris arredondados.

—Eu não estava!

—Você estava, mas assim que mencionei a gravidez, você congelou. Agora por que isso?

—Não é da sua conta.

—Eu imploro para diferir. -ele se aproximou. —Foi na minha cama que estava, era eu que você estava beijando, um pouco. Você queria tanto quanto eu queria.

—Não tenha tanta certeza! -suas bochechas queimaram. —Eu não quero você!

—Oh, não?

—Não! -ela repetiu com veemência. —A menção de gravidez apenas me lembrou que estaria vinculada a você para vida! -ela sacudiu a cabeça, usando o movimento para girar e ir embora. —O que é um pensamento revoltante! É de admirar que congelasse?

Garret sentiu uma pontada nas palavras cortantes. Sim, ele sabia que Dana não se impressionava com os homens, a qualquer tempo, mas ela parecia realmente não se importar com os machos Daamen. Devido à sua assistência e suas primas sendo casadas com Daamens. Porque as crianças de suas primas eram meio Daamen.

Mas este era diferente. *Será que ela realmente desgostava dele tanto, que não podia suportar a ideia de estar perto dele? De conceber e ter os seus bebês?* Doía. De maneira ruim. Ele assistiu ao passo da guerreira alta para a floresta e para a realização que bateu duro.

Ele não estava se apaixonando por ela. *Eu amo já a amo.* E ela não sente o mesmo.

Com a mente girando, ele olhou para o chão, entre suas botas. Ele tinha sido um erro, foi a resposta da Reeka, um momento de loucura. Ela o detestava. *Mas ela tinha respondido. Será que ela realmente teria me beijado de volta, se ela me detestasse tanto?* Ele suspirou. A moças são complicadas, mas esta ainda mais.

Havia apenas uma coisa a fazer. De alguma forma, ele tinha que convencê-la que ele não era um macho ruim, que, na verdade, ele era bastante simpático. Amável. Mas como?

Incomodado, ele caminhou lentamente até a rampa e entrou no navio.



Dana caminhava pela floresta, que circundava o navio em círculos crescentes, com os olhos procurando algo incomum.

Instintos guerreiros a impediam de pensar em algo mais, apenas na segurança do navio, dos seus ocupantes e de si mesmo. Ou deveria pensar. Ela teve que se concentrar muito para dissipar da memória o rosto de Garret. O lampejo de dor nos olhos cinzentos

Dane-se tudo para o inferno! Tristemente ela pesquisou as árvores. *O que mais ele esperava? Que eu caísse em seus braços? Que declarasse devoção eterna? Que fosse grata por um lance em seu beliche?*

Ela ampliou o círculo, com o navio desaparecendo da vista. Até agora não tinha havido nenhum sinal de ninguém por perto.

Uma hora se passou antes de ouvir qualquer som. Vozes próximas. Risos. Um grito de dor.

Levantando a cabeça, Dana ouviu atentamente, acompanhando a direção de onde vinham os sons. Para a direita, mas mais adiante. Cautelosamente, avançou, se mantendo atrás dos troncos das árvores, deslizando de um para o outro, até que finalmente viu.

Três homens de túnicas soltas de joelhos, e uma mulher em calças prateada e uma blusa de mangas compridas. Dana estreitou os olhos quando ela observou que dois dos homens detinham a mulher pelos braços, enquanto o terceiro a esbofeteava violentamente. Os homens estavam rindo.

Com os lábios apertados, Dana circulou o grupo, se mantendo na cobertura das árvores. Quando estava certa de que ninguém estava por perto, puxou o laser e saiu de trás de uma árvore.

—Se divertindo, bando de vira-latas?

Os homens congelaram, então viraram a cabeça para olhar para ela com desânimo. Seus olhares caíram para o laser que ela segurava.

A mulher afundou em sua posse, o sangue escorria pelo canto da boca, e dos lábios inchados e machucados.

—Sugiro que você deixe cair sua cativa, -disse Dana. —Agora.

Rapidamente eles deixaram a mulher cair no chão. Ela gemia e se arrastou para longe, em direção às árvores.

Os homens estudaram Dana de perto, então o da direita cuspiu alguma coisa em um tom gutural, pegou um punhal de uma

bolsa na parte de trás do seu cinto, e puxou o braço para trás para jogá-lo.

Ele não teve a chance, a explosão de laser o pegou no peito e o jogou de volta. Ele girou em torno da terra de bruços no chão.

Seus dois parceiros correram com medo.

Caminhando até o homem morto, Dana apoiou o pé em seu peito e o soltou com um empurrar, músculos de sua perna puxando firme. O homem olhou cegamente para o céu.

—Nenhum problema para você agora. -seu olhar se voltou para as árvores, em busca da mulher.

Ela estava sentada com as costas contra um tronco de árvore. Cautelosamente se aproximando, Dana mantia uma vigilância sobre a área circundante.

A mulher estava em seus quarenta e poucos anos, cabelo vermelho solto e disperso sobre o rosto sangrando.

Dana caiu para um joelho ao lado dela.

—Quem é você?

Frios olhos azuis, vidrados com a dor, olharam para ela.

—Meu nome é Zar. Agradeço a você, estranha.

Zar. O nome me pareceu familiar.

—Não há necessidade. Aqueles homens tinham a intenção de bater em você. O que aconteceu?

Zar cuspiu sangue no chão.

—Escravos fugidos. Eu os tenho caçado durante os últimos dois dias.

—Por si mesmo?

—Não. -com cuidado, ela empurrou a seus pés, uma mão no tronco da árvore. —Havia duas de nós. Os escravos mataram minha parceira com uma pedra.

—Onde está o resto do seu povo?

—De volta à cidade. O que é você, estranha? De onde você é?

Uma forte suspeita estava crescendo.

—Eu estou perdida, na verdade. Meu navio teve um defeito e não sei onde estou.

—Está perto de Southland.

Bem, bem.

—Eu ouvi falar de Northland, sei muito pouco do seu país.

—Nós não somos reconhecidos pelo outro lado. —os lábios de Zar torceram zombeteiramente. —Sempre fomos escravizadas, mas começamos a lutar e escapamos para cá. Muitas mulheres se juntaram as nossas fileiras e agora vamos governar Southland como os homens fazem Northland.

—Eu vejo. Você mantém os homens como escravos?

Frios olhos azuis estreitaram.

—Nós os tratamos como eles fizeram conosco.

Um arrepio varreu coluna Dana. E se algumas das Southlanders encontrassem o navio e os comerciantes? Os Daamens não lutariam por medo de machucá-los. Não havia dúvida na sua cabeça, no entanto, a mesma consideração não seria devolvida.

—Quão longe é a sua cidade? -perguntou casualmente.

Zar apontou para o oeste, na direção oposta ao navio de comércio.

—Metade de um dia a pé.

Ela tinha que voltar para o navio e avisar os Daamens para ficar fora de vista, dentro do navio.

—Você vai retornar agora?

—Vou esperar aqui, para obter ajuda, vai chegar logo. Eu consegui um sinal para Southland depois que minha parceira foi morta.

Porra, isso não me dá um monte de tempo.

—Agora que eu sei onde estou eu vou voltar para o meu navio...

Zar interrompeu.

—Você salvou minha vida, estranha. Você está convidada a vir a minha cidade e descansar. Talvez encontre o que precisa para reparar seu navio.

—Eu agradeço a você e certamente a visitarei, mas devo voltar para o meu navio...

O olhar da Southlander caiu em suas roupas.

—Você se veste de forma estranha. Está acostumada a lutar, eu diria.

—Correto. Agora eu devo ir.

—Você vai vir para a cidade? -Zar estava com olhos de intenção e curiosidade.

—Sim. -ela caminhou em uma direção para longe do navio.

—Estarei lá em breve.

Zar levantou a mão.

—Até então.

Ela tinha que voltar e alertar os comerciantes! Ela só podia esperar que não tivesse sido descoberta acidentalmente por qualquer Southlander.

De vez em quando parava para garantir que não estava sendo seguida e, finalmente, invadiu a clareira onde o navio mercante estava estacionado. Sentado no chão com as costas contra o navio estava Simon, cochilando no sol quente.

Dana apertou seu braço.

—Simon!

Seus olhos abertos para ver as linhas de tensão em seu rosto e ele se levantou rapidamente.

—O que há de errado moça?

—Eu vou explicar em um minuto. -o empurrou em direção à rampa. —Fique para dentro.

—Dentro? -seu olhar procurou a clareira. —Vem alguém?

—Só entre, antes que você seja visto.

Com o cenho franzido em perplexidade, ele o fez, e Dana seguiu no seu encalço.

Uma vez lá dentro, ela perguntou: —Onde estão os outros?

—Red ainda está trabalhando no circuito e Cam está dormindo. O que está acontecendo?

—Onde está Garret e Jase?

—Jase está tentando encontrar frutas frescas e Garret decidiu ir atrás de você. Agora me diga o que está acontecendo.

—Maldição! -ela começou a descer a rampa. —Estamos em Orkra tudo bem, mas em Southland. Eu tenho que encontrar Garret e Jase antes que eles sejam vistos.

—Vou com você...

—Não. Fique fora da vista, e diga para os outros dois fazerem o mesmo. Nenhum de vocês pode ser visto.

—Sim, eu entendo, mas...

—Elas não vão me fazer mal, mas vocês, homens, quem sabe? Fique aqui.

O rosto de Simon era duvidoso.

—Meia hora, -ela defendeu. —Me dê apenas meia hora, Simon.
Por favor?

Ele soltou um suspiro profundo.

—Muito bem, mas apenas trinta minutos, então vou atrás de todos vocês.

Depois de descer a rampa, ela voltou.

—Está com o escudo para cima?

—Sim.

—Ótimo. Você estará seguro.

Simon a observou desaparecer na floresta e franziu a testa preocupado. Era melhor para ela procurar seus amigos, mas ele odiava ficar para trás e esperar.

Capítulo 5

Chamando os nomes dos Daamens, Dana procurou apressadamente, mas apenas os sons das criaturas da floresta respondeu para ela. Talvez tivessem viajado para mais longe.

Ela amaldiçoou a si mesmo quando os minutos se arrastaram, passando lentamente. Por que Garret tinha que ir atrás dela?

Ele sabia que ela era mais do que capaz de cuidar de si mesma. E Jase. Frutas! Por que diabos eles precisavam de mais frutas? Havia abundância de comida à bordo do navio.

Enquanto sua busca se intensificava, um crescente sentimento de mau presságio a surpreendia. Não importa o quanto ela chamasse, não havia resposta.

—Droga! -enfiando uma mão pelo cabelo, ela inclinou a cabeça de um lado, e se esforçou para ouvir algum barulho. Qualquer coisa que pudesse levá-la para os comerciantes desaparecidos.

Um tremular de amarelo chamou a sua atenção e ela se moveu pelo mato, estendendo a mão para pegar a faixa de material que ficou presa nos galhos. Era a bandana de Garret, a que ele tinha usado para amarrar o seu cabelo. Suavemente passou seu polegar sobre ela, olhou para as manchas vermelhas estragando a bandana. Manchas que ainda estavam um pouco úmidas. Manchas úmidas de sangue. Sua mão tremia. *É sangue? De Garret? De Jase?*

Com um empurrão de seu braço, ela amassou o lenço na mão, seu olhar de varreu as imediações, em busca de sinais de luta. Aqui

e ali haviam marcas de amassado onde a grama crescia fina. Uma mancha escura prendeu o seu olhar e ela se ajoelhou, chegando a tocar o sangue com um dedo.

Alguém tinha sido ferido. Manchas de sangue estavam espalhadas por toda parte. Quem tinha sido ferido era grande. Várias marcas de botas destacou-se claramente, grandes e profundas. Feito por um homem que era grande, muito grande.

Tão grande quanto um comerciante Daamen.

—Merda. -fechou os olhos por alguns instantes.

No fundo, ela sabia. Os comerciantes eram prisioneiros das Southlanders. Para serem usados, abusados e vendidos como escravos. Acorrentados.

Ela se levantou. Tinha que salvar Garret e Jase. Se não fosse tarde demais. Sombriamente enfiando a bandana em seu cinto, o material manchado de sangue flutuando contra a saia de couro, ela deliberou os movimentos com cuidado. Primeiro, tinha que informar Simon e Red de seus movimentos e avisá-los para permanecerem dentro da segurança do navio. Então ela tinha que ir para Southland.



Eles assistiram com uma mistura de alívio e preocupação como ela caminhou até a rampa e no porão de carga.

—Encontrou-os? -Red olhou atrás dela. —Onde eles estão?

Simon empalideceu ao ver o lenço manchado de sangue.

—Que inferno! O que aconteceu? Eles estão...?

—Não há corpos, mas acho que sei para onde eles foram levados.

—Para este lugar chamado Southland? -Red começou em direção à plataforma elevatória. —Vou pegar nossas armas e vamos e busca-los!

Dana pegou a parte de trás do colete.

—Não, Red. Você fica aqui.

Ele se virou para encará-la.

—Eles são meus amigos. Você acha que eu vou deixá-los?

—Eu sei que você não faria isso, mas como fará para encontrá-los e voltar para cá?

Ele cerrou os punhos.

—Vou encontrá-los, Dana, não se engane sobre isso!

Simon deu um passo ao lado dela.

—Se formos obrigados, vamos desembarcar do navio no meio de Southland e fazê-lo.

—E ser capturado, com certeza, -Dana respondeu. —Se ouça. Você está indo a pé, direto para o meio de uma cidade governada

por mulheres e exigir o retorno de Garret e Jase? Você vai ser capturado, também.

—Elas não vão nos ver, -Simon afirmou com firmeza.

—Pense, Simon! Como você pode se esconder? Você é muito alto, muito grande, e as traficantes de escravos vão nota-lo dentro segundos se chegar na cidade! -ela caminhou até a plataforma elevatória.

—Onde você vai?

—Pegar as minhas armas. -ela apertou o botão de controle.

—Eu sou a única que vai atrás Garret e Jase.

—Você não pode! -Red objetou.

—É a única opção.

Percebendo que ela estava falando sério, Simon chamou:

—Espere um minuto!

Era tarde demais. O elevador já em andamento, saindo de vista.

Em sua cabine, Dana cruzou para a mesa onde estavam os dois punhais, embainhou-os ordenadamente e os escondeu no topo de suas botas. Pegando o cinto da espada, ela o montou sobre os ombros de modo que a bainha estava pendurada em um ângulo ligeiro pelas costas. Correndo o dedo levemente para baixo no fio da espada, ela observou com satisfação a sua nitidez impressionante e, chegando em suas costas, colocou-a confortavelmente na bainha. O laser estava ainda no coldre em sua coxa.

Ela estava pronta.

Virando, se viu frente a frente com os comerciantes.

—Você não pode ir sozinha, -afirmou Red.

—Eu tenho que ir. -ela passou por ele.

—Você está louca? -Simon caminhava ao lado dela. —Você não sabe o que você estará enfrentando lá!

—Eu sei quem. Estarei bem, pare de se preocupar.

Pisando na frente dela, Red interrompeu o seu progresso.

—Moça, não podemos permitir que você vá sozinha. Eu vou com você.

Passando dele, ela continuou a frente.

—Não há escolha nesta matéria. Sou mulher, o que me faz mais aceitável.

—O que a faz ter tanta certeza? -argumentou ele, caindo sobre ela, do outro lado.

—Já conheci uma das mulheres, Zar. -ela pisou na plataforma elevatória, ladeado pelos dois gigantes. —Salvei a sua vida. Foi ela mesma que me convidou a ir para Southland. Uma vez lá, posso encontrar Garret e Jase.

—Na tentativa de resgatá-los, você pode ser tomada cativa... Ou pior.

Olhos castanhos brilharam com divertimento irônico.

—Meus dois escravos foram roubados.

—O quê?

—Garret e Jase são meus escravos, e por direito de propriedade, eu posso exigir o seu regresso.

Red olhou para o amigo.

—Você acha que isso vai funcionar?

—Isso é ainda arriscado. -Simon balançou a cabeça. —Eu não gosto de você ir sozinha, moça.

—Meu plano é melhor do que o seu.

Ele colocou uma mão em seu ombro.

—Me leve com você.

—Não. Isso vai significar uma vida a mais em perigo.

—E o perigo para você? Você já pensou nisso?

—Não seja ridículo. Você acha que essas armas que carrego são brinquedos? É claro que reconheço que existem perigos.

—Então não seja tão tola a ponto de ir sozinha.

—É insensato permitir que você me acompanhe. As Southlanders já vão achar estranho que eu possa controlar dois escravos tão grande como os nossos amigos. Tê-lo junto como um terceiro, acabaria com minha credibilidade, completamente!

Ela falou a verdade e os Daamens sabiam disso.

—Muito bem, -Simon finalmente admitiu. —Parece que não temos escolha.

—Enfim, -elka murmurou, saindo do elevador e indo para o porão de carga.

—Mas, -ele a parou com uma mão em seu ombro. —Você vai usar um dispositivo de rastreamento para que possamos acompanhá-la no radar.

—Sim, -Red concordou. —Se acontecer alguma coisa, sabemos onde encontrá-la.

—E como você vai saber se algo aconteceu?

—Porque o rastreador contém um dispositivo de escuta também.

Após alguns segundos de silêncio contemplativo, ela balançou a cabeça.

—Muito bem. Apresse-se a obtê-lo, eu não tenho tempo a perder.

Quando Red voltou, entregou um emblema pequeno e redondo com o desenho de um pergaminho delicado sobre ele. Ao invés de parecer um dispositivo de um sistema de acompanhamento, tinha a aparência de um alfinete decorativo.

Dana prendeu em seu colete, enquanto descia a rampa.

—Só mais uma coisa.

Ela soltou um suspiro impaciente.

—E agora?

—Tome cuidado, moça. Queremos ver os nossos três amigos retornarem em segurança.

Três. Eles incluíram ela. Ela olhou por cima do ombro para encontrar os comerciantes a observá-la com preocupação.

—Cuide de Cam. -ela limpou a garganta. —E fique dentro do navio.

Eles a assistiram passar pela rampa e ficar fora da vista, imaginando quanto tempo passaria até que vissem seus amigos de novo.

Red retornou para o elevador.

—Vamos vê-la no radar.



Segurando as barras de ferro da porta da cela com as duas mãos, Jase olhou para a rapariga em pé do outro lado, a jaqueta prateada e calças soltas deslizando por seu corpo.

—Meu amigo está ferido! Pelo menos me dê alguma ligaduras!

—Ele não vai morrer. -ela caminhou em torno do canto do longo corredor e foi ele a perdeu de vista.

Que inferno! Jase girou e estudou Garret, que estava deitado em um colchão fino no chão, com um cobertor puído cobrindo-o. Ajoelhado ao lado dele, Jase verificou sua bandana que estava em

torno da cabeça de Garret. Estava dura com sangue, mas não estava mais molhada. O fluxo cessou.

Garret gemeu e se mexeu.

—Jase?

—Descanse ou você vai começar a sangrar de novo. -Jase respondeu com alívio.

—Onde estamos? -as palavras eram arrastadas.

—Você não se lembra?

Os olhos cinzentos abriram vagamente para ele.

—Lembrar? Tudo que eu lembro... -ele mudou de posição e fez uma careta. —Levei uma pancada na cabeça.

—Descanse.

Garret olhou cuidadosamente, vendo as frias e úmidas paredes de pedra.

—Nós não estamos no navio. Onde no inferno estamos nós?

Jase suspirou. Era óbvio que ele não iria descansar até que tivesse algumas respostas.

—Fomos emboscados por um grupo de mulheres, lembra-se?

—Sim. Vestidas de prata?

—E carregando lasers. Estavam falando sobre sermos escravos novos e exigiram que fossemos com elas.

Sim, ele se lembrou disso.

—Nós nos recusamos, -Jase continuou. —Uma das moças mirou em mim...

Num piscar de olhos, tudo voltou correndo para Garret. Ele lembrou disparo da moça, batendo o laser de longe, mas isso era tudo, exceto por um flash, uma luz ofuscante...

—Elas atiraram em mim. -ele tocou com cuidado a cabeça.

—Isso que elas fizeram, -Jase concordou. —Você me salvou.

—Como chegamos aqui?

—Eu o carreguei nos braços.

—Até que ponto?

—Muito longe! -ele sorriu fracamente. —Você sobreviveu.

—Sim, sobrevivi. Quanto a você, eu tinha minhas dúvidas por um tempo.

De repente, Garret se levantou em um cotovelo.

—E os outros?

Jase empurrou de volta para o colchão.

—Devagar amigo, calma. Eu não tive nenhuma visão deles, nem ouvi nada sobre mais cativos. Ainda devem estar seguro sobre o navio. Espero.

—Dana?

—Eu não sei. -ele tentou um sorriso tranquilizador. —Mas você conhece a moça, ela não vai se permitir ser pega.

O silêncio caiu sobre a cela, juntamente com um frio rastejante que avançava através das barras e fazia a sua pele tremer.

—O que vai acontecer? -Garret finalmente perguntou. —Você já ouviu falar alguma coisa?

—Não, mas eu duvido que seja bom.

O tempo passou e as trevas caíram. Os dois comerciantes repousavam silenciosamente, cada um amontoado em um cobertor puído, tremendo. Vozes abafadas vieram até eles, um lamento profundo, tosse, um grito de dor. Risadas. À medida que o tempo se arrastava, eles cochilaram irregularmente.

Luzes acenderam bruscamente e os acordou, causando dor em seus olhos e os fazendo olhar de soslaio. Passos soaram, cada vez mais perto.

Jase saltou para seus pés, Garret o seguiu mais lentamente, quando três mulheres vieram a uma parada diante das barras.

Duas delas eram mais velhas, Garret observou, as linhas em seus rostos, fazendo-as parecerem duras. A terceira olhou os dois comerciantes com olhos frios e azuis. O cabelo vermelho era puxado em um coque apertado na nuca. Contusões apareciam em suas bochechas e seu lábio inferior estava inchado.

—Estes são os dois machos que encontramos, Zar, -uma das mulheres disse.

—Impressionante. Eu nunca vi homens tão grandes.

—Ou bonitos. -a outra mulher lambeu os lábios finos, com os olhos devorando os homens jovens.

Garret avançou: —Eu exijo saber...

Zar interronpeu rapidamente.

—Você não exige de nada, macho. Aqui em Southland você é útil, para ser comprado e vendido, para nosso prazer e propósitos.

—Você está cometendo um grande erro. Nós não somos escravos e nem sequer somos do seu planeta...

—Silêncio! -o som de um chicote de couro golpeando as barras soou agudamente.

Um gemido veio do oposto escuro da cela.

Com uma expressão fria e dura, Zar alisou a mão com o chicote.

—Mais uma palavra sua e eu vou te deixar inconsciente. Vai falar somente quando for feito uma pergunta, entendeu?

Sabendo que elas eram capazes de qualquer coisa, ele rangeu os dentes e assentiu. Por enquanto ele ficaria em silêncio.

Zar virou-se para sua companheiras.

—Eles serão vendidos amanhã no leilão. -seu olhar piscou brevemente ao longo dos comerciantes. —O preço será alto, pois, como trabalhadores ou homens, eles são magníficos.

Seu tom era frio, insensível e sem emoção, mas as outras duas mulheres riram.

—É melhor eu ir e contar o meu dinheiro agora! -uma gargalhou.

—Eles serão muito caro para você, -Zar disse sem rodeios.

Ela encolheu os ombros.

—Depende de quem os compra. Por um preço, eu poderia ser capaz de comprar uma noite com um.

—Você não tem chance! -Jase rosnou com raiva. —Minhas bolas vão murchar e morrer, antes que eu, de bom grado, monte em você!

—Quem disse que precisa estar disposto, macho? Acorrentado, você estaria desamparado e eu poderia fazer qualquer coisa que quizesse com você.

Ele se sentiu mal como o seu olhar quente preso em sua virilha.

—Você é repugnante, vil...

Zar atingiu as barras de ferro com o cabo do seu chicote.

—Basta! -ela olhou para a outra mulher. —Gera, antes que estes homens sejam levados para fora, amanhã, você colocara colares de obediência neles.

Gera concordou.

—Venha. -Zar caminhou rapidamente de volta pelo corredor, seguida por suas companheiras.

Jase e Garret olharam um para o outro. As luzes desligaram bruscamente, deixando-os na escuridão total.

—Que inferno! -ambos desabafaram de uma só vez.

—E agora? -Jase perguntou.

—Eu não sei. -Garret sentiu cuidadosamente a parede. —Mas uma coisa eu sei, com certeza, temos que sair daqui!

O resto da noite passaram inquietos.



Contornando a cidade, Dana avaliava todos os ângulos. Era enorme, os edifícios construídos de uma mistura de madeira e blocos de cimento de grande porte. As ruas estavam bem iluminadas, as casas eram de um andar

Deslizando através das ruas, se manteve nas sombras, buscando qualquer lugar provável para conter os presos. Ela não encontrou nenhum.

A noite foi se tornando fria e sua respiração era como puffs brancos diante de seus lábios. Tremendo, amaldiçoou sua falta de previsão em trazer um manto. *Pô, alguém achará que eu sou uma bandida novamente, me esgueirando nas sombras com este frio miserável!* Foi tudo culpa do arrogante comerciante, com seu

sorriso pomposo, olhos cinzentos e maneiras arrogantes. Se ele não tivesse insistido em procurar por ela, ele estaria seguro.

O homem era letal para os seus sentidos.

Parada nas sombras, viu duas guardas passarem por ela. Ambas as mulheres estavam vestidas com uma jaqueta e calças prateadas, o que todas pareciam vestir. Talvez estivessem indo para onde os prisioneiros eram mantidos.

Manteve-as à vista, e seguiu furtivamente por uma hora. As guardas encontraram mais duas e conversaram suavemente, antes de avançar novamente. Obviamente não estavam indo onde ela queria que fossem, mas Dana ia rastreá-los de qualquer maneira. Poderia muito bem ter uma ideia geral do visual da cidade e dos movimentos das guardas.

À medida que as horas passavam, descartou o desconforto do tempo, bloqueando sua mente como aprendeu a fazer anos atrás. Não havia como esperar para descobrir onde Garret e Jase estavam sendo mantidos. Sua única esperança era entrar na cidade como convidada de Zar e obter as informações dela. Mas ela teria que esperar a manhã, por que chegar agora seria muito suspeito.

Voltando aos bosques que rodeavam a cidade, se empoleirou em uma árvore, fora da vista, mas capaz de manter um olho nos trabalhos da cidade. Descansando, se sentou de lado em um galho grosso, usando o tronco pesado como seu encosto. Fechando os olhos, relaxou, mantendo seus sentidos alerta.

O sol começando a subir acordou-a, havia um som de atividades diárias e conversas em um coro animado ao seu redor. Alongando, ela saltou levemente para baixo da árvore. Sentindo uma ligeira pontada no tornozelo, amaldiçoou silenciosamente. Era o mesmo tornozelo que tinha torcido no campo de batalha, durante os anos de fora da lei, em seguida, três vezes mais, durante o seu ano de mercenária. Torceu seriamente o tornozelo quatro vezes, ele era mais fraco do que o normal, algo que tinha assegurado que não voltasse para a vida de mercenária.

Testando-o com seu peso e com cautela, encontrou alívio ao perceber que não havia mais pontadas. A última coisa precisava agora era de uma lesão no tornozelo. Ela tinha que tomar cuidado.

O sol estava tocando os telhados dos edifícios quando entrou na cidade. As poucas mulheres já andando olharam para ela com curiosidade, e ela esperava que a qualquer segundo fosse detida e interrogada. Ninguém aproximou-se dela. Porque ela era uma mulher? Talvez.

Enquanto se aproximava do centro da cidade, Dana tornou-se ciente de um sentimento de emoção e expectativa.

Mais mulheres ainda passaram por ela apressadamente, conversando animadamente. Ela pegou duas palavras. Leilão de escravos.

Seu sangue gelou. Poderia ser?

Seu passo alongou, mantendo o ritmo com o fluxo crescente de Southlanders, até que finalmente saiu para o centro da cidade.

Na praça enorme, havia um palanque, uma mulher de pé em cima dele conversando com uma ruiva empunhando um chicote, que estava de costas para a multidão crescente. Por trás do estrado havia um quadrado de tela, bloqueando efetivamente o ponto de vista dos escravos da multidão impaciente.

—Venha, Gera, mostre os novos! -a mulher ao lado de Dana gritou, com seu rosto jovem ansioso.

—Sim, mostre a carne fresca! -outro chamado, sua observação provocando gritos de aprovação de suas companheiras.

Um gosto amargo encheu a boca de Dana. Ela odiava a escravidão e escravos, aqueles que lidam no comércio e venda de vidas humanas. Mantendo o rosto cuidadosamente em branco, seu olhar foi para o estrado.

A mulher mais velha, conhecida como Gera, de um passo à frente levantando os braços, imediatamente o silêncio caiu sobre a multidão.

—Senhoras, temos muitos homens aqui para vocês hoje, escravos de primeira.

A torcida saudou.

—Antes de trazê-los, no entanto, temos uma agradável surpresa para vocês!

A jovem ao lado de Dana olhou para sua companheira e comentou ironicamente: —Gera sempre diz isso.

—Ela gostaria de experimentar pessoalmente cada homem razoavelmente bonito que vende. -sua companheira riu.

Dana esperava que Garret e Jase estivessem bem. As próximas palavras da leiloeira a fizeram ficar tensa.

—Os próximos dois são espécimes perfeitos de humanidade! Grandes, altos e bonitos! Fortes o suficiente para acabar com as suas costelas com um abraço!

Maldições queimaram quente no meio da multidão.

Dana estreitou os olhos.

—Traga-os para fora, Gera! -uma mulher gritou. —Vamos julgar por nós mesmos!

—Paciência, senhoras. Estes não são homens comuns. Tivemos que colocar colares de obediência neles, para mantê-los domados.

Um murmúrio varreu a deliciosa curiosidade que queimava as mulheres.

—Estes homens são perigosos se deixados soltos. -Gera acrescentou sugestivamente. —Para aquelas que pensam que podem lidar com esses dois garanhões selvagens, bem, -ela varreu a mão na direção da tela, —as propostas terão início de quinhentos dinnos... cada um.

—Quem vai pagar uma soma tão grande para um simples homem? -alguém perguntou incrédula.

Sem dizer nada, a escravagista levantou uma pequena caixa na mão e apertou um botão.

Um rugido de dor saiu de trás da tela, profundo e estrondoso, em seguida, a tela se separou e duas figuras foram empurradas através, caindo de joelhos. Suas mãos agarraram os colares de metal grosso em torno de seus pescoços, e a dor era claramente refletida em seus rostos.

Um suspiro de prazer chocado rasgou através das observadoras, enquanto os seus olhos procuravam os homens quase nus.

—De pé! -Gera estalou.

Ambos olharam para ela e um fez um movimento em sua direção, sua grande mão estendida.

Ela apertou o botão novamente, fazendo com que os homens caíssem aos seus pés, com os dentes cerrados em agonia e o suor escorrendo em riachos por seus rostos.

As Southlanders arregalavam seus olhos sobre os homens... homens como nunca tinham visto antes. Tão altos que eles tinham facilmente dois metros e muito mais. Ombros e peitos tão amplos, músculos abundantes, que faziam seus corações baterem mais rápido. Estômagos lisos, quadris, pernas longas e com essa musculatura lisa, que flexionava a cada passo que davam.

—Ooh, -sonhadoramente gemeu a jovem mulher. —Eles são tão jovens, tão...

—Perigosamente bonitos? -suspirou sua amiga muito mais velha.

Perigosamente bonitos, sim. Descuidadamente bonitos, definitivamente. Cabelos longos e fluindo livremente sobre os amplos ombros e peitorais inchados. O aro de prata único que cada um usava em sua orelha esquerda, brilhou na luz solar, piscando sedutoramente.

A luz do sol dançou sobre seus corpos magníficos, exibidos para os olhos compiscentes, com nada mais que tangas que possuíam na frente um fralda que vinha até o meio da coxa.

—Oh, merda, -murmurou Dana, exatamente no mesmo segundo que a licitação explodiu em um frenesi de gritos e punhados de dinheiro.

Bem satisfeitas com a resposta, Gera deu um sorriso largo. Com o dinheiro da venda destes homens, teria mais do que suficiente para comprá-los por algumas noites de prazer.

Mas... negócios antes do prazer. Ela manteve sua atenção cautelosamente sobre os dois homens, o botão de controle pressionado até a metade, o suficiente para garantir que a dor os mantivesse ainda, a um passo da agonia total. Coleiras de obediência tinham a sua utilização.

Sua companheira escravagista vieram para frente, chamando os lances, que subiam mais e mais. Setecentos dinnos, oitocentos, novecentos, mil, mil e quinhentos e ainda mais.

As mulheres foram apanhadas numa onda de luxúria e ninguém percebeu a guerreira alta empurrar seu caminho para o frente da multidão possuída.

Ninguém notou, até que ela saltou agilmente para cima do estrado e disparou seu laser sobre o ar, o estalo agudo cortando as vozes alteradas, e enviando as Southlanders a uma parada, confusas.

Capítulo 6

—O que inferno...? —se recuperando primeiro, Gera avançou com raiva, só para parar, pálida, quando o laser balançou ao redor, para cobri-la.

Seus olhos se deslocaram do laser para a guerreira loira que o empunhava. Alta e forte, músculos femininos jogando facilmente sob a pele bronzeada de mel. Em uma saia curta de couro que dividia as suas coxas bem torneadas e botas de couro cru, que paravam abaixo do joelho. O colete era sem mangas e só o laço de couro cru apertado na frente o prendia no lugar. O cabo de uma espada aparecia alta atrás do ombro da guerreira.

Uma arma mortal para combinar com o olhar mortal nos olhos cor de avelã, com longos cílios.

—O que está acontecendo, estranha? -Gera pediu cautelosa.
—Qual é o significado disso?

—Estou aqui pelos meus escravos.

—Que escravos?

—Os dois que foram roubados de mim, -veio a resposta dura.

Um forte senso de pressentimento encheu Gera e seu olhar correu para os rostos doloridos dos homens por trás da guerreira, vendo a centelha de esperança e de reconhecimento em si.

—Quem são os escravos? -alguém gritou. —Anda logo, para que possamos voltar à licitação desses dois!

Sorrindo friamente, Dana manteve seu olhar treinado em Gera.

—Não haverá licitação para esses dois homens em particular.

—O que você está falando? -a mulher falou de volta, irritada, ainda sem entender. —Você sabe quem são eles?

Os olhos de Gera endureceram.

—Sim, -respondeu Dana. —Esses dois *são* meus escravos.

Um silêncio chocado caiu sobre as licitantes e, em seguida um rugido encheu a praça protestando.

—Gera, não!

—Não pode ser assim!

—É mentira, estranha! Você quer eles para si mesma!

Dana olhou diretamente para Gera.

—O que você diria, escravagista?

Sua mandíbula apertou furiosamente.

—Que provas você tem? Eles não são marcados de alguma forma, como propriedade!

O pensamento de esta cadela durona inspecionar Garret, e Jase, procurando por marcas, fez o temperamento de Dana ferver, mas os anos de treinamento fizeram com que mantivesse o seu rosto impassível.

—Eu não gosto de minha mercadoria marcada, escravagista. Agora entregue-os para mim.

—Não. -o rosto da Southlander apertou. —Aconselho você a ir agora, enquanto ainda pode, e enquanto ainda está viva.

—Dana, -Garret sussurrou, a voz crua pela dor. —A sua esquerda...

Sem olhar, ela sabia que alguém tinha uma arma apontada para ela, mas não traia qualquer medo. Seus olhos estavam zombando, enquanto segurava o seu próprio laser sem hesitação para a escravagista.

—Se eu morrer, você também vai. O que você diria para isso?

—Você está blefando.

O gemido baixo do laser soou quando seu dedo apertou o gatilho.

—Estou?

Olhando para os seus olhos duros, Gera sabia que enfrentava a morte. Engoliu em seco.

—Espere! -uma voz forte falou com autoridade.

—Zar! -Gera olhou com alívio para a mulher de cabelos vermelhos, caminhando severamente no meio da multidão.

Imediatamente vozes femininas aumentaram, em protestos e explicações gritadas. Carrancuda, Zar caminhava sobre a estrada. Em seu primeiro olhar mais atento sobre a intrusa que havia interrompido o leilão de escravos, seus olhos arregalaram.

—Você!

—É uma recepção especial para Southland, Zar.

A líder Southland olhou para a escravagista.

—O que está acontecendo, Gera?

—Ela reivindica que estes homens, diz que são seus escravos.

Seu olhar jogou de volta para o guerreiro, antes de cortar rapidamente para os gigantes atrás dela.

—Seus escravos, estranha?

—Sim, meus. Roubados de mim. -Dana fez uma pausa, depois continuou deliberadamente-, enquanto eu estava salvando sua vida.

Um murmúrio varreu as Southlanders. Zar apertou os lábios.

—Esses homens não foram roubados, mas encontrados vagando pelas florestas.

—Com a minha permissão.

Gera olhou para Dana.

—Os escravos irão correr na primeira oportunidade. Você não pode me dizer que lhes permitiu andar livres por aí. Eu me recuso a acreditar nisso!

—Eu não tenho de me explicar ou as minhas ações para você, escravagista. —o desprezo enchia as palavras. —Como eu disse, Zar, é uma boa recepção.

Não gostando da situação nem um pouco, a Southlander franziu a testa. Esta estranha tinha salvado sua vida e ela não

esqueceria esse tipo de coisa. Seu olhar mudou para os dois homens.

—Eles não têm marcas. Como você pode provar que eles pertencem a você?

—Eu os conheço e eles me conhecem.

—Onde está a prova? -Gera zombou.

—Prova? -as sobrancelhas finas arqueadas. —Desligue sua máquina dor e você deve tê-la.

—Desligar? Esses suínos machos irão atacar todos nós!

—Eles vão me obedecer. Agora desligue.

Freneticamente, Gera olhou para uma Zar pensativa.

—Não! Como podemos controlá-los? Você os viu. Eles não são de confiança.

Dana esperou, calma e friamente, indiferente exteriormente, mas tensa no interior e pronta para a ação.

As Southlanders assistiram, esperando em silêncio abafado que sua líder falasse.

—Zar! -Gera pedido com urgência.

—Você queria uma prova, -Dana disse suavemente. —Darei a você. O que tem a perder? Você segura o mecanismo de obediência. Pode infligir dor incapacitante se eu não provar o que digo.

—Muito bem, estranha. -Zar estendeu a mão para Gera. —Me dê a caixa.

—O quê? Certamente você não pode acreditar nas mentiras dessa mulher?

—O que você teme, escravagista? -Dana sorriu ironicamente.
—Que eu prove a verdade?

A provocação atingiu a casa.

—Você está mentindo!

—Gera! -de repente, impaciente para começar o episódio tratado e mais, Zar falou bruscamente. —A caixa. *Agora.*

Com mau humor, ela entregou a sua líder.

—Se os escravos não a matarem, esta estranha o fara.

Os frios olhos azuis caíram para o laser.

—O que você acha? Estou disposta a deixar provar suas alegações, está disposta a me encontrar no caminho e baixar a sua arma?

—Claro, porque não? -Dana baixou a laser, esperando que não estivesse enganada, e que a líder Southland de olhos frios não fosse ordenar sua morte. Se o fizesse, ela jurou para si mesmo que tomaria tanto a ruiva como a escravagista em um abraço de morte com ela, mas de alguma forma teve a sensação de que Zar não era suja em suas relações.

Ela estava correta.

Zar olhou para ela, em seguida, acenou com a cabeça, soltando o botão. Imediatamente Garret e Jase afundaram de joelhos no chão, com os peitos enormes arfando.

—Prova, estranha, -ela disse calmamente.

—Prova! -alguém ecoou no canto e foi tomada por centenas de mulheres. —Prova! Prova! Prova!

Bruscamente trazendo a mão para cima, o rosto de Zar registrava desaprovação.

—Calma!

Os gritos morreram.

Ela se virou para Dana.

—Aguardo sua prova.

A tensão era espessa no ar, com uma mistura de expectativa e curiosidade.

—A prova está na obediência dos meus escravos, -Dana repetiu.

Zar assentiu bruscamente.

Os Daamens são orgulhosos e teimosos. Se eles tomarem em suas cabeças para tomar o assunto em sua próprias mãos... Ah, bem, não havia como voltar atrás agora. O que será, será.

Sem mudar de posição para ver onde os homens estavam posicionados atrás dela, e sem tirar o seu olhar da líder Southland, Dana estendeu os braços ao seu lado e estalou os dedos. O som era alto no silêncio abafado.

—Jase! Garret! Ajoelhem-se! -*Oh Deus, oh Deus, por favor, não os deixe escolher agora para se sentirem ultrajados! Para serem teimosos! Ou rugir para fora a sua indignação! Para...*

Cabelos macios escovaram as pontas dos seus dedos de um lado, longos fios roçaram as suas pernas nuas, e a presença calorosa de um corpo grande em cada lado do seu corpo foi registado. *Graças a Deus.*

As Southlanders olharam em choque reverente, para os dois gigantes ajoelhados tão mansamente ao lado da jovem guerreira, suas cabeças inclinadas submissamente.

Olhos de Zar caíram para os dois homens, então retornaram para Dana.

—Bem, bem.

A fúria tremeu na voz de Gera.

—Esta é a sua prova? Não é o suficiente estranha, não, nada suficiente!

Dana a ignorou, com a atenção focada totalmente em Zar.

Zar franziu os lábios.

—Parece provável que eles sejam seus escravos, pois não foram tão submissos conosco.

—Você não pode dá-los a ela sem provas! -Gera cerrou os punhos.

—Impressionante, sim, mas eu preciso de mais provas, - afirmou Zar.

A tensão nos comerciantes era claramente sentida por Dana. —Controle? Vou mostrar-lhe o controle completo. —ela mudou-se para a frente. —Um passo para trás.

Curiosamente, Zar fez como ordenado, apontando para Gera fazer o mesmo.

Dana passeou até o fim da tribuna, se virou e enfrentou os dois comerciantes. Lentamente, deu a volta e retirou a espada da bainha em suas costas, a lâmina raspou e soou alto na quietude.

Os Daamens levantaram a cabeça para olhar para ela, com os rostos impassíveis.

À vista da bandana em volta da cabeça ensanguentada de Garret, seu coração balançou. O sangue seco marcou um lado do rosto, que estava pálido de dor.

Bloqueando as suas emoções, ela disse: —Espalhe seus joelhos, Garret. *-Por favor, por favor, confie em mim. Fazê-lo.*

Ela não tinha certeza se ele empalideceu ainda mais, mas fez como foi ordenado. Com um girar perito de seu pulso, Dana enviou a espada girando em um turbilhão, brilhando no ar, pegando-a pela alça, e antes que alguém pudesse dizer algo, ela a enviou em um piscar de giro, em Garret. Ela girou alto e caiu, perfurando o lado da tanga e cravou na madeira. Garret não se moveu, mas uma gota de suor deslizou pelo lado de seu rosto.

Um suspiro reverente veio das observadoras.

Zar ergueu as sobrancelhas.

—Jase, traga-me a espada. De joelhos.

Apenas viu o breve flash de raiva mortificada em seus olhos azuis. Para as observadoras, ele pareceu submisso, chegando para arrancar a espada facilmente da madeira e bermuda de seu amigo. Com aparente despreocupação, Dana viu Jase andar para frente de joelhos e parar diante dela com a cabeça curvada, com a espada deitada em suas mãos, ofereceu-a para ela.

Sem uma palavra, ela pegou e embainhou sem problemas, transferindo o olhar para Zar.

—Satisfeita?

—Sim. Eu acredito que os escravos pertencem a você. Eu não sei de ninguém que teria esse controle sobre eles.

Dana balançou a cabeça abruptamente.

—Ótimo. Agora vou levá-los e ir embora. - estalou os dedos.

—Levantem-se, escravos.

Observando os gigantes levantarem e ficarem em silêncio com a cabeça inclinada, a líder Southland observou sua apresentação e se perguntou como a loira os controlava.

—Eu não estou convencida ainda, estranha, -Gera agarrou.

—Eu não me importo.

—Antes de ir, -Zar disse: —Gostaria que você compartilhasse uma bebida comigo em minha casa. Como o meu pedido de desculpas pelo mal-entendido em relação a seus escravos.

Dana hesitou.

—A menos que você tenha algo a esconder? -Gera zombou.

Dane-se a cadela por colocá-la em um canto!

—Claro que não. Mostre o caminho, Zar.

Ela seguiu a Southlander do tablado, sacudindo a cabeça para os Daamens que silenciosamente a seguiram.

A multidão se abriu diante deles, cerrando fileiras, uma vez que haviam passado, cochichando entre si.

Gera observava a guerreira alta, com ódio no seu coração.

Eles caminharam pelas ruas rapidamente, finalmente chegando a uma parada diante de uma habitação de cimento de grande porte. Era a maior casa que Dana tinha visto na cidade. A casa de uma líder. Entrando em um longo corredor, observou quartos abertos de cada lado.

Zar os levou para o segundo quarto à esquerda.

—Sente-se estranha. Há esteiras no chão para seus escravos descansarem.

Dana sentou em uma poltrona confortável. Zar chamou alguém através da porta. Pelas costas, Garret olhou furioso para Dana. Em troca, ela arqueou uma sobrancelha friamente.

Zar se virou e o rosto de Garret tornou-se inexpressivo instantaneamente.

Um jovem escravo do sexo masculino entrou sem fazer barulho, com os pés descalços. A túnica que vestia vinha apenas até o meio da coxa. Rapidamente e eficientemente, ele derramou

bebida e entregou-as a Dana e Zar, antes de se sentar em um dos tapetes ao lado dos comerciantes. Seus olhos ficaram atentos em sua senhora.

Zar o ignorou.

—Eu ainda não sei o seu nome, estranha.

—É Dana.

—Ah. E de onde você vem, Dana, e como pode possuir dois desses escravos magníficos? -os olhos frios eram vigilante sobre o aro taça.

—Há muitas coisas que você pode obter no Setor Outlaw, pelo preço certo.

—Verdade. Nós não temos muitos visitantes em Orkra.

—Eu não estou surpresa. Se pousar no lado errado, você é automaticamente um escravo.

Zar riu. —

—Verdade novamente. -ela ficou séria, seu olhar voltando-se para os gigantes ajoelhados sobre as esteiras. —Então, como você os mantém submissos? Qual é o seu segredo?

Um olhar diabólico percorria Dana.

—Uma mão firme.

Um músculo se contraiu no maxilar Garret, mas sua expressão não demonstrou nada.

—Qual é o seu desempenho na cama?

—Cama? -*Inferno sangrento.*

—Sim. Eles são vigorosos, não são? Todos os jovens são. -o olhar vigilante mudou para o jovem escravo menino, que sorriu vagamente para ela. —Seus escravos são saudáveis e fortes. Muito fortes.

Dana tinha que dizer alguma coisa. *Maldição.*

—Eles têm resistência.

Foi com grande esforço que ela impediu a cor quente de ruborizar o seu rosto. Cuidadosamente, evitou olhar para Garret

—Resistência? Sim, eu acho que eles precisam, -disse Zar, pensativa. —Você, também, é jovem e saudável... e também bonita. Isso sempre acende as chamas de desejo.

Isso estava ficando muito pessoal!

—Quantos escravos você possui?

—Cinco. Os dois mais velhos estão em a casa e cuidam dos jardins. Os outros três, -seus olhos novamente caíram sobre o menino-, atendem a tudo o que eu peço para eles. Isto não está correto, escravo?

—Sim, minha senhora.

—E você? -Zar perguntou. —Quantos escravos você tem?

—Não muitos como você. Eu temo que esses dois são o suficiente para mim.

Zar riu.

—Tenho que ir. -Dana se levantou abruptamente. —Agradeço a sua hospitalidade. Agora preciso voltar para o meu navio e aguardar os reparos.

—Claro. -ela se levantou e abriu o caminho para a porta. Abrindo-a, suspirou. —Infelizmente, a sua viagem deve ser adiada.

Dana ficou tensa.

—O que você quer dizer?

—Uma tempestade está se formando, e as tempestades sobre Orkra se formam rápido e ficam muito selvagens.

Estava tudo contra ela? Olhando para fora, viu as nuvens negras se formando. O vento começou soprar na rua, batendo a sujeira em sopros urticantes. Mesmo quando olhou, gotas pesadas de chuva começaram a cair.

Zar fechou a porta.

—Você está convidada a passar a noite em minha casa.

Essa era a última coisa que Dana queria. Em seguida, seu olhar caiu sobre a bandana em volta da cabeça ensanguentada de Garret. Se a tempestade se tornasse selvagem, como ele faria isso? Seu rosto ainda estava pálido.

—Ah, você quer gastar um tempo com seus escravos. -o Southlander sorriu compreensivamente. —Vou lhe garantir privacidade, Dana. A casa é grande. Vou colocá-la tão longe que ninguém vai ouvir nada.

Dana colocou um sorriso de em seu rosto.

—Você é atenciosa. Obrigada.

—Não tem problema. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto durante a noite.

Dana seguiu para fora, chamando drasticamente à medida que ela fazia isso: —Garret, Jase, venham!

Ela não precisou olhar para saber que a obedeceram. Ela podia sentir os olhos queimando em suas costas.

Zar liderou o caminho através de três longos corredores, antes de parar em uma porta.

—Estes são seus quartos. Os escravos normalmente dormem nos alojamentos embaixo da casa, mas, -ela sorriu um pouco, —Claro que você quer tê-los por perto neste momento. Aqui está o controle de obediência de seus colares. Experimente, Dana, você poderia apreciar.

Seu sorriso era apertado.

—Obrigada.

—Eu tenho reuniões nesta tarde. Ninguém vai incomodá-la. Vou instruir meus escravos para ficarem do outro lado da casa. Sinta-se em casa. -Zar começou a se afastar.

—Quanto tempo duram as tempestades? -Dana perguntou.

—Vai limpar pela manhã. -Zar desapareceu, ao virar a esquina do corredor.

Dana estava sozinha, com dois comerciantes muito irados. Com um suspiro, abriu a porta e entrou no quarto, Garret e Jase em seus calcanhares.

A sala era grande, com duas poltronas e um sofá longo dominando o meio. Muito bordado, os tapetes estavam espalhados pelo chão, e escuras cortinas de veludo vermelhas penduradas nas janelas, fora da qual a chuva abundava pesadamente. Uma porta na parte de trás da sala conduziu a um quarto. Espiando, ela viu uma grande cama de dossel no meio do brilhante chão preto de azulejos. As paredes de cimento eram brancas. Um quarto frio, em comparação com a sala de estar, mas já tinha dormido em lugares piores.

Virando se viu diante de dois comerciantes irritados, um com os braços cruzados, o outro com os punhos grandes plantados nos quadris magros.

—O quê?

—Você nos tratou como cães de estimação e ainda perguntar 'o quê'? - Garret falou entre os dentes cerrados.

Uma sobrancelha arqueou para cima maliciosamente.

—Eu tinha que provar a minha propriedade.

—Por isso quase destruiu a minha masculinidade? -rosnou.

Um brilho de divertimento apresentou-se em seus olhos.

—Estamos sendo simbólicos aqui?

—Simbólicos?

—Sim, simbólicos. Como se a sua masculinidade tivesse ferido severamente o orgulho, porque você teve que se ajoelhar aos meus pés, ou sua masculinidade como em sua... er... -seu olhar cintilou para a tanga mal cobrindo suas partes íntimas decentemente, —"masculinidade"?

A cor vermelha cobriu seu rosto.

—O que você fez foi sangrentamente perigoso, moça!

—Não entre neste assunto. Eu sabia o que estava fazendo. - seus olhos mudaram para o outro comerciante carrancudo.

—Sua vez de lamentar-se, Jase. Qual é o seu problema?

—O mesmo que Garret. Você tem que me fazer rastejar de joelhos? Nenhum Daamen rasteja por ninguém!

—Você rastejou para mim. -desafivelando o cinto da espada, jogou sobre a mesa de tampo de mármore. —E vocês dois fizeram muito bem.

Garret estreitou os olhos.

—Você está gostando disso, não é?

—Estou? -o cinto do laser pousou ao lado da espada.

—Sim, acho que você está. Eu juro, se nós não estivéssemos presos nesse lugar sangrento, ia lhe ensinar...

De repente, impaciente, ela retrucou: —Assuma o controle de si mesmo, porra! Nós estamos presos neste lugar por hoje à noite. Vocês dois foram capturados e eu salvei vocês, lembra?

Eles olharam para ela.

—Sangrentos palhaços ingratos. Eu poderia ter sido morta lá fora, e vocês dois seriam enfeites de alguma cama de Southlander. Diga-me, como é a sensação de estar à mercê de alguém mais forte?

—Elas não são mais fortes... -começou Jase acaloradamente.

—Espertas, então. Inteligente o suficiente para capturar dois Daamens e colocar um colar de obediência em vocês dois. Pegando a caixa de obediência, ela a jogou no ar e pegou facilmente. —Não tem escolha, meninos. Ninguém vai ouvir seus protestos, ninguém se importa com o que sente. Talvez eu devesse tê-los deixado à mercê da "misericórdia" Southlanders -jogando a caixa sobre a mesa, ela caminhou com raiva para o quarto.

—Onde você vai? -Garret fez uma careta.

—Encontrar uma caixa de primeiros socorros, -retrucou, entrando no banheiro.

Jase olhou para Garret, sua expressão era um pouco acanhada.

—Eu acho que nós podemos ter ultrapassado a nós mesmos.

A expressão de Garret aliviou um pouco.

—A moça está correta. Ao nos salvar, arriscou a própria vida.

—Estou feliz por você perceber isso. -Dana volta para o quarto, com um pequeno kit em suas mãos.

—Isso não significa que concordo com seus métodos, -disse Garret.

—Diga para alguém que se importa -ela deixou cair o kit sobre a mesa. —Agora, se sente e cale a boca.

Com os nervos a flor da pele, ele disse.

—E se eu não o fizer? Você vai usar a caixa de obediência em mim?

—Como é? -ela olhou para ele.

—Você está ficando bem danada em dar ordens.

—Não jogue o seu orgulho ferido sobre mim, grande homem!

—Orgulho ferido? -ele repetiu, indignado.

—Sim! Se você se ressentir da minha ajuda e os meus métodos, em seguida, saia daqui por você mesmo! —pegando o laser e cinto de espada, ela foi até a porta.

Suas palavras se chocaram contra Garret, ao mesmo tempo que ela bateu a porta atrás dela. E as palavras magoavam porque eram verdadeiras.

Olhando para Jase, viu o reflexo da sua própria vergonha nos olhos de seu amigo. Dana estava correta. Seu orgulho tinham sido severamente castigado, pois ninguém jamais havia superado um comerciante Daamen. Mulheres que tinha feito então...

Como um, eles saltaram para a porta, mas Garret chegou lá primeiro, abrindo-a para ver Dana em pé do lado de fora, de costas para ele. Estava baixando o cinto da espada para que pudesse apertar o laser no cinto em torno dos seus quadris.

Ela não sabia se ficava com raiva ou chorava. A tensão quente enchia a sua garganta. Como poderia? Afinal ela tinha feito tudo, tinha se arriscado? Bem, o bastardo sangrento e ingrato, que conseguisse encontrar seu próprio caminho de volta, ele e seu amigo palhaço! Ela tinha o suficiente. Não iria ficar lá nem mais um minuto e ser insultada. De jeito nenhum...

Seus pensamentos foram cortados abruptamente por um serpenteante e longo braço em volta da sua cintura, que a puxou para fora de seus pés e de volta, através da porta de entrada para a sala. A porta foi fechada e ela foi colocada sobre os seus pés, tão abruptamente como tinha sido apanhada.

Ainda apertando os cintos, ela virou para encarar Garret.

—E agora? Não terminou de me insultar? Bem, azar! Isso é um *adeus!* -mergulhando de volta, ela estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Um braço musculoso a pegou por cima do ombro e uma mão grande bateu plana contra a porta, segurando-a fechada.

—Não, espere!

—Me deixe sair!

Ele estava perto, muito perto. Ela podia sentir o calor de sua pele.

—Sinto muito, -disse Garret. —O que eu, nós, dissemos foi imperdoável.

—Onde está o insulto?

Ele fez uma careta.

—Nenhum insulto, Dana, embora eu não possa culpá-la por pensar assim. Não, você está certa. Nosso orgulho foi machucado e descontamos em você.

—Bom agora, somos nós?

—Em verdade, moça, pedimos desculpas, -disse Jase. —Você salvou nossas vidas.

Seus olhos mudaram de um rosto cheio de vergonha para o outro, então ela abaixou abruptamente sob os braços de Garret.

—Muito bem.

Eles assistiram a sua caminhada até a mesa, para abrir o kit de primeiros socorros. Com os olhos apertados, olhou para Garret e virou a cabeça na poltrona ao lado da mesa. Sabiamente ele permaneceu em silêncio e fez como ordenado, passos largos para se sentar na beira da poltrona.

Mandíbula apertada, ela pegou os itens que precisava do kit.

—Nós estamos tão contentes de ver você, -Garret começou.

Ela resmungou.

—A idéia de ser vendido... -ele estremeceu, com a memória da luxúria nos rotos.

O silêncio saudou a eles.

—Eu prefiro ser seu escravo, a ser de qualquer outra pessoa, moça.

Insatisfeita, Dana cuidadosamente desamarrou o lenço ensanguentado e ele caiu sobre a mesa. Pegando um lenço molhado limpou, começou a limpar o sangue seco e a sujeira da ferida na cabeça.

Por alguns segundos Jase viu seus movimentos rápidos e furiosos, antes de passear ao redor da sala, de braços cruzados olhando para as poucas pinturas que adornam as paredes.

—Onde estão Simon, Red e Cam? -Garret perguntou.

—A salvo no navio, -foi a resposta curta. —Eu era a única que tinha uma chance de conseguir resgata-los.

—Eu vejo. Obrigado.

Ela resmungou.

—Como as Southlanders os capturam?

—Nos pegaram de surpresa. -ele fez uma careta. —Ai.

—Foi assim que você foi ferido? -deixando cair o pano ensanguentado sobre um pedaço de papel, ela pegou um limpo.

—Eles tiveram um tiro feliz...

—Uma das Southlanders apontou para mim e Garret bateu seu laser de lado, -Jase interrompeu. —A escravagista atirou nele.

Momentaneamente sua mão parou, em seguida, retomou a limpeza da ferida.

—Ela fez uma inimiga. Eu vou ter que cortar as peles mortas, e queimar as bordas para evitar a infecção. Pense se você pode lidar com a dor?

Ele sorriu um pouco.

—Com você cuidando de mim, eu posso lidar com qualquer coisa.

Ela bufou e pegou as pequenas tesouras afiadas.

—Fique quieto.

Isso doeu, o corte da tesoura através de sua pele, ardia duramente. Mas os dedos na cabeça eram legais, assim como o roçar macio dos seios, que estavam perto de seu rosto, enquanto ela se inclinou para frente para limpar a ferida.

Um perfume floral fraco derivava através dos sentidos de Garret e sua mente não estava na picada dos cortes da tesoura. Ele estava na moça loira, em pé, tão perto dele.

Habilmente, ela costurou o corte fechado e passou anti-séptico nele. Garret prendeu a sua respiração, com a sensação de ardor que produziu.

Jase olhou para eles. —Então, agora o que vamos fazer?

—Estamos presos aqui toda a noite, -respondeu Dana. —Tudo o que podemos fazer é esperar a tempestade parar.

—Talvez possa terminar mais cedo do que Zar diz, -ele se esparramou no sofá.

—Podemos ir mais cedo, então. -Garret arrastou a atenção dos seios generosamente arredondados, tão perto seu rosto.

—Eu não acho que isso seria sábio. -Dana prendeu um curativo autoadesivo sobre a ferida e deu um passo atrás. —Poderia parecer suspeito, sair logo depois de aceitar a hospitalidade da Southlander.

—Não quero ficar aqui por mais tempo do que o necessário.

—Nós não temos muita escolha. Caso você tenha esquecido, comerciante, perdeu um pouco de sangue e ficou inconsciente. Precisa descansar.

—Descansar? No ninho desta víbora? Você está fora de sua mente?

Capítulo 7

Calmamente, ela arrumou o kit de primeiros socorros.

—Sei do que falo. Por enquanto, estamos seguros. Por quanto tempo, eu não sei, mas devemos nos refrescar e relaxar enquanto podemos.

—Não deveríamos estar em guarda? -Jase perguntou.

—Estarei em guarda, enquanto vocês dois descansam. -Garret olhou para ela dubiamente. —Cansado, você seria de pouca utilidade para mim em uma luta.

Não havia como discutir isso. A moça tinha um ponto, Garret pensou.

—Enquanto você está nisso, use o chuveiro, -acrescentou Dana.

—Como diabos você pode pensar em banho em um momento como este?

—Você parece que foi arrastado para fora de uma fossa.

Porra, sua língua era afiada.

—Peço desculpas se o meu estado de impureza a ofende.

—Eu sei que você é apenas um homem, mas tente ficar comigo sobre isso, certo? Você e Jase são supostamente os meus escravos e Zar acha que estamos aqui com... -ela tropeçou em um impasse.

—Sexo?

—Seja o que for. -um rubor penetrou as bochechas levemente bronzeadas. —Até estarmos longe daqui, temos que manter a aparência da senhora e escravos, vá se limpar.

Com um suspiro, Garret levantou-se, resignado.

—Muito bem, eu aceito a sua sabedoria sobre isso...

—É a primeira vez. Leve este kit com você e o devolva ao armário do banheiro.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Por favor.

—Muito mais agradável. Você sabe, -ele parou ao lado dela para olhar em seus olhos. —Estou realmente feliz por você estar aqui. Obrigado. Me desculpe, eu fui um bastardo antes.

—Você não pode ajudar-se sobre isso.

Revirando os olhos, ele caminhou para o banheiro.

O homem era letal para seus sentidos.

—Você está bem, moça? -Jase perguntou atrás dela.

—O quê? Ah, sim. -seu olhar caiu sobre a sua tanga.

Ele seguiu seu olhar.

—Eles devem ter levado nossas roupas quando eles nos intoxicaram.

—Intoxicaram vocês?

Ele fez uma careta.

—Sim. Ontem à noite, usávamos nossas próprias roupas. Elas fecharam nossa cela e nos colocaram para dormir com gás. Quando acordamos, usávamos apenas estes pedaços de pano e estes colares. -tocou o metal que cercava seu pescoço.

Franzindo a testa, ela foi para a porta.

—É melhor eu tentar encontrar suas roupas, ou pelo menos algo decente para você usar.

—Não, não por conta própria...

—Espere aqui, -era a ordem curta e a porta se fechou.

Xingando a si próprio, sabendo que ele não tinha escolha, Jase voltou para o sofá.

Avançando através da casa silenciosa, Dana foi em cima do jovem escravo perto do salão.

Ele olhou para a guerreira acima dele.

—Deseja alguma coisa, senhora?

—Onde encontro as roupas que meus escravos usavam quando foram capturados?

—Possivelmente na senzala perto da estrada de leilão, caso já não tenham sido destruídas. Deseja que eu descubra senhora?

Ela o estudou durante vários segundos antes de responder com mais suavidade.

—Não, obrigada. Eu vou.

Além disso, ela poderia encontrar Rominac enquanto estivesse lá.

—Está chovendo muito forte.

Inferno, tinha esquecido disso.

Vendo sua carranca, ele sugeriu às pressas: —Eu poderia lhe dar uma capa de chuva para mantê-la seca.

Abrindo a porta, ela ficou olhando para a chuva torrencial que estava transformando rapidamente a rua em lama. Sair na chuva fria não agradava em nada.

—Não se preocupe com isso. -ela fechou a porta novamente.

O garoto balançou a cabeça, em seguida, declarou: —Zar solicitou sua companhia esta noite no jantar.

—Ela solicitou?

—Sim. Ela disse que os escravos poderiam participar também. Claro, eles terão que se sentar no chão.

Oh, Garret e Jase ficariam muito bem, sentados no chão frio em tangas. Uma imagem súbita de Garret em toda sua glória seminu passou pela sua mente, juntamente com o conhecido olhar de Zar a estudá-lo. Devorá-lo. *De jeito nenhum neste planeta abandonado!*

—Eu mudei de ideia. -ela escancarou a porta. —Pegue uma capa de chuva.

Confuso, o menino olhou para a chuva e para Dana. —Mas...

—Agora!

Ele correu imediatamente.

Dana fez uma careta. Que inferno! Por que ela estava tão preocupada com Zar vendo Garret quase nu? Ela não seria a primeira. Os Daamens eram uma raça sensual e, sem dúvida, o comerciante estava acostumado a ficar nu com uma mulher, muitas, na verdade. Esse pensamento em especial a fez cerrar os dentes. Bem, má sorte para Zar! Enquanto fosse supostamente a senhora de Garret e Jase, iria garantir que ele, eles, estivessem decentemente cobertos!

O rapaz voltou segurando uma capa impermeável.

Vestindo a capa, ela balançou até os joelhos.

—Pressupõe-se que deveria chegar até os pés. -preocupado ele mastigou unha do polegar. —Por favor, senhora, deixe-me ir...

—Não, você fica no quente e seco.

Surpreso, ele viu a mulher alta sair na chuva, olhando muito tempo até que ela sumiu de vista. Fazia muito tempo que alguém tinha pensado em seu conforto.



Caminhando firme através das ruas desertas, Dana finalmente alcançou a estrada de leilões, e foi para o abrigo da varanda na frente de uma loja.

Uma mulher vestida com uma jaqueta prata habitual e calça olhou para ela com curiosidade.

—Um mau tempo para andar, estranha.

—Talvez. Eu procuro as celas onde os escravos são mantidos para leilão.

—Você vai ter que voltar para o outro lado da rua.

Maravilhoso. Resmungando os seus agradecimentos, mergulhou mais uma vez na chuva. No momento que se abrigou na varanda em frente, as botas estavam encharcadas de lama e tinha espirrado nas pernas.

Empurrando o capuz para trás, olhou para os dois lados e rapidamente localizou a pesada porta de madeira, com uma janela gradeada. Um gemido baixo e voz áspera veio de trás dela, um sentimento de repulsa a varreu. É verdade, os homens eram inúteis, tuda conversa, pavonear e bravata, mas a escravidão deles, ou de qualquer pessoa, revirava o seu estômago. Infelizmente, era o caminho de alguns planetas. Países e galáxias coexistiram através da não interferência de outras culturas.

Afastando os pensamentos, ela empurrou a porta, para encontrar um longo corredor que se estendia à sua frente, luzes desagradáveis no teto. Em cada lado havia celas, principalmente vazias, exceto por algumas poucas que continham homens. Todos estavam vestidos com tangas e com um colar de metal cercando suas gargantas.

Uma porta a esquerda se abriu e uma mulher pequena e magra apareceu.

—Ah, todo mundo está falando sobre você estranha!

—Oh?

—Não é sempre que alguém enfrenta Gera.

—Eu vejo. -ela aproveitou a oportunidade para obter mais dados. —Gera parece ser responsável pelos escravos?

—Compra e vende. -com um olhar malicioso a mulher empurrou o dedo nas celas ocupadas. —Para não falar de experimentar a mercadoria.

—Faça-me compreender. A mercadoria não vale mais estando intocada?

—Escravos intocados são mais rentáveis, é verdade, mas Gera é muito inteligente. Ela paga pelo privilégio de uma noite ou duas com qualquer escravo, tomando sua fantasia.

—Eu vejo.

—Então, -a mulher cruzou os braços de maneira profissional- o que posso fazer por você, estranha?

—Eu quero as roupas que meus escravos usavam quando foram capturados.

—Você tem certeza? Parece uma vergonha ter que esconder esses corpos lindos. Se eu tivesse escravos, os deixaria assim, eles estariam correndo nus!

—Meus escravos são para os meus olhos somente, -Dana disse firmemente.

A mulher alta, de repente, parecia mais ameaçadora, o brilho das luzes lançando sombras sobre o rosto.

—Ah... acho que sei onde a roupa pode estar.

—Pode estar? -a expressão de Dana endureceu. —Você quer dizer que não sabe ao certo?

Não havia maneira de Garret ir desfilando nu na frente daquelas idiotas ofegantes!

Empalidecendo sob o brilho, a mulher começou a descer às pressas o corredor.

—Às vezes, as roupas são eliminadas de imediato, no entanto, não houve tempo hoje, com a chuva e tudo. As roupas ainda devem estar na sala dos fundos.

Assim que ela ficou fora de vista, Dana olhou para os ocupantes das celas mais próximas. Homens, haviam seis, com idade entre trinta e cinquenta anos. Olhos com resignação seguiam seus passos com desinteresse.

As demais celas estavam vazias, exceto por uma próxima ao final. Ela estava mal iluminada, em nítido contraste com as outras, e uma sensação de mau agouro a encheu. Espiando ela viu um vulto deitado em cima de um colchão fino. Um cabelo escuro caía sobre a testa do jovem, o rosto pálido à sombra. Ao contrário dos outros escravos, ele usava uma túnica sobre calças compridas.

Mesmo nas sombras, ele pareceu familiar e seu batimento cardíaco acelerou. *Era seu irmão?* As características eram semelhantes as de Diago, mas quando o vira pela última vez, ele era um menino de quatro anos. Quinze anos faziam muita diferença.

De repente, seus olhos se abriram e ele olhou diretamente para ela. Com a luz atrás dela, era óbvio que ele não podia vê-la claramente. Estreitou os olhos cor de avelã, tentando ver as suas características. Franziu o cenho e sentou-se rapidamente.

—Rominac?

—Quem é você? -ele levantou-se cautelosamente.

—Mantenha sua voz baixa. Você é Rominac, filho de Diago?

—Você sabe que eu sou.

—Eu sei agora. Ouça-me com cuidado e não fale nada Eu fui enviada para resgatá-la...

—Meu pai mandou uma mulher?

—Não seja tão incrédulo. Pode um homem fazer isso? Não repita nada desta conversa a ninguém. Eu vou libertá-lo assim que puder.

—Quem é... suas roupas, você é uma Reeka!

—Silêncio! Eu sou.

—Você parece tão familiar...

O som da voz da mulher fez Dana se afastar apressada da cela.

—Aqui estão as roupas, estranha. -a mulher se aproximou segurando as calças, coletes e botas. —Felizmente, o tempo ficou ruim ou teria sido tarde demais.

—Que felicidade. -Dana se perguntava se ela deveria perguntar sobre Rominac agora ou fingir ignorância.

—Se você quiser esperar até que a chuva diminua um pouco, você é bem-vinda para tomar uma bebida comigo no escritório.

—Obrigada, mas devo declinar. Vou jantar com Zar hoje à noite e eu gostaria de descansar primeiro. *E tentar descobrir o que diabos Rominac faz aqui.*

A mulher abriu a porta que levava até a varanda. Dobrando as roupas debaixo da capa de chuva, Dana balançou a cabeça para ela e fez seu caminho de volta para a casa de Zar.

O vento aumentou, afastando a capa dura contra as pernas, congelando até os ossos. A necessidade de voltar para o conforto de seu quarto para pensar, a fez apressar seu passo.

O menino escravo estava pairando ansiosamente à porta. Ajudando a tirar a capa ele olhou com consternação para as pernas molhadas e botas enlameadas.

Com um sorriso irônico, ela tirou as botas e caminhou pela casa segurando-as em suas mãos.

—Por favor, senhora, as dê para mim. Irei limpar e secá-las para você.

—Não há necessidade. Eu posso fazer isso.

Uma expressão tênue de angústia surgiu em seu rosto.

—Você é convidada de minha senhora, e como tal devo cuidar de seu conforto.

Com um suspiro, ela entregou suas botas.

—Muito bem. Qual é seu nome?

—Jarret, senhora.

—Quantos anos você tem, Jarret?

—Quatorze, senhora.

Ele era tão jovem, o rosto ainda liso e sem pelos. À mercê de uma senhora cruel.

—Senhora, você está doente?

Doente do estômago, ela queria dizer, mas balançou a cabeça em vez e caminhou até o corredor, o deixando a olhá-la com perplexidade.

Entrando no santuário de seu quarto, fechou a porta atrás dela.

—Já era tempo! -Garret oscilou, se afastando da janela fechada, com uma carranca para ela. —Que diabos você estava pensando, sair nessa tempestade? Você não juízo? -seu olhar caiu para as suas pernas nuas e pés. —Onde estão as suas botas?

—Estão enlameadas. -Dana jogou a trouxa de roupas e botas no sofá.

Vendo sua expressão abstrata, ele franziu a testa.

—O que há de errado?

Sentada no sofá, ela esticou as pernas à sua frente e cruzou os tornozelos. Contemplando os pés descalços, ela murmurou: —Vi Rominac nas celas.

—Oh. -ele sentou ao lado dela. —Ele está bem?

—Parece estar. Eu disse a ele que eu pretendo levá-lo embora, então, sem duvida, ele vai ficar calado.

Garret se perguntou como ela estava lidando. De suas feições inexpressivas, era impossível dizer.

—Será que ele a reconheceu?

—Como Reeka, sim.

Ao entrar na sala, os olhos de Jase se iluminaram ao ver as roupas.

—Finalmente! Roupas decente! -correndo mais, ele recolheu suas roupas, em seguida, observou as carrancas de seus amigos.

—O que aconteceu?

—Dana encontrou Rominac.

—Isso é bom.

—Agora eu tenho que descobrir como tirá-lo daqui, -disse Dana. —Vou perguntar a Zar sobre ele no jantar.

—Isso não é arriscado? -Garret perguntou. —Mostrar interesse por ele?

Jase encolheu os ombros.

—Ela pode perguntar se ele está à venda.

—A venda? -Dana olhou para cima rapidamente.

—Você já possui dois escravos. Quem vai questionar seu interesse em comprar outro? Ou o seu interesse em seu passado?

Havia desgosto em seu rosto.

—Ninguém, eu acho.



Jarret os levou para a sala de jantar.

Dana observou que era grande, as paredes decoradas com tapeçarias e pinturas de paisagens. Zar, obviamente, tinha uma predileção por essas coisas.

Dana levantou sobrancelhas quando viu a mesa. De forma redonda, ficava rente ao chão. Grandes, almofadas macias foram espalhadas em torno dela.

—Entendo que você nunca jantou em tal situação? -Zar olhou para cima, de onde ela estava reclinada sobre uma almofada do outro lado da mesa.

—Correto.

Sentada à direita da mesa, Gera olhou-a de forma restritiva.

—De onde, exatamente, você vem?

—Aqui e ali. Será que isso importa?

O desafio estava em sua voz, o ressentimento de ouvir a simples questão. Garret gemeu mentalmente e Jase mastigou o lábio inferior preocupado.

—Não, não. -Zar gesticulou para as almofadas opostas a ela. —Venha, sente-se. Eu acredito que você achou o seu quarto confortável?

—Muito. Obrigada. Onde meus escravos sentam?

—Normalmente, atrás de sua senhora, prontos para servir, quando necessário. No entanto, você pode fazer as coisas de forma diferente, assim... -ela levantou uma sobrancelha curiosa. —O que você normalmente faz?

Dando de ombros, Dana caiu graciosamente sobre as almofadas, enrolando uma longa perna abaixo dela e dobrar o outro para descansar o pulso sobre o joelho.

—Depende do que eu gostaria de ter... para uma refeição. -ela sorriu levemente, sugestivamente. —Se você sabe o que quero dizer.

Divertida, Zar riu.

—Eu sei de fato, Dana. Alguns pratos são mais tentadores do que outros, sim?

—Sim. -ela olhou para os comerciantes com aparente indiferença. —Sente-se atrás de mim como é em Southlanders. Eu não gostaria de ofendê-las.

Com rostos impassíveis, eles obedeceram.

Gera brincou com o copo de vinho que segurava, com os olhos firmes à deriva sobre os escravos gigantes.

—Vejo que você os tem vestido novamente... Dana. -a pausa foi notável. —É uma vergonha manter esses magníficos físicos escondido.

—Prefiro manter seus corpos para minha visão apenas. Além disso, eu acho já foi visto o suficiente para o prazer de outras.

Garret teve que usar toda força de vontade para evitar um rubor em seu rosto quando dois pares de olhos viraram para ele e Jase, parecendo visualmente rasgar as roupas de seu corpo e inspeciona-lo com desejo indisfarçável.

Muitas moças tinham olhado para ele com desejo, e nunca se importou, mas o escrutínio das Southlanders virou o seu estômago. Talvez fosse porque ele era considerado como um escravo, ou porque os dissecavam como um inseto para seu prazer pervertido. Fosse o que fosse, o sentimento evocado foi repulsa.

Zar voltou sua atenção para sua convidada.

—Você não consideraria a venda de um deles? Eu vou lhe dar um bom preço.

—Eu não terminei com eles. -Dana tomou um gole de água. —Não, por enquanto eles não estão à venda.

Gera recostou-se em uma mão.

—Eles são belos exemplares. Certamente você pode comprar mais?

A escravagista estava pescando para obter informações, a maldita.

—Não com suas habilidades.

A boca de Gera se contraiu.

—Todo mundo tem um preço.

A entrada de quatro escravos que carregavam pratos de comida, interrompeu a conversa. Bandejas fumegantes de legumes e carne foram colocadas sobre a mesa, e um velho escravo serviu Zar. Um jovem escravo encheu o prato de Gera, sofrendo uma carícia negligente em suas nádegas, com um rosto impassível.

Antes que algum escravo pudesse fazer um movimento para servir Dana, Garret rapidamente se levantou e se ajoelhou ao lado dela.

—Senhora, permita-me.

Com facilidade ele serviu a comida em um prato e colocou-o diante dela, retornando ao seu lugar atrás dela, antes que os outros escravos tivessem acabado de servir as Southlanders.

Dana estava grata por ele agir rapidamente, servir a si mesmo teria sido muito suspeito. Mas permitir que outro escravo, que não o seu próprio a atendesse... Bem, ela não sabia o protocolo sobre isso, mas pelo menos as Southlanders viam como 'dedicados' seus dois escravos eram.

A comida cheirava deliciosamente, o aroma enchendo a sala. Um estrondo baixo veio atrás dela, de uma barriga de homem

faminto reclamando. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse continuar a comer com os Daamens assim obviamente em sofrimento.

—Eu não conheço os seus costumes, Zar. Quanto a alimentar os escravos?

—Hmm? Oh, eles comem os nossos restos, caso contrário, eles têm pão e frutas. Por quê?

Cadelas. Assim como muitos proprietários de escravos, eram sua 'mercadoria' não valiam nada.

—Temo que os meus escravos não tem comido por um tempo, bom tempo. Seria possível que eles tenham um pouco de pão agora?

—Certamente, mas é mais incomum.

—É sem grande preocupação para mim. -pegando um garfo, Dana espetou um pedaço de carne. —Mas apaziguo sua fome e eles vão apaziguar a minha... bastante bem! -ela piscou.

Zar caiu na gargalhada e se inclinou para frente.

—Suas ideias são estranhas, mas há algo a ser aprendido aí! Jarret, traga algum alimento para 'as máquinas de amor' da minha hóspede!

Gera mastigou e engoliu antes de dizer: —Parece que você está realmente no controle deles. Diga-me, você os acorrenta em sua cama para o seu prazer? Exatamente como você apazigua os seus

apetites? Eles fazem tudo e qualquer coisa que você diga a eles no quarto?

Dois podem brincar de ser absolutamente vulgar.

Consciente de que Zar estava ouvindo com interesse, Dana respondeu friamente: —Eles fazem qualquer coisa que eu diga a eles, em cima, embaixo, em pé e sentado, e não apenas no quarto. - levantou o copo, ela saudou Gera zombeteira. —Qualquer hora, em qualquer lugar, em qualquer forma. -o copo foi drenado de seu conteúdo com um simples movimento de pulso.

—Então por que não compartilhar um pouco dessa maravilhosa proeza sexual que eles têm?

O ar na sala era pesado com a tensão. Garret observava friamente, pensando se o temperamento explosivo de Dana finalmente explodiria. No entanto, em condições perigosas era uma guerreira e mercenária, e através de uma ponta a outra. Sua formação lhe permitiu permanecer no controle.

Ela ergueu as sobrancelhas com desdém.

—Você está realmente tão desesperada por uma foda que você iria me atormentar a lhe emprestar um homem para o ato?

Em estado de choque, a boca da escravagista caiu aberta, então a fúria fez seu rosto ficar vermelha.

—Ora, você...

Firmemente Zar bateu a mão em seu braço.

—Chega. Dana é minha convidada e os escravos pertencem a ela, para fazer com que lhe agrada. Não vou ouvir mais nada sobre isso.

Carrancuda, Gera afundou nas almofadas, mas permaneceu em silêncio.

Mentalmente os comerciantes relaxaram. O momento de tensão estava acabado, por enquanto. Jarret entregou meio pão a cada um, com os olhos cuidadosamente em branco.

O orgulho quase fez Garret empurrar o pão de volta, mas se obrigou a comer submisso, o tempo todo a sua mente se rebelando. Mas o que poderiam fazer? Por enquanto teriam que desempenhar o papel de escravos, gostando ou não.

Dana escolheu um pêssego maduro de uma das bandejas nas proximidades.

—Como os colares de obediência são removidos, Zar? Tentei anteriormente, sem sucesso.

Imperturbável pelo silêncio de sua escravagista, Zar respondeu suavemente: —O botão de ativação da dor na caixa de obediência deve ser pressionado até o fim e rapidamente liberar o bloqueio sobre os colares.

—É a única maneira?

—Um método engenhoso elaborado por Gera. Um pequeno lembrete. Ela é cheia de ideias como essa. -seu olhar frio se fixou

em Dana. —Fui informada de que você esteve falando com um dos escravos nas celas.

Parecia que as Southlanders não perdiam nada.

—Eu o vi enquanto esperava o retorno das roupas dos meus escravos. Muito bonito o espécime. —Eu o quero.

Gera cortou rapidamente.

—Não foi definido um preço para ele ainda.

—Já vejo. Você tem alguma ideia de seu valor?

—Não.

Zar olhou para ela com surpresa.

—Nós discutimos isso.

—Você não quer vendê-lo para mim? —Dana levantou uma sobrancelha, em leve consulta.

—Eu não gosto nem confio em você, estranha.

Dana sorriu.

—Diga para alguém que se importa, escravagista. Essa atitude não é boa para seu negócio.

Zar franziu a testa para Gera.

—Qual é o seu problema? Você já vendeu escravos para as pessoas que você não gostava antes.

—O Northlander deve ser vendido para uma Southlander.

Lentamente, ela suspirou e balançou a cabeça.

—Você está correta nas circunstâncias. Lamento, Dana, ele não esta a venda.

—Quais são as circunstâncias incomuns?

—Ele é o filho de Diago, o líder de Northlander.

—Ah. Agora eu entendo.

A conversa voltou-se para outros assuntos e o resto da noite passou suficientemente agradável.



Fechando a porta para seu quarto, Garret rosnou: —E agora? Essa vadia viciosa não vai repartir Rominac.

Dana pegou a caixa de obediência.

—Vou sair quando tiver certeza que todos estão dormindo e espiar o escravo na cela, ver se há uma maneira de libertá-lo.

—Não vai sozinha. Eu vou com você.

—Ê mais fácil de me esconder sozinha.

O queixo quadrado ficou rígido.

—Eu não sou nenhum tolo e irei.

Abrindo a boca para argumentar, ela avistou a determinação de aço em seus olhos.

—Com ou sem você -ele acrescentou.

Era inútil discutir.

—Então é melhor você se cuidar.

Sua resposta era lisa e escorregadia: —Oh, eu vou... a qualquer hora, em qualquer lugar e de qualquer modo.

Um ronco de riso explodiu de Jase.

—Droga, não me faça repetir tudo o que eu tinha a dizer! Estou lhe avisando...

—Eu não tenho ideia de por que você está tão chateada, -ele disse suavemente. —Estou falando sobre a chuva... Fora... Hoje à noite.

O bufão estava tirando sarro dela.

—Gera ficaria feliz em ter a sua companhia esta noite comerciante!

—Realmente, moça, tente ficar comigo sobre isso, ou terei uma conversa com a escravagista que perturba você?

—Nada me incomoda. -segurando a caixa, ela disse maldosamente: —Eu acho que você pode ter o seu colar removido em primeiro lugar!

Jase parou de rir e todos os sinais de provocação desapareceram dos olhos de Garret. Seu olhar foi para a caixa. O silêncio encheu a sala.

A raiva deixou Dana, como as implicações da desativação da fechadura entraram em foco.

—Eu sinto muito. Eu não quis dizer...

—Aperte-o.

Exitando, ela baixou a caixa.

—Eu não tenho certeza sobre isso, Garret. A dor...

—Aperte-o.

—Deve haver outra maneira. Deixe-me olhar para os colares de novo...

—Nós todos os estudamos inúmeras vezes já. É o único caminho. Agora, faça-o.

Maldição! Mordendo o lábio, ela segurou a caixa, com o polegar pairando acima do botão.

—Garret...

Uma grande mão fechou sobre a dela, envolvendo a caixa e forçando o polegar para baixo no botão, empurrando caminho adentro.

Ela nunca esqueceria os rugidos de agonia emitidos pelos dois homens, caindo de joelhos no chão. Os olhos fechados, suar vasculhando os seus rostos, eles respiraram fundo, respirações tremulas.

Os colares caíram abertos no chão, o metal reluzindo.

—Garret! -Dana agachou diante dele, uma mão em seu ombro.

—Você está bem?

Olhos vidrados olharam para ela dolorosamente.

—Sim... moça. Basta dar... me... alguns... minutos.

Droga Gera e suas ideias torcidas!

Resumidamente ela tocou seu rosto, a mais suave, a mais suave carícia que ela não tinha conhecimento, antes de mudar transversalmente para o outro comerciante.

—Jase, como você está?

Com os olhos fechados, ele balançou a cabeça sem dizer nada.

Em pé, ela fez uma careta para a caixa que ainda segurava. Neste exato minuto, ela gostaria de colocar um daqueles malditos colares no pescoço da escravagista e pressionar o botão de desativação muitas vezes!

Jogando os colares e caixa de obediência sobre a mesa, se virou para ver Garret começar a se levantar e imediatamente foi até ele. Colocando o ombro em sua axila, enrolou um braço de apoio sobre cintura e puxou o outro braço sobre o ombro. Apoiando-se, o ajudou até que ele pudesse estar em linha reta, porém balançando ligeiramente. Cuidadosamente, fizeram seu caminho para o sofá, onde ela o ajudou a sentar, antes de voltar para ajudar Jase.

Uma vez que eles estavam sentados, ela se afastou e os estudou. Ambos estavam pálidos, embora a cor fosse lentamente voltando para seus rostos.

—Agora, isso dói. -cautelosamente Jase tocou a garganta.

Percebendo as mãos trêmulas, os olhos de Dana se estreitaram.

—Gera é cheia de ideias bonitas, não é?

—Temos que pegar Rominac e sair. -Garret se levantou lentamente.

Jase assentiu.

—Sim, vamos.

—Oh, não. Não vocês dois. Um é ruim o suficiente, mas vocês dois, brutamontes, é certeza que seremos vistos.

—Você esquece moça, que nós Daamens não somos fracos *ou* idiotas.

—Eu sei que você acha que pode fazer melhor sozinha, -disse Garret. —Mas você esquece que estamos todos juntos nisso e quando conseguimos pegar Rominac, nós podemos sair imediatamente, sem retornar deixado tudo para trás.

Fazia sentido.

—Muito bem, mas garanta que você se mantenha nas sombras.

—Ótimo. Vamos apagar essas luzes, esperar meia hora, e depois começar.

Homem infernal! Ele já estava assumindo o controle!

Caminhando até o interruptor de luz ao lado da porta, Jase estendeu a mão para apagá-lo, quando uma batida afiada soou na porta.

—Dana, é Zar.

Zar? Garret, Jase e Dana olharam para o outro.

—Dana?

Respirando profundamente, Dana caminhou até a porta e a abriu para se encontrar olhando não só para Zar, como Gera e duas mulheres armadas.

Uma sensação de mau agouro a encheu, mas apenas uma expressão de curiosidade leve em seu rosto.

—Um pouco tarde para uma visita em grupo, não é?

Descontentamento era claro no rosto de Zar.

—Gera veio a mim com a informação que diz respeito a você e seus dois escravos.

—Sério? O que é?

Gera sorriu friamente.

—Dê um passo para trás e levante os braços.

Isto não augurava nada de bom. Com uma maldição para dentro, Dana lembrou que seu laser estava na mesa ao com a espada. No entanto, não era um problema tão grande. Havia apenas quatro mulheres à porta, alguns bem destinados chutes...

—Não tente nada. -a escravagista levantou o laser. —Se você se virar, você verá que um movimento errado de sua parte deverá significar a morte para seus amigos.

Pelo desprezo malicioso da vitória em seu rosto, Dana não tinha dúvidas de que ela falava a verdade. recuando ela se virou e viu três Southlanders com lasers vigiando os comerciantes

silenciosos. Um movimento errado e eles morreriam. As Southlanders tinham o controle, por agora.

Zar e Gera entraram enquanto os dois guardas ficaram vigilante na porta.

—Talvez você se importe em explicar? -Dana perguntou.

—Você é uma guerreira Reeka, -Zar respondeu friamente.

—Você nega isso?

—O que tem isso?

—Você mentiu para mim. Para nós. Estes homens não são seus escravos, mas os comerciantes Daamen, amigos de sua raça.

Garret e Jase trocaram olhares, imaginando o que aconteceria agora.

Despreocupadamente Dana cruzou os braços.

—E como você chegou a essa conclusão?

—Eu fiz alguma pesquisa em nossos computadores, guerreira,

-Gera respondeu asperamente. —Não foi muito difícil de conseguir.

Não há muitas raças na galáxia que são tão altas. -o seu olhar acendeu para os homens, a luxúria rastejando em seus olhos.

—Nem tão fortes.

Sufocando o desejo de pular na escravagista lasciva e vencê-la, Dana repetiu: —O que disse?

—Não que você realmente sabe? -ela começou a rir, um som que não foi nada alegre.

—Tenho certeza que você vai informar-nos em breve, se puder parar de cacarejar o tempo suficiente.

O riso gelou.

—Você...

—Basta! -Zar rebateu com raiva. —Estes homens não são seus escravos, guerreira, portanto, eles devem ser vendidos pelo o maior lance amanhã.

—Com o inferno! -Garret rugiu, caminhando para frente.

—Espere! -um dos guardas gritou o som alto do disparo do laser atraindo de volta na sala.

Ele parou, mas seu olhar queimou na líder Southland.

—Nós somos homens livres!

—Não em nosso território. Nenhum homem que põe os pés em Southland é livre.

—Nós não somos de seu planeta!

—Não há diferença. Amanhã você e seu amigo serão vendidos. -ela olhou para Dana. —Se desculpe, guerreira.

Olhos castanhos provocaram furiosamente.

—Eu não vou me desculpar de nada. Meus amigos não são escravos e certamente não estarão à venda. Você pode se desculpar com isso!

Nervosamente os guardas mudaram. A guerreira loira estava abertamente com raiva agora, junto com os dois gigantes. Se um

dos três decidirem lutar, os outros dois se juntariam a eles. Não se podia prever quem iria ficar ferido no processo. Não havia dúvida de que alguns das Southlanders estariam entre os feridos, ou mortos, se o olhar perigoso aos olhos de Reeka era qualquer coisa perto.

Capítulo 8

—Sinto muito, Dana.

—Desculpe? Você vai se arrepender se você me forçar a retaliar, Southlander!

Enrijecendo, Zar recuou.

—Não lance a minha paciência longe demais. Você salvou a minha vida, razão pela qual você está livre para ir.

—Eu não vou a lugar nenhum sem Garret e Jase. -Dana se aproximou.

Garret ficou de boca seca quando vários lasers balançaram até o ponto em seu coração. Ele conhecia seu temperamento bem como sua lealdade a seus amigos, e não tinha dúvida de que ela ia lutar até o último instante. E ser morta.

—Dana, pare!

Todas as cabeças se viraram para encará-lo.

—Fique fora disso, Garret.

—Não seja tola. Vá enquanto pode.

—Sim, enquanto você pode ir, -Gera zombou.

—Você não terá estes comerciantes a menos que seja por cima do meu cadáver, -Dana rosnou.

—Isso pode ser facilmente arranjado, guerreira, e com prazer.

Caminhando entre eles, Zar considerava Dana pensativa.

—Você estaria disposto a morrer por esses homens?

—Sim. -a resposta foi rápida e verdadeira.

Fugazmente o calor inundou Garret, mas o olhar nos olhos da líder Southland não augurava nada de bom para sua moça, e ele se encheu de medo.

—Se você matá-la, sua vida não irá valer a pena! -ele prometeu selvagememente.

—Nenhuma quantidade de correntes me impedirá de encontrar você!

—Sim, -Jase concordou os olhos azuis brilhando com raiva impotente. —Eu estarei bem atrás de Garret para acabar com o que sobrar de você, Zar!

A expressão de Gera era de luxúria e entusiasmo.

—Eu não posso esperar para tê-los acorrentados à minha mercê, comerciantes! Eu vou ter em breve vocês dois bem mansos pedindo pelo meu toque!

Olhos cinzentos transmitiram seu desprezo.

—Prefiro me matar.

—Você somente? Isso pode acontecer ainda. Alguns homens que não cederam, morreram.

Apenas o pensamento da cruel tortura da escravagista em Garret foi o suficiente para fazer ferver o sangue de Dana.

Vendo a intenção de ataque, Zar alertou bruscamente: —Não seja tola, Dana. Um movimento em direção qualquer uma de nós e seus amigos morrem.

Com um esforço de manteve suas emoções sobre controle, praguejando interiormente. Normalmente, nestas situações, ela era controlada, calma e focada, mas o pensamento de perigo para Garret foi suficiente para levá-la a perder todo o controle, e pôr em perigo a todos eles. O que diabos estava acontecendo com ela? Voltou sua atenção para Zar.

—Você faria qualquer coisa por esses machos, sim? -uma expressão de cálculo em seu rosto, Zar correu um dedo para frente e para trás sobre o lábio inferior. —Lutaria por eles?

Perplexa, Gera olhou para ela.

—Zar, o que...

—Sim, eu vou lutar, -Dana cortou secamente.

—Muito bem, guerreira. Vou lhe dar a oportunidade de lutar por seus amigos.

—Lutar por eles? Zar, não! Você não pode...

—Eu posso, Gera.

—Você quer deixá-la lutar pela titularidade? Você está louca?

Olhos frios buscaram a escravagista.

—Se lembra das leis?

Confusa, ela respondeu: —Claro que sim, mas eu não entendo.
O que você está falando?

—A lei da propriedade por combate.

Ela empalideceu.

—Combate?

—Você sabe disso.

—Mas, mas isso nunca foi feito aqui! É uma lei usada em Northland!

Apropriação pelo Combate.

Dana lançou um olhar a Garret para ver a raiva e a preocupação combinada em seu rosto, os lábios tensos com fúria impotente. Ela se virou para as mulheres.

—Esta lei, é isso que eu acho? Eu luto com alguém pela posse dos meus amigos?

Zar assentiu.

—Por qualquer homem. É isso ou eles serão vendidos em leilão amanhã. -sua expressão era impiedosa. —E eles serão vendidos, eu prometo a você. Tente impedir e você vai ser fuzilada.

—Então, não tenho escolha?

—Por lei, sim. Combata ou a propriedade passa para outra pessoa, neste caso, a escravagista. O que vai ser, guerreira?

O pavor inundou Garret. O pensamento da moça que amava lutar por sua liberdade, se arriscando a ser ferida gravemente ou morrer, o encheu de medo e raiva.

—Dana, não!

—Eu aceito, Zar.

—Dana!

—Silêncio! -uma das guardas gritou.

—Não! -ele avançou. —Dana!

Um estalo soou e ele foi arremessado para trás. Com um rugido Jase pulou para a mulher que tinha atirado, mas outro disparo o fez girar também.

Atordoados, a bile, subindo na garganta, Dana cobriu a distância facilmente, caindo de joelhos ao lado de Garret, e estendendo a mão para ele.

—Fique tranquila, -disse Zar. —Eles estavam simplesmente atordoados.

O movimento constante do peito musculoso assegurou Dana e ela encarou a Southlander.

—Se o tiver machucado, eu juro...

—Eles vão despertar em três ou quatro horas.

—Este lugar me adoece. Quando será o combate pela posse?

—No amanhecer.

—Isso é apenas em quatro horas! -Gera objetou.

Era tão tarde já?

—Muito bem. —o sarcasmo atava as palavras de Zar.

Gera corou.

Zar fez um gesto para os comerciantes inconscientes.

—Eles serão colocados nas celas de escravos até que despertem. Sugiro que você descanse um pouco. Você vai precisar.

Dana nivelou o olhar ameaçador para as guardas que avançavam, e elas pararam imediatamente.

—Meus amigos ficam comigo.

—Não seja tola, -Zar voltou calmamente. —Eu posso ter você e eles mortos agora. Seja grata, eu sou honesta o suficiente para oferecer a você a escolha de lutar por eles.

—E se eu ganhar? Você será honesta o suficiente para nos libertar?

—Independentemente do que você pensa guerreira, eu vivo pela lei.

Eu vivo pela lei. Um pensamento ocorreu de repente a Dana.
Esta pode ser sua única chance.

—Então, se vou lutar por meus amigos, escolho lutar pela posse de Rominac também.

—Não! -Gera rugiu. —Não, não é possível! Não é permitido! Não...

Zar estreitou os olhos para Dana.

—Qual é o seu jogo, guerreira?

—É meu assunto. Se a lei diz que posso lutar pela posse de qualquer homem, então luto pelos três. Meus dois amigos e Rominac.

—Sua puta presunçosa! -Gera avançou.

—Espere! -agarrando o ombro da escravagista, Zar puxou a um impasse. —É a lei, Gera.

—Mas...

—Basta! Essa coisa toda esgotou minha paciência! -Zar serrou a mandíbula. —Muito bem, Dana, você tem o direito de lutar pelos três homens. Agora passe para trás. As guardas vão chamar os escravos para levar seus amigos.

Precisaram de oito escravos, suando e gemendo sob o peso dos corpos, para transportar os comerciantes. Frustrada, tudo o que pode fazer foi assistir. Em poucos minutos ela estava sozinha, três guardas do lado de fora e outras três na janela.

Em quatro horas, lutaria pela liberdade dos Daamens, Rominac, e sem dúvida por sua própria vida, porque não iria embora sem eles, ganhando ou perdendo. Dana serrou a mandíbula e flexionou os dedos. Iria combater com a escravagista, mas de alguma forma não achava que seria fácil. Zar tinha alguma coisa em sua manga.



Com um gemido Garret acordou, sentindo-se grogue. Cautelosamente tocando sua têmpora, ele massageava sua dor de cabeça.

Uma brisa fria derivava por entre as barras da jaula. *Jaula?* Em um flash, a memória voltou, e ele ficou na posição vertical. Estava em uma gaiola feita de barras de ferro, situada dentro de uma parede de pedra circular que ficava vinte metros de altura e cercada de uma arena enorme, redonda. O chão era nada além de sujeira.

A arena estava deserta. Ele olhou através das grades para ver um palanque coberto com um dossel por trás da parede à sua esquerda. Indo pelos trilhos que corriam ao redor do topo da parede, bancos elevados circulavam a parede, de modo que as pessoas pudessem testemunhar a batalha.

Onde estava todo mundo? A escuridão da manhã mostrou que era madrugada. *A apropriação pelo combate. Quando?*

—Garret? -tremendo e piscando os olhos, Jase se levantou.
—Onde o inferno nós estamos?

—Este deve ser o lugar onde Dana vai lutar.

—Se ela é lutar com Gera, não há nenhum problema, meu amigo. Nossa moça Reeka pode enxugar o chão com ela.

—Ela não deveria ter que lutar por nós! E se ela se machucar?

—Eu sei. Ela deveria ter saído e retornado com a ajuda mais tarde.

Garret estudou a gaiola.

—Eu não posso ver nenhuma fechadura. Olhe. Temos que sair daqui, resgatar Dana e Rominac, e correr como o inferno!

Uma busca apressada, mas completa se encontrou com nenhum sucesso.

—Que inferno! -Garret sacudiu as barras com raiva frustrada então deu um chute selvagem nelas. —Malditos escravos de manutenção, deviam mandar essas cadelas de volta para o inferno!

Um movimento súbito chamou sua atenção, e ele olhou em direção ao portão de madeira se abrindo, não muito longe a partir da gaiola. Jase veio ficar ao seu lado, juntos, viram Zar e Gera entrarem, falando suavemente.

—Gera parece mais calma esta manhã, -Jase observou.

—Sim e isso me preocupa. -Garret levantou a sua voz.
—Southlander!

Zar olhou todo para eles.

—Ah, vejo que vocês dois estão despertos. -ela se aproximou calmamente, parando ao alcance do braço.

—Onde está Dana?

—Ela está vindo. Você realmente tem sorte de ter uma amiga tão fiel.

—Nós temos, e é por isso peço para parar esse combate.

—Parar com isso? -uma sobrancelha arqueada em leve surpresa. —Vocês desejam ser nossos escravos?

As grandes mãos seguraram as barras firmemente.

—Não, mas eu prefiro isso que ver Dana se machucar.

—Ela escolheu.

Os nós dos dedos clarearam.

—Você pode pará-la.

—Eu não vou. Ela escolheu, e em Southland, as mulheres têm a escolha.

—Isso é loucura! Deixe-me lutar contra um ou mais dos seus escravos, em seu lugar!

—Você não diz isto, Daamen. Só rezo para que sua amiga ganhe este combate, ou, -ela fez um gesto para Gera esperando no portão: —A escravagista será a dona de vocês.

—Ouça-me agora, Southlander, -ele rosnou. —Se alguma coisa acontecer com Dana, irei matar você e sua escravagista!

A surpresa se registrando sobre o rosto frio.

—Matar uma mulher, ou qualquer um, não é assunto incomum para sua raça?

—Pense o que quiser, mas é melhor começar a rezar para que ela não se mate, porque eu juro, não haverá lugar algum que você possa se esconder de mim!

Apesar de escondê-lo, Zar ficou aliviada que a grossa barra de ferro a separasse do gigante. Tensão e fúria deixavam seu belo rosto perigoso, e os músculos rígidos em seus braços flexionados, enquanto suas mãos seguravam as barras.

—Ele não estará sozinho nessa, -Jase olhou para ela.

Virando-se, ela caminhou de volta para Gera, falando quando ela se aproximava: —Você foi uma tola por não colocar coleiras de obediência de volta nesses Daamens enquanto eles estavam inconscientes.

—Vai ser mais divertido vê-los com raiva, enquanto sua amiga guerreira é batida.

Os olhos de Zar se estreitaram.

—Se ela morrer, eles vão nos despedaçar.

A escravagista sorriu.

—Oh, ela vai morrer, não duvido disso. Ela tem que morrer, para não sair daqui com esses homens.

—Espero que você saiba o que está fazendo. Garret pessoalmente irá matá-la sem o mínimo receio, dado uma chance. Eu vi isso em seus olhos.

—Você se preocupa demais. Uma vez que ela esteja morta, nós vamos desnorteá-los e encoleirar os Daamens.

Sombriamente, Zar olhava a jaula menor que estava sendo levada para a arena.

—Onde você o quer? -a mulher dirigindo a gaiola, perguntou.

—Ao lado dos outros dois. Afinal, ela luta pelo os três.

Gera fez uma careta.

—Você não deveria ter permitido que a cadela reivindicasse Rominac também.

—Ela tem o direito sob a lei de combate. Ela pode lutar por quantos homens ela escolher.

Com um encolher de ombros de nojo, a escravagista se virou.

—Não vai demorar muito e ela vai estar morta, de qualquer maneira. Não perdemos nada.

As mulheres começaram a chegar, conversando animadamente. Suas jaquetas e calças prateadas brilhavam devido à luz do amanhecer.

Tomando os bancos elevados por detrás do muro, elas olharam para dentro da arena.

Um alarme soou e um silêncio caiu sobre a multidão. Todos os olhos se voltaram para o portão de metal pesado no lado mais distante da arena quando se abriu e uma figura solitária entrou na arena. A luz do sol nascente caía sobre o cabelo loiro mexendo suavemente com a brisa. A guerreira ficou reta e alta, olhando calmamente sobre o lugar, com sua visão sobre a líder das

Southlanders, sentada em uma cadeira em cima do palanque oposto.

Sem hesitar Dana avançou, suas longas pernas graciosamente cobriram a distância, cada passo forte e certo. Ela notou as gaiolas que continham os homens, mas manteve sua atenção voltada para Zar. Finalmente, rompeu vinte metros do muro. Vestida em seus trajes de guerreira, seus olhos duros e o rosto triste, ela era uma vista formidável para as Southlanders muito menores.

—Eu estou aqui, Zar. -as palavras eram claras no frio ar da manhã.

—Então eu vejo. -em pé, ela falou em voz alta. —Todo mundo aqui é testemunha do fato de que você concordou com a Posse pelo Combate. Você ainda deseja continuar?

Impaciência piscou através de Dana.

—Eu detesto cerimônia e pompa. Vamos continuar com isto.

Um leve sorriso de diversão curvou as linhas duras do rosto da Southlander.

—Muito bem. É admissível para os combatentes escolher um substituto para lutar por eles, se eles assim o desejarem. Sua oponente, -ela fez um gesto para Gera-, optou por um substituto. Você deseja o mesmo?

O desprezo encheu Dana.

—Você não vai lutar comigo, escravagista?

—Eu escolhi um substituto. -Gera deu de ombros.

—Você escolheu uma maneira covarde de cair fora. -as palavras desdenhosas cortaram através do ar e foram saudadas com um rugido de aprovação pelas observadoras.

Fez-se silêncio quando Zar levantou a mão.

—A escolhida por Gera é forte. Poderia muito bem estar em uma batalha até a morte.

—Assim seja, -foi à resposta rápida.

Da gaiola, Garret amaldiçoou.

—Que inferno, Dana! Não!

Não houve indicação de que ela o ouviu.

—Você escolhe lutar, guerreira?

—Eu luto minhas próprias batalhas. Vamos começar.

Zar hesitou, então disse severamente: —Você pode desejar de maneira diferente quando você vir quem luta com você. Eu acho que sobre...

Um rugido profundo, gritando de raiva cortou suas palavras. Um baque forte soou por trás do metal fechado dos portões, seguido pelo som de mulheres entre juras e imprecações, um crepitar de fogo de laser e do estalo duro de um chicote.

Vendo o horror emocionado registrado nos rostos das observadoras, um arrepio percorreu a espinha de Garret no murmurar que surgiu.

—A besta mutante!

—Gera escolheu a besta!

—A Reeka está morta!

—Merda! -Garret jurou. —Dana!

Com expressão ilegível, ela manteve seu olhar sobre o portão de metal.

—Dana, não lute contra isso! Eu vou fazer isso! Escolha-me!

Virando-se, ela olhou para Zar.

—Então, você ouviu o que você está enfrentando, guerreira. Confie em mim, ela é a pior a enfrentar, -Zar esperou em silêncio.

—Maldição, Dana! -Jase agarrou as barras, rosto pálido quando o bramido ressuscitou. —Escolha um de nós!

Impassível, Dana perguntou: —Estou autorizada a combater?

Pela primeira vez Garret notou que a habitual e espada laser não estava amarradas ao seu corpo.

—Maldição do inferno! Fale comigo, moça!

—Talvez você devesse falar com seus amigos, guerreira, -Gera zombou. —Enquanto você ainda pode!

A sobrancelha arqueada de Dana demonstrava desprezo e Gera cerrou os punhos. O insulto silencioso cortou mais profundo do que as palavras, especialmente quando um rincho varreu as observadoras.

Outro rugido rasgou o ar e uma mulher apareceu ao lado de Zar, falando baixo.

Balançando a cabeça, ela se empertigou.

—Seu oponente está impaciente. Sua decisão. Se optar por lutar, você poderá fazê-lo apenas com esse cajado. -ela jogou um cajado grosso, enquanto Dana se mantinha ereta, por cima do muro para terra aos seus pés. —Três escolhas, última chance. Combata, substitua escolhendo alguém para lutar por você, ou perca e entregue os homens para a escravagista.

—Maldita seja, Dana! Eu vou lutar contra isso! -as barras de ferro agitavam de forma alarmante.

Um sorriso cruel torcia os lábios de Gera.

—Sua mulher luta por você, macho. Como é a sensação de ser tão indefeso?

Zar olhou o inquieto Daamen furioso.

—Eu sugiro que você fale com eles, guerreira, então, eu ouvirei sua escolha.

Por alguns segundos Dana parou. Ela estava pronta para lutar, não falar, para o que seria bom fazer? Garret só tentaria convencê-la de sua escolha para lutar.

O portão de metal estremeceu sob o ataque de quem estava sendo mantido por trás dele, e maldições enchiam o ar junto com gritos de “Apreste-se!” A adrenalina começou a bombear através de suas veias, aguçando seus sentidos, uma sensação familiar, antes da batalha.

E possível morte.

Foi o último pensamento que finalmente a fez se voltar e abordar a gaiola, parando diante de Garret e Jase.

—Você tem que sair! -Garret disse urgentemente.

—Não.

—Você vai ser morta! Deixar-nos, você pode voltar mais tarde!

—Pode ser tarde demais para você até lá. Minha decisão está mantida.

—Eu lhe peço, moça, por favor!

—Não posso fazer isso. Sou Reeka e nunca fugiria do nosso dever.

—Dever? -ele quase rosnou em frustrado. —Se matar é um dever? Pelo amor de Deus, Dana, não faça isso!

Lentamente, ela recuou.

—Não tenho escolha.

Ele podia vê-la mentalmente deslizando para o modo de lutar das Reeka, seus olhos endureceram e tornando-se distantes, a retirada de pessoas ao seu redor.

—Por favor, Dana minha vida não vai valer a pena se você morrer! Vá em segurança!

—Se eu morrer, comerciantes, e vocês dois voltarem para casa, digam para as minhas primas que eu as amo. —ela hesitou e seu olhar demoradamente parou em Garret. —Garret, eu... -hesitou e

suspirou. —Não se preocupe. O que quer que aconteça, tome cuidado.

Ele a olhou se voltar e a passos largos ir para longe, sabendo que ela dispersou seus pensamentos. Mantendo o seu olhar fixo nela, ele começou a orar em silêncio.

—Sua escolha, guerreira. -Zar esperou.

Pegando a arma, Dana pesou em sua mão.

—Eu luto.

O triunfo brilhava nos olhos de Gera.

—Então não há necessidade de perder mais tempo. Prepare-se.

Zar gritou: —Deixe o combate pela propriedade começar! Abram o portão!

Dana se virou para olhar o balanço do portão, lentamente sendo aberto no lado oposto da arena. Um silêncio sepulcral caiu sobre as Southlanders, um ar de expectativa, tremendo, invisível, mas sentida. Cada olhar estava no portão de metal.

De repente, ele foi empurrado e aberto, um urro rasgou o ar. Uma figura entrou na arena. As observadoras recuaram com a visão do mutante monstruoso que entrou em uma corrida pesada.

Oh, merda. Um espiral frio torceu sua espinha.

Garret e Jase olhavam com horror.

Gera riu em voz alta.

O mutante virou a cabeça ao som da escravagista, e Dana viu-se olhando para um monstro mutante que tinha visto apenas uma vez antes, nos calabouços dos Inkas, vários anos antes. Nesse tempo, ela e as suas guerreiras irmãs, teriam morrido se os comerciantes Daamen não as houvessem encontrado e entrado na luta. Precisou de quatro Reekas e seis comerciantes para matar os dois mutantes. Mas ela enfrentaria este sozinha. Ela estava olhando direto para a morte... *e era feia.*

O mutante tinha facilmente três metros de altura, sua cabeça disforme e careca, era marcada com cicatrizes e inchaços. Olhos injetados de sangue a olharam com malevolência e do nariz, que tinha apenas uma narina e a outra apenas um buraco escancarado. Uma boca cheia e irregular, com dentes quebrados, e babava lodo. Braços enormes pendurados, as mãos tendo apenas três dedos com garras em cada dedo. As calças esfarrapadas mal cobriam as pernas, que dobraram para fora.

Querido Deus, certamente Dana não venceria o mutante?

Garret estremeceu quando lembrou de invadir o calabouço para vê-la inconsciente no chão de sangue e membros espalhados, suas primas feridas nas garras de mutantes, tais como esta. Ela estava sozinha e agora ele não tinha dúvidas de que seria morta.

Com horror, viu a besta prender o olhar sobre ela e começou a andar. Com igual horror a viu curvar a vara horizontalmente diante dela e correr para o mutante.

As Southlanders assistiam com admiração quando correu direto para o mutante monstruoso. Elas esperavam que ela gritasse e corresse com a visão de seu oponente, não que levantasse o cajado e fosse, sem medo de enfrentá-lo.

Não havia nenhum ponto de tentar evitá-lo, ela sabia. Tinha apenas que cansá-lo e fazer-lhe um alvo fácil. Não, melhor enfrentá-lo, faze-lo lutar e vê-lo com mais, de uma forma ou de outra. Não suportava outro pensamento agora. Não morrer, embora ela certamente não quisesse, mas o pensamento de Garret ser um escravo, a impulsionou a avançar. O resultado da luta era a liberdade ou a escravidão. Mesmo se a ajuda viesse, Gera não hesitaria em matá-los. Sua liberdade dependia dela, mas no fundo de seu coração, temia que falhasse com todos eles. Mas não era momento de refletir sobre isso.

Com os olhos brilhando insanamente, o mutante aproximou-se rapidamente e estendeu a mão para ela. Com um forte impulso de suas pernas ela se lançou rapidamente. Riscando com o calcanhar, pegou no lado da sua cabeça, jogando-a para trás, enquanto se atirava para o lado.

Rapidamente rolou sobre seus pés, a tempo de ver o mutante se levantando, com a raiva contorcendo seu rosto. Ele se arrastou para frente, de novo, e dessa vez ela bateu com o bastão, quebrando-o em sua têmpora e fazendo com que ele cambaleasse. Após isso, bateu com o bastão em sua garganta, uma, duas, três

vezes, em seguida, empurrou o bastão duramente em seu estômago.

Desta vez, não cambaleando, mas com um movimento rápido, pegou o bastão e puxou. Vendo a intenção, Dana largou, permitindo que o impulso fizesse o mutante tropeçar de volta. Enquanto ele estava sem equilíbrio, ela avançou para o lado para chutar na parte de trás de um joelho. Com um grunhido de surpresa, ele caiu para trás. Rapidamente ela bateu a bota com força em sua garganta, um golpe fatal para qualquer pessoa normal. Um fim para qualquer luta.

Não era o fim desta. Sem levar em conta a guerreira inclinada sobre ele com o pé pressionado em sua garganta, o mutante se empurrou com força inacreditável. Dana foi jogada ao chão.

—Não! -Garret soprou, agarrando as barras da jaula e sacudindo-as violentamente. —Levante! Levante!

—Vai para ela! -Jase gemeu.

Ela virou a tempo de evitar que o pé grande batesse em seu rosto, lutando para ficar em pé, apenas para ser jogada ao chão por um enorme e doloroso golpe nas costas. Antes que pudesse pegar mais fôlego, uma mão de garras emaranhou em seus cabelos e puxou-o dolorosamente. Era como se um milhão de agulhas estivessem cavando em seu couro cabeludo.

Ela foi girada ao redor desajeitadamente, com a cabeça inclinando para o lado. A força do golpe quase a fez perder a consciência, mas impiedosamente se agarrou a consciência.

-Zar, me deixe sair! -Garret rugiu. —Ela vai ser morta!

—É a sua escolha.

—Vá para o inferno! -um punho maciço bateu nas barras, impotente.

Com um encolher de ombros, Zar repudiou seus pensamentos e voltou sua atenção para as figuras que lutavam na arena.

Garret voltou seu olhar torturado de volta para a guerreira nas garras da mutante. *Se ela morrer...*

Alcançando-se com ambas as mãos, Dana agarrou os braços do mutante, usando-os para se puxar para cima, enquanto chutava a perna para fora e para cima entre as coxas do mutante. Com satisfação, ela ouviu um triturar.

Ele gritou de dor e soltou o seu cabelo, mas a sua outra mão agarrou seu pescoço e a levantou no ar, asfixiando-a, ela desesperadamente trouxe a perna para cima e bateu o pé no rosto dele.

Isso teve o efeito desejado de libertá-la, mas o resultado a deixou sem fôlego. O mutante jogou-a contra o muro de pedra. Ela quicou como uma boneca de trapos e caiu no chão. Tossindo e ofegante, sabia que tinha que se distanciar do mutante, para tentar recuperar a força. Se não... bem, não suportaria pensar de qualquer maneira.

As Southlanders aplaudindo animadas encheram os seus ouvidos e ela levantou dolorosamente, tentando ver onde o mutante estava.

Capítulo 9

Ele estava avançando lentamente, as mãos em garras, estendidas perigosamente.

Se arrastando, tomando respirações profundas, ela se afastou. Vendo o bastão pelo canto do olho, se lançou para baixo para pegá-lo, em seguida, mediu a distância entre ela e o mutante, que avançava rapidamente.

Usando o cajado como um apoio, bateu a ponta no solo e se empurrou de encontro a ele, levantando-se no ar, para cima e sobre a cabeça do mutante, para pousar sobre os seus pés, por trás dele. Girando, saltou sobre ele, de volta, segurando o cajado em ambas as mãos e batendo sob seu queixo, esmagando-o contra a sua garganta.

As Southlanders festejaram intensamente, agitando os braços e batendo os pés em encorajamento. Para o mutante ou a Reeka, os comerciantes assistiram, sem ter muita certeza.

—Morra, seu desgraçado, morra! -Garret rangeu entre os dentes cerrados.

—Mate-o, Dana! -Jase gritou.

Com toda a força, ela puxou o cajado, apoiando um joelho contra as costas do mutante. A esperança a encheu quando sentiu que cambaleava, mas foi rapidamente frustrada pelos longos braços que serpenteavam para trás em um ângulo impossível, uma mão

passou raspando para baixo de seu antebraço e deixando cortes sangrentos em seu caminho.

Ela não sentiu a dor. O que ela sentiu foi as mãos com garras se fixando em seus braços, levantando-a e puxando sobre sua cabeça, e enviá-la dando cambalhotas no ar para bater no chão em frente da gaiola que aprisionava os seus amigos.

Se agachando, Garret estendeu a mão, mas não importava quanto ele tentasse, não podia chegar longe o suficiente para tocá-la.

Ficando parado, o mutante olhou-a com olhos brilhantes.

Desesperadamente Garret chamou a guerreira caída.

—Dana, levante-se! Você deve se levantar! Droga, Dana!

Jase assistiu o mutante.

—Vai iniciar este caminho a qualquer segundo! *Levante-se!*

Com o coração na garganta, Garret viu a cabeça loura agitar e levantar. Os olhos castanhos fixos sobre ele groguemente e a angústia o inundou. O sangue estava escorrendo ao lado de sua cabeça, seu lábio inferior macio foi dividido e sangue dos cortes nos braços escoava para fora das feridas. Sangue e poeira se apegaram a ela.

—Levante! -ele ordenou com urgência.

Cuspindo sangue, ela se empurrou para cima, ficando de joelhos. Por vários segundos de duração, o grande comerciante

angustiado e a guerreira sangrando, olharam um para o outro, então Dana agarrou as barras da jaula e se levantou.

Virando, viu o mutante iniciar, novamente, uma corrida para ela. Baseando-se em sua força e treinamento, se desligando da dor, ela se esquivou de seus braços. Correu de volta para o bastão, o pegou, e se virou para enfrentar o mutante, procurando desesperadamente por uma fraqueza.

Além de entre as pernas, nenhuma outra área pareceu estar vulnerável. Ela conseguiu manter-se fora do alcance, mas sabia que era só uma questão de minutos antes que colidissem juntos.

Em frustração ele gritou e ergueu os braços, sacudindo as garras enormes. Sob os braços era vulnerável para pessoas. Ela poderia apenas orar que fosse o mesmo para o mutante. Levantando o bastão, ela correu para frente e dirigiu o fundo e dentro de sua axila.

Ele gritou, de raiva e dor, seus olhos brilhando de fúria, e a esperança a encheu. Outro ponto fraco. Inclinando-se no bastão, ela forçou para dentro.

O sangue escorreu para baixo, pelo bastão e pingava no chão.

Ela empurrou de novo, forçando o mutante para trás. Ele esticou para frente e empurrou contra ela, o suor deslizando em sua testa e ardendo nos olhos.

De repente, sua outra mão cortou bruscamente no bastão, quebrando-o ao meio, e ela cambaleou para frente em suas garras a espera. Ele passou sobre o seu peito, deixando sulcos sangrentos

de dor, antes de pegar o cinto largo na cintura e levantando-a no ar, agitou-a como um pedaço de pano.

Meio enlouquecido de dor e frustração, Garret rugiu, incapaz de ir para o resgate da moça que ele amava. Segurando as barras, ele tentou separá-los, seus músculos enormes se estendendo. Agarrando as barras abaixo de seu amigo, Jase acrescentou sua própria força e o ferro, na verdade, começou a dobrar ligeiramente. Mas não o suficiente.

Através da névoa de fúria que ele sentia, Garret viu Dana chutar para fora do mutante, viu que a outra garra capturou em torno de seu tornozelo e torceu ferozmente, ao mesmo tempo que ia jogá-la fora.

Agonia percorria suas veias como mercúrio, atirando para cima de seu tornozelo. *Teria quebrado?* Ela não podia pensar nisso, tinha que tentar bloquear a dor.

A sombra do mutante caiu sobre ela e ela se mexeu para trás, a quente dor latejando através da ferida no tornozelo. Seu cotovelo desembarcou na extremidade quebrada do bastão e ela puxou-o para cima, só para tê-lo chutado de sua mão com uma força que deixou seu braço formigando loucamente. A dor de seu tornozelo se juntou com a de sua mão quando um pé enorme bateu violentamente para baixo para cair na sujeira.

Freneticamente ela agarrou o tornozelo do mutante, as unhas curtas raspavam inofensivas na pele coriácea.

Em pé nas arquibancadas, Gera sorriu ansiosamente, a crueldade estampada em suas feições. *Este foi o fim da puta Reeka!* Seus olhos foram para a gaiola e ela riu em voz alta. Os comerciantes estavam ficando selvagens, agitando e puxando as barras. O de cabelos castanhos estava gritando para Dana não desistir, e gritando com Zar para libertá-lo. Como ela gostava de assistir todos eles sofrerem! Voltando sua atenção para a batalha, esperou para que a vida escorresse da guerreira para o lixo.

Agarrando o maior dedo do pé do mutante, Dana sacudiu-o drasticamente, gratificada ao ouvir o osso romper e sentir o pé arrancado, liberando a mão dela. Forçando seu corpo arruinado de dor, ela se forçou a ficar de joelhos, então, sentiu os braços do mutante a envolverem e puxá-la para cima, mais e mais, até que ele segurou-a contra peito. Ele começou a apertar.

Oh, Deus, a agonia! Suas costelas pareciam que estavam rachando e a pressão cresceu de forma constante. Ela socou para fora, mas sem sucesso, ele só vacilou quando ela roçou os dedos em seus olhos. O bastão quebrado ainda estava preso por baixo de sua axila e raspou sua coxa. Os pontos pretos dançando diante seus olhos, ela pegou o bastão e puxou-o para fora, liberando o sangue que jorrou.

Ninguém viu os portões perto de gaiolas dos prisioneiros se abrirem para admitir duas figuras gigantes com lasers na mão, todos os olhos estavam voltados para o bastão nas mãos erguidas da guerreira.

Olhando para cima, os olhos do mutante se arregalaram, quando a ponta irregular do bastão foi empurrada para baixo. Ela afundou no seu olho, perfurando através do osso, cortando através do cérebro e saiu do outro lado do crânio deformado. Ele gritou.

Mantendo o aperto do bastão, Dana empurrou bruscamente, torcendo a cabeça do mutante em torno com a força da resistência e o bastão perfurando seu crânio. Um estalo soou como quebrou o pescoço e o mutante gritou, parando abruptamente.

O silêncio foi quase ensurdecedor na sua intensidade chocada. O mutante parou, seus braços relaxaram, e a guerreira caiu exausta no pó. Lentamente, ele caiu para trás, aterrissando com um baque dissonante no chão.

Arrastando-se de joelhos, Dana olhou-o, cansada. *Isto estava morto?* Nenhum movimento veio de seu peito e ela sabia que tinha feito o inacreditável.

Sozinha, ela tinha matado o mutante.

Com um braço envolvendo em torno de suas costelas doloridas, ela levantou a cabeça, com dor e olhos vidrados, ela procurou a líder Southland.

Zar estava com Gera amaldiçoando ao seu lado. Atrás deles estava um gigante com brilhantes cachos negros retidos por uma bandana vermelha.

Cam.

Ela não queria pensar em como ele chegou lá. Se ele estava aqui, isso significava que Simon e Red... Sim, Simon estava em pé ao lado da gaiola, abrindo-a de alguma forma.

Red estava correndo em direção a ela.

Será que eles não sabiam como estavam em perigo? Gemendo, ela lentamente começou a levantar.

—Red, volte!

Ele não vacilou, mas se manteve vindo, com sombria determinação em seu rosto.

Sua visão estava embaçando e ela cambaleou para trás, mas pela força de vontade, ficou em pé. Ela não podia ceder ao esquecimento abençoado ainda, ou tudo poderia ser perdido. Talvez isso já estivesse perdido, já que confiar nas Southlanders, ela temia, seria um sério equívoco.

Em seguida, braços fortes estavam ao redor dela, segurando-a perto, em um abraço de sustentação, e voz profunda de Red falou suavemente e com raiva.

—Moça, você está bem? Que inferno!

Mais vozes e os braços foram substituídos por outros braços fortes, tão quente e familiar, o limpo perfume masculino enchendo suas narinas. Derrubar a cabeça para trás, ela se concentrou nas tensas e belas feições acima dela. *Garret.*

Dando de uma respiração profunda e dolorosa, ela sussurrou:
—Me dê seu braço para me apoiar, e ande comigo até Zar.

—Andar? Você está louca? Você mal consegue ficar em pé.

—Caminhe comigo. -quando uma onda de dor a percorreu, ela cerrou os dentes. —Não mostre fraqueza ao inimigo, Garret. Você deve andar comigo!

—Eu vou levar você.

—Não! Essa luta foi um teste de força. Não deve ser desperdiçado ou tudo estará perdido. Sou uma guerreira Reeka. Não me deixe envergonhar a minha raça. Ajude-me.

O fundamento rasgou através dele. Balançando em seus braços, sangrando, bonita e orgulhosa, estava uma guerreira. Ela precisava dele, seu apoio e força. Sua ajuda. Lentamente, ele balançou a cabeça e virou.

—Me liberte e me dê o seu braço, -ela ordenou em voz baixa.

Silenciosamente, ele fez como ordenado e sua mão trêmula foi colocada sobre a sua pele quente. Ele sofria para pega-la em seus braços, para levá-la para a segurança e cuidar de suas feridas. Ele não fez nada disso. Ao invés disso, ele caminhou lentamente ao lado ela, levando-a para o outro lado da arena.

Red caiu para trás e viu que Simon estava com seu laser dirigido para uma das guardas Southland de Rominac, ao lado dele.

Chegando a uma parada antes do estrado na parede, Dana olhou para Zar. Cam estava severamente por trás de Gera e com seu laser apontado sobre elas.

—Vejo que mais de seus amigos chegaram, -Zar disse firmemente.

—Eu lutei com a besta mutante e ganhei. Você assegura a sua palavra?

Gera interrompeu furiosamente.

—Mais homens chegaram, guerreira! As coisas mudaram!

—Bom, Zar? Ganhei a propriedade pelo combate. Por sua lei, somos livres para ir, não é mesmo?

Seu rosto estava ilegível.

—Sim, você e seus amigos são livres.

—E os outros três homens? -Gera rosnou. —Eles não foram incluídos neste combate! Eles são...

Cam pressionou o laser em sua têmpora.

—Dana lutou e venceu. Nós todos sair.

—Você não vai puxar o gatilho, Daamen! Não é o caminho da sua raça!

Seu sorriso gelado a vigiava.

—Todo mundo pressupõe tanto sobre nós. Se sim, então nós também somos conhecidos por mantermos o que é nosso, e fazemos o que for preciso para mantê-los assim.

Um arrepio passou por Gera e ela engoliu. Zar endureceu e as Southlanders se agitaram, inquietas.

—Você podem ser todos mortos com uma palavra minha, -Zar informou a Cam.

—E algumas de vocês vão morrer conosco, afirmou uma voz fria, abaixo deles.

Ela olhou para baixo, para os olhos cinzentos queimando e sabia que o comerciante gigante sobre o qual se inclinava Dana falava a verdade. Atrás deles, viu outro Daamen com longo cabelo vermelho e selvagem, o laser destinado direto para ela. Para a direita estava Jase com um laser destinado a uma das guardas.

Seus olhos voltaram para a guerreira ferida, em pé abaixo dela.

—Vocês são todos livres para ir.

—Não! -Gera chorou. —Você não pode...

Irada, Zar rodou para a escravagista.

—Basta! Falei e a lei será cumprida! Você não vai me questionar outra vez!

Com fúria fervendo em seus olhos, Gera apertou os lábios e diminuiu.

—Claro, você vai querer nos acompanhars até o nosso navio. - Cam sorriu sem humor. —Está ancorado apenas do lado de fora de sua linda cidade.

Zar não era tola.

—Eu entendo.

As Southlanders recuaram, para abrir caminho para a sua líder e os Daamen perigosos que andavam atrás ela. Uma vez no chão fora da parede, eles se juntaram com Simon, Red, Rominac, Garret e Dana.

As Southlanders os seguiam à distância.

A caminhada foi torturante para Dana. Cada parte do seu corpo latejava e doía, enquanto seu braço sentia como se estivesse queimando, e seu tornozelo enviado dores através de sua perna. Mas não mostrou expressão em seu rosto empoeirado e sangrento. A única indicação de que ela sentia algo, era o aperto da mão no braço de Garret, e o fato de que se inclinava sobre ele mais do que parecia. Foi com alívio quando o navio entrou em vista.

Uma vez lá, Cam se dirigiu a Zar: —Você pode parar aqui.

Confusa e cautelosa, ela fez como ordenado, Simon levou Rominac para a proteção da barreira invisível que rodeava o navio. Red e Cam só se moveram para a proteção, quando Garret e Dana estavam seguros dentro dos limites.

Dana olhou para Zar.

—Eu diria que foi um prazer conhecer você, mas estaria mentindo.

—Eu entendo, guerreira.

Por alguns segundos, elas se estudaram, uma a outra.

—Em outras circunstâncias, Zar...

—Nós poderíamos ter sido amigas, -ela terminou e seu aceno era quase triste. —Tome cuidado, guerreira.

Garret levou Dana até a rampa, seguindo os seus amigos e Rominac. Uma vez dentro, Cam puxou a alavanca e subiu a rampa suave e selada.

—Garret. -a palavra era um sussurro.

—Sim, moça, eu estou aqui. -a resposta foi profunda e suave, o braço deslizou em volta da sua cintura, forte e reconfortante.

Uma névoa negra encheu a sua visão e ela balançava contra o comerciante.

—Acho que... Acho que vou desmaiar. -inclinando-se contra ele, apoiou o tornozelo dolorido no chão. —Fale comigo, não me deixe fraquejar.

Ele a pegou em seus braços, aconchegou-a contra ele e sua voz estava estranhamente grossa.

—Você tem sido forte o suficiente, doce moça. Agora é hora de descansar.

A cabeça loira descansou contra o seu peito, logo abaixo do queixo e seu sangue manchava sua pele e colete. Quando ele a segurou, o sangue pingou fora os dedos de seu braço ferido para cair no chão. Ela ficou em silêncio, permitindo-se relaxar.

Assim que a plataforma elevatória parou no segundo andar, Red e Jase desceram e se dirigiu para a cabine controle.

—Vamos sair deste lugar sangrento! -Red agarrou.



Deitando Dana na cama, Garret alisou o cabelo para trás, estava manchado de vermelho, de seu rosto espancado e ferido.

Seus olhos se abriram para considerá-lo.

—Pareço muito mal, comerciante?

Seu coração se contraiu.

—Você sempre está linda para mim.

—Obviamente, não pareço tão ruim. -ela fechou os olhos novamente.

—Cam está pegando os primeiros socorros, moça. Vamos ver o que posso limpar durante este tempo.

Indo ao banheiro, molhou um pano para lavar o seu rosto e voltou a sentar ao lado dela na cama. Por um segundo ele não sabia por onde começar, porque o sangue cobria seu braço, peito e do lado da cabeça. Finalmente, ele limpou cuidadosamente o corte em sua têmpora, tentando limpar a sujeira incrustada. Com espanto, observou a sujeira misturada profundamente na ferida.

—Qual é a hesitação? -Dana abriu os olhos.

—Eu estou tentando limpar a sujeira.

Levantando a cabeça, ela olhou para baixo em seus ferimentos e gemeu silenciosamente. Levaria uma eternidade para a esponja tirar a sujeira. Havia apenas uma coisa para ele. Ela começou a se levantar sobre um cotovelo.

—O que você acha que está fazendo?

—Há muita sujeira endurecida para ser limpa. Isso precisa de água corrente.

—Vou cuidar disso, moça. —ele colocou as mãos em seus ombros. —Deite-se.

—Nós já passamos por isso no passado, não passamos? Lembre-se de nossas outras batalhas? Sempre que a minhas irmãs guerreiras e eu estávamos feridas, se a sujeira estava profundamente endurecida, nós lavamos com sabão para limpar os venenos de nossa pele e lavar a sujeira. Eu preciso fazer isso agora.

—Inferno, Dana, certamente não agora?

—A esponja só irá conduzir o veneno e bactérias ainda mais. Água corrente e sabão irão purificá-la. Você sabe que estou certa.

Droga.

—Garret?

Ele soltou um suspiro.

—Muito bem, mas eu estou levando você para o banheiro.

—Aceito, mas você não vai ficar lá comigo.

—E se você desmaiar?

—Eu vou gritar, não sou idiota. Agora vamos conseguir isto feito.

Cuidadosamente, ele a levou para o banheiro e a colocou sobre os seus pés no chuveiro.

Preocupado, ficou apenas fora da porta, escutando o som de suas roupas escorregando para o chão, o jato de água e seus silvos de dor.

—Moça, você está bem?

—Tudo bem. Muito bem.

A água e sabão são sangrentos de doídos. Ela rangeu os dentes, permitindo que o spray em cascata sobre seus ferimentos, lavasse a sujeira e o sangue para o ralo. Ensaboando e enxaguando, mais e mais, a cabeça nadou vertiginosamente.

Não que ela iria dizer a Garret, ou ele estaria lá, nua ou não. Finalmente, desligou a água e envolveu a toalha em torno de si, enxugando cuidadosamente nos cortes. Sentindo mais do que um pouco de tontura, ela saiu do banheiro.

Garret viu e levantou-a com cuidado para colocá-la na cama. Vendo seu rosto pálido, ele franziu a testa.

—Não, -disse ela, cansada. —Agora, eu simplesmente não conseguirei suportar as suas repreensões, advertências e ‘eu não disse a você’.

—Nada disso, moça. Eu só quero arrumar essas feridas e que você descanse. -seu sorriso era suave. As repreensões virão mais tarde.

—Mal posso esperar. -mais do que aliviada por estar mentindo, ela fechou os olhos.

Rápido e eficientemente, começou a cuidar de suas muitas feridas. Através de tudo isso ela ficou em silêncio, estudando-o debaixo de suas pestanas, mantendo sua mente fora da dor.

Os olhos cinzentos estavam focados em seus ferimentos. Para um homem que tinha cílios longos, no entanto, não perdia nada de sua masculinidade. Sua mandíbula estava firmemente estabelecida, seus lábios, normalmente sorrindo, comprimidos em concentração.

Seu olhar derivou para baixo, sobre a forte garganta e seu peito, e o subir e descer do músculo firme mostrado embaixo da frente aberta de seu colete. A flexão e movimento dos músculos em seus braços imitaram os movimentos das mãos grandes ministradoras de remédios em seu braço. Longos dedos com unhas curtas e limpas, botavam pomada nas marcas de garras, e alisava os remendos autoadesivos de forma segura através de suas feridas.

Voltando sua atenção para o ferimento na têmpora, Garret passou a estudá-lo atentamente.

Corando um pouco, ela se recusou desviar o olhar.

—As feridas não são profundas o suficiente para costurar?

—Eles sangram pior do que são, moça.

Secretamente, ficou aliviada. Sua cabeça estava retumbando agora, e seu peito e braço latejavam. A dor de ser costurada era algo que ela poderia passar sem, agora.

—Como é esta sensação? -delicadamente, ele tocou sua têmpora.

—Dói um pouco.

Seu olhar fixou com o dela, um pequeno sorriso curvando seus lábios.

—Um pouco?

—Um pouco.

—Você está feliz na medida em que não precisa de pontos, também. -ele aplicou antisséptico e um pequeno algodão, então cuidadosamente tomou a palma da mão lesionada na sua mão.

Um arrepio de calor foi direto de sua palma até o braço.

—Você pode mover os dedos? -ele olhou atentamente, enquanto ela cuidadosamente mexeu-os. —Eu não acho que nada está quebrado, mas está machucada. Vou amarrá-la por segurança, e para garantir que você não vá usá-la imediatamente.

—Tem muita fé em mim.

—Eu a conheço bem o suficiente, moça.

Uma vez terminado com a mão, tomou uma bandagem do kit e se deslocou para baixo do beliche, até que ele estivesse ao nível com o pé. Correndo uma mão sob seu tornozelo, levantou sua perna e

descansou-a sobre seu colo para que ele pudesse estudar o tornozelo inchado.

A dureza de suas coxas não foi perdida por ela e foi, de fato, bastante perturbador para os seus sentidos. *Ridículo*. Seu cérebro devia estar mais aturdido do que ela percebeu dos golpes do mutante.

Garret envolveu uma bandagem firme, mas não com força, ao redor do tornozelo inchado.

—Esta é uma entorse ruim, mas não está quebrado, felizmente para você.

—Você é muito adepto a isso.

—Muita prática. -ele amarrou o curativo.

Movendo-se no beliche, ele se inclinou para escovar delicadamente seu polegar ao longo de seu lábio macio inferior.

Ela fez uma careta.

—Seu lábio será ferido por um dia ou dois, mas vai curar. Além de hematomas e escoriações, moça, o pior de suas feridas foi atendido.

—Obrigado.

Seus olhos eram quentes, encontrando diretamente os dela. Quentes, preocupados e... algo mais. *Suaves*. Um flash de resposta quente varreu e inundou Dana, e aturdida, deixou cair seu olhar para a mandíbula firme.

Observando as sombras sob os olhos e a fadiga no rosto pálido, Garret não queria nada mais do que pegá-la em seus braços e abraçá-la apertado. Em vez disso, manteve sua mente em cuidar de seu bem-estar.

—Como você se sente agora? Existe qualquer outro lugar sangramento?

—Não. Eu me sinto como o inferno, mas ficarei bem depois de um descanso.

Ele se levantou para sair.

—Sim, isso você vai, moça. Deixarei você dormir e... -ele parou, franzindo a testa para baixo no beliche.

Ela se assustou quando ele passou os braços por baixo dela e levantou-a suavemente.

—O que há de errado?

—Moça, calma. Notei que o seu beliche está molhado de seu banho. Você não pode dormir com isso.

—Eu vou mudar os lençóis... Onde você está me levando?

Saindo da cabine, ele seguiu pelo corredor. A resposta ocorreu-lhe.

Cutucando a porta de sua cabine aberta com a bota, entrou e a deitou em sua cama.

Ela começou a protestar.

—Não. -Garret levantou a mão. —Você vai dormir aqui, por agora, moça.

Seu perfume masculino limpo subia das cobertas, reconfortante e quente. Ela se viu afundando sobre o travesseiro sem novos protestos, de repente, cansada, e querendo apenas descansar. Cercada por seu perfume. Segura.

Agitando a coberta aberta deitado dobrada no final do beliche, Garret colocou sobre ela, e enfiou gentilmente sob o queixo.

—Descanse bem, moça doce.

Já seus olhos se fechavam como ela murmurou: —Onde você vai dormir?

Seu sorriso era carinhosamente torto.

—Não preocupe sua mente, moça, -se inclinando, ele apertou um beijo carinhoso em sua testa.

Exausta, ela finalmente cedeu à demanda de seu corpo maltratado, e buscou o poder de cura do sono.

Até o momento que Garret chegou à porta, ela estava dormindo, confortável e segura em seu beliche.



No corredor, ele encontrou Simon.

—Como vai Rominac?

—Ele está na cabine de jantar, à espera para falar com você.

—Ótimo. Estou curioso para conhecer este irmão de Dana.

Quando entraram, ele viu que não era o único curioso, pois seus amigos já estavam lá conversando para o Northlander.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Red perguntou:

—Como está a moça?

—Adormecida. -ele esfregou os olhos, de repente cansado, quando a tensão que o enchia, lentamente foi drenada.

—Seus ferimentos? -Jase perguntou.

Ele se sentou à mesa.

—Ela perdeu muito sangue, têm alguns cortes desagradáveis, uma mão machucada e um tornozelo gravemente torcido. Não vai ter nenhuma luta por um tempo, -vendo a sua preocupação, acrescentou-, a moça só precisa descansar. Ela vai ficar bem.

Aliviados, os comerciantes concordaram.

Red colocou uma caneca de cerveja forte diante dele.

—Eu configurei o curso de Northland, tudo bem?

—Excelente. Tomando vários bocados de cerveja, ele saboreou o gosto com prazer. —Eu precisava disso!

—O nome da mulher é Dana? -Rominac falou de onde ele se sentava, em frente. Imediatamente, toda a atenção caiu sobre ele.

Por vários minutos Garret o estudou, observando que a primeira vista, o homem jovem e esbelto, de cabelos escuros, se parecia com o pai. Mas uma segunda olhada trouxe à ribalta os olhos castanhos compartilhados pelos três. Ele tinha o mesmo nariz reto de sua irmã, apenas maior e não tão arrogante. Sim, a semelhança estava lá, se alguém soubesse olhar para ele. Rominac tinha características semelhantes às de sua irmã, apenas masculino.

—Sim, -respondeu ele. —Ela é Reeka.

O rosto de Rominac empalideceu.

—Então ela é...

—Sua irmã.

Ele engoliu em seco.

—Eu pensei que talvez ela fosse, quando ouvi seu nome e que era uma guerreira. As mulheres que guardam as celas estavam falando.

Garret assistiu-o avaliando. Exatamente o que ele sabia de sua irmã, o que ele lembra?

—Ela realmente está bem? -Rominac olhou Garret.

—Eu não minto.

—Eu nunca quis dar a entender o contrário. -ele levantou o queixo. —Agradeço-lhe por me resgatar.

—Não nos agradeça, agradeça a sua irmã. Foi ela que lutou pela nossa liberdade.

—Tenho a impressão de que você particularmente não gosta de mim.

—Eu não conheço você, Northlander, então estou reservando o julgamento.

—É justo, mas eu tenho um nome. Gostaria muito que vocês o usassem.

Red sorriu.

—As semelhanças estão lá!

Rominac lançou-lhe um olhar confuso.

—Não importa.

Bebendo o último gole de cerveja, Garret colocou a caneca sobre a mesa.

—Em três horas vamos pousar em Northland e você estará seguro, em casa.

—Eu quero ver minha irmã.

—Ela está descansando.

—Então, quando ela acordar.

—Isso pode demorar um pouco. Talvez esta noite ou amanhã.

—Sempre.

Esfregando o queixo, ele olhou para o homem mais jovem.

—Qual é a necessidade?

Os olhos queimaram com raiva, e Rominac se levantou de repente.

—Você não vai me impedir de vê-la! Exijo vê-la quando ela acordar!

—É isso mesmo?

Rominac olhou para o Daamen capitão comerciante se levantar e andar ao redor se elevando sobre ele.

—E se eu recusar suas demandas, Rominac? O que você vai fazer?

—Eu vou lutar com você.

Um estrondo de gargalhadas partiu do peito enorme que estava no nível dos seus olhos.

—Você não tem nenhuma esperança de vencer, pequeno homem.

—Ela é a minha carne e sangue, e eu não vou perdê-la de novo! Nada nesta galáxia vai me impedir de ver a minha irmã!

Capítulo 10

Um sorriso vincou o rosto do gigante, havia aprovação na sua voz profunda.

—Você vai fazer, Rominac. -a mão pesada bateu para baixo em seu ombro, quase fazendo com que seus joelhos se dobrassem. —Vá se limpar, você fede às celas.

—E o meu pedido?

—O seu *pedido* será satisfeito quando a moça acordar. Cam, vai levá-lo para uma cabine e emprestar alguma roupa limpa para se desfazer dessas.

Com um último olhar dúbio para o capitão Daamen, Rominac se permitiu ser levado embora. Verdade seja dita, contava-se feliz por ter vencido esta batalha com os gigantes, e sabia quando recuar.

Uma vez que ele tinha saído, Red comentou: —Ele é insistente em vê-la. Ele é bem interessante. Eles são parecidos em muitas maneiras.

—Teimoso e destemido, acrescentou Simon.

—E um tolo. -Garret sentou-se novamente. —Como você sabia onde nos encontrar?

—Foi Dana que descobriu o seu desaparecimento e suspeitou de para onde tinha sido levado. Nós a fizemos usar um dispositivo

de rastreamento, quando ela insistiu em ir sozinha, que era a única maneira de entrar na cidade.

—Fixei o rastreador com um dispositivo de escuta, -Red explicou. —Mesmo quando os nossos comunicadores foram para baixo, fomos capazes de ouvir pedaços de conversas de onde ela estava. Ouvimos o suficiente para saber o que estava acontecendo.

—Demorou o tempo suficiente para chegar lá, -disse sem rodeios Jase.

—Confie em mim, nós viemos o mais rápido que podíamos. Precisávamos da segurança do navio para escapar se as coisas dessem mal. Mesmo durante o voo para a cidade Southland, Red trabalhou sua bunda para reparar o sistema eletrônico.

—Somos gratos por você vir quando veio, -disse Garret.

Sentaram-se para falar por um tempo, depois Jase bocejou e se levantou, cansado: —Sou a favor de um banho e dormir um pouco.

—Eu também. -Garret levantou e olhou para seus amigos. —Agradeço a vocês. Sem vocês...

—Ah, o inferno, -Red se deslocou, desconfortável.

—Sim, bem. -Cam bebeu de sua caneca. —Acho que eu vou fazer alguma coisa.

—Eu também, -Simon partiu apressadamente da cabine.

Garret sorriu. Seus amigos eram leais até o osso e lutariam até a morte, sem medo, para salvar o outro, mas a mera sugestão de gratidão os envergonhava.

Entrando em sua cabine, seus olhos caíram sobre a moça que dormia em sua cama. Deitada de lado, pernas enroladas debaixo a coberta, seu braço ferido estava no topo das cobertas. Seu outro braço estava dobrado no cotovelo, a mão enfaixada meio enrolada, perto do queixo. A coberta foi dobrada debaixo do braço, protegendo os seios e metade do curativo autoadesivo em seu peito.

Movendo-se para ficar ao lado do beliche, ele olhou para ela. O cabelo loiro era puro normalmente suavemente despenteado, e se espalhou pelo travesseiro. Longos cílios fizeram meias luas escuras contra a pele pálida, com as escuras sombras sob os olhos. Os lábios macios estavam fechados e relaxados durante o sono. Seus olhos suavizaram quando eles permaneceram sobre o corte no lábio inferior curvo, as contusões e o escurecimento na maçã do rosto delicado.

Estendendo a mão, ele traçava o hematoma no pescoço, prova do agarre do mutante.

Tinha sido perto, muito perto. Dana tinha quase morrido hoje. O pensamento ainda causava um frio angustiante em seu coração. Deitada em sua cama, golpeada e ferida, ela parecia vulnerável durante o sono. Sim, tinha sido muito perto. Ele quase perdeu a moça que ele tanto amava.

Uma carranca pequena marcava a testa lisa. Dana se mexeu, murmurando baixo e de forma incoerente.

—Calma, descanse moça, -sussurrou, roçando as costas dos seus dedos levemente por seu rosto.

Imediatamente, ela acalmou, relaxou o franzir da testa, e caiu de volta para abraçar o sono de cura.

Endireitando-se, Garret se moveu do beliche grande e se dirigiu para o banheiro, para tomar banho, tirando fora todos os traços de serem encarcerados nas celas de escravos. Quando estava saindo, ele puxou um par de calças limpas e voltou para a cama.

Cuidadosamente deslizou para baixo, sob a coberta, se virou para o lado e se acomodou contra as costas da guerreira, enrolando suas pernas mais longas, atrás das dela, mais delgadas.

No sono, Dana não o sentiu deslizar o braço sob sua própria curva, logo abaixo dos seios cheios e puxá-la com cuidado mais para perto. Tudo que os seus sentidos observaram foi um calor sólido por trás dela e, inconscientemente, se aninhou de volta para o paraíso, deliciosamente segura de um abraço carinhoso.

Apoiando o queixo sobre a cabeça loira, o contentamento varreu Garret. Dana estava onde pretendia que estivesse, em seus braços, e nunca iria deixá-la ir novamente.



O calor a cercava, tão confortável, tão... *Delicioso*. O travesseiro sob sua cabeça estava um pouco duro, mas ela não estava inclinada a se mover. Preguiçosamente, moveu a perna de cima até um comprimento rígido e esticou o braço por cima das ondulações de pele lisa, sobre a qual sua mão parou. Mesmo com a bandagem ela podia sentir a aglomeração do músculo.

Ela estava deitada contra alguém. Alguém grande e forte. Os olhos de Dana se abriram, e ficou chocada quando percebeu que estava descansando no braço de Garret, situado intimamente contra seu corpo. Seu travesseiro era seu ombro, seu braço sob o corpo dela e ondulando em volta da cintura nua.

Nua? Ela congelou. Tornou-se ciente das dores maçantes que enchiam o seu corpo e, as lembranças vieram correndo de volta. As traficantes de escravos, o mutante, a luta pela sua liberdade. As lesões e o grande comerciante atendendo as suas feridas.

O grande comerciante segurando seu corpo nu contra o seu, seus sentidos giraram em pânico. *Ele estava nu, também?*

Quase freneticamente sua pele registrou a sensação de tecido contra sua perna, e alívio caiu através dela.

Não, ele usava calças. Mas isso era tudo. Seu braço estava nu, seu peito era suave.

Cautelosamente ela levantou a cabeça, ignorando o protesto de seu corpo dolorido. Seu olhar deslizou sobre o homem dormindo ao lado dela. Mesmo na penumbra, na luz filtrada a partir do

corredor, mostrou longos cabelos castanhos espalhados sobre o travesseiro, em várias vertentes intimamente, entrelaçados com seus próprios cabelos. O rosto, forte e bonito estava relaxado durante o sono, dando-lhe a aparência de um menino maroto.

Ele estava deitado de costas, empurrou a coberta para baixo até a cintura, expondo o crescer de peitorais duros para os seus olhos. Mamilos masculinos marrons, um estômago, com nervuras planas, o cós das calças de montaria baixo nos quadris magros...

O homem usava calça, mas ela estava nua. Que inferno! Onde estava a toalha que esteve envolvida quando tinha ido dormir?

Suas bochechas queimadas como ela percebeu que, enquanto a coberta dobrada debaixo do braço escondeu sua nudez do ponto de vista, os seios nus foram pressionados para o lado de Garret. Sua perna envolta desenfreadamente sobre a dele, ela... Oh Deus, seu monte feminino estava aninhado contra uma coxa dura!

—Suas bochechas estão quentes, -uma voz sonolenta comentou sobre ela e sua cabeça se levantou rapidamente.

Grandes olhos castanhos encontraram os cinza quentes.

—Você dormiu bem, moça?

Fechando os olhos, ela gemeu.

Imediatamente ele mudou.

—Você está com dor? Vou lhe dar alguma coisa...

—Não se mova!

—Eu não posso ajudá-la na cama.

—Esse é o problema.

—Esse? Oh. -um sorriso súbito plissou os cantos de seus olhos. —Agora eu entendo. Não há necessidade de ter vergonha, meu doce.

De alguma forma, ela tinha que se afastar dele, mantendo a dignidade. O corpo rígido estava fazendo estranhas coisas para ela, pequenas faíscas inflamavam onde eles se tocaram. Que parecia ser em toda parte.

Tentou a borda traseira, mas uma forte dor disparou de seu tornozelo, e parecia que um milhão de dores começaram a pulsar em todo seu corpo, fazendo-a endurecer.

—Moça, calma. -o braço debaixo dela puxou mais perto, mais uma vez aninhada, sua firmeza contra o seu lado novamente.

—Relaxe e alivie a dor.

Relaxar? Ele tinha que estar brincando.

—Você está tão dura como uma tábua.

Como poderia não estar?

—Mas não tão dura quanto certa parte de mim está. -o riso afiou a voz profunda.

—Droga! -ela tentou empurrar para trás. —Ai!

Seu braço apertou.

—Desculpe, moça. Isso foi estúpido da minha parte. Eu não vou provocar você, enquanto não está bem.

—O que você está fazendo nesta cama comigo? -segurando a coberta sobre os seus seios, dolorosamente se apoiou em seu cotovelo, para olhar para baixo em seu rosto sombreado.

—Eu precisava de um descanso e esta é a minha cama.

—Você nunca disse que iríamos compartilhá-la!

—Uma surpresa agradável para você, sim?

Cerrando os dentes, ela sentiu imediatamente a ternura em seu maxilar. Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, uma grande mão em concha foi para a parte de trás de sua cabeça e puxou-a firmemente de volta para o ombro.

—Estamos no meio da noite, moça. Feche os olhos e volte a dormir.

Embora muito dolorida para lutar, a sensação de sua pele contra a sua nudez era perturbadora.

—Garret, não posso ficar aqui com você.

—Humm, por quê?

—Porque eu estou... Eu estou... Sem roupa.

—Isto não um problema para mim.

—Isto é um problema para mim.

—Só se você deixar ser. Moça, você está ferida. Eu não estou desesperado o suficiente para pular em você agora. Além disso, não posso realmente vê-la.

Agora ela se sentia estúpida.

—Minha preocupação é mante-la confortável enquanto se cura.
Você está confortável, não é?

—Bem, sim, mas...

—Então por que estragar uma coisa boa? Volte a dormir.

—Você não entende...

—Durma. A menos que você me queira acordado?

—Não! -a resposta foi rápida.

Houve um retumbar de divertimento.

—Boa noite, moça.

Sua mão pesada empurrou sua cabeça em seu ombro e fez-se silêncio mais uma vez.

Rigidamente Dana estava contra ele. Como ela poderia dormir, pressionado tão intimamente com ele? No entanto, ele a segurou como uma criança, oferecendo conforto, sem carinho. Quando a respiração se aprofundou, percebeu que ele tinha caído no sono e timidamente tentou puxar de volta.

Mesmo em seu sono, seu braço a apertou.

A menos que quisesse despertá-lo, ela teria que ceder... desta vez. Com um suspiro, ficou imóvel. Aos poucos, seu calor se infiltrou nela. Meio adormecida, ela teve que admitir que estava muito confortável, deitada em seus braços. As ondulações rígidas pareciam se encaixar tão bem em suas curvas mais suaves, e quase imaginava que suas dores não pareciam tão ruins.

Fechando os olhos, voltou a dormir.



Diago assistiu o passo grande do capitão descer a rampa do navio de comércio Daamen.

Garret sacudiu a cabeça para ele.

—Rominac viu você?

—Sim. Ele diz que Dana foi ferida lutando contra um mutante.
É verdade?

—Sim.

—De maneira ruim?

—Ela vai se recuperar.

—Gostaria de vê-la. Posso?

—Isto é com Dana, não comigo.

—Claro. Eu não estou acostumado a mulheres que têm uma palavra a dizer.

Os olhos de Garret endureceram.

—A escravidão dá direitos as pessoas em detrimento de outros, nunca deveria ser permitido.

—Acho que você não concorda com isso.

—Daamens e escravidão não andam de mãos dadas. Toda pessoa tem o direito de ser um ser livre.

—Diago não pensa assim, -declarou uma voz rouca.

O Northlander olhou para o porão de carga.

—Dana.

Virando-se, Garret a viu mancando dolorosamente, mas com determinação através da rampa. Se apressando para a rampa, parou ao lado dela e deslizou um braço em volta da sua cintura.

Adivinhando a intenção dele, ela disse humildemente: —Não me envergonhe diante dele. Dê-me seu braço.

—Isto não é vergonha. Seu tornozelo...

—Vou enfrentá-lo de pé ou não. Eu sou uma guerreira Reeka.

—Isto é contra meu melhor julgamento, mas...

Assistindo sua filha descendo a rampa no braço do gigante, Diago viu o sol brilhar sobre o cabelo loiro e pensou em como a sua mãe era. Uma mulher bonita usando roupas de guerreira, com orgulho.

—Então, Diago, -ela parou uns três metros dele. —Você tem o seu filho.

—Eu agradeço a você. -seu olhar varreu as escoriações, hematomas e curativos. —Por tudo.

—Não há necessidade. Eu não fiz isso por você, lembra?

—Eu entendo, mas obrigado mesmo assim.

Sua tensão foi claramente comunicada a Garret através do braço apoiado sobre o seu. Olhando para o impassível rosto do pai, ele se perguntou se ele não recolheria a sua filha ferida em seus braços. *Deus sabia que, se fosse minha filha, eu faria.* Mas então, ele não mandaria sua filha em um tal perigo, ou que a teria abandonado, em primeiro lugar, independentemente das circunstâncias.

—Rominac deseja passar o dia com você, -continuou Diago.
—Ele gostaria de mais tempo, mas eu duvido que você concorde em ficar com a gente.

—E eu duvido que você queira que eu fique.

—Você está errada. Se você deseja ficar, você pode.

—Como uma escrava ou uma mulher livre?

Uma ruga se formou em sua testa.

—Como você pode perguntar uma coisa dessas para mim, seu pai?

—Por que não? E, por ser meu pai, você desistiu do direito há quinze anos.

As linhas ao redor de sua boca ficaram brancas.

Levantando o queixo, Dana fez a pergunta que tinha queimado no seu coração, sem alívio.

—Você nos deixou, Diago. Foi embora e nos deixou à mercê dos caçadores de recompensa e soldados. Por quê?

—Aqueles eram tempos difíceis.

—Tempos difíceis? Eles ficaram mais difíceis, uma vez que você nos deixou. Você sabia que a mãe morreu de um coração partido? Cada noite, ela chorou por você, mesmo que você não valesse a pena. Eu ainda acordo algumas noites, pensando que posso ouvi-la chamando seu nome.

Seu rosto empalideceu, mas permaneceu definido.

—Eu não posso me arrepender do que fiz, Dana. Se não tivesse saído, Rominac teria morrido, assim como eu. Você preferia que eu tivesse ficado e visto nós dois morrer?

—Eu preferia que você tivesse amado minha mãe o suficiente para confiar nela!

A mão esguia em seu braço, tremia. Com todo o seu coração Garret desejou poder parar a conversa que estava causando uma aflição tal, mas ela tinha o direito de questionar seu pai, para saber a verdade.

E a verdade, aparentemente, era dolorosa.

Tentando transmitir o seu apoio, ele cobriu a mão trêmula com a sua muito maior. Era tudo o que podia fazer.

Hirto, Diago encontrou os olhos dela, acusando de forma constante.

—Os homens estavam morrendo. As fêmeas viveram. A evidência apontava para as Reekas, sutilmente assassinando os machos. Eu fiz o que acreditava ser melhor. Salvei meu filho e a mim mesmo.

Pai e filha, olharam um para o outro, então ela perguntou em voz baixa: —Por que você não me levou? Por que você me deixou?

—Porque você era filha de sua mãe. Você parece com ela, você era tudo que ela era.

—Eu era uma criança de seis anos de idade.

As palavras cortaram o coração de Garret. *Como poderia alguém deixar seu filho?*

—Você era uma guerreira Reeka, criança ou não. -o olhar de Diago a desafiava. —Você gostaria que eu tivesse tirado isso de você?

Seu queixo levantou orgulhosamente.

—Não. Eu lutei ao lado daquelas que realmente importavam para mim. Eu sou Reeka. Sou uma sobrevivente. Eu sou o que sou. -virando-se para Garret, ela percebeu seu olhar preocupado. —Se você me ajudar, vou aguardar dentro por Rominac. Eu terminei com tudo aqui.

O significado das palavras era claro. Não havia nada para ela em Northland.

O olhar de Diago nunca vacilou, sob a luz ardente do comerciante gigante que ajudava a sua filha ir para a rampa e para as sombras do porão de carga. Virando-se, ele se afastou, com a cabeça erguida.

Uma vez na plataforma, Garret varreu Dana em seus braços.

—Eu posso ficar, -disse ela automaticamente.

—Você não deve ter qualquer peso sobre o tornozelo. -quando ela permaneceu em silêncio, ele acrescentou: —Moça, eu sinto muito pelo que aconteceu.

—Isso não é estranho? -eEla deu uma risada pequena e dura. —Sempre é você quem pede desculpas, mas você não fez nada para se desculpar.

—Você quer falar sobre isso?

—Não há nada para falar.

O elevador estremeceu e parou.

—É hora de você reparar este monte de coisas quebradas.

Era óbvio que ela havia empurrado a conversa desagradável com o pai de lado, para o mesmo lugar que as lembranças desagradáveis. Ainda assim, eles tinham uma longa viagem para Daamen. Havia tempo para conversar mais tarde.

—Estou insultado, moça. Este navio é o meu orgulho e alegria.

—Isso é tudo que é. Você pode me colocar para baixo agora.

—Eu quero. Em sua cabine.

—Eu quero sentar na cabine de jantar.

—Seu desejo é meu comando.

—Desde quando?

—Tsk. Sempre. -ele colocou-a em uma poltrona. —Vou lhe fazer companhia...

—Não há necessidade, eu estou aqui. -ao entrar na cabine, Rominac atravessou rapidamente para o seu lado e ajoelhou-se em um joelho ao lado da cadeira. —Caso você esteja bem? Estas feridas...

—Não faça barulho, eu estou bem. -desconcertada pela demonstração de preocupação, Dana se deslocou inquieta.

Ele não ficou ofendido. Divertido, ele sorriu: —Você não mudou nada, que eu me lembre. Sempre era espinhosa!

—Então, ela não mudou em nada. -Garret riu. —Deixarei vocês dois se readaptarem.

Sozinha com seu irmão, tudo que ela podia fazer era olhar para ele, tentando imaginar o menino que costumava segui-la, arrastando uma espada de madeira atrás dela.

—Eu mudei tanto assim? -ele perguntou calmamente.

—Está um pouco mais alto.

—Você está preenchida, também, da garota magra que era.

—Eu nunca fui magra!

—Desajeitada.

—O mau hábito de chacotas se manteve, eu vejo.

—Eu aposto que você ainda é mal-humorada.

—Troll!

—Bruxa!

Os apelidos de infância caíram espontaneamente de seus lábios, surpreendendo-os.

Hesitantemente, Dana estendeu a mão para tocar seu irmão, mas parou, incerta.

Sua reação foi a certeza, tomando-lhe a mão e apertando-a com ternura.

—Quando criança, você sempre cuidou de mim, irmã, e mais uma vez você veio em meu socorro. Como posso agradecer a você?

—Foi Diago que me procurou ou eu nunca teria sabido de sua situação.

—Você veio, que é tudo que importa.

—Você está realmente feliz em me ver?

—Como eu poderia não estar? Você é minha irmã, minha família de sangue. Nunca me esqueci de você.

—Nem eu de você. Todos esses anos me perguntei sobre você, mas nunca soube para onde Diago tinha te levado.

A tristeza encheu seus olhos.

—Eu soube o que aconteceu com machos Reeka, mas até três anos atrás, eu nunca soube que você estava mesmo viva. Quando as Reekas foram perdoadas, as mentiras expostas, eu estava tão furioso de tê-la perdido por todos esses anos, você e... Mãe.

—Mas você não me procurou.

—Você está marcada como uma que odeia homens, Dana. Eu admito que estava hesitante em te procurar. Isso e o fato de que o pai não me permitiria ir embora.

—Você respeitar seus desejos.

Seu riso era ligeiramente amargo.

—Nem sempre, mas a menos que você não tenha notado, naves espaciais são raras nesta parte do planeta. Viajantes não vêm, por medo de serem escravizados se pousarem no lado errado. A oportunidade raramente está disponível. Além disso, também tenho sido um filho obediente, até recentemente.

—Então venha comigo. Agora.

—Você acha que eu não pensei nisso?

—Aja agora.

—Eu não posso, tanto quanto eu gostaria. Há algo aqui que devo fazer primeiro. -ele sorriu. —Mas te agradeço com todo o meu coração.

Vendo as sombras nos seus olhos, ela disse: —Se há um problema, Rominac, eu posso ajudá-lo.

—Não, isso é algo que só eu posso fazer. As últimas semanas me ensinaram que, a vida e o amor têm riscos e vale a pena. Quando eu encontrar... terminar o que devo fazer, então vou contatá-la.

Por alguns segundos ela o estudou antes de concordar.

—Muito bem, se é isso que você quer. Mas saiba disso. -se inclinou para frente-, se precisar de mim, eu venho.

—Eu sei.

Eles sorriram um para o outro, um novo vínculo começando a se formar entre eles.

—Agora, então, -Rominac deslocou-se para se sentar na cadeira em frente-, me fale da sua vida emocionante, e eu lhe direi da minha muito chata.

O resto do dia passou agradavelmente e foi com relutância que ele anunciou que tinha que ir, e iria vê-la pela manhã.

Dana olhou para Garret.

—Você está deixando antes, então?

—Não há pressa, moça. Nós podemos gastar um pouco mais aqui.

—Excelente. -Rominac sorriu. —Vão se juntar a mim para o jantar?

Ela se acalmou.

—Na sua casa?

—Claro.

—Será que Diago estará lá?

—É sua casa, também.

Garret observava o rosto de Dana crescer mais escuro.

—Não.

—Irmã...

—Não com ele lá.

—Entendo seus sentimentos, mas como podemos vir a nos conhecer, um ao outro, se você não vai ver um pouco do meu mundo?

—Eu não gosto do que já vi.

—Seus amigos estão convidados, é claro. Você não estará sozinha.

—Eu nunca estou sozinha. Eu tenho minhas irmãs guerreiras, meus amigos Daamen e agora você.

Garret se perguntou se ela percebeu que ela o incluiu em seu gesto.

—Mas você nunca virá me visitar, uma vez que você saia daqui, não é? -Rominac a olhou firme.

—O que você quer dizer? Claro que vou.

—Como? Se você nem mesmo virá a minha casa para compartilhar da minha comida, como você vai fazer para me visitar? Não podemos nos encontrar sempre em uma nave espacial, na periferia da cidade.

Franzindo a testa, ela cruzou os braços.

—Não me pergunte.

Rominac olhou Garret.

Garret sentiu uma pontada de simpatia.

—Moça...

—Não, e ponto final!

Seu irmão, suspirou.

—Eu tenho que ir, para vestir as minhas próprias roupas. Lhe verei mais tarde. -ele lhe deu um breve abraço.

—Estou ansiosa para isso. -ela retribuiu o abraço mais ferozmente.

Garret o acompanhou até a porta.

—Rominac? -Dana chegou com uma mão.

—Sim? -felizmente, ele se virou para ela.

—Eu... Nada. Tenha um descanso, você precisa dele.

Garret não perdeu a saudade em seus olhos.



A plataforma elevatória sacudiu a uma parada no compartimento de carga, antes que Rominac quebrasse o silêncio.

—Ela odeia muito o pai.

—Ele a machucou muito.

—Eu sei, mas por quanto tempo vai se recusar a vê-lo? Ela tem que vir aqui para me ver.

—Sua irmã tem o direito de se sentir como ela se sente.

Rominac parou perto da rampa e olhou em volta para sua cidade natal.

—Eu quero que ela me conheça completamente, que veja ao meu redor. Nunca vai me conhecer verdadeiramente, até que ela o faça.

—Por que isso é tão importante para você? Para além do óbvio, que ela é sua parente de sangue.

Os olhos castanhos, tão estranhamente familiares, se reuniu em Garret francamente.

—Eu sou um Northlander, um proprietário... supostamente... de escravas para o meu prazer. Ela precisa me ver como uma pessoa, no meu próprio mundo e cercada por meus costumes. Como ela pode me aceitar completamente quando tem ideias preconcebidas sobre mim?

—Está dizendo que ela está errada? -Garret perguntou curiosamente.

—Estou dizendo que somos todos diferentes. Será que ela ainda me amaria, se me conhecesse mais? Ou serei apenas outro Northlander, só para ser amado longe do meu país?

Coçando o queixo, Garret olhou atentamente para ele.

—Eu vejo onde você está chegando. Vou falar com ela.

O rosto do jovem se iluminou.

—Vejo você no jantar.

—Espere um minuto. Eu sei como Dana é, não posso fazer nenhuma promessa.

—Algo menos ameaçador primeiro, depois. Passeio! Uma caminhada...

—Com o tornozelo da moça?

—A cavalo. Em torno da cidade. Ela pode ver...

—Calma, rapaz. Você não está indo além de si mesmo? Eu disse que vou falar com ela. Isso não quer dizer que vai ouvir.

—Ela vai ouvir-lo acima de qualquer outra pessoa. -Rominac deu um sorriso rápido. —Te vejo mais tarde, digamos, duas horas antes do pôr do sol?

Garret riu.

—Essa fé. Vamos ver o que acontece. -disse sóbrio. —Mas não tome isso como esperança. Dana é forte em seus pontos de vista e não facilmente influenciável.

—Então, eu estou aprendendo. Boa sorte, Garret.

—Vou precisar disso.

—Eu vou dizer que você não vai, -disse secamente Jase, chegando a ficar ao lado de seu amigo, enquanto observava o Northlander fazer seu caminho-, —convencer Dana a ir para a cidade, muito menos sentar-se com seu pai na mesma mesa? Uma missão impossível.

—Talvez você devesse fazer isso por mim.

—Vou declinar desse direito especial, obrigado. Afinal, esse é o seu domínio.

—O meu domínio?

—Dana é a sua moça, Garret.

—Isso óbvio?

—Claro. Eu penso como todo mundo, mas a moça mesmo pode ver isso.

—Hmm. Bem, pelo menos, nenhum outro homem tentará ser amigável com ela.

Jase começou a rir.

—Eles nunca foram corajosos o suficiente no passado, e confie em mim, eles não serão no futuro, qualquer um!

Garret sorriu.

—Ela é uma moça mal-humorada, tudo bem.

—E eu não posso esperar para ver como ela vai ficar mal-humorada quando você abordar o tema da visita a esta linda cidade.

—Sua lealdade e preocupação me tocam.



Ao entrar na cabine de jantar, ele viu Dana olhando para fora da vigia, para a cidade para além da janela. Sem saber como começar, derramou água em um copo e olhou para ela.

—Você tem algo a dizer? -ela perguntou sem se virar para encará-lo.

—Seu irmão está mais feliz do que você possa imaginar, de ter encontrado você novamente.

—O sentimento é mútuo.

—Gaste um tempo com ele, então.

—Eu já gastei, e amanhã de manhã o verei.

—Gaste tempo com ele esta noite.

O ombro delgado enrijeceu.

—Ele retorna após a refeição da noite?

—Não. Ele quer que você...

—Fora de questão! -ela se virou, jurou, e começou a mancar na direção da mesa.

Dentro de alguns passos, Garret estava ao seu lado, o braço automaticamente curvo em volta da cintura.

-Tenha cuidado, moça.

—Eu posso controlar. -ela o empurrou.

—Não permita que a sua raiva anule o senso comum, -ele apoiou até que ela afundou em um banquinho.

—Eu não.

Pousando no canto da mesa, Garret tomou um gole da água.

—Quem você está cuspindo, se recusando a visitar o seu irmão... ele apenas, ou Diago?

Capítulo 11

—Isso é injusto. Você sabe os meus motivos.

—Eu sei, e os compreendo.

—Mas você não me apoia neles.

—Calma, moça. Eu nunca disse isso. Eu a apoio em todas as suas decisões quando se trata disto.

Ela relaxou ligeiramente.

—Mas isso não significa que eu concordo totalmente.

—Eu não preciso da sua aprovação, comerciante. Este é o meu caso e já tomei a minha decisão.

—Ê também o seu irmão. Você já olhou para isso a partir de sua perspectiva?

—Pô, Garret, isto não é da sua conta!

Uma longa perna balançava preguiçosamente e ela estava consciente da coxa esbelta, não muito longe de seu cotovelo.

—Na verdade, moça, seu irmão fez disso meu assunto. Ele me pediu para falar com você em seu nome.

—O quê? -os olhos castanhos brilharam com raiva. —Por que ele não falou por si mesmo?

—Porque você não iria deixá-lo.

—Ridículo!

—Ele quer que você se junte a ele em sua casa por um...

—Não!

Uma sobancelha levantou conscientemente.

Inferno. Ela olhou para ele e cruzou os braços.

—Ouça-me, moça Ele quer que você o conheça.

—Eu conheço.

—Pare de interromper. Você pode dar a sua opinião em um minuto. Rominac quer que você o veja em seu próprio ambiente, para vê-lo rodeado por seus costumes. É pedir muito?

—Sim!

—Por quê? Não pode ser pela escravidão, você já esteve em mundos onde a escravidão era a norma. Não há o temor de ser aprisionado pelos Northlanders, pois estarei com você. Você quer passar um tempo com Rominac. O que é uma refeição? Várias horas no máximo?

—Você espera que eu me sente com Diago, na casa construída por ele? Coma seu alimento? Sorria e seja agradável, uma convidada educada, uma filha obediente? Perdoar e esquecer?

—A comida é também de seu irmão, como é também a casa. Você o rejeita também, Dana.

—O homem é tão bom quanto o assassinato de minha mãe!

—Você não vai por ele. Você vai por seu irmão.

—Diago...

Garret se inclinou sobre um cotovelo, trazendo o rosto para baixo, ao nível do dela.

—Sua conversa constantemente se transforma em Diago. Ele é o espinho no seu lado, moça, não seu irmão, mas por causa dele que recusa a hospitalidade de seu irmão. Como você pode conhecer o seu irmão mais novo quando sempre o ofusca com o pai?

As emoções começaram a rodar através dela.

—Eu não preciso ir à sua casa para conhecê-lo.

—Errado, moça. Aquela casa é onde ele cresceu. Está cheia de suas memórias. Você não está lá por Diago, mas por Rominac.

—A presença de Diago está por toda parte.

—Rominac é filho de Diago, Dana, assim como você é sua filha. Northland está sob sua influência. Você vai permitir-lhe influenciar a sua ligação com seu irmão?

Um músculo apertou no seu maxilar e ela desviou o olhar de seus olhos penetrantes. Ele estava correto? Ela estava permitindo que a presença de Diago ficasse entre ela e Rominac? Sim, ele estava correto. Mas, ir para a casa... Será que ela honestamente sentaria e comeria o alimento, sabendo que seu pai, que ela detestava, estava sentado por perto?

—Você não estará sozinha, moça.

Seu olhar se voltou para ele, vendo a expressão suave em seus olhos. Uma expressão que a incomodava. Uma emoção que não era bem-vinda, neste momento.

—Você está vindo?

—Se você for, sim.

—E se eu não for? Quer ir de qualquer jeito, moço? Há um monte de escravas bonitas lá, não a dúvida, prontas para cumprir as ordens de um homem. -agora, por que ela perguntou isso?

—Eu nunca vou te envergonhar fazendo isso. -a sua expressão nunca vacilou. —Além disso, há apenas uma moça que eu quero, Dana, e é você.

Este era um terreno seguro, que ela poderia suportar.

—Luxuria tudo que você quer, comerciante. Você não receberá satisfação corporal de mim.

—Quem disse que é só satisfação corporal? Há mais entre um homem e uma moça do que isso. Você tem alguma ideia do que eu quero de você, Dana?

Ele não estava brincando com ela. Garret era muito sério e era... *petrificante*. Ela começou a entrar em pânico, não querendo ouvir o que sabia que ele ia dizer a qualquer momento, se ela continuasse com esta conversa.

—Eu não sei e me importo menos ainda.

Este não era o momento para discutir isso. Ele suspirou. Não, ele tinha que manter sobre o assunto de seus parentes de sangue.

—Moça...

—E sobre esta noite. Eu vou. Satisfeito?

Ele se endireitou.

—Só se você for.

—Não é isso que você queria?

—É o que seu irmão quer.

—E sobre você? Quer ir no meu lugar?

—Por você eu faria isso.

Como ele poderia fazer uma simples pergunta, e soar tão íntimo? Ela se levantou, com olhar perturbado, e mastigou o lábio inferior. Por que suas palavras causam calor e giram deliciosamente através dela, fazendo seu batimento cardíaco um pouco mais rápido?

Vendo o seu olhar inquieto e confuso, Garret estendeu a mão e pegou a mão dela.

—Moça, eu acho você precisa passar um tempo com seu irmão, em seu entorno. Ele é um Northlander e você tem que aceitar isso. Ele já não é seu irmão, um jovem inocente. Ele é um homem adulto, com necessidades de um homem e desejos cultivados através de seus costumes. Para amá-lo, você tem que aceitar, até certo ponto, o que ele é. Você entende?

—Eu odeio o que fazem...

—As Southlanders fazem o mesmo, mas uma amizade poderia ter sido possível entre você e Zar. Se você puder imaginar que, em seguida, deve ser mais fácil de se relacionar com seu irmão em sua

cidade. Não há perigo para você aqui. Goste ou não, o fato de que Diago deu sua palavra sobre isso, faz assim.

—Eu o odeio, Garret. -ela virou o rosto. —Eu odeio o que ele fez para nós.

Delicadamente, ele puxou-a entre suas coxas.

—O que ele fez, nunca poderá ser desfeito, querida. Tudo o que você pode fazer é ir em frente. Não há como andar para trás.

—Como posso ir em frente? Sempre que olho para o rosto de Diago, vejo a miséria de minha mãe, sua vida sendo drenada para fora dela, tão certo como se tivesse enfiado uma faca em seu coração.

Em um gesto reconfortante, ele correu uma das mãos levemente para cima e para baixo do braço.

—Mas Rominac não fez isso, e é ele que precisa de você agora. Você vai continuar permitindo que Diago fique entre você e seu amado irmão? Depois de todos esses anos, você finalmente é capaz de ver e falar com ele, de partilhar memórias e risos. Não jogue isso fora por causa de Diago.

Por vários segundos, ela olhou para as mãos cruzadas antes de perguntar baixinho: —Você vai me apoiar se eu disser não, que não vou?

—Vou. -a resposta foi sem hesitação.

—Por quê?

—Porque a decisão é sua. Porque eu me importo.

Ela olhou para ele.

—A que horas vamos?

Garret sorriu.

—Seu irmão tem planos para nos levar para um tour pela cidade a cavalo.

Ela puxou a mão.

—Ele tem planos? Vocês homens são todos iguais, fazendo planos nas minhas costas!

—Ele faz planos para mantê-la feliz, moça. Não seja tão espinhosa sobre tudo. Relaxe e desfrute de sua companhia.

Irritada por razões que não deviam prosseguir, ela deu de ombros e voltou com cuidado.

—Muito bem, irei, mas não espere que eu seja educada com Diago.

—Não deixe sua teimosia arruinar a noite.

Ela fez uma careta.

—Você tem muita opinião, comerciante. Eu prefiro que as mantenha para si mesmo.

—Isso é impossível, temo, especialmente quando você está preocupada, -ele voltou alegremente, se levantando para sair.

—Agora, moça, você vai descansar antes de se juntar a Rominac?

—Eu não sou um bebê.

—Mas você está ferida. -varreu-a em seus braços. —Sua cabine ou a minha?

—A minha, é claro, e eu não preciso ser transportada. Ponha-me para baixo.

—Em uma luta, minha querida, eu ganharia sem tentar. As sombras sob seus olhos estão escurecendo. Um descanso, e você estará pronta para a noite.

Ela ficou em silêncio, enquanto ele a levou para a sua cabine, mas quando a colocou sobre a cama, ela disse: —Você está gostando disso, não é?

O sorriso desapareceu.

—Carregar você? Sim. O motivo? Não. Eu nunca iria querer vê-la ferida, Dana. Não tem nenhuma ideia de como me senti, vendo você ser espancada. -uma grande mão alisou uma mecha de cabelo brilhante de seu rosto. —Eu estava quase louco de raiva.

Seus olhares se encontraram, procurando, e foi ela que desviou o olhar primeiro.

—Acho que estou mais cansada do que eu pensava. Acho que vou dormir um pouco.

—Descanse bem, moça. Eu virei despertá-la.

Depois que ele saiu da cabine, olhou para o teto, mordendo o lábio. Ele estava começando a significar muito para ela. Ela valorizava demais as suas opiniões. Por quê? *Porque eu amo...*

—Sinos do inferno! -ela cortou o pensamento imediatamente.
—Não, não, não! Não é possível! Eu estou cansada, isso é tudo!

—Dana? -a voz intrigada de Red veio pela porta. —Você está bem?

—Tudo bem.

-Você quer que eu fique Gar...

—Caramba, não! Eu só preciso de um pouco de sono, se vocês homens sangrentos, me deixarem em paz!

—Oh. -um som suspeito, como um riso abafado, soou.
—Minhas desculpas, moça.

Com um suspiro de exasperação, Dana se virou, estremecendo, e escondeu o rosto no travesseiro.



Segurando as rédeas dos cavalos, Rominac assistiu sua irmã descer a rampa, se apoiando fortemente no braço de Garret.

—Talvez você deva carregá-la.

—Estou bem, -Dana disse, antes que Garret pudesse responder.

—Você não deveria estar andando sobre o tornozelo, irmã.

—Você realmente se torna um pouco de um cavalo, irmão.

—Ainda uma bruxa mal-humorada, eu vejo.

—Ainda um troll que interfere, eu observo.

—O amor entre irmãos, -Red sorriu. —Eu conheço isso tão bem.

—Você tem uma irmã? -Rominac perguntou, observando como Garret assistida Dana para subir na égua malhada, muito bonita, que ele segurava.

—Uma. É o suficiente, eu lhe garanto.

—Ela é muito mais bonita que você, também, -acrescentou Simon.

Red fez uma careta para ele.

—Desde quando você percebeu isso?

—Desde que ela me pediu para levá-la para um passeio na próxima vez que formos para casa.

Cam riu enquanto a desaprovação cresceu mais profunda.

—Sua irmã mais nova não é mais tão pequena, amigo.

—Sinos do inferno! Você também?

—Uh-uh, ou melhor, não eu. Mas certamente você notou que ela é mais... er...

—Mais o quê? -Red exigido.

—Ah... Crescida.

—Merda. -Red montado um cavalo, com um olhar perplexo no rosto. —Espero que a mãe possa lidar com ela, o pai, eu sei como o inferno, que não pode.

—Pensando em dar uma de irmão mais velho quando você chegar em casa?

—Alguém tem! Delias traz o pai em seu dedo mindinho.

—Você não é muito bom, também. -Cam gargalhou. —Qualquer coisa que ela queira, você dá. E não vai mudar, posso lhe dizer.

—Oh, sim, vai! Essa moça vai para o altar como uma moça pura. Nenhum homem, -Red olhou com advertência para Simon-, —vai paquerar minha irmã, a menos que ele esteja falando sério!

—Talvez eu seja sério, -Simon disse com voz arrastada. —Você gosta de mim como cunhado?

Red quase caiu do cavalo. Cam e Jase caíram na gargalhada.

—Eu estou brincando, -Simon bateu no ombro de seu amigo chocado. —Delias é como minha irmã caçula. Eu vou manter um olho sobre ela.

—Certifique-se de que é tudo que você faz! -Red replicou.

Sorrindo, Garret voltou-se para Dana, e colocou uma mão de cada lado de sua cintura.

—Pronta?

—Eu posso montar por mim mesma, -essas grandes mãos pareciam estar queimando suas roupas.

—Em seguida, coloque o pé no estribo e eu vou impulsioná-la para cima...

—Não! -o pensamento dessas mãos sobre ela, por trás... *Oh deuses!*

—Moça, você não pode se equilibrar em sua lesão no tornozelo, agora, pode?

—Oh, muito bem. Eu estou pronta quando você estiver.

—Eu estou sempre pronto. -antes que ela pudesse saber mesmo se houve um duplo significado por trás das palavras, ele acrescentou: —Você quer se sentar diante de mim no meu cavalo, em vez disso?

—Para quê?

—Você não precisa fazer nada, mas deitar-se contra mim e curtir o passeio.

Houve um duplo significado por trás disso, também? Dana estava começando a se perguntar se ela estava vendo insinuações, onde não havia nenhuma. Talvez a surra do mutante havia embaralhado seu cérebro, depois de tudo.

—Moça?

—Ah... Não. Estou bem. Posso andar por mim mesma.

—Vamos então, pode subir.

Ele levantou-a com facilidade para a sela, deslizando suavemente seu pé lesionado no estribo antes de montar o cavalo ao seu lado.

Sorrindo, Rominac ficou em seu outro lado.

—Pronta?

—Como eu sempre estarei.

—Ótimo. Vamos começar com um passeio pelos arredores. É realmente uma cidade encantadora. Com abundantes jardins.

—Quem plantou? Os escravos?

Ele alcançou-lhe um olhar de soslaio.

—Alguns. Nós temos jardineiros, também, você sabe.

—Acho que eles organizam as mulheres?

—Sim.

—Provavelmente não fazem quaisquer trabalhos por si próprios, embora. Nós vamos passear ou nos preparar para uma luta?

Ela encontrou seu olhar de soslaio com um dos seus próprios.

—Eu ainda não tenho certeza.

Ele riu e alguns segundos depois o som de seu riso se juntou ao dele.

Garret relaxou. *Talvez essa expedição fosse dar certo, afinal.*

Eles cavalgaram com prazer em torno da periferia da cidade, vendo as florestas verde esmeralda além, abaixo do sol quente de verão. O zumbido de insetos e o leve vibrar das folhas soava claramente.

Retornando das florestas, uma mulher andava, acompanhada por uma jovem. Entre elas, carregavam uma cesta cheia de frutas.

Ao lado delas caminhava um homem, conversando calmamente com a mulher. Dana viu a pulseira escrava em torno do pulso da mulher. Seus olhos se estreitaram quando ela viu a mesma pulseira na menina.

—Sim, elas são escravas, -afirmou Rominac, calmamente.

—Será que ela usaria por qualquer homem que goste dela?

—Seu mestre mataria qualquer um que tentasse.

Garret notou o desgosto nas expressões de seus amigos, antes que eles escondessem. A escravidão não era uma coisa que os Daamens aprovavam, mas o comércio em todo o universo lhes havia ensinado a tolerar os costumes dos outros. *Dana poderia tolerá-lo de seu irmão?*

—Eu posso entender como a escravidão lhe causa nojo, -disse Rominac. —Principalmente das mulheres. As Reekas foram escravizadas, também, quando eram fora da lei.

—E caçadas, -ela respondeu. —Pessoalmente, eu preferiria ser caçada e morrer, do que ser escravizada.

—Posso entender isso. Lembrando as celas de escravos em Southland, -ele estremeceu.

Ela se virou parcialmente na sela para olhar para ele.

—Como você veio passear tão longe da segurança? Com certeza você sabia que teria um prêmio pela sua captura para Zar?

—Acho que foi pego em meus pensamentos e vaguei muito longe.

Uma sobrancelha bem arqueada com ceticismo.

—Oh, é claro que você fez.

—Não é algo que eu gostaria de lembrar.

—Você foi descuidado.

—Eu tive distrações, -ele voltou calmamente, o seu olhar para frente.

—Uma escrava, talvez?

—Eu sou um Northlander. O que você acha?

Ele era seu irmão mais novo. O pensamento de que ele estaria íntimo com uma escrava, possivelmente uma que não o quer, era perturbador. Querendo perguntar a ele, mas estranhamente incapaz de fazê-lo, virou seu rosto para frente novamente.

Garret notou que a menina tinha características semelhantes as do homem e deduziu que era sua filha. A mulher não parecia muito infeliz, conversando livremente com ele.

—Sua filha, -Simon afirmou o óbvio.

Dana olhou para ele.

—Provavelmente ele vai vendê-la um dia.

—Não o Hink, -disse Rominac. —Ele a ama.

—Ama? Como ele pode mantê-la como escrava e ainda professar amá-la?

—Não há mulheres livres aqui. Se não for sua escrava, será de quem? Quem iria cuidar dela como ele faz?

—Mas ele liga para ela? -Dana perguntou abruptamente.
—Onde é que ela dorme? Num colchão no chão? E a mãe? Como ela vai se sentir quando for separada de sua filha?

—Por que ela deveria ser separada?

—Certamente ele vai vendê-la, uma vez que ele se cansa dela.

Rominac observou-a atentamente.

—Nem todo homem vende suas mulheres, irmã.

—Então, onde estão suas escravas? -ela o derrotou com um olhar direto.

—Em casa. Você vai encontrá-las.

—Sem dúvida, elas vão nos servir na mesa?

—Sim, -sua mandíbula apertou. —Mas cuidado com o que você pensa. Você ainda não me conhece muito bem. Essa é a razão pela qual eu queria que passássemos algum tempo juntos.

—Talvez possamos montar fora por um tempo e fazer alguma exploração por conta própria, -Jase sugeriu.

—Sim, -Red balançou a cabeça. —Existe uma taverna próxima?

—Várias. Siga essa rua lá, -Rominac apontou. —No final há uma taberna. Lá você pode obter bebidas e...

—Prostitutas? -Dana terminou friamente.

Ele corou.

—É uma taverna.

—Com as escravas.

—Eu não vou mentir. Sim.

—É só as bebidas que estamos procurando, -Jase disse, apressadamente. —A que horas devemos nos encontrar em sua casa?

—Pouco antes do pôr do sol.

Ela acenou com a cabeça e saíram com seus cavalos para longe.

Quando Garret passou a fazer o mesmo, Dana olhou para ele, assustada.

Ele viu o seu olhar, falou de forma tranquilizadora.

—Você precisa de um tempo sozinha com Rominac.

—Você não tem que ir.

—Eu acho que sim.

Mas eu quero você aqui, ela pensou. Eu preciso de você. O que era ridículo, pois este era seu irmão e não seu pai, e ela não precisava de proteção contra ele, tampouco. Além disso, ela poderia se proteger. Certamente não precisava deste Daamen para fazer isso por ela.

—Eu vou ver você na casa, -Garret acrescentou.

—Antes, -disse ela sem pensar.

Ele sorriu um pouco.

—Eu vou esperar por você, moça.

Ela o viu ir embora, alto e em linha reta na sela, balançando facilmente com o movimento do cavalo.

Voltando, encontrou seu irmão estudando-a.

—Ele significa muito para você.

—Quem, Garret? Não, apenas um amigo.

—Mais, eu diria.

—Então você diria errado!

—Sensível, -ele sorriu, sóbrio. —Agora que estamos sozinhos, você pode me perguntar qualquer coisa. Você sabe, não é?

—Será que você me responderia com sinceridade?

—No que eu puder, sim.

Então, havia profundezas ocultas para este homem. Ela olhou-o com novos olhos.

Ele deu um sorriso torto.

—Não fique tão perturbada.

—Eu estou?

—Fácil de ver. O que incomoda você agora?

—Você não é mais o meu irmãozinho, -ela disse baixinho.

—Você é um homem que eu realmente não conheço.

—Isso vai nos dois sentidos. Você é um enigma de muitas formas para mim. Vamos aproveitar a oportunidade para chegar a nos conhecer, um ao outro.

Ela cutucou o cavalo em uma caminhada lenta.

—Eu não vou me revelar muito facilmente, aviso.

—Compreensível. Você sempre foi boa em manter segredos.
Quem vai começar, você ou eu?

—Eu.

—Pensei que diria isso.

Fez-se silêncio por vários minutos.

—Vamos, Dana. Eu sinto que há algo que você realmente quer me perguntar.

Ela respirou fundo.

—Você possui escravas?

—Várias.

—Você sempre... *Que inferno, essa foi difícil!* Como diabos ela poderia perguntar o que estava incomodando ela?

—Sim?

—Você... Se as mulheres não estão dispostas...

—Se eu a forçaria? -ele perguntou sem rodeios. —Não. Eu nunca forcei uma mulher em minha vida.

Um alívio a encheu.

—Eu estou contente. Não que seja da minha conta.

—Não, não é, -ele sorriu de repente. —Mas está tudo bem.

—Troll.

—Próxima pergunta.

-Você sentiu falta de nós? Mãe e eu?

—Intensamente. Mas o tempo entorpeceu a dor até que você fosse apenas uma memória.

—Eu vejo.

—Eu a machuquei.

—Nada pode me ferir.

Ele lançou-lhe um olhar fechado.

—Sua vez, -disse ela.

—Alguma vez você já encontrou o amor verdadeiro?

—Sinos do inferno, que pergunta! -ela olhou para ele. —Claro que não!

—Por que 'claro'?

—Bem, depois de... Próxima pergunta.

—Você disse sinceramente.

—Você disse sobre o que poderia, de modo que o mesmo se aplica para mim.

Olhos tão parecidos com os seus próprios a consideraram pensativos.

—Ê por causa do passado, não é?

—Você não ouve tão bem, não é? Diga-me, você encontrou o verdadeiro amor?

—Próxima pergunta.

—anta coisa para conhecer um do outro.

—Um grande progresso até agora.

Eles viajaram mais em silêncio, levando Rominac em torno do último edifício para começar a descer uma das ruas.

Ela observou que os edifícios foram estruturados da mesma forma que em Southland, de madeira e blocos de cimento. As mulheres pareciam ser bem cuidadas, aparentemente, enquanto outras eram claramente infelizes, pensativas e olharam quando eles cavalgaram por elas. Crianças do sexo masculino jogavam em separado das fêmeas. Passaram por uma escola, ela não pode deixar de notar que os ocupantes eram crianças do sexo masculino.

—Mantenha as mulheres sem instrução, hein?

—Eu ouço a mordida em sua voz, irmã. Sim, essa é a decisão, tomada quando eu era criança.

—Quando Diago assumiu.

—Exatamente.

Antes que ela pudesse responder, um homem de repente deu um passo ao lado de seu cavalo, agarrando as rédeas e pará-lo a um impasse.

Imediatamente Dana ficou tensa.

—Cai fora, Northlander, antes de eu corte você!

Rapidamente ele se afastou, os olhos sobre o punhal que ela puxou com tanta rapidez, do topo da bota.

—Por favor, não quero fazer nenhum dano.

—Certo.

—O que é, Kal? -Rominac perguntou em voz baixa.

Os olhos do homem nervosamente mudaram de Dana para seu irmão.

—Nós ouvimos como essa mulher o salvou de Southland. Há uma pergunta que eu gostaria de fazer a ela.

Rominac assentiu, voltando na sela, com as mãos dobradas facilmente sobre o punho.

Dana arrecadou o homem à sua frente com um olhar ameaçador.

—O que você quer me perguntar? Se você deseja saber o que Southlander parece, para as escravas possíveis no futuro, você tem a pessoa errada.

Seu irmão, franziu a testa, mas não interromper.

—Isso não é o que eu gostaria de perguntar. No entanto, há uma mulher...

—Esqueça isso. -ela bateu levemente as rédeas do cavalo e começou a se mover.

—Não! -o homem agarrou as rédeas novamente, fazendo com que o cavalo parasse inquieto. —Por favor, esta mulher, ela é a minha...

—Sua o quê? Escrava fugitiva?

—Mais do que isso. -o homem olhou em volta antes de retornar olhos suplicantes para ela. —Ela significa mais para mim do que uma escrava. Uma mulher com cabelos dourados, olhos azuis. Alta. -ele ergueu a mão. —Trinta anos de idade.

—Oh, para...

—Espere, -Rominac colocou uma mão em seu braço. —É importante para Kal, Dana. A mulher é a mãe de seu filho.

—Então não deve ser muito difícil substituí-la.

A boca de Kal se contraiu.

—Ninguém pode substituí-la. Você a viu?

—Eu vi muitas mulheres.

—Por favor, se isso vai ajudar, vou lhe dizer que ela significa muito para mim.

—Valiosa?

Seu rosto escureceu e ele recuou.

—Eu estava enganado. Você não tem ideia do que alguns de nós sentimos. Obrigado por nada.

—Espere, Kal. -Rominac nivelado um olhar severo sobre sua irmã. —Ele ama esta mulher. Pelo menos ajude-o, revelando se você a viu.

Dana olhando de um homem para o outro.

—Que diabos está acontecendo aqui?

—Basta responder-lhe. Por favor.

Após alguns segundos de silêncio, Dana olhou para o Northlander.

—Eu não posso dizer sinceramente se eu a vi ou não. -vendo a carranca Rominac, ela retrucou: —Essa é a verdade!

Ele suspirou.

—Acredito em você. Lamento, Kal.

O homem acenou com a cabeça bruscamente para ambos antes de virar e entrar na loja, da qual ele tinha acabado de sair.

—Você vai me dizer o que está acontecendo? -Dana exigiu.

—É tão inconcebível que se formem apegos emocionais entre os sexos?

—Neste mundo, sim.

—Não foi sempre assim, você sabe.

—Algo deve ter acontecido, porque, pelas estrelas, é assim agora!

—Não há como discutir isso, mas basta dizer que o amor ainda abunda entre alguns.

—Então por que não fazer algo sobre isso?

Rominac deu-lhe um olhar de longo sofrimento.

—A sociedade não é alterada durante a noite.

—Tem sido mais do que uma noite desde que isso começou. Certamente alguém deve ter amado durante este tempo... Ou apenas está acontecendo agora?

—O sarcasmo é tão fácil para você, não é?

—Se você não gosta, não ouça.

—Não me tente.

A raiva crepitava, um escurecimento do humor se instalou entre eles, infelizmente.

Eles tinham coberto mais da metade da distância da cidade, antes que Rominac olhasse de soslaio para ela.

Decididamente manteve seu olhar para frente, queixo para cima de forma agressiva. *Homens sanguinários! Eles eram todos iguais!*

—Eu acho que nós tivemos a nossa primeira discordância.

—Você acha?

—Será que vamos ter outra, irmã?

—Eu não tenho certeza. Introduza um assunto e vamos ver.

Ele começou a rir.

—Estou contente por você ser tão divertido, -disse ela com veemência.

—Você tem um temperamento perverso. Como Garret se coloca com você?

Sua cabeça virou para encará-lo.

—O que você quer dizer com isso?

—Oh, nada. -ele levantou as mãos num gesto inocente.
—Assim... Você sabe.

—Não, eu não sei, e é melhor você me dizer ou eu...

—Apanhei-te. -ele sorriu. —Eu ganhei.

Ela se abriu para ele por alguns segundos, em seguida, fez uma careta. —Muito bonito. Se você acha que lembranças de infância e provocação vão me acalmar...

—Eu ainda ganho.

—Porra, Rominac...

Ele piscou, olhando assim como o menino travesso que ele costumava ser a tantos anos, que a raiva dela derreteu.

Virando-se para enfrentar a frente de novo, ela engoliu o caroço súbito em sua garganta e rosnou: —Você é um sangrento troll, Rom.

—Mas um vencedor, -brincou, chegando ao seu lado para pegar a mão dela e dar-lhe um aperto suave.

Um sorriso relutante curvou seus lábios.

—Eu não estou dando nisso.

—Não é preciso. Nós dois sabemos que eu ganhei.

Ela apertou sua mão para trás.

—Não, nós dois ganhamos. Nós encontramos um ao outro.

Eles trocaram olhares, sorrindo tristemente.

—Troll.

—Bruxa.



Como prometido, Garret a esperava fora da porta da casa de Rominac. A vê-los se aproximando, ele se endireitou da posição encostada na casa e se moveu para frente para ajudar Dana em desmontar.

Ela fez uma careta, as dores da luta se tornando conhecidas após o passeio a cavalo.

—Talvez isso não tenha sido uma ideia tão boa, -com o cenho franzido, ele apoiou mais de seu peso com um braço em volta da sua cintura.

—Ter uma refeição aqui?

—Tire esse olhar esperançoso de seu rosto, moça. Não, eu quis dizer o passeio.

—Estou bem.

Rominac abriu a porta rapidamente.

—Venha, irmã, vamos tê-la confortavelmente acomodada.

—Eu não sou idosa e será obrigado a parar de me tratar como tal.

—Desculpe. Seu mancar me levou a acreditar no contrário.

Ela ouviu o barulho de algemas, mas errou.

Sorrindo, ele os conduziu para dentro e se encontraram no frescor obscuro de um longo corredor. Para ambos os lados abriam-se portas em grandes salas ricamente decoradas.

—Legal, -comentou Garret.

Ela pigarreou.

—Comporte-se, moça. Oh, aqui vem o resto agora. Red, você parece com fome.

—Fome suficiente para comer os cavalos fora sendo levado por uma pequena mo... Er, sim, estou.

Dana olhou para ele, e mortificado Red olhou para longe, limpando a garganta.

Rominac sorriu quando o resto dos comerciantes encheu o corredor, fazendo com que a vastidão parecesse extraordinariamente apertada.

—Sugiro que vá para a sala de jantar e nos preparemos para a refeição da noite. Eu confio que você e o resto estão com fome, não apenas Red?

Cam cheirou o ar apreciando.

—Basta mostrar o caminho e vou demonstrar.

—Sim, -Jase concordou. —Ações falam mais alto do que palavras!

O Northlander os levou para o corredor e em uma sala perto da parte traseira da casa.

Dana olhou em volta, vendo a longa mesa rodeada por cadeiras de encosto reto, com almofadas de cetim vermelho.

Pinturas de paisagens penduradas nas paredes, vasos de flores no aparador e uma mesa pequena no canto. Os pratos foram já definidos na longa mesa.

—Sente-se em qualquer lugar, -Rominac instruiu.

Garret colocou Dana em uma cadeira e sentou ao lado dela. O resto da tripulação se sentou cautelosamente, incertos de que as cadeiras suportariam os seus pesos. Um par rangeu assustadoramente, mas os manteve, e eles relaxaram. Rominac sentou-se no oposto de Dana.

Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa vozes soaram, aproximando-se, e Dana reconheceu Diago como um deles. Ele entrou na sala, seguido por uma jovem carregando uma tigela de alimentos. Com um aceno para os observadores, ele tomou o lugar à cabeceira da mesa.

—Estou contente que você escolheu participar conosco de uma refeição, Dana.

Capítulo 12

—Escolhi participar com Rominac. Infelizmente, você veio com ele.

—Isto é bom de você ter-nos, -Garret disse suavemente.

Dana fez uma careta.

Imperturbável, Diago sacudiu uma volta de pano e colocou-o sobre os joelhos.

—Nem um pouco. É bom ter algum tempo com os visitantes.

Que é tudo que eu sou para ele, Dana pensou com raiva.

Rominac sorriu para a escrava e, com um aceno rápido, ela saiu da sala.

—Uma das suas? -Dana perguntou.

—Sim. Larla está aqui há muitos anos. Na verdade, eu a conheço quase toda a sua vida.

—Você já pensou em mandá-la para Southland?

Garret estremeceu interiormente e Simon lançou-lhe um olhar preocupado sobre a mesa.

—Nenhuma mulher vai para Southland, a menos que ela escape, -disse Diago.

Uma sobrancelha foi arqueada.

—E muitas escaparam?

—Apenas uma recentemente, -presumidamente, olhou para seu filho, que recebeu o seu olhar friamente. —Diga-me, como é Southlander?

—Liberdade, -Dana respondeu, significativamente.

Garret cutucou uma advertência em seu joelho, sob a mesa.

—Isso eu já sei, -Diago pegou alguns vegetais do prato grande para o seu prato. —Por favor, sirvam-se da comida.

—Há também um prato de carne, que está chegando, -disse Rominac, interpretando corretamente o olhar de questionamento de Red, em torno a mesa.

Pegando o prato de legumes, Red se serviu de uma porção generosa antes de passá-lo ao redor da mesa.

Comida era a última coisa que Dana queria, mas seu companheiro não lhe deu nenhuma escolha, serviu o seu prato antes que ela pudesse recusar. Amargamente, ela pensou que devia se lembrar de agradecer a Garret mais tarde... Como ele merecia.

Diago assistiu Larla entrar com um prato de carnes mistas quentes.

—Obrigado, -Rominac disse a ela. —Vá agora e faça a sua própria refeição.

Com um olhar surpreendentemente carinhoso para ele, ela se curvou e saiu.

Querendo saber o que Diago pensava sobre as gentilezas concedidas a uma mera escrava, Dana olhou diretamente para ele.

—Será que a exibição transforma o seu estômago?

—Exibição?

—Ser educado com uma mulher, -explicou Rominac, imperturbável.

—Como ele trata a sua escrava é de nenhum interesse para mim.

—Que surpresa, como líder deste país encantador...

Jase engasgou e Cam bateu-lhe amavelmente nas costas.

—...eu teria pensado que nada a ver com os escravos seriam de interesse para você.

—Eu tenho as minhas próprias escravas para enfrentar, -Diago voltou com força.

—Obviamente você não lida com elas também, e algumas daquelas que vivem em Southland foram, sem dúvida, suas.

O tiro teve endereço imediatamente, ela poderia vê-lo pelo aperto de sua mandíbula. *Bom.*

Tomando um gole de vinho, ele botou a taça sobre a mesa antes de encontrar seu olhar desafiador.

—Falando das quais, como está Zar?

Rominac ficou imóvel, seu olhar foi de sua irmã para o seu pai.

—A campeã das fugitivas? Indo muito bem.

Mastigar um pedaço de bife, Garret escutou a troca, pensativo. *A moça estava segurando bem e indo direto para a veia jugular a cada chance que ela tivesse.* Ele realmente não podia culpá-la; Diago tinha muito a responder. A menos que a conversa parecesse estar em perigo de ficar fora de mão, ele decidiu que era negócio de família, e ele fazia melhor em simplesmente observar.

—Hmm. -Diago espetou um pedaço de vegetal verde e voltou seu olhar para Jase. —Entendo que você teve um gosto da sua hospitalidade?

—Sim, -ele respondeu logo.

—Não a seu gosto?

—Eu já tive melhor.

—E como você encontrou Zar, Dana?

Seu queixo levantou.

—Eu gosto dela.

Um sorriso sem graça tocou os lábios retos.

—Isso não me surpreende. Ela ainda é teimosa?

—Eu diria que os homens a fizeram ficar assim.

—Talvez. Como você encontrou os escravos do sexo masculino?

Um pouco mais palatáveis?

Seus olhos se estreitaram.

—Eu não ouvi você comentar sobre eles, -ele a considerava firmemente.

—Você sabe meus sentimentos sobre a escravidão.

—Mas você não disse nada sobre os escravos do sexo masculino.

—Eu detesto a escravidão e qualquer um que trata disso!

Os ocupantes da mesa ficaram em silêncio, todos, exceto por Diago, que continuou a comer.

Como ele podia ser tão calmo? Dana rangeu os dentes. Ela não podia acreditar que estava sentada aqui, compartilhando uma refeição com este comedor de carniça! Ele virava o seu estômago. De repente, ela começou a empurrar a cadeira para trás.

Imediatamente, a mão de Garret em sua coxa a parou. Olhando para ele, ela seguiu seu olhar aguçado, e virou-se para ver Rominac mordendo o lábio, com os olhos perturbados.

Dane-se tudo para o inferno e de volta! Como ela podia desapontá-lo?

—Como uma mercenária no Setor Outlaw, com certeza você lutou e fez escravos dos vencidos? -Diago perguntou com curiosidade.

A indignação queimou para a vida.

—Nós nunca fizemos escravos de ninguém. Lutamos por quem nos pagou e os deixamos imediatamente depois.

—Não quer saber sobre aqueles que você deixou para trás?

Por alguns segundos ela olhou para ele, então, um sorriso zombeteiro torceu os seus lábios.

—Como você fez com a mãe e eu? Ah, esqueci, você pensou que éramos assassinas. Bem, o que você sabe? Em nossos próprios caminhos, cada um de nós pensava de forma idêntica. Deixe aqueles que não importam para trás, com o seu próprio destino. Afinal, eles devem merecer, não devem?

Ninguém se preocupou em fingir estar comendo. Os Daamens assistiram a queima da fúria nos olhos de sua amiga, Rominac suspirou baixinho, e Garret estava pronto para impedir que a moça enfurecida voasse no Northlander mais velho, se ela tomasse em sua cabeça para fazê-lo.

Colocando para baixo os talheres, Diago olhou-a antes de dizer baixinho: —Somos nós mesmos, no entanto?

—Não neste lado do inferno, -ela sussurrou.

—Eu vejo, -levantou-se, inclinando a cabeça. —Parece que nenhum de vocês será capaz de desfrutar de uma refeição com a minha presença aqui. Por favor, comam.

—Pai...

—Mais tarde, Rominac, -com uma inclinação real da sua cabeça, Diago saiu da sala.

Garret olhou Rominac.

—Sinto muito, se terminou assim.

—Isso nunca começou, -disse Dana sisuda.

—Eu entendo seus sentimentos, irmã, realmente entendo, mas você não poderia ter tentado, pelo mesmo um pouco?

—Esse foi o meu melhor. Ele me provoca tanto. E o que lhe deu o direito de questionar minhas ações e pensamentos? Biologicamente ele é meu pai, mas nunca vai ser assim no meu coração!

—Se acalme, moça, -Garret disse calmamente.

—Eu realmente sinto muito, -Rominac correu uma mão pelo cabelo. —Não deveria ter esperado que vocês dois pudessem sentar e ser amigáveis, um com o outro.

—Seria preciso um milagre, -Red balançou a cabeça. —Eles parecem compartilhar a mesma teimosia...

—Eu não compartilho nada com ele!

—Claro que não, não é isso que eu quis dizer. Sua teimosia é totalmente diferente da dele. Não é o mesmo em tudo, -Red pegou um bocado grande o suficiente de carne em sua boca para evitar qualquer engano mais útil e comentários, e lançou um olhar suplicante para Simon.

—Então, -disse seu amigo. —Esta é uma casa agradável, Rominac. Quanto tempo você mora aqui?

—Hmm? Oh, parte da minha vida. Não muito tempo depois que chegamos aqui, na verdade.

—Onde você morava antes de aqui?

—Nós viajamos um pouco.

—Alguma vez você já pensou em deixar esse lugar? -Cam perguntou.

—Não imediatamente, -Rominac respondeu. —Um dia... Quem sabe? As coisas podem mudar.

—Que coisas?

—As maneira como as pessoas pensam. O modo de vida. Amor.

—O amor nunca muda, -disse Jase.

—Quando diabos você ficou tão chorão? -Cam perguntou.

—Quase ao mesmo tempo que o seu discurso se tornou tão eloquente.

Simon revirou os olhos.

—Alguém me salve, rápido!

Com um sorriso, Rominac olhou para a irmã.

—Você já viajou com estes comerciantes por muito tempo?

—Parece uma eternidade, -ela relaxou, se sentindo mais segura de si, entre as brincadeiras fáceis.

—Eu simpatizo. Assim, Garret, você comercializa para viver?

Sabendo que o Northlander estava tentando desviar a conversa para uma direção mais segura e, assim, introduzir uma atmosfera não ameaçadora, Garret facilmente respondeu: —Sim. Isto é algo que nós Daamens nascemos para fazer.

—Junto com fornicar e lutar, -Red declarou orgulhosamente.

—Estamos entre os melhores.

—Oh, não diga, -Dana respondeu. —Mas o que você faz melhor? Eu aposto que é fornicar.

—O que eu digo agora?

Divertido, Rominac assistiu a guerra de palavras que se seguiu antes de voltar sua atenção de volta para o comerciante de cabelos castanhos.

—Você já teve o desejo de se estabelecer?

Garret permitiu que seu olhar se arrastasse para Dana, que ainda estava discutindo com Red.

—Sim. Sim, eu tenho, e um dia vou sossegar e construir uma família, de volta para casa. Um dia em breve.

Rominac compreendeu o desejo que viu nos olhos do grande comerciante, imediatamente. Era um desejo que lhe era familiarizar.

O resto da noite foi sem intercorrências. Rominac caminhou de volta para o navio de comércio, mantendo a rédeas do cavalo que Dana montava, para evitar colocar muito peso sobre o tornozelo.

—Vou ver você de manhã, -ele prometeu, beijando-a na bochecha e abraçando-a por alguns instantes. —Nós ainda temos muito para conversar.

—Estou ansiosa por isso, -ela o abraçou de volta.



Em vez de Rominac, um mensageiro apareceu com uma folha de papel.

Espiando por cima do ombro, Garret leu em voz alta:

Algo aconteceu e devo atender. Me desculpe. Entrarei em contato com você quando puder, embora não tenha certeza quanto tempo isso levará. Poderia ser por algum tempo, então, não espere se você quiser sair. Amor, seu irmão, Rominac.

—Deve ser importante.

—Talvez, -inexplicavelmente, ela se sentiu magoada. *Por que não podia ter dito isso a ela, pessoalmente?* A nota era então... Fria. Desconsiderada. *Talvez fosse isso.* Seu comportamento na noite anterior deve tê-lo desgostado. O que mais ela esperava? Ele tinha uma vida própria e havia momentos em que ela vinha em segundo lugar. Provavelmente a maioria das vezes, afinal, eles ainda eram praticamente desconhecidos. Havia ainda muito que não sabia sobre ele. Isso significava apenas uma coisa. Ela tinha que ir em frente com sua própria vida, também. Parecia traição, novamente.

—Teria sido difícil para ele deixar de ver você de novo.

—O tempo passa e a vida continua, -escondeu o vazio repentino dentro dela.

—Moça...

—Não se preocupe, comerciante. É hora de deixar este lugar?

—Sim, estamos prontos, mas...

—Então vamos embora.

Ao entrar na cabine de jantar, Red ouviu suas últimas palavras e ergueu uma sobrancelha interrogativamente para seu amigo.

—Você quer que eu ligue os motores?

—Você tem certeza sobre isso, moça?

—Se ficar, vai ser por sua conta, não minha.

—Sim, Red, nós vamos. Diga a Simon para definir às coordenadas para Daamen.

Eles saíram na hora. Diago não veio para oferecer a sua despedida a filha, Garret observou sombriamente. *Bastardo*. Ele se preocupava com a forma como todo o episódio inquietante afetaria Dana, e descobriu quase que imediatamente.

Ela estava de volta ao normal, um pacote de beleza encantadora e temperamento quente, e ele apostava a sua vida, como de sangue quente. Mas ele percebeu que ela salvou seus comentários mais corteses para ele, quando não o evitava completamente. Ele reconheceu a estratégia de colocar uma distância emocional entre eles. A moça não tinha ideia da política do namoro educado.



A proximidade que começou a se sentir com Rominac havia lhe mostrado, novamente, o quanto dói quando alguém que ela se preocupava, simplesmente a deixava, sem nenhuma explicação real. Ver Diago de novo, e experimentar de novo o sentimento de traição, tinha renovado a sua decisão de não chegar perto do comerciante perturbador. Era algo que começara a acontecer nos últimos dias. Sua maldade deve estar funcionando, Dana disse para si mesma, para ele não empurrar a sua presença sobre ela, embora ainda estivesse atento, garantindo que ela descansasse muitas vezes e tivesse tudo o que ela precisava à mão.

Uma semana para a viagem para casa, curou a maioria das escoriações e os cortes cicatrizaram, as contusões desbotavam. Até mesmo seu tornozelo se sentia melhor e ela foi capaz de se mover por conta própria.

Observando sua melhora, Garret decidiu que era hora de parar de andar na ponta dos pés ao redor e começar a persegui-la de forma mais agressiva. Um toque leve não fazia nada de bom com a moça teimosa. Sua atitude para com ele não tinha amolecido, e ele só tinha uma escassez de tempo para mudar sua mente antes que eles desembarcassem em Daamen. Ser sutil não funcionava.



Tarde da noite que ele entrou na cabine de jantar para encontrar Dana sozinha, contemplando um livro sobre a mesa de café. Era a oportunidade perfeita.

—Como você está linda esta noite, meu pequeno morango?

—Isso só piorou.

—Que emocionante, hein?

—Que chato.

—Então, me permita entretê-la.

—Duvido muito que você pudesse fazer isso.

Seu sorriso estava de cegar.

—Eu posso pensar muitas maneiras para aliviar o seu tédio, moça.

O significado sugestivo não foi perdido por Dana. Um formigamento quente passou por suas veias, levando-a de surpresa, e irritando-a mortalmente.

—Não, obrigado, prefiro ficar entediada.

O desgraçado bonito se aproximou, com um brilho nos olhos cinzentos.

—Você não diria isso se soubesse como eu quero entretê-la.

Recusando-se a recuar, seu coração começou a bater mais rápido e mais duro do que o normal.

—Eu acho que sei o que você quer dizer e acho que você é absolutamente repugnante, o que não é nada incomum. -
altivamente ela inclinou a cabeça para trás, com nariz no ar.

Era um gesto que já enfureceu mais homens na galáxia do que ela poderia contar nos dedos das mãos e pés combinados.

Ele encontrou sua ação desdenhosa adorável.

—Acho que cabe a mim mudar sua opinião, o minha pequena moça mal-humorada.

—Nada do que possa dizer poderia mudar minha mente, -ela voltou arrogantemente, virando-se para pegar o livro.

—Quem disse alguma coisa sobre falar? Eu pessoalmente acredito em ações, não em palavras.

Que abalou a compostura da pequena gata infernal.

Instintivamente, sabendo que ele estava se aproximando, ela se endireitou, tentando balançar para trás rapidamente, mas foi dificultada por seu tornozelo, que ainda estava fraco.

—Cai fora, Garret! Você não pense mesmo... Oh! -suas palavras foram cortadas em um suspiro, quando foi levantada, virada e presa contra um peito enorme.

Seu braço em volta da cintura dela era como uma fita de aço, a mão entre as omoplatas imóveis. A onda de calor subiu por meio de seu sangue e tudo o que podia fazer era olhar para ele.

Toda diversão fugiu de suas feições perigosamente bonitas, para ser substituída por algo mais sombrio, uma paixão quente

mantida em um controle rígido, apenas mostrando uma fração do que ele sentia por ela.

Ela podia sentir a tensão súbita, o calor do seu peito nu que escoa através de seu colete para enrolar languidamente em torno de seus seios, antes de rastejar para dentro dela.

Sinos do inferno, o homem era letal! Por dez dias ele não a havia tocado de qualquer forma íntima, apenas apoiando as suas caminhadas, mancando ao redor do navio. Agora, ele a segurou com toda a intenção lhe dar uma maldita visão mais intimista e ela nem sequer retaliaria, como tinha jurado que faria!

Reunindo seus sentidos confusos, apertou as mãos sobre a onda de seus deltoides e empurrou.

—Vamos lá, comerciante!

Maldição, ele não se mexeu um centímetro!

—E se eu não quiser, moça? -ele falou com uma voz irritantemente baixa, que enviou pequenos lampejos de chama dançando ao longo de suas veias.

Estava satisfeito com o efeito que sabia que estava tendo sobre ela, vendo o desejo despertar, lutando com determinada raiva. Não havia como permitir que a raiva vencesse, não com ela tão quente e suave em seus braços, e os montes generosos pressionados contra o seu peito, e o colete de couro que não conseguia disfarçar a sensação dos mamilos brotando e empurrando tão sedutoramente. Ele abaixou a cabeça.

Vendo a sua intenção, ela virou a cabeça de lado freneticamente, mas uma mão grande emaranhou em suas madeixas para virar o seu rosto gentil, mas firmemente, de volta para o dele. –

–Pô, Garret, não ouse! Eu...

Lábios quentes cortaram os protestos. Ela lutou, quase em pânico, com o calor ardente de seu beijo queimando-a lenta e sensualmente. Não queria reconhecer o desejo que cintilava dentro dela. Não era afetada por seu toque, não era! Seus pensamentos selvagens ficaram nebulosos. Usando toda sua força, empurrou os seus ombros.

A moça era forte, não havia dúvida sobre isso, mas ele era mais forte e mais determinado do que nunca a fazê-la enfrentar o desejo que queimava com tanto fervor entre eles. Em um movimento relâmpago pegou seus pulsos e aprisionou atrás dela, com sua mão grande, usando o mesmo agarre para pressioná-la contra ele, mantendo-a. Sua outra mão entrelaçou em seus cabelos para mantê-la imóvel para a sua boca persuasiva.

Em uma última tentativa desesperada de liberar-se, Dana sacudiu seu joelho para cima, apontando para um golpe na sua masculinidade, mas ele estava esperando por tal movimento. Efetivamente bloqueou-a, rapidamente empurrando a coxa entre a perna e o joelho ascendente, e empurrando para frente.

Conforme planejado, o movimento a mantinha inclinada e fora de equilíbrio, tornando-a incapaz, em seus braços.

Erguendo a cabeça, Garret sorriu para ela.

—Relaxe, querida, prometo que você vai gostar.

—Maldito seja, Garret, não! Se você me beijar, eu juro que eu...

—Como disse antes, sua boca deliciosa foi feita para coisas melhores do que palavrões e xingamentos, e será o meu prazer lhe mostrar o que são essas coisas, começando com isso, -e capturou seus lábios novamente.

Corajosamente, ela lutou contra ele, recusando-se a suavizar os lábios ou relaxar, mentalmente batendo para baixo as chamas que dançavam nas bordas de sua consciência. Foi uma batalha que perdeu. As chamas atravessaram as barreiras, avançando através dela, acendendo a sua paixão e queimando a resistência até as cinzas. Pontos quentes explodiram onde os seus corpos se tocavam, e o cheiro limpo e masculino que era tão unicamente dele, encheu seus sentidos. Sua essência tinha se apoderado de seu corpo e deixado cada parte dela em chamas.

Com um gemido agriçoce, ela se rendeu.

Ele soube o momento em que desistiu da luta. Tornou-se flexível, pressionando contra ele, e os lábios apertados suavizaram e abriram.

Sem quebrar o contato de seus lábios, ele puxou-a em pé, e foi recompensado, com ela inclinando-se para ele, buscando um contato mais próximo. *Que* agora ele poderia proporcionar. Liberando seus pulsos, ele passou os braços em torno de ela e

puxou-a mais próximo a ele como podia, cercando-a de sua maior força.

Varrer a sua língua dentro da caverna doce de sua boca, ele provou sua essência de mel e inalou o aroma perfumado de sua pele. O desejo derramou como lava derretida em suas veias quando ela retribuiu o beijo, seus fortes braços delgados envolveram o seu pescoço, e os dedos girando em seu longo cabelo. Puxá-lo mais perto.

Sua masculinidade endureceu, ele apertou uma grande mão em suas nádegas, puxando-a apertado contra ele.

A tortura doce de sua feminilidade suave contra seu pênis duro o fez rosnar, uma mistura de desejo e frustração em um único som, e isso não foi suficiente. Ele queria, necessitava, saborear a moça, ansiosa e quente em seus braços.

Os lábios sensuais de Dana gemeram em protesto quando os dele se afastaram, para depois ronronar quando a boca de Garret se perdia para baixo, em sua garganta, deixando um rastro quente e úmido na sua esteira. Sua língua deslizava sobre o pulso que tremulava loucamente, provocando e degustando, antes de se mudar mais para baixo para pressionar beijos ardentes ao longo de um bem feito ombro, depois o outro, antes de explodir outro caminho queimando ao lado da sua garganta.

Ele a estava deixando selvagem. Uma fornalha rugia dentro dela, um calor líquido, pesado e mexendo, formando em que lugar secreto da sua feminilidade, reagindo à coluna latejante

pressionada tão intimamente contra ela. Suas mãos percorriam os braços para baixo e ao redor da cintura magra deslizando, até debaixo do colete solto para deslocar sobre a pele quente.

Deus, Garret era bom de sentir. Todo ondulações duras e calor de macho.

Ansiosamente ela acasalou com a boca, beijando-o de volta com o fogo inextinguível da paixão, apertando seus braços ao redor de suas costas.

Ela era como um vulcão em erupção de intensidade sexual, uma paixão desatada e indomável. Ele a pegou de surpresa e ela percebeu, um tanto tardiamente, que não havia nenhuma maneira que pudesse conter o atendimento, fogo subia piscando dentro dele. Ele tinha intenção de estar no controle, para persuadir e seduzir a moça, mas o controle foi se esvaindo rapidamente.

Tudo o que ele queria fazer era colocar, ou se sentar, ele realmente não se importava, e se enterrar no refúgio quente de sua feminilidade, sentir sua passagem perto dele e puxá-la mais profundamente nas profundezas quentes do seu corpo.

Levantando a cabeça, esquadrinhou a sala por cima do ombro bem torneado, mas rejeitou as poltronas instantaneamente, como destinadas a fazer lento, sem pressa e amorosamente. Não, o que ele precisava era de uma superfície firme, que suportasse a fúria de seus golpes, pois sabia que, quando levasse a moça fogosa, certamente não ia ser uma sessão suave.

Não, ele ia ser duro, rápido e quente.

Ele não podia esperar.

Olhando por cima do próprio ombro largo, seu olhar caiu sobre a mesa de madeira. Sólida. Robusta. Irremovível.

Excelente.

Começou a virar a cabeça para trás para Dana, mas uma centelha de movimento atraiu seus olhos e instantaneamente olhou para a porta da cabine de jantar.

Um sorridente Cam lhe deu o sinal de vitória, antes que Simon chegasse e fechasse a porta.

O baque do fechamento o trouxe para seus sentidos. Bom Deus, ele estava pronto para fazer amor com Dana em cima da mesa de jantar na cabine, à vista de quem passasse pela porta! *Não deveria acontecer assim!*

Com um gemido, ele a soltou, recuando e girando para longe, com os punhos cerrados e os dentes apertados, reunindo os destroços de seu controle, com uma vontade de ferro.

Atordoada, Dana olhou para as costas. O fogo ainda chiava em suas veias e estava desesperadamente perdida na sensação de seu corpo contra o dela, os braços fortes e boca sensual. Ela o queria e... Ela o amava. Todo este tempo tentou negar, mas agora tinha de ser reconhecido. Mas o amor era um risco de dor. Ele a desejava, era tudo, e ela estava tão disposta a se dar a ele, varrida pela paixão. E agora ele se virou e a deixou com os braços vazios. O que mais ela esperava? Será que a vida já não lhe ensinou a inconstância dos homens?

Lambendo os lábios inchados de seus beijos, encontrou sua voz, rouca como era.

—Então, agora que você tem a resposta que procurava, se sente melhor?

Melhor? Ele gemeu interiormente. Ele não tinha a metade do que queria dela, mas se ficasse em torno muito mais tempo, ele a agarraria e tomaria o que queria.

—Eu acho que é melhor você sair, Dana.

—Sair?

—Agora.

—Eu vejo. -as palavras eram legais, toda a paixão apagada.

—Uma coisa, Garret, antes de eu ir.

Rigidamente ele olhou para a parede, lutando para manter um pouco do controle que tinha perdido.

—Sim?

—Pelo menos tenha a decência de me enfrentar. Você me deve isso.

Devo-lhe? Que ideia descuidada a moça tem sob seus cabelos loiros agora?

Ele começou a virar, apenas para ser atingido por um golpe doloroso na mandíbula e uma explosão de estrelas diante de seus olhos. A fúria e frustração por trás do golpe, foi o suficiente para realmente fazê-lo cambalear para trás.

—Merda! -chegando a um impasse, uma mão no queixo latejante, ele olhou para a guerreira furiosa. —Que diabos foi isso?

Resistindo ao impulso de agitar os dedos machucados, Dana rosnou: —Você nunca me toque de novo, entendeu? Eu não jogo seus jogos!

—Jogos? -o assombro o encheu. —Eu não estava jogando!

—Você conseguiu o que queria. Me deixou ofegante atrás de você como um cão atrás de uma cadela no cio! Provou o seu ponto. É a última vez! -rapidamente, ela mancou pela cabine, quase arrancando a porta de suas dobradiças, com fúria, quando a puxou.

Garret estava sozinho e confuso. Do que diabos ela estava falando? Que jogo ela o acusava de jogar? E que ponto ele tinha provado? Ainda pior, por que ela comparou-se a uma cadela no cio...

A compreensão caiu sobre ele com horror, e com um gemido, trancou a cabine de jantar, a tempo de ouvi-la bater a porta da sua cabine, fechando.

Estava prestes a ir para lá quando uma voz simpática veio da plataforma elevatória.

—Provavelmente, o mais sábio é deixá-la arrefecer, meu amigo.

Chegando a um impasse, ele se encostou na parede do corredor.

—Pô, Simon, eu só pioro as coisas entre nós! O que eu estava pensando?

Simon sorria enquanto se aproximava.

—O que você estava pensando era claro como o dia, quando você olhou para a mesa.

—Isso não saiu como planejado, isso é certo., -Garret correu uma mão pelo cabelo e suspirou. —Pensei que tinha tudo sob controle, mas...

—Quando você sente desejo por uma moça, isto é difícil de controlar. Quando a moça é tão ardente como Dana, também, - Simon balançou a cabeça escura. —Isto não é tão difícil de entender.

—Eu tenho que falar com ela. Ela tem uma ideia errada, completamente.

—Boa sorte. Estarei no modo de espera com o kit de primeiros socorros.

—Ha-ha. Faça-me um favor. Dê um passeio no espaço sem proteção.

Antes que ele pudesse começar a voltar para a cabine, a voz de Red soou pelo interfone: —É melhor você vir até a sala de máquinas, Capitão.

—O que há de errado?

—As luzes de advertência estão piscando.

Grande, mais um problema.

—E isso significa o quê?

—Se não pudermos encontrar o problema, a interferência elétrica pode dar um curto-circuito nos computadores.

Nós vamos estar flutuando no espaço sem escudo de defesa, no caso de ataque de piratas espaciais, e nenhum poder para ultrapassá-los.

—Maldição! -ele lançou um olhar resignado para a porta fechada da cabine de Dana. —Muito bem, estou chegando.



Era meia-noite quando ele finalmente entrou, cansado, de volta em sua cabine. Era tarde demais para falar com ela agora, deveria estar dormindo e certamente não apreciaria ser acordada. Ele decidiu esperar até de manhã.

Capítulo 13

Ele nunca teve a chance, pois foi acordado por gargalhadas e muitas vozes, no início da próxima manhã.

—Que diabos...

Dois Daamens entraram em sua cabine e com um gemido ele os reconheceu.

—Vamos, já é tempo para chegar ao trabalho, -Darvk caiu na cadeira. —Nós estamos aqui para consertar as máquinas. Aamun está lá agora com Red e Heddam.

Sentando-se no beliche, Garret olhou através da cabine para seu amigo de cabelos escuros.

—O que diabos você está fazendo aqui?

—Red enviou uma chamada para Daamen, para ter assistência, depois que você foi forçado a parar os motores de baixo, então aqui estamos nós.

—Como você chegou aqui tão rápido?

—Nós estávamos em nosso caminho de volta, depois de uma visita ao assentamento Reeka em Comll, à seis horas de distância. Chegamos, e anexamos o túnel para a baia do embarcadouro, desembarcamos e o salvamos, -Maverk sorriu, seus olhos castanhos estavam cintilantes.

—De quê?

—Das moças.

—Reya e Tenia estão aqui? -se ela se alinhasse com suas primas, ele teria um inferno para ter um tempo com Dana sozinha, para uma conversa. *Porra!*

—Estão. Elas continuaram no meu navio, -Darvk sorriu.

A sensação de mau agouro encheu.

—Elas foram embora?

—Com Dana.

—Merda! -arremessando as cobertas, Garret pegou as suas calças. —Há quanto tempo? Chame-as de volta!

Sacudindo uma porção dos longos cabelos loiros por cima do ombro largo, Maverk sorriu mais amplo.

—Não adianta, amigo. Essas moças ficam juntas. Além disso, Tenia acha que a viagem não está de acordo, no momento, e está ansiosa para voltar para casa.

Orgulhosamente, Darvk estufou o peito enorme.

—Ela carrega o nosso segundo bebê.

Agora, por que isso não o surpreendia?

—Ordene que voltem.

Maverk deu uma gargalhada.

—Ordenar às duas? Você está fora de sua mente? A última vez que tentei pedir a Reya para fazer qualquer coisa, tive que dormir no sofá. Ela quase me matou!

—Além disso, -Darvk olhou para o amigo de perto. —Qual é o problema com ela indo para Daamen sem você?

—Nós temos negócios inacabados.

—Ah?

—Negócio privado.

—Oh.

—Assuntos pessoais.

—Eu vejo.

—Dane-se tudo para o inferno, ela é uma sangrenta teimosa!

—Sabemos exatamente como se sente, não é, Maverk?

—Oh, sim. Estamos casados com guerreiras Reeka. Sabemos o que ela está fazendo você passar!

—Nós passamos o mesmo, antes de nos casarmos e nos deitarmos com elas, -Darvk concordou com saudade.

—Eu não posso ver Dana ser domesticada assim, -Garret sacudiu a cabeça.

—Quem disse que Reya e Tenia foram domesticadas? -Maverk gargalhou. —Você não pode domesticar uma Reeka!

—Então, como diabos vocês vivem com elas?

—Com o maior prazer.

Garret jogou as mãos para o ar.

—Não, a sério, tenha muita paciência, dê e receba.

—Sim, -Darvk assentiu. —Elas acham que somos arrogantes e nós achamos que elas são muito teimosas. Mas o amor tem uma maneira de nos fazer trabalhar em nossos casamentos. Isto é muito de dar e receber, em ambos os lados, e falamos sobre nossos problemas.

—A melhor parte é fazer depois de uma batalha de vontades, -Maverk sorriu.

—Oh, sim, -concordou Darvk sonhador.

—Eu deveria ter pensado melhor antes de pedir conselhos a vocês dois, -irritado, Garret calçou as suas botas.

Seus amigos ficaram sóbrios imediatamente.

—Exatamente que conselho que você procura? -Darvk consultou.

—Sim, nós vamos ajudar, se pudermos, -cruzando os braços sobre o peito, Maverk ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

Garret vestiu o seu colete, em seguida, respirou fundo.

—Eu amo Dana, mas ela se recusa a deixar-me chegar perto o suficiente para mostrar a ela.

—Oh, -Darvk coçou a cabeça, pensativo. —Isto é um bocado de problema.

—Isso é realmente útil, amigo. Obrigado.

—Não fique nervoso. Agora, o que você fez para mostrar-lhe o seu amor?

—Estive lá para ela, se ela quisesse ou não, para seu próprio bem.

—Eu aposto que caiu bem.

—Eu cuidei de seus ferimentos.

—Bom começo.

—Mais alguma coisa? -Maverk perguntou com interesse.

—Como o contato físico?

Suas bochechas coraram ligeiramente.

—As duas vezes foram uma luta para começar e com um final ruim, -ele esfregou o queixo reflexivamente.

—Ah. Bem, e sobre o meio?

—Mágico. Pensei que a moça ia me colocar em chamas com a sua paixão. Porra, ela é um pouco quente... er, nunca mente. Isso é algum tipo de investigação?

—Mais alguma coisa?

—O que mais poderia haver? Ah, sim, eu andei na ponta dos pés ao seu redor, sendo todo atencioso e educado, e quando isso não funcionou, eu decidi ter uma abordagem mais agressiva...

Os olhos de Maverk se arregalaram.

—Agressiva? Com essa gata do inferno? O que você estava pensando?

—O que você quer dizer?

—O que mais você fez?

—O que mais eu poderia fazer?

—Você disse que a ama?

—Ela sabe que eu a quero...

—Mas você disse a ela?

—Não, ele caiu de volta para a cama. —Acho que deveria ter dito.

—Teria sido um começo de voo, -disse Darvk. —Eu sugiro que quando voltarmos para Daamen, você vá encontrá-la e diga como se sente.

—Ela vai rir na minha cara, ou me matar, eu não tenho certeza de qual.

—Pode ajudar se você parar de ir a tais extremos.

—Que extremos?

—Num minuto passivo, no próximo agressivo. Garret, você tem que ter Dana sozinha, diga a ela que você a ama, e estar preparado para resolver as coisas entre vocês.

Melancolicamente, ele olhou para seus amigos.

—E se ela não me amar?

Darvk olhou para Maverk então respondeu: —Você vai saber se você está desperdiçando seu tempo ou não, mas...

—Mas o quê?

—Eu acho que ela tem sentimentos por você.

—Sim, -Maverk concordou. —Ela respondeu aos seus beijos, não é? Se ela realmente não gostasse de você, não haveria maneira de você pudesse despertar alguma paixão dentro dela. E ela teria te machucado um inferno de muito pior do que ela, obviamente, fez.

—Como você sabe disso?

—Você ainda está vivo, -ele sorriu.

—Então, esse é o nosso conselho, -disse Darvk. —O que você acha?

Por alguns segundos Garret olhou para o chão entre suas botas, então se levantou decidido.

—Vamos obter este motor fixado.

Os dois amigos levantaram as sobrancelhas.

—Tenho uma mensagem para entregar a minha moça.

—Você aprende rápido, -Darvk assentiu com aprovação.



—Você vai ter que parar de correr.

—Reya, eu não corro, -Dana franziu a testa.

Desembaraçando a sua longa trança dourada do punho gorducho de seu filho, Tenia disse secamente: —Você se afastou do

navio de Garret antes de nós, e nunca agradeceu por ele ter cuidado de suas lesões.

—Eu nunca lhe pedi para fazer isso, em primeiro lugar.

—Não seja tão ingrata.

—Eu não sou ingrata!

—Não atire para mim, prima. Aqui, segure Vulya. Isso pode adoçar a sua acidez.

Reya se recostou na cadeira.

—É hora de você resolver esse problema com Garret.

—Eu não tenho um problema, -Dana fez uma careta.

—Você é francamente desagradável para ele, às vezes. É desnecessário.

—Como você pode dizer isso, depois da maneira como você tratou Maverk antes de se casarem?

—Diferentes circunstâncias.

—Huh!

—Nós acertamos os nossos problemas. E isso já é passado, você deve fazer o mesmo.

—Se eu quisesse uma palestra...

—Sente-se.

—Pô, Reya...

—Como líder das guerreiras Reeka, Dana, eu estou dizendo para você sentar e ouvir.

Desapontada, ela fez como ordenado, e olhou para a guerreira com a frieza em rosto bonito, emoldurado com selvagens cachos vermelho-ouro.

—Não é justo que você puxar a hierarquia.

—Faço isso quando necessário. Agora me diga o que incomoda tanto sobre ele.

Com rebeldia ela cruzou os braços, só para começar a se contorcer sob o gelado olhar verde.

—Oh, muito bem! Ele me irrita!

—Por quê?

—Você me faz sentir como uma criança!

—Então pare de agir como uma.

Sua boca se abriu e um risada abafada veio de Tenia.

Calmamente, continuou Reya: —Ele está interessado em você e eu suspeito que o assusta. Por quê?

—Ele não...

—Responda-me.

Dane-se tudo para o inferno e voltar.

—Eu não confio nele.

—O que ele fez para merecer isso?

—Ele é um macho...

—Essa desculpa não pode mais se aplicar a nós. Estes homens se mostraram nossos maiores e mais leais aliados.

—Acho que o problema é mais profundo, -Tenia falou decididamente.

Dana encontrou seu olhar violeta à contragosto.

—Isso não é assim. Que problema seria esse?

—O medo do envolvimento com os homens. Um legado de quinze anos atrás.

Ela empalideceu.

—E se for?

—Isso vai destruir qualquer chance que você tenha de felicidade, prima. Você deve enfrentá-lo.

—Já enfrentei isso. Foi o que aconteceu, acabou.

—Seja verdadeira. Se isso nunca tivesse acontecido, você poderia recusar as ofertas de amizade de Garret?

—Não é amizade que ele oferece!

—Ah? -o interesse despertou nos olhos de Tenia e Dana gemeu.

—Exatamente o que ele está oferecendo?

—Nada.

—Você retribui esses sentimentos?

—Como eu poderia? Não seja ridícula.

—Ele beijou você?

—Olhe para essas bochechas vermelhas, Tenia. Claro que ele beijou. Um olhar especulativo veio de Reya: —Você devolveu o beijo?

Ela tinha quase pegado fogo, queimando com a necessidade...

—Oh, sim, você está vermelha, -Reya inclinou-se para corrigir sua prima com um olhar severo. —Eu me recuso a permitir você destrua a sua vida e a dele. Quando chegamos em Daamen, você e Garret vão conversar.

—Em algum lugar privado, -os olhos da irmã brilharam. —A casa do rio. É a metade da jornada de um dia do assentamento.

—Por que lá? -Dana perguntou firmemente.

—Se vocês dois acabarem gritando um com o outro, ninguém vai ouvir.

—Não me faça fazer isso, Reya.

Uma sobrancelha fina e escura se arqueou.

—Você irá e vai resolver isso de uma vez por todas. Para o seu bem e o dele.

Murmurando sob sua respiração, Dana desistiu de argumentar.



Quando Garret desembarcou em Daamen, foi direto para a casa de Darvk e Tenia, e foi informado do paradeiro de Dana. Ele não perdeu tempo em tomar emprestado um disco de viagem, dirigindo-se para lá imediatamente.

A ansiedade roía dentro dele. *Era isso, o confronto final. Não seduzir, não agredir, nada de andar na ponta dos pés em torno da questão. Será que ele ia perdê-la de uma vez por todas?*

Quando a casa do rio entrou em sua visão, ele viu como era apropriadamente chamada, era pequena, com três cômodos, a moradia de pedra foi construída não muito longe do rio, num cenário bonito de grama verde esmeralda, flores silvestres e de árvores altas e frondosas. Insetos voavam na copa das árvores e borboletas flutuavam entre as flores. Seus olhos encontraram movimento mais para trás, e seu coração pegou ritmo quando observou Dana saindo da floresta. Ele não a tinha visto por uma semana. Parecia um ano.

Ela não o tinha visto, então ele desceu fora do disco de viagens, encostou na parede e continuou caminhando em sua direção. Ele soube o minuto em que ela o viu, por que seu passo ficou hesitante antes de retomar o seu normal ritmo ágil.

Ele estava chegando mais perto, olhando direto para ela, e ela engoliu nervosamente. Havia chegado a hora de enfrenta-lo. Para dar-lhe razões. Pela primeira vez em sua vida, ela parecia tomar o caminho mais covarde... mesmo que não se sentisse bem com isso.

De acordo com Reya, ela tinha feito o suficiente e era hora de parar. *Droga.*

Eles se encontraram no meio da clareira.

—Olá, Dana.

—Estou sob ordens para falar com você.

—Eu estou aqui por minha própria vontade. Se você não estiver, então talvez esta não seja uma boa ideia.

—Não, espere. Sinto muito. Nós precisamos conversar.

Voltando-se para encará-la, ele disse baixinho: —Não, sou eu quem deve pedir desculpas. Eu nunca deveria ter forçado a minha atenção em você.

Ele iria dizer a ela que estava desistindo? Seu coração caiu, quando deveria estar pulando de alegria.

—Você está indo?

—Ouça-me, por que isso é algo que eu deveria ter dito há muito tempo. Dana, eu te amo.

Ela olhou para ele. Ele a amava? Afinal, ela havia dito a ele, palavras duras e comentários sarcásticos, e ainda tinha caído de amor com ela? Não era apenas luxúria?

—Por quê? Por que eu?

—Porque você é... você. Espero que você retorne meus sentimentos, pelo menos um pouco?

Tudo o que esperava deste encontro, não era isso. Onde estava a raiva para deixá-lo ir? Ela poderia ter lidado com isso, cortado suas razões, para acabar com qualquer chance de amizade, e caminhar fora bastante satisfeita. *Mentirosa*. Teria chorado uma vez que estivesse sozinha.

Enquanto ela chorava agora na frente dele.

Lágrimas encheram os seus olhos e era difícil falar com o nó na garganta.

—Oh, Garret, não, -com a palma da mão sobre a boca, ela se virou de costas para ele e olhou através da visão turva para a linha das árvores.

De todas as reações que ele esperava, esta não era uma delas. Raiva... Possivelmente. Risos... Possivelmente. Uma resposta favorável... Uma esperança. Mas as lágrimas?

Impor as mãos sobre os ombros delgados, ele puxou-a de costas, contra ele: —Meu amor, o que está errado?

O calor em suas costas se infiltrou em seu corpo. Era o seu calor que ela tinha sentido falta na semana passada. O calor de seus olhos, o calor de suas mãos e o calor de seu riso. A voz profunda, e sim, mesmo o protecionismo dele. E a provocação.

—Oh, Deus, -ela gemia baixinho, com as lágrimas deslizando pelo seu rosto. —De qualquer coisa que você poderia ter dito, por que isso?

—Vamos lá, querida, -ele a ninava no círculo de seus braços.
—É tão penoso que eu a ame?

—Não, -ela chorou. —É que eu o amo...

Descontroladamente, seu coração pulou no peito as palavras que ele sonhava em ouvir.

—...mas não pode ser!

—Não há nada a temer. Eu estou com você.

—Esse é o problema. Por quanto tempo?

—Para sempre.

—Isso é o que meu pai prometeu minha mãe, -sufocou com tristeza. —E ele nos deixou, quando mais precisávamos dele!

Essa frase trouxe tudo em foco. Sua prevenção de amizade com os homens, as desagradáveis palavras para mantê-los à distância. Sua grosseria. Tudo fazia sentido agora.

—Ah, moça, -deitando sua bochecha contra a dela, sentiu a umidade das lágrimas. —Eu nunca faria isso. Confie em mim.

—Você não entende, -puxando para fora do porto seguro de seus braços, deu vários passos de distância, tentando recuperar o controle de suas emoções.

Ele ficou onde estava, olhando para ela.

Limpando o rosto com as palmas das mãos, ela pegou várias respirações, tremendo: —Eu idolatrava o meu pai. Ele nos fazia rir, me levou para colher flores e cuidar dos animais da fazenda. Tocou

com a gente e à noite... após a refeição da noite, ele passava um tempo com todos nós, conversando, olhando para a minha mãe com tanto amor. Ele era sua vida, Garret, toda a sua vida. Quando ele se foi, levou seu coração. Ele nos traiu. Ele nos traiu em tudo. Eu não posso passar por isso novamente!

—Você não terá que passar, juro por minha alma, Dana, eu lhe juro, nunca vou lhe trair. Nunca vou quebrar o seu coração.

—Você diz isso agora. É tão fácil, -virando-se, ela sussurrou:
—E se eu ainda fosse uma fora da lei?

—Eu ainda a amaria.

—E se eu fizesse algo errado e fosse marcada como uma fora da lei de novo?

—Eu viverei com você no Setor Outlaw.

Ele estava falando sério. Ele realmente acredita no que diz, pensou tristemente.

—Eu não posso dar a minha confiança para você.

—Porque você está com medo. Eu entendo, -se adiantou para ficar diretamente à sua frente, fazendo-a olhar para ele. —Tenho uma solução para isso. Em vez de se apressar em decisões precipitadas, por que nós não passamos algum tempo juntos?

—Juntos? -ela começou a sacudir a cabeça. —Não vai funcionar, ele...

—Espere, -levando a mão dela em um agarre suave, Garret foi gratificado quando ela não se afastou. *Isto é um bom sinal.*

—Precisamos conhecer um ao outro, moça. Gostos e desgostos. Crenças. Nós nunca tivemos tempo para fazê-lo. Para sermos amigos.

—Garret...

—Uma semana, moça, talvez duas. Só para fazer as coisas simples. Andar a pé, pescar, conversar, sei lá. E isso é pedir muito?

Ela suspirou.

—Duas semanas de uma vida. Isto não é tanto. E se você decidir, depois disso, que não há futuro para nós, bem...

—Bem? -ela repetiu em voz baixa.

—Vou aceitar sua decisão.

—Você vai?

—Sim, -a promessa doeu, mas lhe deu de bom grado, para ter a chance de provar a si mesmo. —Vamos ser apenas amigos e nada mais.

Ela estava indecisa. A cabeça dela dizia que não, não tome a sua oferta. Ele só vai dificultar as coisas no final do tempo. Seu coração dizia que sim, para tomar a sua oferta. Basta fazê-lo.

—Por favor.

Foi essa palavra simples que desviou o equilíbrio de sua decisão.

—Eu até prometo estar no meu melhor comportamento, -um sorriso minúsculo enrolou os cantos de seus lábios.

Ele puxou as cordas de seu coração, então recém-expostas, e inclinou a balança.

—Muito bem.

O sorriso minúsculo cresceu.

—Com uma condição.

—Diga.

—Seja você mesmo. Totalmente.

O sorriso desapareceu.

—Se eu tenho que realmente conhece-lo, então preciso saber tudo de você. No melhor comportamento, sem falsos pretextos.

—Meu humor irrita você, moça. Que chance eu tenho, se você estiver constantemente irritada comigo?

—Minhas irmãs guerreiras têm humores que me irritam às vezes. Isso não muda o que sinto por elas. Seja você mesmo, Garret, -endireitando os ombros, ela ergueu o queixo e acrescentou: —Ou você não confia em mim para ter algum bom senso?

—Temo o resultado, confesso.

—Então, nós dois temos medo. Eu não posso confiar no que eu suspeito que seja falso.

Ele estudou-a atentamente, em seguida, assentiu: —Como você quiser. Isto é um acordo, -apertou a mão dela. —Enquanto o mesmo vale para você.

—Você vai se decepcionar, comerciante. Eu sou naturalmente sarcástica.

—Eu vou adoçá-la.

Sua resposta automática pairava no ar entre eles. Ele não podia ajudá-lo, ele prendeu a respiração.

Liberando sua mão, ela passou por ele e partiu para a casa de campo.

—Você pode dormir no sofá, é largo e grande o suficiente.

Percebendo que ela estava mais confortável falando sobre coisas cotidianas, combinava o seu passo com o dela.

—Eu estou com fome agora. Confio em que há comida suficiente aqui? Eu não pensei em trazer nada.

—Há frutas.

Ele fez uma careta.

—Não tem carne? Pão?

—Fruta é o que eu tendo para comer quando estou sozinha. Há plantas silvestres na floresta... E animais, se você não se importar de matá-los.

Ele lançou-lhe um olhar interrogativo.

—Do jeito que você fala, eu acredito que você não se importa em caçar?

Aliviada por estar sobre um assunto neutro, ela respondeu prontamente: —Na verdade, sou relutante com a matança de

animais. A emoção da perseguição eu gosto, colocando minhas habilidades contra as dos animais selvagens que conhecem os seus arredores. Mas matar, no entanto, eu nunca me acostumei.

—Você está tentando me dizer que você nunca matou um animal para comer?

—Agora eu estaria mentindo. Durante os anos de fora da lei, tive de caçar e matar alguns ou teríamos fome.

—E quando Reya e você eram mercenárias?

—Reya matou o que nós caçamos, -ela entrou na casa. —Eu não tenho estômago para isso.

Seguindo o seu interior, ele se sentou à mesa e observou-a pegar uma pequena cesta do banco.

—Você quer dizer...?

—Eu vomito minhas entranhas após cada animal morto, -ela colocou a cesta sobre a mesa. —Sirva-se.

Fascinado por essa nova visão inesperada de Dana, Garret pegou uma maçã e mordeu-a.

—Mas eu vi você comer carne.

—Claro que sim... Quando alguém mata e prepara, eu teria que estar passando fome para fazer isso sozinha.

—Então, eu acho que não posso esperar para você caçar e matar o meu jantar? Que pena, -suspirou dramaticamente. —E eu tinha tanta esperança de uma esposa domesticada!

A cabeça de Dana disparou, os olhos piscando, indignada.

—Se você acha que vou esperar por você de pés e mãos, seu grande imbecil...

Garret jogou a cabeça para trás, morrendo de rir.

Quando o riso continuou, todo mal-estar fugiu e ela começou a franzir a testa. Em seguida, o pé começou a bater.

—Apenas o que é tão divertido comerciante?

Demorou alguns minutos para que ele trouxesse seu riso sob controle. Enxugou os olhos das lágrimas de alegria, e riu da posição irada da moça, com as mãos nos quadris generosamente arredondados.

—Me desculpe, meu doce, mas o seu rosto!

—Muito divertido.

Ainda rindo, ele se levantou e pegou a cesta.

—Vem, me mostrar onde as árvores frutíferas estão e vou colher mais um pouco de frutas para comer.

Balançando a cabeça, ela seguiu-o para fora da porta.

—Esta vão ser umas longas duas semanas, posso ver.

Assobiando alegremente, ele balançou a cesta pela alça e caminhou ao seu lado.

Ele tinha conseguido banir um pouco de seu mal-estar empolado por provocação e obter uma resposta de fogo. Esta era a

Dana que ele conhecia e amava, ardente, orgulhosa e simples. Natural. Sem medo de nada e ninguém.

Olhando de soslaio para ela, se perguntava o que estava pensando.

Ela queria saber se tinha tomado em mais do que poderia segurar por concordar com sua proposta.

O resto da tarde passaram na colheita de frutas e desenterrar os vegetais, o suficiente para alimentar e satisfazer a ambos.

Garret manteve conversa leve, jogando um comentário provocador, para desperta-la quando ela parecia muito pensativa. Mas ela descobriu que seus breves períodos de silêncio, quando ele estava concentrado em algo, eram bastante sociáveis. Fácil. E seu senso de humor divertido a pegou desprevenida, várias vezes, produzindo um sorriso antes que ela percebesse.

Ao todo, a tarde correu bem e Garret estava satisfeito. Extremamente satisfeito.

Ele surpreendeu Dana se oferecendo para cozinhar um guisado, sem carne, tornando-o deliciosamente saboroso pela adição de ervas. Observando-a tomar uma prova do que havia cozinhado, sorriu quando as suas sobrancelhas se levantaram.

—Muito legal. Meus cumprimentos ao cozinheiro.

—Aceito, -disse ele modestamente, voltando sua atenção para a tigela de sopa na frente dele. Estava com fome, as frutas que tinha

comido durante a tarde certamente não encheram seu corpo grande por muito tempo.

—Vai ser bom ter um homem domesticado em volta.

Ele quase engasgou com um bocado de cozido, e olhou para cima para encontrar o seu olhar brando: —Me desculpe?

—Você também limpa e faz as camas?

—Limpar? -repetiu ele, espantado. —Fazer camas?

Os lábios de Dana começou a se contorce: —Esfrega pisos? -fez um gesto em torno da casa de campo com uma onda lenta de sua mão. —Este lugar poderia precisar de um pano limpo e...

—Nem pense nisso, moça!

—Agora não há necessidade de ser tão modesto sobre sua domesticação. Prometo não contar a ninguém, -uma coisa diabólica dançou em seus olhos: —A menos que eles me paguem o suficiente para fazê-lo.

Seu rosto abriu um sorriso.

—Você é uma moça má, Dana das Reekas, com um sentido de humor negro.

—Obrigado, -ela tomou um gole saboroso da água. —Vou levar isso como um elogio.

—Deve ser entendido como um.

De repente, estava curiosa para saber mais sobre ele.

—Me fale de sua família? Eu nunca ouvi você falar deles.

Ele mastigou e engoliu um bocado de cozido antes de responder: —Não ouviu? Não sei por que, eles significam muito para mim.

—Você tem irmãos?

—Uma irmã e um irmão. Ambos são casados e têm filhos.

—Você é próximo a eles?

—Como você é com suas irmãs guerreiras. Nós já passamos por tempos difíceis juntos.

—Tempos difíceis, -ela assentiu com a cabeça compreensivamente. —Os parentes de sangue, é bom tê-los em momentos difíceis.

Um silêncio de companheirismo caiu entre eles, cada um perdido nos pensamentos de seu passado.



As horas da noite passaram. Tudo estava calmo e tranquilo, assim quando um baixinho 'Caramba!' chegou aos seus ouvidos, Garret acordou instantaneamente. Imediatamente ele ficou tenso, esforçando-se para ouvir. *Dana estava tentando fugir novamente?*

A decepção caiu através dele, pesada e desagradável. Ele estava tão certo de que ela iria ficar e dar ao seu relacionamento recém-nascido, uma chance de funcionar.

Capítulo 14

Xingando mentalmente para si mesmo, Garret começou a se levantar do sofá, só para ouvir o som da porta do quarto sendo aberta em silêncio. Rapidamente, se deitou, fechando os olhos. Talvez estivesse errado. Ela poderia estar indo pegar um copo de água, depois de tudo.

Ele não ouviu a sua abordagem, mas um leve aroma floral lhe informou que ela estava por perto, possivelmente verificando se de fato estava dormindo, ela ouvia a sua respiração no escuro.

Ele fez uma respiração uniforme e profunda, esperando que fosse capaz de enganá-la, para pensar que ele dormia. Deve ter funcionado, pois ouviu um suspiro de alívio, quase inaudível. Abrindo os olhos apenas um pouquinho, viu o contorno obscuro reentrar em seu quarto e fechar a porta atrás dela.

Arremessando as cobertas de lado, se levantou e correu até a porta, pressionando o ouvido contra a madeira, tentando ouvir o que ela estava fazendo. Um baque surdo e ele fez uma careta, até que um pensamento repentino o fez abrir a porta com cuidado e dar uma olhada.

O quarto estava vazio. As cobertas da cama foram jogadas para trás. Por um segundo horrível ele realmente pensava que Dana tinha fugido, mas então viu a mochila perto do armário, o luar brilhando através da janela iluminava a roupa dobrada em cima dela. Ela não teria fugido sem sua mochila.

Curiosamente, caminhou até a janela, pois era a única maneira que ela poderia ter deixado o quarto. Espiando fora, examinou a área, antes de finalmente achá-la. Ela estava indo para o rio.

Não se preocupou em perder tempo pegando seu colete e calçando as botas, pulou pela janela e a seguiu, tomando cuidado para se manter na sombra das árvores.

Quando ela parou, ele estava em um afloramento de rocha que pairava sobre a água girando preguiçosamente. Uma distância de caminho, manteve o grosso tronco de uma árvore entre eles, se assegurando que estivesse fora de vista.

Dana deixou cair algo na rocha e esticou-o rapidamente. Obviamente, uma toalha ou tapete. Sentada em cima, puxou um dos joelhos até seu peito e começou a desfazer as tiras de couro cru que eram enroladas cruzadas em torno de sua bota.

Bem, este era um desenvolvimento interessante. Garret sorriu. Obviamente, sua moça estava se preparando para nadar ao luar. Encostado no tronco da árvore, observava avidamente enquanto ela tirava suas botas e mexia com os dedos dos pés alegremente.

Seu sorriso vacilou quando se levantou, os dedos cutucando o nó que prendia o laço de couro cru segurando seu corpete fechado. O sorriso desapareceu completamente quando o laço foi puxado livre dos orifícios do corpete antes de finalmente cair para a pedra.

Quando o corpete seguiu o caminho do laço de couro cru, a sua boca ficou seca. Agora ele podia ver os seus seios, cheios,

redondos e generosos, que empurravam para cima com orgulho. Sua virilha, de repente, estava pesada. Mas isso não foi nada comparado com o cinto, quando foi posto de lado descuidadamente, e saia de couro aberta e deslizou por suas longas pernas para ser chutada livre.

A mulher sobre a rocha se esticava sensualmente, preguiçosamente, e o luar banhava-a com seu brilho branco, com sombras caindo nos lugares mais interessantes. Os seios fartos aumentaram quando esticou os braços para cima e arqueou para trás, enfatizando a cintura fina e a barriga lisa, o alargamento dos quadris e as longas e fortes pernas. E a sombra misteriosa entre as coxas bem torneadas.

Sua feminilidade. A entrada para o seu corpo.

Garret manteve os olhos na moça, seu pênis endurecendo, alongando e começando a pulsar.

Quando ela se virou e se inclinou, pegando o que devia ser uma barra de sabão, as sombras do luar caíram sobre as depressões íntimas e curvas de suas nádegas, fazendo-o começar a suar.

Endireitando-se, Dana foi até a beira da plataforma de rocha, pronta para um momento, então, mergulhou na água limpa.

Com o coração batendo forte no peito, Garret teve que usar de todo o controle para se impedir de se juntar a ela, de arrastá-la da água, pressionando-a no chão e dirigindo-se em seu corpo, bonito e doce... não poderia trair a confiança dela.

Ele sabia que devia sair, voltar para a casa, mas não poderia fazê-lo. Não quando ela reapareceu e aproximou-se do banco, parando com a água na altura da cintura, e levantando a mão para passar o sabão em torno de seus seios.

Rangendo os dentes contra o calor subindo em seu sangue, seu olhar seguiu o caminho do sabão. Ao longo dos bem feitos ombros, deslizando nos braços delgados, e descendo pela barriga, para desaparecer na água...

Sua masculinidade pulsava, era uma reação dolorosa por ver a moça que desejava, inocentemente tocar e limpar os lugares que para ele era proibido.

Quando ela se moveu na água, formando uma ondulação em torno dela, Garret sabia que a barra de sabão tinha deslizado entre as coxas, liso e suave contra a carne interior sensível, e era mais do que podia suportar. Sua mão deslizou sob o cós da calça para o latejar da sua masculinidade saliente contra a sua barriga e ele fechou os dedos em torno de si.

Era autossatisfação, ou carregar Dana do rio e levá-la na grama, e assim destruir a frágil relação que tinham. Sua mão se moveu mais rápido, ele procurou o lançamento, mordendo o lábio contra os gemidos causados por suas ações.

Dana olhou para a casa de campo. *Se ela tivesse ouvido alguma coisa?* Tudo estava quieto, então ela deu de ombros, jogou o sabão na pedra, e mergulhou de volta na água, enxaguando a espuma perfumada de seu corpo.

Incapaz de dormir, ela jogou e virou-se na grande, de repente, sozinha cama. Um calor maçante tinha estado nas suas veias, inspirado por visões de si mesma e do grande comerciantes bonito entrelaçadas, fazendo... isso.

Céu doce, ela só poderia adivinhar o que... isso... como ele... sentia. Em suas viagens, ela tinha visto putas em acoplamento com bandidos e mercenários, da mesma forma, indiferente de quem os via, mas se desviava rapidamente, com repulsa pelos grunhidos roucos, membros suados e linguagem chula que eles usavam.

De alguma forma, ela sabia que não seria o mesmo com Garret. Ele seria gentil e atencioso, carinhoso e a tocaria... A dor surda que começava entre as suas coxas fazia ter parafusos da cama.

O que ela precisava era de um banho e um mergulho nas águas frias do rio, para se refrescar, antes que saltasse para dormir com Garret na sala ao lado e praticamente estupra-lo!

Ele provavelmente amaria isso.

Então, aqui estava ela, mergulhando e nadando nas águas cristalinas, até que se cansasse e o calor nas veias desaparecesse, voltando para uma temperatura normal.

Escalando para fora do rio, sentou-se em cima da toalha estendida na pedra e se recostou em seus braços, dobrando os joelhos e plantando os pés apoiados na toalha. Inclinando a cabeça para trás, cerrou os olhos e respirou o cheiro fresco do campo. A brisa leve era fresca e seca, a água que escorria de seu corpo.

Atrás da árvore, Garret gastou-se. Seu peito e ombros se soltaram com o esforço de ficar quieto, as narinas dilataram com as respirações profundas que ele sugava para os seus pulmões.

Quem disse que aliviar a si mesmo trazia satisfação? Talvez no passado isso fosse verdadeiro, mas agora tudo o que sentia era um alívio drenado. Mas nenhuma satisfação. A única satisfação que ganharia seria quando se enterrasse dentro do corpo da loira deliciosa, quando se afundasse em suas profundezas aquecidas, e derramasse a sua semente dentro da sua caverna de seda.

Levantou a cabeça, e quase gemeu em voz alta. Ela estava sentada de lado sobre a borda da rocha, relaxada. Ela poderia ter sido um duende da natureza, uma invenção da sua imaginação sensual. Um riacho de água escorria de seu cabelo iluminado pela lua, para cair sobre os seus braços. Trilhas de umidade deslizavam para baixo, em sua sua garganta arqueada, e se derramavam sobre os ombros e para as curvas de seus seios, para pendurar como gotas de diamantes nas pontas dos seus mamilos, enrugados e endurecidos da brisa fresca.

Oh, Deus, ele podia sentir seu pênis agitar para vida de novo! Garret fez a única coisa que podia. Mantendo as sombras, fugiu de volta para a casa de campo.



Empoleirada no galho baixo de uma árvore com vista para o rio, Dana curiosamente assistia a chegada de Garret.

O cabelo castanho desgrenhado estava encantador e ele usava apenas calças apertadas e botas. Ele parecia amarrotado e cansado.

—É este o seu olhar matinal normal? -ela perguntou, iniciando uma conversa. —orque se for, você se parece com algo o como um gato arrastado.

Olhando na direção da voz, ele a viu instantaneamente. A moça estava sentada em um galho grosso, com uma perna esticada ao longo de seu comprimento, e a outra perna pendurada e balançando preguiçosamente. Recostada contra o tronco da árvore, ela parecia relaxada, contente e descansada.

E por que não? Ele pensou, quase amargamente. Quando ela voltou para a casa, tinha dormido como um bebê pelo resto da noite. Isso ele sabia por que jogou e virou a noite toda, lutando contra seu desejo, sabendo que o fruto proibido estava colocado um pouco além da porta. Só a sua honra o impedia de se arremessar contra a porta e provar dessa fruta.

Maldita honra.

—Meu, meu, quem está mal-humorado, então? -ela perguntou.

Chegando a uma parada ao lado do galho, Garret encontrou-se no nível dos olhos com a perna bem torneada estendida sobre o galho. Seu olhar viajou lentamente para o quadril curvo, cintura pequena, os seios arredondados e garganta delgada, até finalmente encontrar olhos suavemente divertidos.

—É esta a sua atitude normal nas manhãs? -respondeu ele.

—Depende, -ela jogou a folha que estava girando fora.

—Estranho, nas poucas vezes que estive por perto quando você acordou, sua atitude não foi nada alegre.

Dana sorriu.

—O sofá estava desconfortável?

—Huh?

—Você não conseguiu dormir na noite passada?

Uma suspeita terrível penetrou em sua mente. Ela o tinha visto, afinal? Será que ela sabia o que ele tinha feito? Ele manteve suas características em branco.

—Como você sabe?

—Acordei algumas vezes e ouvi você rolar ao redor. O sofá não grande o suficiente, afinal?

Embora tentado a informá-la que ele realmente tinha algo grande o suficiente para ela durante a noite, e que tinha sido a causa de sua inquietação, sabiamente decidiu contra.

—Ele é grande o suficiente, apenas estranho.

—Eu pensei que vocês, machos Daamen solteiros, estivessem acostumados a dormir em camas estranhas.

Os olhos cinzentos afiaram.

—Você sabe, -ela continuou alegremente. —Os Daamens são quase lendários por sua lascívia. Não é fácil uma moça estar a salvo de seu charme e boa aparência.

—É isso mesmo? -o cansaço fugiu ao seu humor de disputa óbvia. —E você nos acha encantadores e de boa aparência também?

—Longe disso, -ela bocejou. —Desagradável, eu diria.

Esticando o braço para fora através de sua perna, ele encostou-se no ramo e olhou para ela, apreciando a assustada expressão no seu rosto que, a seu crédito, ela rapidamente escondeu.

—Desagradável, você diz? Obviamente esta é uma área que vou ter que trabalhar, convencê-la de que somos realmente muito simpáticos.

—Vou levar sua palavra para isso. Eu não gostaria de colocá-lo em qualquer problema, especialmente porque você está tão cansado.

O toque da sua pele na perna nua estava causando estragos em seu coração, mas ela escondeu bem, mantendo a diversão em seu rosto como a única emoção presente.

—Eu nunca estou cansado demais para convencê-la de qualquer coisa, moça, -Garret sorriu. —Vamos começar agora?

Com seu cabelo desgrenhado, a aparência amarrotada, e um sorriso jovial, ele parecia capaz de tudo. De fato, ela não tinha dúvida de que ele era capaz de qualquer coisa.

No seu silêncio, ele a persuadiu: —Venha, moça, onde está seu senso de aventura? Como posso provar a você apenas como simpático eu sou?

Ela o achava muito simpático, este era o problema. Se ele foi tão longe, como para tentar prová-lo, mostrando quão bondoso ele era... A ideia era tentadora.

Mesmo quando o bom senso a advertiu contra isso, ela perguntou: —Como você pode provar, comerciante?

Um brilho acendeu em seus olhos, o braço sobre a perna dela deslizou de volta até que a grande mão repousasse logo acima do joelho.

—Posso fazê-lo, de qualquer maneira que você queira, minha querida.

O território perigoso a chamou irresistivelmente.

—Estamos falando de física ou mentalmente? *Agora, de onde isso veio?*

A grande mão avançou muito lentamente até o comprimento suave da coxa, e a voz profunda caiu para um suave veludo.

—Jogos mentais são tudo certo, mas os jogos físicos, bem agora, considero que este é um lugar perfeito para começar. O que você diria, meu pequeno pote de mel quente?

Sinos do inferno, as palavras que ele usou no lugar de seu nome! E quente não estava longe da verdade.

Ela estava se tornando muito quente a partir da sensação sensual da palma da mão calosa se movendo oh, tão lentamente, até a coxa. *Isso nunca faria!*

Ela deu um tapa na mão que avançava pela sua coxa, e respondeu rapidamente: —Física não é uma boa ideia!

—Não? -uma sobancelha escura arqueou em diversão diabólica. —Eu imploro para diferir e, como você apontou, os Daamen são homens muito experientes, então eu saberia, -a mão escorregou ao redor para o interior de sua coxa e um longo dedo suavemente esfregou contra a pele sensível.

Ela pulou com o toque.

—Garret!

Ele olhou para ela inocentemente.

—Sim?

—Mova a sua mão!

—Você tem certeza?

—Sim, agora! -então ela se afastou e colocou uma distância segura entre ela e este macho enlouquecedor!

—Estou sempre disposto a agradar a uma moça bonita, -disse ele, e passou a mão em linha reta até o resto do comprimento sua coxa.

Era como se um raio seguisse o caminho escaldante de sua mão, mas onde a sua mão parou intimamente contra o ápice de

suas coxas, o raio rasgou em linha reta através das suaves dobras quentes embaixo da sua saia, e queimou em sua feminilidade.

Na surpresa chocada, Dana caiu do galho. Literalmente.

Garret viu a expressão atordoada no seu rosto e sentiu a mudança que assustou o seu corpo. Rapidamente removeu sua mão, mesmo a tempo de pegá-la contra si mesmo, só que estava muito perto do ramo para manter o equilíbrio e caiu para trás com ela em seus braços.

Eles desembarcaram na grama fofa e ficaram por alguns segundos em silêncio, com a surpresa, com Dana esparramada em cima dele.

Recuperando os seus sentidos, ela levantou em seus braços.

—Seu idiota!

Preguiçosamente, ele sorriu, colocando um rubor furioso no rosto dela.

—Você me disse para mover a minha mão, meu pequeno morango. Eu estava apenas fazendo o que ordenou.

—Eu quis dizer tirar a mão, como você sabe muito bem!

Irônico, mostrou remorso em seu rosto rindo.

—Minhas desculpas, mas eu sou um homem simples que...

—Oh, cortar essa droga! -ela retrucou, se levantando sobre os joelhos. Em seguida, sua garganta ficou seca quando percebeu que se sentou montada os seus quadris.

Garret percebeu no mesmo instante, e o riso provocante fugiu dos seus olhos para ser substituído por uma expressão mais intensa. Lentamente, ele levantou as mãos para enrolar em volta da sua cintura.

Ela começou a se afastar.

—Esta não é uma ideia boa...--ela parou abruptamente quando ele a apertou em seus braços.

Seu sangue foi esquentando, o peso doce e a sensação das coxas fortes e delgadas em cada lado dos seus quadris ataçaram o fogo um pouco mais quente. Mas, vendo o alarme nos olhos arregalados, ele exerceu um controle de ferro sobre seu crescente desejo.

Não, não iria assustá-la desta vez. Ele tinha outros planos, ou seja, ela ia aprender que poderia tocar e beijá-lo sem ele imediatamente tentasse arrastá-la para a cama. Era a perfeita oportunidade de fazer a guerreira arisca se engajar em alguma intimidade com ele. *Isso ia mata-lo*, Garret pensava com tristeza, mas estava determinado a manter o desejo crescente, até que a moça que montava os seus quadris com crescente apreensão, estivesse pronta para ele.

As mãos fortes a seguraram nos quadris magros. Ajoelhada no chão com as pernas abertas, ela não tinha alavanca para se levantar. Seu coração começou a bater e sentiu sua pele excessivamente quente.

—Deixe-me, -a demanda saiu trêmula.

Ele considerava-a firmemente, tranquilizador.

—Venha, moça, você não admite que um beijo é a coisa mais natural no mundo, agora?

—Natural? -colocou suas mãos sobre o plano estômago musculoso dele, só para empurra-los às pressas na sensação perturbadora dos músculos mudando. —Você está fora de sua mente? Não há tempo para estar pensando em beijos!

—Não? -as mãos na cintura deslizaram em torno, para descansar na parte pequena das costas. —Diga-me, Dana, você teme a intimidade de um beijo?

Com ele, sim!

—Claro que não. Eu não estou apenas no humor, -blefou, tentando parecer irritada, mas conseguiu apenas parecer desesperada.

—Então me deixe colocá-la de bom humor, -ele sugeriu suavemente. —Um beijo, é tudo que eu peço.

—Você pede demais! -ela puxou os braços. —Um beijo leva a outro lugar. É sempre assim com você!

Quando sua mão foi para atrás de suas costas para puxá-la contra ele, Garret pegou em um aperto suave, mas firme.

—Neste momento vai levar mais longe.

Arrancando ineficaz em sua mão, ela deu um ronco de escárnio.

—Ah, com certeza! Você vai parar, sem dúvida. Eu não acredito que por um segundo!

—E se eu dissesse que você pode definir o ritmo? Se isso vai fazê-la se sentir mais segura, você pode me beijar e eu não vou tocá-la.

Ela parou de puxar contra seu aperto.

—O que você quer dizer?

—Que vou deitar e deixar você me beijar. Não a segurando, não beijando de volta, a menos que você me dê permissão. O que você diria , moça?

—Esperar por permissão? -o coração dela deu uma guinada com o pensamento do comerciante bonito, deitado, à mercê de sua misericórdia, seus olhos se estreitaram suspeitosamente. —Qual é o truque?

—Sem truque, -ele considerava-a firmemente, seu próprio coração batendo um pouco acelerado com a ideia de estar à sua mercê. *O pensamento era delicioso.*

Intrigada que Garret, um homem vigoroso, que já havia provado que tinha dificuldade em manter suas mãos para si mesmo quando ao seu redor, prometia o oposto, ela o contemplou pensativa. —Por quê?

—Por que é importante para mim, que você aprenda a confiar na minha palavra, que você aprenda a se sentir confortável à minha

volta. Que você não tema a intimidade, mesmo o mais simples de um beijo.

Engolindo em seco, ela olhou para ele. A sinceridade brilhava calmamente em seus olhos. Como seria beijá-lo para o seu lazer? Para beijar... e provar... ele? Para sentir a força sob as pontas dos dedos com o conhecimento que ele não ia agarrá-la e ela rolar debaixo dele? Seria uma sensação inebriante, ela não tinha dúvida.

—Me explore nos limites de sua zona de conforto, --as palavras suaves dançavam tentadoramente através de seus ouvidos.
—Prometo não explorar você, por minha vez... até você me deixar fazê-lo.

Sua confiança em si mesmo, foi enfatizada pela liberação repentina de seu domínio sobre ela. Mantendo o seu olhar sobre seu rosto, Garret levantou os braços acima da cabeça para ligar os dedos e descansar as mãos, palmas para cima, na grama.

Este era um terreno perigoso para ela pisar. Devia ter a oportunidade de saltar de cima dele e colocar alguma distância entre eles. Ele não iria segui-la, ela sabia, pois não iria forçar sua atenção sobre ela, se não estivesse disposta.

Foi esse conhecimento que a fez hesitar.

Foi essa hesitação que lhe deu a oportunidade de cutucar maliciosamente o seu orgulho.

—Com medo, moça?

—Claro que não!

Ele escondeu a sua satisfação com a resposta esperada.

—Bem, então, o que você está esperando?

Ele era muito sangrento de convencido de si mesmo! Pensou com um breve flash de irritação. Como de costume. Talvez fosse a hora de tirar um pino ou dois, mostrar-lhe como ela foi afetada pelo seu desafio. *Assustada, de fato!*

Olhando para baixo no rosto expectante, Dana se perguntou o que, exatamente, ela deveria fazer primeiro? Curvar-se e beijá-lo? Deslizar para baixo? Prepare-se em seus braços e, lentamente, abaixar-se?

Os pensamentos foram sacudidos pela elevação súbita das ancas magras e a flexão das pernas longas.

Com um grito assustado, foi lançada para frente para pousar em seu peito, o rosto a poucos centímetros do seu.

—Que diabos...

—As minhas desculpas, -disse ele, olhando em seu rosto. —Eu estava ficando em uma posição mais confortável. *E dando a moça indecisa um pouco de encorajamento.*

Levantando a cabeça lhe permitiu olhar para ele com olhos apertados.

—Você não estaria tentando tomar o controle, não é, comerciante?

—Quem, eu? -a inocência escorria da resposta. —Nem pense nisso.

Ele estava tentando obter o melhor dela. Bem, ela lhe mostraria. Um beijo rápido e ela estaria em pé e para fora, numa distância segura. *Cem metros de distância devia servir.*

Um beijo rápido, uma impressão simples de lábios nos lábios, em seguida, antes que pudesse saltar para cima em triunfo, ele comentou perversamente: —Uma moça Daamen de treze anos pode beijar melhor do que isso.

—Como você sabe? Você faz uma prática de violentar moças jovens?

Seu sorriso era provocador.

—Eu tinha treze anos então, e assim a moça explodiu as minhas botas para longe com seu beijo. Claro, ela não estava com medo de um beijo real.

—Beijo real? E o que, para você, é beijo de verdade?

—Profundo, aberto e quente, -ele suspirou-, mas está tudo bem, eu entendo que você ainda está preocupada...

—Oh, cale a boca! Eu sou prudente para você, comerciante. Você está apenas tentando me incitar para dar o que você quer.

Um sorriso triste curvou seus lábios.

—Não está funcionando, hein?

Ela sorriu.

—Nem um pouco.

—Ah, bem, -seu suspiro era mais sério desta vez, genuinamente arrependido. —Se isso é todo o beijo que você vai me dar, serei grato por isso.

Uma mão surgiu para irritar seu cabelo, antes de baixar para o tapete de grama novamente, deixando uma mecha de cabelo deitada em sua testa.

Sem pensar, ela estendeu a mão e suavemente retirou a mecha para trás, com os dedos afundando na espessa massa de cabelos. Ociosamente observou como era sedoso, desmentindo o desarrumado, parecendo, amarrotado e áspero. Era realmente muito suave, ela pensou, correndo os dedos através dos fios de seda.

Olhando para baixo, ela silenciou.

Olhos cinzentos haviam escurecido e agora olhava sem piscar para ela, intensa e profundamente.

Foi um erro o encontro dos seus olhos, essas profundezas misteriosas pareciam puxá-la para baixo, para eles, a intensidade chegando dentro dela para tocar seus nervos, e enviá-los formigando. Ela se tornou incrivelmente consciente de sua suavidade e curvas apertadas contra as ondas duras e mergulhos do homem deitado embaixo dela.

Inconscientemente, a mão saiu de seu cabelo, deslizando suavemente ao longo de sua têmpora e cinzelado das maçãs do rosto, chegando a uma parada quando o músculo em sua

mandíbula se apertou. Ela ficou fascinada pelas brasas de paixão ardendo nos seus olhos tempestuosos.

—Beije-me, Dana.

Foi um pedido que ela não podia recusar, pois sua razão havia sido vencida pelo desejo de responder. Ela queria beijá-lo. Completamente.

Quando os lábios macios o tocaram, Garret teve que tomar toda a sua força de vontade para manter as mãos no chão. Mesmo quando a provocava, ele tinha sido agudamente consciente do corpo curvado contra o seu, os seios macios pressionados em seu peito. Quadril a quadril. Feminilidade contra masculinidade. Dolorosamente maravilhoso.

O beijo foi hesitante no início, os lábios tocando levemente antes de ficar mais ousado, mais firme, movendo e moldando, então ela fez o que a sua mente gritou para que fizesse.

Sua pequena língua correu ao longo da costura dos lábios, timidamente buscando a entrada.

Com um gemido ele abriu para ela e docemente ela invadiu. Ele teve que cavar os dedos na terra para se parar de tomar posse de sua boca, lembrando de sua promessa de não beijar de volta, até que ela indicou essa disposição.

Foi tortura e prazer, misturados.

Ele tinha um gosto limpo e do jeito que ela imaginou que Garret era. A essência da masculinidade com um toque de tempero. E ela não conseguia o suficiente dele.

Sua mão escorregou de seu rosto para baixo na coluna forte de sua garganta e em seu ombro, alisando sobre os bíceps maciços e para baixo do braço, os dedos se espalhando sobre o seu punho fechado.

Imediatamente a mão virou, entrelaçando os dedos com os dela, segurando e apertando levemente, mas sem agarrar. A força de vontade fez sua testa ficar úmida, e quando os lábios macios traçaram um caminho queimando por sua garganta, ele teve que cerrar os dentes, e o seu sangue quente engrossou.

Ele nunca mais iria provocá-la novamente sobre sua capacidade de beijar.

Querendo aqueles lábios sensuais novamente, Dana voltou a boca para a dele, e ele não precisou de nenhuma persuasão para fazê-lo abrir para ela.

Tornando-se consciente do tremor no corpo embaixo dela, levantou a cabeça para olhar para baixo, para ele, preocupação competindo com paixão, pela supremacia.

—O que há de errado?

Mandíbula apertada, seus olhos fechados apertados, ele respondeu com voz rouca: —Nada moça.

—Você está doente? -a neblina do desejo foi adiada na presença da preocupação.

—Não! -ele ofegou e gemeu.

A ansiedade a fez rolar para fora a se ajoelhar ao lado dele, sua mão tentando tocar sua testa.

—Você está com dor?

Seu braço mais distante veio para drapejar sobre os olhos enquanto ele rangeu para fora: —Oh Deus, sim!

O sentimento de pânico foi posto de lado pela guerreira sensível dentro dela, encarregada de assumir uma atitude.

—Onde isso dói? Deixe-me ver. Talvez eu possa diminuir essa dor, -sua mão desceu para o estômago e os músculos ficaram mais tensos.

—Sim, você pode facilitar isso, -rangeu, com os dentes cerrados. —Só você, Dana, mas você não vai.

—Se eu posso aliviar sua dor, Garret, vou fazê-lo.

Seu braço disparou, os dedos fortes envolvendo em torno de sua mão para empurrá-la para baixo, segurando a palma da mão contra sua virilha.

Estupefata, ela sentiu o comprimento duro debaixo de sua mão. Duro e quente, e quando ele arrastou a palma da mão, ela sentiu a sua espessura, chegando a uma parada logo abaixo do cócs da calça, ela sentiu a ponta ingurgitada através do material.

Chocada, o seu olhar virou de volta para seu rosto e encontrou os olhos ardentes de desejo.

—Esta é a minha dor, causada por você e só pode ser aliviada por você, mas não está pronta, está, Dana? -quando ela não respondeu, ainda muito atordoada, ele apertou a mão dela mais uma vez contra a ponta, com raiva de seu pênis e respirou fundo. —Você está?

A sensação de um homem excitado não era algo que ela estivesse acostumada. Nem com clareza fria. E Garret era um espécime magnífico de masculinidade. A sensação de seu grande pênis, produziu tanto medo como desejo dentro dela.

Incapaz de lidar com suas próprias emoções conflitantes e a dor gravada no rosto do homem que olhava para ela queimando, ela puxou a mão e se levantou.

Com um silencioso e angustiado gemido, Garret jogou o braço para trás através de seus olhos. Ele havia feito isso, agora a tinha assustando, forçando-a a sentir o poder de sua necessidade para ela. Com toda a probabilidade, iria correr para seu disco de viagem com toda a intenção de saltar em cima dele e fugir, e ele não estava em condições de detê-la, pois se ele a pegasse agora... o autocontrole que se dane.

O tempo passou numa lentidão agonizante, mas com sua passagem, assim como o desejo quente, seu pênis perdeu gradualmente a sua espessura rígida.

Garret se tornou ciente do silêncio, e a convicção de que estava sozinho o fez querer fazer algo que ele não tinha feito desde a morte de seu cão amado quando ele tinha dezessete. Ele queria chorar para a injustiça de tudo.

Em vez disso, ele jurou violentamente: —Merda! Inferno sangrento! Cio, bastardo, inútil!

—Agora, se eu dissesse isso, eu estaria em apuros, -uma voz comentou secamente.

Capítulo 15

Sentando-se, ele balançou a cabeça para a direita para encontrar Dana encostada no tronco da árvore, olhando para o rio.

—Dana? -ele perguntou incrédulo.

Ela manteve seu olhar na margem distante do rio.

—Tínhamos um acordo, lembra? Tempo para um conhecer o outro? Eu concordei, e eu não quebro facilmente a minha palavra.

Um brilho quente o varreu, totalmente diferente de paixão. Este era o amor puro.

—Pensei que você tivesse tomado um susto e saído correndo, - lentamente, ele se levantou.

Virando-se, ela o encontrou perturbadoramente perto. Ele se moveu rápido. Ele também era capaz de olhar direito em os olhos, completamente sem vergonha de sua prova física de desejo, anteriormente. O que mais ela esperava? Ele pertence a uma raça sensual. Uma demonstração de paixão para quem ele deseja, não seria incomum para ele.

Isso, no entanto, não se aplica a ela. Suas bochechas estavam vermelhas quando seus olhos encontraram os dele e foi só pela força de vontade que ela foi capaz de dizer: —Eu não sou idiota. Sei o que ocorre entre um homem e uma mulher. Eu sou apenas grata por você não ir mais longe, -agora, ela balançou a cabeça e deu um

passo decisivo para passar por ele. —Se você quer carne para comer, vai ter que caçar, no caso, acho que é melhor começar.

Balançando ao redor, ele olhou com surpresa ela recuar, antes que ele se desse conta de que pretendia colocar o episódio para trás e continuar como antes.

Isso era quase sangrentamente impossível para ele. Ainda assim, ele se consolou, aceitaria a chance que ela tinha lhe dado, e continuaria a tentar ganhar a confiança dela.

Decisão tomada, ele a seguiu até a casa, onde a encontrou amarrando uma pequena adaga em sua coxa. A besta estava sobre a mesa.

Pegando a besta, ela entregou a ele.

—Vem, vamos embora.

Sua jornada para a floresta foi em silêncio, exceto por algum comentário ocasional. Garret estava determinado a não intrometer-se nos pensamentos de Dana, pois ele sentia que o fato de ela ficar, era um ponto importante em sua decisão de ganhar a sua confiança.

Dana repreendeu-se por ser uma tola e não aproveitar a chance de sair. Se ela fosse honesta consigo mesmo, ia admitir o quanto a paixão do comerciante a assustava. Oh não, entorpecia, agitando o medo, mas o medo de permitir-lhe continuar a tentar conquistá-la, só para ter que dizer a ele no final de duas semanas que era inútil. Ele fez causa de sua sensibilidade, que ela não só chamou-a agora, mas ficou por sua palavra. Ela concordou com um

período para deixá-lo descobrir que cadela desagradável ela era, então ele ia fazer a sua própria decisão de deixá-la.

Outra razão fundamental era que ansiava por um tempo com ele, e partilhar a sua companhia, de modo que tivesse uma memória para acalantar em sua velhice. Ela faria muito bom seria fazê-la em seguso dela, então.

—Sangrenta sentimental, -ela murmurou para si mesma, engolindo o nó na garganta.

—Perdão? -Garret olhou para ela.

—O quê? Oh, nada, -seu olhar caiu sobre a grama e ela viu as plantas trituradas. —Ah, nós encontramos a carne que você procura.

—Nós encontramos?

—Sim. É um pássaro, vê? -apontou para a marca da pisada, mas quando ele encolheu os ombros com tristeza, ela acrescentou: —Basta confiar em mim.

Eles não tinham ido muito longe quando Dana, de repente, pôs o dedo nos lábios e fez sinal para ele abaixar. Em mãos e joelhos, ela moveu-se furtivamente para um grupo de arbustos e cuidadosamente separou vários ramos com a mão. Olhando por cima do ombro, ela virou a cabeça para Garret.

Segurando a besta com cuidado em uma mão, ele avançou sobre o seu caminho e parou ao lado dela. Seguindo a direção do

seu dedo, ele viu um pássaro magnífico na sombra salpicada de luz, farejando o ar.

—Eis a sua carne, comerciante, -ela sussurrou. -Se você quiser comer, dispere isso.

Silenciosamente, ele levantou a besta. O pássaro recuou um passo, seus grandes olhos castanhos brilhando ao sol, suave e refrescante.

Ele era lindo. E sem dúvida saboroso, uma vez cozido.

—Vá em frente, mate-o. Uma seta direta no coração. Tome a sua vida.

Ele virou a cabeça para olhar para ela. Ela olhou suavemente de volta para ele.

—Bem, o que você está esperando? -ela indicou a besta. —Vá e termine com o seu prazer de viver.

Divertimento borbulhava dentro dele.

—Você está tentando colocar-me fora?

Ela revirou os olhos.

—Fazer ou não, cabe a você.

Balançando a cabeça, ele olhou para a besta novamente, depois para o grande pássaro, que se moveu, levantando a cabeça, como se sentisse a sua presença.

Pensando de um grande pedaço de carne succulenta fritando em uma panela, o dedo apertou o gatilho.

—Eu me pergunto se ele tem uma família em algum lugar?

Chicoteando a sua cabeça em torno, ele olhou para ela.

—O quê?

Espreitando por entre o mato, para a criatura magnífica, Dana sussurrou: —Você sabe, uma fêmea e um filhote. Acha que ele tem uma companheira em algum lugar?

As coisas que a moça pensou!

—Você quer me atirar ou não?

—Oh, cabe a você, -o olhar inocente virou-se para ele. —Está com fome de carne?

—Sim, como uma questão de fato, eu estou.

—Então atira.

Ele não sabia se ria ou batia na bruxinha. Era óbvio que ela estava fazendo o seu melhor para evitar que ele atirasse no pássaro. Bem, a má sorte para ela. Ele estava com fome, e com o cheiro imaginado de carne fritando, suas glândulas salivares começaram a fluir. Ele voltou sua atenção para o animal que estava agora olhando com cautela em sua direção.

Ele mirou. *Firme agora. Nenhum sofrimento para o animal. Uma matança agradável, limpa. Firme, firme...*

—Claro, o pássaro está quase órfão, -Dana sussurrou.

Ele não podia se ajudar. Começou a rir. Assustando, o pássaro, que decolou, deixando apenas a grama revirada atrás dele.

—Você o assustou. Nós não seremos capazes de encontrá-lo tão facilmente, de novo.

—Moça malvada. Você não queria que eu atirasse nele, não é?

—Foi você quem riu e o assustou, não eu.

—Você tinha que me fez rir!

—Não me culpe.

—Você é muito culpada, -balançando a cabeça, Garret endireitou a sua altura máxima. —Como você muito bem sabe.

Levantando, Dana acenou com a mão alegremente.

—Se isso vai fazer você se sentir melhor, então por todos os meios, me culpe.

—Agora o que vou comer? -ele olhou com tristeza para a direção que o pássaro tinha tomado. —A minha refeição da noite apenas escapou, graças a você.

—Tente a pesca. Há muito peixe no rio.

Sorrindo, ele caminhou ao seu lado, de sua volta para a casa.



A tarde passou agradavelmente, a conversa entre eles, sendo cuidadosamente casual. Garret tomou cuidado para não se referir

ao episódio da manhã ou provocar Dana com insinuações sexuais, deliberadamente, enquanto ela mantinha respostas evasivas.

Pescou e ela ficou deitada na grama, lendo calmamente.

A refeição da noite consistia de peixes e vegetais, ele novamente cozinhou os alimentos. Desta vez, levaram as cadeiras para fora e comeu sua refeição, enquanto assistiam o sol mergulhar no horizonte, e a lua vir, para lançar a sua luz branca e fantasmagórica sobre a terra.

O rio corria preguiçosamente e lembrando da noite anterior, ele disse: —Eu acredito que eu vou tomar banho hoje. Diga-me, moça, onde você vai tomar banho?

—No rio. Há sabão sob a pia da cozinha.

—Ah. Eu não vi você ir lá em baixo.

Pegando os pratos usados, Dana levantou-se para sair.

—Eu vou durante a noite ou de manhã cedo. Sozinha, -ela acrescentou, enviando-lhe um olhar de aço, como advertência.

—Claro, -sorriu afavelmente. —Eu não suponho que Darvk deixou nenhuma roupa de reposição no quarto? -retirando fora seu colete, o ergueu com uma careta. —Eu não acho que trouxe nada, dadas às circunstâncias, este poderia precisar de uma lavagem.

O luar banhava o seu peito enorme, delineando cada músculo liso que flexionava e puxava, com os movimentos do comerciante. Era quase inebriante.

Engolindo em seco, ela se virou para entrar na casa, segurando os pratos firmemente em suas mãos.

—Há algumas roupas de reposição no armário. Vou buscá-las.

Observando-a quase afundar dentro da casa, ele se inclinou para trás na cadeira e esticou os braços acima sua cabeça, o alívio queimava através dele. Não, suas ações naquela manhã não tinham assustado a moça. Por algum motivo, talvez isso fosse trabalhar a seu favor, pois agora estava mais consciente dele. Ele sabia pelo rubor naquelas bochechas lindas, quando olhou para o seu peito nu.

Dana raramente corava. Sim, parecia que mais bem do que mal tinha saído do que poderia tão facilmente ter sido um episódio desastroso.

Ela reapareceu, com uma toalha, colete e calças limpas, e um pedaço de sabão em seu colo.

—Obrigado, moça. -recolhendo os itens em seus braços, ele se levantou e se estendeu mais uma vez, mais para efeito, antes de passear na direção do rio.

Grandes estrelas! Dana gemeu silenciosamente e reentrou na casa. Tentando dissipar a imagem do espécime magnífico da masculinidade nu e atendendo suas abluções privadas, lavava os poucos pratos com mais vigor do que o necessário e se retirou para seu quarto com um livro.

Sentada na cama, tentou se concentrar nas palavras, mas seus ouvidos estavam esforçando-se para ouvir a sua volta. Ele se

foi há muito tempo, mas eventualmente, ela ouviu o som das botas no chão de pedra, em seguida, uma voz agradável cantarolando baixo uma conhecida cantiga, obscena.

Ela fez uma careta para a página. *Sangrento típico! Não era possível cantar uma música agradável, decente! Oh, não! Ele não seria um Daamen se o fizesse!*

Saber que ela não estava sendo razoável, a fez se sentir culpada. Sabendo que era a sua própria negação obstinada de sua atração por Garret, que a fazia não ser razoável e irritável. No topo do que era sua batalha para controlar seus instintos e emoções, que lhe pediam para ir para o grande comerciante e gritar o seu amor a ele. A culpa combinada com irritabilidade a fez querer chorar. Para combater esse sinal de fraqueza desprezível, ela ficou mais irritada.

Maldito! Por que ele tinha que vir e estragar as coisas para ela? Estava indo muito bem sozinha, ele tinha que vir, junto com seu charme e prepotência!

Preso em seus pensamentos melancólicos, a batida na porta a assustou e deixou cair o livro, conseguindo agarrá-lo pouco antes que batesse no chão. Infelizmente, a sua investida inclinou a balança e ela caiu no chão.

Ouvindo o baque abafado, Garret chamou preocupado:
—Moça? Você está bem?

—Estou bem!

Suas sobrelancehas subiram em curiosidade com a resposta mal-humorada.

—Você parece irritada. Você tem certeza que está tudo bem?

—Sim, eu tenho certeza!

Agora, qual carrapicho tinha ficado sob sua saia para fazê-la tão irritada? Recordando o rubor de suas bochechas, ele sorriu lentamente. Jogando em um palpite, ele perguntou: —Você precisa de alguma ajuda, meu amor?

—Não, eu sangrentamente não preciso!

Oh, sim, a frustração era evidente no tom. Ele era mais do que familiarizado com esse sentimento. O brilho diabólico acendeu em seus olhos.

—Será que fiz algo para... ofender... você, querida?

Um breve silêncio seguido de uma voz mais suave.

—Não. É coisa minha, -uma hesitação pequena, então mais forte, mais determinada, ela declarou: —Este é um lado que você terá que se acostumar a ver.

—E que lado é, minha pequena cereja?

A porta se abriu e ele se viu olhando para baixo em seus flamejantes olhos castanhos.

—Humor desagradável, determina uma pessoa totalmente! Terminou com o sabão? Bom! -pegou-o de sua mão. —Boa noite!

A porta se fechou em seu rosto.

Sorrindo, ele tirou as roupas emprestadas, apagou a luz e se deitou no sofá, jogando a coberta rapidamente sobre si mesmo. Ouvindo uma maldição e um baque baixo, ele adivinhou que Dana saiu pela janela e estava a caminho do rio.

Ela não se foi por muito tempo. Outra maldição murmurada anunciou o seu retorno.

A casa ficou escura.

Ouvindo a jogar e virar vindo do quarto, ele sorriu mais largo.

Alguém estava inquieta.

Ele dormiu tranquilamente a noite inteira.



Vestida com uma túnica curta emprestada do armário de sua prima, pés descalços, e com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, Garret pensou que ela parecia doce e inocente. Uma fada balançando e correndo sobre a grade da ponte que cruzava o rio. Uma fada que estava zombando dele.

—É preciso ser um verdadeiro guerreiro para aprender o equilíbrio, comerciante.

—Tomando um tolo em risco de cair no rio.

—Um balanceado qualificado não cai. Vamos lá, é uma habilidade que guerreiros praticam.

—Como as crianças?

—Oh, ha, ha. Não. A habilidade e disciplina ainda se praticam agora. Você está com medo?

—Olha, moça, eu não temo nada!

—Então suba, grande comerciante corajoso. Vamos ver quem se equilibra mais longe.

—Que distância?

—O comprimento da ponte.

Duvidosamente, ele olhou para as grades.

—Parece uma habilidade desnecessária.

—Uma vez, quando os caçadores de recompensas eram quentes no meu rabo em uma taverna, eu fiz isso através do telhado e em outra construção, correndo através de um feixe estreito. Agora me diga que não é uma habilidade que vale a pena.

—Você está dizendo a verdade?

—Você nunca vai saber, vai? Mas eu garanto que você vai sempre me perguntar, -ela sorriu para ele.

Ele sorriu de volta. A semana que passou em sua companhia só tinha feito com que ele a amasse mais. Sob o espinhoso exterior ele tinha descoberto um senso de humor perverso, que mostrava que ela relaxava em sua companhia.

Opor suas habilidades contra a sua maior força, era algo que ela, obviamente, gostava. Ele também descobriu um passatempo

favorito, que ambos compartilhavam, sentados diante de uma lareira, comendo batatas cozidas e compartilhando histórias, tanto bem-humoradas ou não, de pessoas e planetas onde tinham estado.

—Bem, você está vindo para cima, ou você vai admitir a minha maior habilidade?

Uma sobrancelha arqueou para cima, provocando.

—Moça atrevida, não é? Diga-me, você já aperfeiçoou a habilidade de cair?

—Cair. Do que você está falando?

—Você.

O brilho nos seus olhos a avisou antes mesmo que ele se movesse para frente.

—Não se atreva!

Um braço forte pegou na parte de trás dos joelhos e ela caiu nos seus braços.

Ele sorriu.

—Nunca desafie um Daamen, moça. Homem ou mulher, nós todos adoramos um desafio!

—Sua habilidade é trapaça, comerciante.

—Estou profundamente ferido.

—Eu espero que sim.

—Talvez um beijo possa curar a dor?

Sem pensar, ela deu-lhe um beijo na boca, rindo. Ela não sabia quem estava mais chocada, ele porque ela realmente fez isso, ou ela pelo mesmo motivo. Foi o primeiro beijo que haviam compartilhado em uma semana e os seus braços a seguravam apertado. Foi tão bom, que as estrelas a ajudassem, ela queria outro sabor do que ela se negou. Lentamente, apertou os lábios para os dele, mais uma vez.

Sua boca capturou a dela avidamente, moldando-se à suavidade. Deus, ele esperou tanto tempo. Ele ansiava por beijá-la e tocá-la mais intimamente, mas ele se reteve, esperando por ela, para dar o primeiro passo. Agora que ela fez, ele a beijou com todo o seu desejo reprimido.

Ela respondeu com paixão aquecida.

Ambos estavam respirando com dificuldade quando seus lábios quebraram o contato.

—Bem, -ele sorriu torto. —Isso foi bastante agradável.

Ela não estava muito certa do que dizer ou mesmo para onde olhar, então ela simplesmente olhou para os joelhos.

—Para mim, de qualquer maneira, —acrescentou Garret.

Sabendo que ele a estava olhando, ela arrastou seu olhar ao encontro dele. No calor de seu olhar, corou um pouco.

—Você tem vergonha, moça?

—O que faz você pensar isso?

—O fato de que você ficou vermelha.

—É o sol.

—Oh, sim, -ele riu.

—Miserável, -ela bateu no peito de ânimo leve. —Acho que é melhor você me colocar para baixo.

—Por quê? Eu gosto da sensação de você em meus braços.

Ela gostou também.

—Sou muito pesada.

—Você está certa.

—Você diria isso, -ela lutou um pouco. —Vamos, Garret, não podemos ficar assim para sempre.

—Por que não?

Ela acalmou e a diversão fugiu de seu rosto. Estranhamente, ela não ficou surpresa com suas palavras. Nem entrou em pânico.

Vendo a maneira firme como ela olhou para ele, Garret perguntou baixinho: —Já entramos em uma nova fase de nosso relacionamento?

—Eu não penso assim.

—Não?

Ela respirou fundo. Eles tinham, não havia como negar isso. Mas...

—Eu sou tão insegura, Garret. Não sei o que pensar.

Seus braços se apertaram uma fração.

—Talvez seja tempo de nós conversamos um pouco mais sobre nós.

—Nós?

—Nossos sonhos, nossas esperanças para o futuro. Como prevemos o nosso futuro. Como prevemos a nós mesmos.

Isso estava ficando muito profundo. Agora ela estava com medo.

Instintivamente, ele sentiu seu medo.

—Moça, vou começar a falar primeiro. Se não quiser adicionar nada, está bem, mas eu preciso lhe contar os meus sonhos.

—Oh, inferno.

—Estou contente que você seja tão agradável.

—Garret, eu...

—Você só tem que ouvir, moça. Prometo que não vou pressioná-la a revelar qualquer coisa. Mas quero compartilhar com você. Por favor, apenas ouça.

Como poderia negar? Ela queria saber como os seus sonhos eram. Queria partilhar seus pensamentos. Grandes estrelas, ela era um glutão de castigo.

—Muito bem.

Ele sorriu o seu prazer e levou-a através da ponte, para a sombra de um salgueiro enorme, onde a colocou suavemente para

baixo, no tapete grosso de capim. Facilmente se deitou ao seu lado antes dela, sustentando-se sobre um cotovelo.

Ociosamente arrancando uma das dezenas de flores silvestres que cresciam abundantemente ao seu redor, ele a girava entre dedos longos.

—Tenho laços familiares fortes, semelhantes aos que você tem com suas guerreiras irmãs. Eu venho de uma casa feliz. Não é perfeita, nenhuma família é. Nós discutimos, nós rimos, discordamos, e ajudamos um ao outro em momentos de necessidade. Meus pais foram rigorosos quando tiveram que ser, mas sempre amorosos, tendo sempre os nossos melhores interesses no coração. Eles ainda o fazem, -ele sorriu. —Para eles, nós seremos sempre crianças.

Silenciosamente ela puxou um joelho até o peito, apoiando o queixo sobre ele, lembrando sua própria infância. Houve bons momentos. Em primeiro lugar.

—Nós crescemos, e os meus irmãos casaram. Eu fui ver seus filhos, sua vida doméstica. Sou bem-vindo em suas casas. Tenho um lugar na vida deles, mas isso não é suficiente para mim. Eu queria viajar, conhecer novos lugares, fazer tudo que um comerciante Daamen faz. Eu amei a minha vida e me contentei com o que tenho.

—Então o que mudou? -Dana pigarreou. —Quero dizer, que os sonhos que você poderia ter se você tem o que queria?

—As circunstâncias mudam. As pessoas mudam. Eu era jovem... agora sou mais velho e, espero, mais sábio. Minha vida agora precisa de mais, -ele considerava firmemente antes arrancar outra flor selvagem e enfiando-a através da haste da primeiro. —Eu já conheci pessoas diferentes, aprendi mais sobre a vida.

Ela inalou a fragrância da flor amarela que pegou.

Estudando as flores, estendeu a mão para outra.

—No fundo da minha mente eu sempre quis uma família minha própria um dia, mas nunca realmente pareceu como um anseio, até que eu conheci você.

Seu coração disparou e ela não conseguia encontrar seus olhos.

—O amor instantâneo? Não é possível, você sabe.

—Eu nunca disse que foi instantaneamente. Admito, no começo eu não a amava. Como eu poderia? Não a conhecia, mas estava interessado em você como pessoa, -com a sua sobrelha levantada, ele suspirou. —Tudo bem, como uma garota bonita, também. Você me intrigou e eu tinha que saber mais de você, minha curiosidade se voltou para o gosto, em seguida, um carinho.

—Pensei que ia falar sobre sonhos futuros? -ela se mexeu na grama, um calor subindo dentro dela.

—u vou. Está tudo relacionado com o que estou dizendo agora.

—Oh.

Ele piscou para ela, antes de, cuidadosamente, adicionar outra flor selvagem para a cadeia crescente em suas mãos hábeis.

—Interessada, hein?

Ela revirou os olhos, mas era incapaz de negar.

—De qualquer forma, estar perto de você trouxe meus desejos à tona, moldando-os para a necessidade que tenho agora. Agora não basta simplesmente viajar e conhecer outros lugares. Eu preciso de algo mais, uma âncora, um porto...

—Me parece que você precisa ir para casa. Ou arranjar um cão, e não uma companheira.

—Moça perversa. Eu preciso de uma companheira, que vai cuidar de mim.

Seus lábios começaram a se contorcer.

—Mamãe não vai fazer isso?

Uma sobrancelha escura arqueou diabolicamente.

—Certamente não para o que eu tenho em mente!

—O que você quer, então? Além de uma cozinheira, faxineira e protetora, combinadas?

A cara de Garret ficou séria e sóbria, ele olhou para ela.

—Eu preciso de uma parceira, uma amante para estar ao meu lado através dos bons e maus momentos, para ter meus filhos e compartilhar sua criação. Para deitar em meu abraço à noite, para compartilhar seus segredos comigo.

Ondas de calor e frio correram através dela. Ele queria isso com ela.

—Eu preciso de uma companheira para vida. Eu preciso de você para ser minha companheira de vida.

Seu olhar caiu para a flor ainda deitada na palma da sua mão e ela engoliu.

Aguardando sua resposta, Garret estudou-a calmamente. Ela sentou assim em silêncio, a cabeça inclinada, uma mecha de cabelo loiro caindo em sua bochecha. Ele ouviu-a suspirar e viu a sua perna, enquanto ela se reorganizava para se sentar de pernas cruzadas.

—Você não pode estar surpreendida, moça. Você sabe que a amo, que eu quero compartilhar a minha vida com você.

—Eu sei, -respondeu suavemente, distraidamente empurrando o cabelo para atrás da orelha.

Ele deixou seu olhar vagar para o rio, observando o redemoinho preguiçoso de água, imaginando que ela estava pensando, e o que ela sentia. A necessidade de saber, mas determinado a manter sua promessa de não pressioná-la a revelar qualquer coisa.

Ela o contemplou por debaixo do abrigo de seus cílios longos. Ele confidenciou tão facilmente, era tão aberto sobre seus sonhos e necessidades. Seu amor por ela. Como poderia alguém como ele amar alguém como ela?

—Nós somos opostos.

Sua cabeça se virou e olhou para ela.

—Somos?

—Sim.

Seu batimento cardíaco disparou, mas à sua maneira, se manteve calmo.

—Você gostaria de compartilhar seus pensamentos comigo, moça?

Ela suspirou. Arranhado seu braço. Estudou as pétalas da flor. Será que ela poderia? Poderia ser tão aberta como o homem esperando tão pacientemente pela sua resposta?

—Eu não sei. Eu nunca disse a ninguém os meus sonhos.

—Nem mesmo para Reya? -ele ficou surpreso.

—Ela tinha os seus próprios problemas.

—É verdade. Ainda assim, eu estou aqui agora. Se você quiser falar, tudo bem. Se não, -deu um sorriso torto. —Eu ainda a amarei.

—Você diz isso com tanta facilidade.

—É fácil dizer quando estou com quem amo.

—Então, por que é tão difícil para mim?

—Porque eu aceito isso.

—Então, eu também.

Eles estudaram um ao outro, sobriamente.

—Eu não temo isso, moça.

—Eu temo.

—Teme a mim?

Seu olhar mudou para o rio.

A ligeira dor que ele sentiu não deveria ter vindo como uma surpresa. Não era concebível que ela pudesse mudar de ideia em uma semana, não importa o quão próximos eles se tornassem, quão amigáveis. Isso não o impediu de desejar-la. Ele voltou seu olhar para a própria da corrente de flores se formando em suas mãos.

—Minha família foi feliz no início.

As palavras baixas trouxeram sua atenção de volta para ela.

Olhando através das águas espumantes, Dana continuou em silêncio.

—Como eu disse antes, meu pai era o centro de nosso pequeno mundo. Eu costumava sonhar com um homem que eu poderia amar, que me traria flores e me diria como ele tinha de me ter em sua vida. Eu queria uma casa, vários gatos, alguns cães, um companheiro. Tudo que tínhamos. Eu nunca pensei de crianças, que viriam depois, -então ela deu de ombros: —Foi apenas um pensamento que eu nunca deveria tê-los.

—Você pensou que ia morrer?

—Não. Eu só decidi, no dia que meu pai saiu, que eu nunca iria me permitir amar um homem o suficiente para que ele pudesse quebrar meu coração e espírito.

—Nem todos os homens são assim, moça. Teve aqueles que permaneceram com as Reekas até que morreram.

—Eu sei. -ela esmagou a flor em seu punho, lançando a doce fragrância. —Mas ele me machucou de uma forma que nenhum outro homem jamais poderia. Ele me traiu. Quebrou meu coração, destruiu a minha vida. Ele destruiu os meus sonhos de qualquer maneira. -lágrimas sufocaram a sua voz, sua visão. —Eu jurei que nenhum homem jamais faria isso comigo de novo.

Garret sentou-se, sentindo a sua dor como se fosse sua própria.

—É por isso que você me teme? Porque você acha que vou dar dor a você?

Os olhos castanhos, brilhando com lágrimas, olharam para ele.

—Sim.

—Meu amor, eu nunca iria abandoná-la assim, nunca iria traí-la. É minha companheira para a vida. Eu sou seu para vida.

—Como posso ter certeza? Como você pode ter certeza?

—Eu não sou seu pai, moça. Eu não posso dar o amor que ele negou. O que posso dar é meu amor, um amor eterno. Eu não posso provar isso a você, só o tempo vai fazer isso.

—Estou com medo, Garret, -ela enxugou uma lágrima perdida fora de sua bochecha. —Eu não poderia sobreviver se você me

amasse, e em seguida, me deixasse. Eu sei que está no fundo do meu coração. Vai ser uma sentença de morte para mim.

Capítulo 16

Com o rosto cheio de solicitude amorosa, ele se ajoelhou perto, diante dela e gentilmente agarrou seu braço. Uma garantia firme enchia a sua voz, quando disse baixinho: —Prometo diante de Deus, Dana, que nunca vou deixar de te amar, que não vou te trair em qualquer momento, por qualquer motivo ou com qualquer uma. eu sou Garret, de Daamen. Um comerciante com um amor simples e eterno empenho para você.

—Estou com medo. Eu sinto muito, eu sei que não é o que você quer ouvir, mas eu não posso ajudá-lo.

Carinhosamente, ele reuniu-a em seus braços.

—Nunca peça desculpas por compartilhar seus sentimentos comigo, querida.

—E se eu não concordar em ser sua companheira? -sua voz tremeu e engasgou.

A dor o percorreu e ele apoiou o queixo sobre sua cabeça.

—Não vai mudar meu amor por você. Vai simplesmente ser de longe.

—Você poderia encontrar outra para casar...

—Nunca! -respondeu ferozmente. —Nunca haverá outra para mim. Eu acredito que há uma verdadeira companheira para cada pessoa. Você é minha companheira. É você ou ninguém.

Levantou a cabeça, ela olhou para ele.

—Nunca é muito tempo.

—Para sempre é o tempo eu vou esperar por você.

Seus olhares se prenderam e ela viu o profundo amor refletido nas profundezas de seus olhos tempestuosos, a promessa de compromisso eterno.

—E se levar uma eternidade para provar o meu amor por você, então que assim seja.

—Como você pode ter tanta certeza que eu sou a única? -ela sussurrou.

Sem hesitar, ele estendeu a mão para a cadeia de flores e colocou-a quase com reverência sobre a sua cabeça loira.

—Porque você é minha Rainha de Copas. Meu coração, minha vida e meu amor estão em suas mãos. - ternamente derrubou o queixo com um dedo. —Você acha que é a única a temer, minha amada? Você não percebe que está em seu poder esmagar meu coração, minhas esperanças, meus sonhos? A partir do momento que descobri que te amava, você se tornou tudo o que eu precisava, tudo o que eu desejo. Você é o meu futuro, Dana. Sem você, eu não sou nada.

Ela não sabia o que dizer, ou como responder. Tudo o que ela podia fazer era se encostar nele e ser cercada pela força reconfortante de seu corpo. Fechando os olhos, ela aninhou a cabeça em seu peito, e a batida constante de seu coração embalou os seus sentidos cansados.

Sentindo-a relaxar, Garret recostou-se contra o salgueiro e embalou-a nos seus braços. Ela não tinha feito promessas, mas ele se sentia mais perto dela do que jamais esteve. Sim, ele revelou a sua alma para ela, o poder que ela tinha sobre o seu coração, mas não havia dúvida em sua mente que ela iria mantê-lo seguro. Sem dúvida, nenhuma.

O som do rio se movendo preguiçosamente e o barulho da folhas a foram acalmando e, emocionalmente gastos, eles deslizaram para um sono tranquilo.



Havia sangue por toda parte e partes de corpos espalhados pelo chão sujo do calabouço. Reya estava lutando para se levantar, o sangue escorrendo de um ferimento na cabeça. Tania estava presa contra a parede por um mutante monstruoso, enquanto Aster lutava bravamente contra um segundo mutante. Meio inconsciente, com o tornozelo latejando dolorosamente, ela estava ciente de tudo, tentando desesperadamente reunir sua inteligência e servir de ajuda para as suas irmãs guerreiras, sabendo que todas poderiam morrer nesse buraco de pesadelo.

‘Você está bem?’ ‘Calma, moça.’ ‘Deixe-me ver primeiro.’ Ela foi carregada para a segurança.

A sala era enorme, fileiras e mais fileiras de membros do Comitê de Paz Intergaláctico assistindo sem emoção, como as guerreiras, todas bandidas condenadas, os enfrentavam. Isso era sem esperança, as evidências contra elas eram fortes. O medo a enchia. ‘É melhor isso funcionar.’ A mão no ombro dela. ‘Nenhum dano virá para você, enquanto eu viver.’

A taverna no Setor Outlaw. ‘Então, meu doce, você sentiu a minha falta?’ ‘Como um buraco na cabeça.’ ‘Eu vejo que você sentiu. O meu coração se pergunta, para saber disso.’

Sua guerreira irmã, estava doente e febril, enquanto ela estava tão exausta. ‘Eu preciso verificar Reya.’ ‘Maverk virá para ela, moça, enquanto eu vejo você.’ Cenas diferentes, caóticas, mas todas com um tema familiar. A preocupação com uma voz profunda. ‘Eu poderia levar você, moça.’ ‘Eu estou aqui para ajudá-la.’ ‘Não temos que lutar sobre tudo, moça?’ ‘Você não pode simplesmente aceitar a minha ajuda?’ ‘Eu só estou tentando ajudar.’ ‘Eu estou ajudando-a.’

Ajuda. Ajuda. A mesma palavra, uma e outra vez.

Franzindo a testa, ela tentou se afastar, mas a palavra a seguiu, quente e cheio de preocupação.

Significados ocultos revelados ao seu subconsciente.

‘Passe algum tempo comigo.’ ‘Eu sempre tenho tempo para você.’ ‘Chateando ela e você me chateou.’ ‘Fale comigo.’ ‘Você precisa de um amigo.’ ‘Eu não sou nenhum expert, mas eu sei que você está sofrendo e eu estou aqui para você.’

Para você. Tudo para você.

‘Eu precisava de um pai, mas eu fiz isso sem ele’, ela sussurrou para a figura sombria.

‘Eu não sou seu pai’, respondeu a figura e havia amor em sua voz.

‘Eu estou com medo.’

‘Não há nada a temer, moça. Eu estou com você.’



Dana abriu os olhos lentamente, as palavras persistiram em sua mente. E ele estava com ela, seus braços embalando-a perto de seu coração, a batida constante do mesmo em seu ouvido. Ele era real. Ele estava aqui. Ele sempre esteve lá para ela, no Setor Outlaw, e antes do Comitê de Paz Intergaláctica, pronto para defendê-la contra qualquer um e todos. Seu campeão quando ela foi para baixo, nunca deixando o seu lado. Desafiando sem medo qualquer um que ousasse incomoda-la. Nem uma vez ele tinha se afastado ou a deixado sozinha.

Nem mesmo quando ela se enfureceu com ele, jurou, e ordenou-lhe inúmeras vezes para sair. Ele apenas sorriu, encolheu os ombros ou simplesmente conversou com ela. Ou seguiu o seu caminho, arrastando-a com ele.

Mas nunca a deixou sozinha.

Nunca.

Como ele havia prometido agora. Como ele tinha provado no tempo passado e de novo. Como ele sempre estaria com ela no futuro.

Cuidadosamente, Dana se apoiou em cima de cotovelo, para contemplar o rosto do Daamen adormecido. Sombriamente bonito, com o olhar de um menino maroto no sono, mas era um homem forte, cheio de caráter.

Os longos cílios levantaram devagar e os olhos cinzentos olhavam diretamente para a dela.

—Você está bem, moça?

Seu primeiro pensamento foi para ela. Como ele sempre fez, desde que ela o conheceu.

—Eu amo você, Garret.

Seu polegar tocou suavemente em seu queixo.

—E eu a amo com todo o meu coração, moça.

Sua mão cobriu a maior.

—Faça amor comigo.

Seus olhos se arregalaram.

—Dana...

—Eu preciso que você para fazer amor comigo. Agora.

—Não é que eu não queira. Deus sabe, eu tenho pensado nisso muitas vezes, mas você tem certeza?

—Eu quero provar o meu amor por você.

O calor encheu o olhar.

—Eu não duvido da sua palavra.

—Garret, eu estou lhe dando tudo de mim.

Ele acalmou, o olhar fechado com o dela. Seu peito apertou e por alguns segundos não conseguia respirar, não ousava acreditar que ele tinha ouvido corretamente o que ela disse. Mas podia ver nos olhos dela, a resposta que ansiava por tanto tempo.

—Dana, você está...?

—Vamos compartilhar nossos sonhos, -ela sussurrou.

—Oh, Deus, obrigado, -ele respirou.

A mão em seu queixo puxou-a com cuidado, e segurou-a para os seus lábios, roçando levemente ao longo a carne de seda, saboreando-a com ternura. Amorosamente.

Quando se afastou, ela sussurrou: —Faça amor comigo.

Ele pensou que seu coração fosse explodir.

—Isso vai ser especial, minha amada...

—Dana! Garret! Onde estão vocês?

As palavras atravessaram o momento amoroso, assustando-os, e eles olharam em volta para ver Jase em um disco de viagem, aproximando-se da casa, rapidamente.

—Oh, não! -Garret gemeu.

Dana se levantou.

—Eu me pergunto o que ele quer?

—Seja o que for, vamos nos livrar dele rápido! -Garret levantou-se ao lado dela, envolvendo um braço em torno da sua cintura.

—Promete?

Ele sorriu para ela.

—Definitivamente. Jase, por aqui!

Encontrando-os, seu amigo inclinou-se ligeiramente para o lado, mudando de direção e indo em direção a eles. Enquanto ele se aproximava, viram sua expressão sombria.

Ele fez uma parada diante deles, ele pulou do disco e entregou um 'viscomm' para Dana.

—Me desculpe por ser o portador de más notícias, em um momento como este, moça.

—O que aconteceu?

—Rominac desapareceu novamente e Diago acusa Zar. Northland e Southland se preparam para guerra. A mensagem vem de Cina.

Um arrepio passou por ela. O irmão dela. Guerra.

—Maldição! -Garret olhou para Jase. —Quem é esta Cina?

—Amante de Rominac.

—Amante? -Dana olhou para Jase.

—Aparentemente. Implora para falar com você e espera que entre em contato com ela sobre isso.

Abrindo a tampa, ela olhou para a tela.

—Qual é o código para alcançá-la?

—Basta pressionar o botão *recall*.

Em poucos minutos o rosto molhado de lágrimas apareceu na tela, e Garret estudou a jovem moça sobre o ombro de Dana.

—Cina? -Dana perguntou.

—Sim. Você é a irmã Rominac?

—Sim.

—Graças às estrelas! Você deve voltar e parar esta guerra que está se formando!

—O que está acontecendo? Quem é você e por que a preocupação com a segurança de Rominac? Você é uma Southlander, não é?

—Eu sou agora. Eu era uma escrava de Diago, dada para Rominac. Nós nos apaixonamos, mas o casamento é proibido na nossa terra. Ele me ajudou a fugir para Southland e prometeu me atender sempre que podia.

De repente tudo fez sentido. Todas as pequenas dicas tinham estado lá. Rominac disse que ele tinha algo para fazer, que a vida e o amor tinham riscos que valiam a pena. Isso era o que ele queria dizer. Ele tinha encontrado o verdadeiro amor... E isso o colocou em apuros.

—Foi quando ele foi capturado?

—Eu não sabia sobre isso. Eu só ouvi sobre a sua presença e posterior resgate, depois que vocês já tinham ido embora.

—Então, como você pode ter certeza de que ele sumiu de novo?

—Consegui entrar em contato com ele através do viscomm. Quando Zar não estava aqui, assim como estou fazendo agora. Ele deveria me encontrar, mas eu não vi nem ouvi falar dele, desde então.

—Há quanto tempo ele sumiu?

—Três dias. Diago contatou Zar e acusou-a de levá-lo, mas ela não o tem. Eles declararam guerra um contra o outro, Dana. Eu não sei onde Rominac está em tudo isso. Por favor, você deve voltar ou vamos todos morrer!

—O que posso fazer, eu sou um guerreira e lutadora, uma guarda-costas e não uma diplomata...?

—Fale com Zar e Diago, eles vão ouvir você!

Inferno. Ela esfregou os olhos. *Por que agora?*

—Deixe-me pensar sobre isso, Cina. Vou contatá-la mais tarde.

Fungando, a Southlander acenou com a cabeça e a tela ficou em branco.

Fechando a tampa, Dana jurou suavemente. Caminhando ao longo do outro lado da ponte, olhou nas águas que fluíam espumantes e preguiçosamente sob os raios quentes do sol.

Jase olhou para o amigo.

—Me desculpe intrometer, mas ela tinha que saber. Eles são seu pai e o irmão.

—Você fez certo, -Garret suspirou pesadamente. — só poderíamos permanecer isolados por algum tempo. *Maldição.*

Após vários minutos de silêncio, ele atravessou a largura da ponte para parar atrás de Dana e colocar uma mão sobre o seu ombro.

—O que você vai fazer, moça?

—Eu não posso deixá-los sem ajuda. -se virando para enfrentá-lo, acrescentou amargamente: —Mesmo aqui, o toque nefasto de Diago e suas impurezas, nos alcança.

—Portanto, deixe-o sozinho.

—E Rominac? Ele e a moça que ele ama estão apanhados no meio disto. Eu tenho que ir.

—Eu vou com você.

—Não, isso poderia ser perigoso. Até o momento de eu chegar lá, a guerra poderia ter começado.

—Ainda mais uma razão você não ir sozinha, -sua mão acariciou o seu rosto. —Onde você for, eu vou.

—Eu não quero que você se machuque.

—Nem eu quero que você se machuque.

Jase limpou a garganta.

—Antes de vocês dois saírem para este empreendimento, lembrem-se do Conselho da Paz Intergaláctica? Eles lidam com esses conflitos o tempo todo.

Garret ficou aliviado.

—Sim, eles fazem.

—Eles podem parar isto?

—Sim, meu amor. Jase, agradeço às estrelas por seu pensamento lúcido. Moça, temos que ir lá agora e obter uma audiência com o Conselho. Se apresse e prepare-se.



Eles desembarcaram do ônibus espacial na baía de ancoragem do enorme do Navio da Paz Intergaláctica.

Olhando em volta para as muitas corridas a pé pelos corredores imensos, Dana perguntou: —Para onde vamos agora?

Garret pegou a mão dela.

—Para a sala do Conselho. Eles estão nos esperando.

Lembrando-se da última vez que ela enfrentou os representantes de todos os planetas regidos pelo Navio da Paz, ela fez uma careta.

—Você não é uma fora da lei agora, meu amor.

—Eu sei, mas lugares de lei, como este, me fazem sempre pouco à vontade.

Ele lançou um olhar provocante para ela.

—Talvez um pouco de fora da lei ainda exista em você.

—Isso é exatamente o que Cormac disse.

—Aqui é o elevador. Não vai ser longo e nós estaremos lá.

Dez minutos depois eles chegaram às portas duplas que levavam para dentro da câmara, e dando-lhe um aperto encorajador na mão, Garret a levou para o guarda que fez a checagem das impressões a mão sobre o scanner antes de os acompanhar através da porta.

A câmara era menor do que a utilizado para os julgamentos, observou ela. Não haveria testemunhas ou observadores eram necessários, apenas os líderes do planeta, cinquenta e quatro ao todo, representando seus próprios planetas e outros. No entanto, nem todos estavam presentes. Uma longa mesa com dez cadeiras ocupadas, estava situada no meio da sala. Um homem alto, com vestes negras estava no meio.

—Meekta. —Garret inclinou a cabeça. —Pensei que todos os líderes estariam presentes.

—Nesta fase não há necessidade de mais de dez. Uma vez que ouvirmos o que você tem a pedir, então isso deve ser levado a uma audiência completa, se for considerado algo para agir.

—E quanto tempo levaria? -Dana consultou, não gostando da ideia de um atraso.

O olhar duro mudou para Dana.

—Ah, o guerreira Reeka. Depende da situação.

—A situação é de guerra. O que você diz sobre isso?

—Explique-se.

—No planeta Orkra, Northland e Southland estão planejando a guerra.

—Oh!

—Eles fazem isso por causa do desaparecimento do filho do líder Northland, que tem sido erradamente responsabilizado, possivelmente, pelas Southlanders.

—Eu vejo.

Quando os membros do Conselho continuaram a considerá-la com calma, ela franziu a testa: —Bem?

—Infelizmente, isso não é preocupação nossa.

—O quê? O que diabos você quer dizer?

Sua mandíbula se apertou.

—Seu tom é ofensivo, guerreira.

—Meu tom? Você está preocupado com o meu tom quando há ameaça de guerra em Orkra? É o dever do Conselho impedi-los!

—Calma, moça, -Garret viu a irritação crescente no rosto de Meekta. —Talvez você pudesse explicar-nos, Meekta. Temo que eu não entenda.

—Não é tão difícil, Garret, -um Membro do Conselho de Saalm se inclinou para frente. —Os planetas que não sejam membros do Conselho de Paz Intergaláctico não estão sob as nossas leis e orientações.

—Você quer dizer Orkra não é membro, Karion?

—Isso é assim.

—Então, nenhuma assistência ou diplomatas serão enviados para lá?

—Correto.

—Como vocês podem chamar-se de Conselho da Paz Intergaláctica e deixar um planeta ser destruído pela guerra? Pessoas mortas? -Dana perguntou, irritada.

—Não forçamos planetas se unir a nós, é a sua escolha. Os benefícios para eles são grandes, mas alguns continuam a ser uma lei para si mesmo. Para aplicá-la, não seria uma unificação para o bem de todos. Orkra recusou unir-se, portanto, eles estão sozinhos.

—O líder Northland é meu pai, seu filho, meu irmão! Certamente isso significa alguma coisa?

—Então, eu entendo, -simpatia brilhava em seus olhos. —Isso significa que é extremamente difícil para você, mas não faz diferença.

—Para mim faz!

Inclinado para frente, Meekta fixou um olhar estreito sobre a Reeka furiosa.

—É por isso que eu estou passando uma ordem para você. Por causa de seu envolvimento de sangue, você não deve interferir nessa guerra ou ir chegar perto de Orkra.

—Você não pode fazer isso!

—Sua raça é membros do Conselho de Paz Intergaláctico e, portanto, você é obrigada por suas leis.

—Certamente eles não podem fazer isso? -ela olhou para Garret, que estava de pé em silêncio ao lado dela com a mandíbula apertada.

—Sinto muito, moça, mas eles podem. Ele olhou para o imponente líder de túnica preta: —Não há nenhuma maneira de parar isso?

—Orkra escolheu seu próprio curso e deve executá-lo.

—Eu não vou trair meu irmão!

—Saiba isso agora, guerreira. Se desobedecer a ordem dada, você estará fora da lei, mais uma vez.

—Você não pode! -Garret avançou, com raiva e surpresa em seu rosto. —Eles são seus parentes de sangue...

A bela Morican, de olhos dourados, à esquerda de Meekta levantou uma mão.

—Basta, Daamen. Assim que começarmos a quebrar leis para uma pessoa, logo a seguir outro e antes de sabermos, a estrutura que tem mantido cinquenta e quatro planetas e raças incontáveis em relativa paz, vai desmoronar, e as guerras serão travadas todos os lugares. Nós não podemos permitir que isso aconteça. Enquanto lamentamos por Dana, a decisão permanece.

—Malditos sejam todos para o inferno! -Dana se enfureceu, e saiu da sala.

Garret correu atrás dela.

—Dana, espere...

—Espere, Garret.

Ele olhou por cima do ombro com raiva para Meekta.

—Não passou despercebido, o seu carinho para esta Reeka. Esteja avisado, a ordem se aplica a você também, -Meekta olhou-o sem expressão.

Garret fechou a porta enquanto ele espreitava da sala.

Lá fora, ele olhou em volta, procurando desesperadamente por Dana, roendo a ansiedade em seu coração. *Onde estaria ela? Como imprudente tinha sido a entrevista, para ela?* Ele sabia como ela era, a conhecia tão bem. Ele não tinha dúvidas que ela tinha toda a intenção de desobedecer à ordem. Ele devia encontrá-la.

—Saudações, amigo, -uma voz aveludada, partiu de uma porta à sua esquerda.

Girando a sua cabeça em torno, ele encontrou os olhos verde-esmeralda, em um rosto calmo, quase bonito.

Ele reconheceu o homem de cabelos dourados, com uma túnica de mangas compridas e calça, imediatamente.

—Kiile! O que você está fazendo aqui? Não importa, você viu Dana?

—Aqui.

Seguindo-o através da porta, Garret não perdeu a expressão embevecida de uma moça que servia, ao ter um vislumbre do Argon. Ele não ficou surpreso. Os Argons eram uma raça sensual, exalando muita sexualidade de sua pele, tornando-os irresistíveis para muitas raças. Sua destreza sexual era lendária, ainda que eles mantivessem o controle sobre suas relações com outras raças. Os Argons eram amigos íntimos dos Daamens.

Ao entrar na sala, ele a encontrou vazia, exceto por Kiile e uma furiosa Dana.

—Moça, você está bem?

—Não me toque! Estou tão furiosa, que podia socar alguém!

—Ela quase fez, -disse em Kiile, divertido. —Eu a vi passando, agarrei seu braço e puxei-a para cá.

—Graças às estrelas que você fez. Eu estava muito preocupado quando ela saiu. Dana, tente se acalmar.

—Me acalmar? Você está fora de sua mente?

—Não podemos resolver essa bagunça quando você está tão chateada.

—Eu não vou trair Rominac! Ele é meu irmão e precisa da minha ajuda! Eles todos precisam!

—Eu entendo, mas o que há para fazer?

O silêncio caiu sobre a sala, enquanto o comerciante e a guerreira olharam para o outro. Kiile observava pensativamente.

Finalmente, ela declarou: —Vou a Orkra.

Garret agarrou seus braços.

—Você vai ser uma fora da lei de novo! Sabe o que isso acarreta? Não ver suas irmãs guerreiras novamente, se esconderem dos caçadores de recompensa...

Seu rosto empalideceu, mas ela permaneceu firme.

—Ele é meu irmão.

—Você vai quebrar uma ordem direta do Conselho da Paz Intergaláctica, Dana. Os soldados do Conselho irão pessoalmente caça-la e trazê-la de volta para o julgamento.

—Não se eu chegar ao Setor Outlaw em primeiro lugar.

—Meu Deus, ouça a si mesma! Valerá a pena ser uma fora da lei novamente para salvar aquele que a abandonou em uma hora de necessidade? Rominac pode estar morto, pelo todos nós sabemos, e você não vai querer resgatar Diago! Pense, Dana!

Toda a fúria foi drenada de seu rosto e sua voz ficou macia.

—Rominac pode estar vivo. Eu não posso traí-lo. Eu não posso deixá-lo como Diago fez com minha mãe e eu. Não sou eu a fazê-lo, -tomando suas mãos, ela apertou suavemente. —Você diz que me ama por quem eu sou. Você me amaria se virasse minhas costas para as crenças que me fizeram?

O coração em seu peito enorme bateu fortemente.

—Eu sempre vou amar você, não importa o quê.

—Você me ama o suficiente para me deixar ir e fazer o que eu devo?

Braços fortes caíram em torno dela para puxá-la com ele e ele pressionou sua bochecha na dela.

—O que vai ser de mim, Dana?

—Não me faça escolher, eu lhe imploro. De qualquer maneira, eu sou alguém errada. De qualquer maneira, não vou ganhar.

—Você já escolheu. Você vai para Rominac.

Ele sentiu as lágrimas em seu rosto antes mesmo que ela falou: —A lealdade vai, mas meu coração fica aqui. Eu amo você, Garret. Eu amo e sempre amarei, mas a traição é profunda e se eu não for, eu não posso viver comigo mesmo. Se você me ama, você vai entender. *E eu vou morrer um pouco a cada dia sem você.*

A força de seus braços esmagou-a, era quase doloroso, mas ela não se puxou livre. Ela segurou-o apenas como bem e sentiu o tremor varrer o seu corpo poderoso.

Seus lábios roçaram o seu rosto suavemente.

—Sim, eu entendo, e a amo o suficiente para ir com você.

—Vai comigo? -ela se afastou em estado de choque. —Você não pode!

Liberando seu poder sobre ela, Garret voltou-se para Kiile.

—Eu acredito que o que você sabe não será repetido.

O Argon levantou as mãos e sorriu: —Eu não ouvi nada.

—Garret, eu não vou permitir que você vá! -Dana puxou desesperadamente a sua mão.

Voltando, ele segurou seu rosto.

—Você me ama o suficiente para me permitir ir e fazer o que devo?

—Isto não é o mesmo!

—Não é? Traição não tem parte no meu futuro, também. Aonde você for, eu vou. Eu a amo muito.

Mesmo que seu coração derretesse com as palavras, ela balançou a cabeça: —E o seu futuro, seu comercio...

—O meu futuro é com você, -uma luz fraca de provocação brilhou em seus olhos, como ele apertou-a sob o queixo. —Nós podemos iniciar a nossa atividade comercial própria no Setor Outlaw. Você pode me proteger contra os bandidos e piratas enquanto eu faço uma fortuna para nós.

—E a sua família? -ela fez uma última tentativa.

—Eles vão entender. E podem visitar-nos em nossa nova casa...

—Como você pode brincar em um momento como este? -ela bateu no seu braço, com uma lágrima deslizando pelo seu rosto.

—Porque o amor e o riso fazem a vida valer a pena, e quando você não está comigo, -ele beijou uma lágrima-, eu não rio mais, e meu amor vai com você. Então, você vê, eu devo estar com você.

O sorriso de Kiile se arregalou quando eles se abraçaram, mesmo que a tristeza que os enchia. Dentro de uma questão de horas seus amigos seriam fora da lei marcados, mas ele não quis detê-los. Eles haviam feito sua escolha e ele iria apoiá-los.

Garret levou Dana até ele.

—Nós temos que sair.

—Você percebe que uma vez que saia, o navio será rastreado, e o seu destino será conhecido?

—Maldição!

—Os soldados irão facilmente ultrapassar o seu navio de comércio, e os seus combatentes, mas eu tenho uma solução.

Elas olharam para ele interrogativamente.

—Meu navio da frota está ancorado não muito longe de seu navio. Ninguém está a bordo, está abastecido, e é o mais rápido na galáxia. Tome-o.

Era difícil falar após o carão súbito em sua garganta, então Garret apenas segurou a mão do homem menor e assentiu.

—O prazer é meu, -Kiile sorriu para Dana. —Não é possível confiar nesses malditos bandidos, você sabe. Estão em toda parte.

Ela olhou para ele sério.

—Se alguma vez você estiver precisando, Argon, coloque um aviso em uma taverna no Setor Outlaw. O recado vai chegar a mim, e nós viremos.

—Tal como nos seus dias fora da lei e mercenária, -ele disse, sóbrio. —Tomem cuidado, amigos.

Depois que eles saíram, ele disse para si mesmo: —Vocês vão precisar.

Ele ficou de vigia e dez minutos depois viu a nave da frota à vista, e em seguida, desaparecer no fundo do espaço. Sabendo o quão rápido seu navio era, Kiile estimou que seu amigo iria pousar em Orkra dois dias antes que fizessem os soldados. Dois dias para encontrar Rominac, tentar parar a guerra e ir embora.

Era uma missão impossível.



Quatro horas depois, Dana de Reeka e Garret de Daamen, foram, oficialmente, marcados como fora da lei, e uma tropa de soldados do Navio Intergaláctico da Paz foram expedidos atrás deles.

Capítulo 17

Duas horas depois da decolagem, Garret definiu o piloto automático na cabine de comando e decidiu ver se Kiile mantinha a pequena cabine de jantar abastecida com alimentos frescos. Ignorando a mesa de mármore lisa e as duas cadeiras de encosto reto, ele se aproximou da caixa na posição vertical e pesquisou os muitos pratos de comida por trás as portas de vidro. Ah, sim, seu amigo certamente o fez. Eles comem bem.

Virando-se, estudou o longo e largo sofá, e o macio tapete de pele no chão. Eles seriam confortáveis, também.

—Dana, há tudo o que poderia desejar neste navio. Nós vamos ter uma viagem confortável!

Quando não houve resposta, ele entrou na pequena passagem que separava a cabine de controle e de jantar do banheiro e uma cabine de dormir.

Vendo-a na porta da cabine de dormir, ele perguntou: —O que há de errado?

—Nada. Há dois beliches com colchas de cetim e muitos travesseiros. Kiile gosta de cetim, não é?

Ela caminhou até ele e ele se afastou para deixá-la entrar na cabine de jantar.

Ele riu.

—Como todos os Argons, ele se deleita em qualquer coisa considerada sensual. Nós vamos ter que tentar algumas das que ele me falou e ver se ele... fala... a verdade... -sua voz sumiu suavemente.

Ela se virou e seus olhos se encontraram, a consciência queimou para a vida entre eles.

Eles estavam sozinhos. No espaço profundo. Em uma missão que podia acabar em suas mortes.

—Dana, -pegou a mão dela. —Eu a amo.

—E eu o amo.

Puxando-a em seus braços, ele a beijou delicadamente.

—Eu nunca vou deixar você ir.

—Se alguma coisa acontecer com você por minha causa...

—Silêncio, meu doce. Deixe-me mostrar o quão profundo o meu amor é.

Levantando sua mão, escovou seus lábios contra os nós dos dedos antes de liberar a mão, deslizou sua própria sob o cotovelo dela. Trazendo o braço para cima, nivelando com o rosto, virou-o para que o interior vulnerável do braço fosse exposto. Lentamente ele abaixou a boca novamente, mantendo o olhar fixo em seu rosto.

O coração começou a bater fortemente, Dana prendeu a respiração. O que ele ia fazer? Certamente ele não ia para... Ele ia. O toque dos seus lábios no seu pulso enviou seus batimentos pulando

descontroladamente. Conforme avançava para cima do braço dela, ele deixou um rastro úmido atrás dele, quente e formigante.

Quando ele veio para a carne sensível, na parte interna do cotovelo, roçou com a ponta de sua língua e com satisfação registou a reação.

Em seus olhos castanhos escuro, uma mistura de desejo e antecipação despertou neles, juntamente com um toque de medo e incerteza. Seu olhar caiu sobre os lábios, macios e úmidos, ligeiramente separados. Ele queria provar de sua doçura novamente, mas paciência, lembrou a si mesmo. Ele iria chegar lá. O caminho que ele seguiu no braço bem torneado, começando a tremer, e seu abraço era... *delicioso*.

Parecia que era um tempo incrivelmente longo para o homem terminar de pressionar os leves beijos quentes até o comprimento de seu braço. Até o momento que ele tinha chegado a curva de seu ombro, o formigueiro transferiu-se para o poço de seu estômago, só que agora tinha mudado para algo mais, algo mais pesado. E quando aqueles lábios perversamente sensuais traçaram a curva de seu ombro e roçou seu pescoço, seus joelhos ficaram estranhamente fracos e custou toda a força de vontade dela para permanecer em pé.

Arrepios surgiram sobre os braços, e ela engoliu em seco quando sua boca permanecia sobre o pulso batendo tão erratically em sua garganta. Seus longos cabelos arrastaram

sobre os ombros, se misturando com seus próprios cabelos, suas mão voou para baixo para acariciar as ondas de seus seios.

Sua língua passou a pulsação, enviando um arrepio através dela, em seguida, retomou o seu caminho lento e tortuoso em sua pele sensível, deslizando sobre a inclinação determinada de sua linha da mandíbula pequena e roçando por toda a bochecha dela, com sua respiração rasa e eletrizante contra ela.

Incapaz de tomar o tormento doce por mais tempo, Dana virou a cabeça, seus lábios encontrando os dele infalivelmente.

Era a reação que ele estava esperando. Garret capturou sua boca, seus lábios nos dela, saboreando a doçura deles, mas como sempre, não era o suficiente. Ele precisava provar as suas profundezas de mel e sua língua correu ao longo da costura dos lábios, persuadindo-a com firmeza para abrir-se, o que ela fez, e sua língua mergulhou dentro, provando, e tomando posse de sua boca.

Ela se agarrou a ele, com os braços ao redor de seu pescoço, pressionando perto e mais perto ainda, até que não havia nada entre eles, mas a roupa.

Com uma mão na cintura, e a outra entre as omoplatas, Garret a segurou com força contra ele. O fogo lambeu em suas veias e ele deixou cair a mão em sua cintura para sua parte inferior, pressionando-a contra sua virilha endurecia. As sensações que passavam através dele o levaram a gemer seu desejo em sua boca.

Tirando a mão das costas dela, a trouxe para entre seus corpos, para o lado de seio macio.

Na luz, a túnica de algodão, livre de quaisquer restrições, a plenitude de um deles encheu a palma da mão, firme, redondo e generoso. Massageou delicadamente, e foi recompensado pelo endurecimento do mamilo.

Era como se um pedaço de corda sensual, misticamente juntasse o peito à boca do estômago, ao sentir a palma da grande mão escavando e massageando o seu seio, formou uma espiral de desejo lá em baixo.

Ela gemia um protesto quando sua boca quente deixou a dela, apenas para ter o prazer do formigamento na espinha, quando ele começou a pressionar com a boca aberta beijos em sua garganta. Era como se cada toque dos lábios fizesse uma marca nela e inflamasse a faísca que havia lá embaixo, definindo as chamas do desejo vacilante em suas veias.

Quando as mãos escorregaram por debaixo do colete para suavizar os músculos rígidos através de suas costas, Garret sentiu o toque para baixo, deslizando até as solas dos seus pés. Como ele poderia não sentir, quando as unhas arranharam em torno de um caminho suave a cada lado da cintura, reunindo em seu estômago, deslizando para cima e para baixo, as palmas das mãos vindo a descansar sobre os planos mamilos masculinos no seu peito? Um raio de desejo disparou em linha reta através dele quando os lados

de seus polegares roçou os mamilos mais e mais, produzindo uma dor que ondulava em linha reta até a sua masculinidade.

Seu pênis se sobressaía entre eles, apertou-o em sua barriga, e ele não conseguia parar de empurrar uma vez contra ela, sentindo o atrito acumular em seu pênis, tornando-se longo e duro, ainda mais. A antiga necessidade primitiva de um homem por uma mulher, a necessidade de dominá-la e marcá-la intimamente como o sua, surgiu no meio dele.

Ela sentiu a mudança nele. Embora ainda suave com ela, seus movimentos agora tinham mais urgência. Levou a mão no decote de sua túnica foi desamarrando a fita segurando o corpete junto, e mal percebeu que ele estava apoiando-a através da cabine, continuando a beijá-la. Quando seus pés afundaram no tapete de pele, ele parou e tirou um beijo através da ponta do nariz: —Você está tremendo, meu amor. Você está com medo de nossa união?

—É isso que vamos fazer? -sussurrou com voz trêmula.

Ele olhou para baixo, e seriamente, para ela.

—Não é o que você quer?

Ela mordeu o lábio inferior. *Era?*

—Se você não quiser, eu estou correndo de você...

—Sim.

Seus braços a soltaram.

—Sinto muito, moça eu...

—Quero dizer, sim, eu quero. Nossa união. -ela queria. Muito. Mas... —Eu temo isso, admito. Um pouco.

—Um monte, -ele a puxou para perto novamente, com um sorriso desarmante e torto no rosto bonito. —Você está tremendo como uma folha, meu amor, -seus olhos eram suaves, com as mãos gentis ele passou por seus lados. —Não se preocupe. Eu vou cuidar de você.

Então, ele abaixou a cabeça, beijando-a novamente, capturando sua boca. Mãos experientes agitaram as fumegantes brasas para a vida, dentro dela, transformando o sangue dela em lava derretida.

A renda do corpete foi puxada livre e o material caiu em sua cintura. Mãos em concha estavam em seus seios nus, amassando e sentindo, enviando faíscas e disparando o desejo por ela.

O assento do sofá cutucou as costas dos seus joelhos e ela se viu sentada na borda do mesmo.

Em um movimento rápido, Garret tirou o seu colete e caiu de joelhos entre as suas coxas, usando seu corpo para amplia-las, ele se moveu, colocando as mãos sobre as coxas e inclinando para frente. Capturando um mamilo rosado e duro nas profundezas aquecidas da sua boca, fechou os lábios em torno do cerne sensível e sugou firmemente.

Arqueando para trás, Dana ofegou em choque, maravilhada com as sensações incríveis que fluíam. Precisando algo para agarrar enquanto o mundo mergulhava e oscilava em torno dela, ela

agarrou os ombros largos do homem ajoelhado diante dela. Quando sua boca quente deixou um seio para prender o outro, puxando e provocando com a língua, ela achava que ia morrer com certeza.

Quanto mais desse prazer incrível ela poderia suportar?

Ela descobriu quando uma mão grande, de repente tocou a sua feminilidade, um dedo longo deslizou facilmente por baixo do material frágil de sua roupa de baixo, para roçar os cachos que protegem seus lugares secretos, um lugar secreto que estava ficando rapidamente quente e úmido.

Deslocando o dedo, ele ligou nos lados do material e com uma torção, rápida e afiada, rasgou os lados para abrir.

—Garret, o que...? -sua pergunta perplexa e alarmada foi cortada novamente por sua boca, e ele engoliu a incerteza, substituindo-a por apenas pensamentos dele.

Mais uma vez ele segurou sua feminilidade, desta vez sem a barreira do material, e seu dedo escorregou facilmente entre os lábios úmidos para deslizar sobre os tesouros escondidos abaixo.

Assustada, ela se afastou de sua boca.

—Eu não acho... ooh... -terminou em um gemido quando seu dedo encontrou o pequeno clitóris e esfregou-o suavemente.

Enredando a outra mão nos cabelos macios e loiros, ele puxou a cabeça para trás com cuidado para que pudesse ver cada emoção que atravessava o seu rosto.

—Não pense, querida. Vá com o fluxo. Você confia em mim, não é?

—Eu... Eu... sim, mas... —ela suspirou e mordeu o lábio quando um dedo, muito hábil arrastou para baixo e parou perto da entrada de seu corpo. —Oh Deus, Garret, eu não sei... O que você está fazendo comigo?

Os dentes brancos brilharam no belo rosto, tão perto dela.

—Você gosta disso, meu amor? Faz você se sentir sensual? —ele passou o dedo sobre a entrada, sentindo a umidade aquecida. —Eu vejo que faz, —sua voz era rouca, crua com sua própria necessidade.

Sua masculinidade latejava e era quase doloroso, lutando contra a frente de suas calças apertadas, e ele teve que lutar contra o desejo de simplesmente arrastá-la para o chão e mergulhar dentro dela, bater na doce profundidade de seu corpo. Ela estava pronta, ele sabia pela umidade aquecida que cobria o seu dedo, de repente deslizou dentro dela. Vê-la arquear as suas costas em êxtase, aumentou sua necessidade, fazendo seu sangue aumentar densamente através de seu corpo e até o seu eixo, inchou, tornando o pulsar da cabeça urgente.

Cerrando o queixo, se concentrou em levar Dana para o pico de prazer, enfiando o dedo dentro e fora dela delicadamente mas com firmeza, enquanto esfregava seu clitóris com o polegar, apertou a pequena saliência mais alta dentro de sua fenda.

Ela cravou os dedos nos músculos dos ombros do homem que tinha tomado o controle de seu corpo tão facilmente, tão

magistralmente, e quando a boca acariciou seus seios, considerando os picos esticados, tendo um tempo com cada um, profundamente em sua boca, isso quase a empurrou sobre a borda. Do que, ela não sabia, mas acenou para ela, convidando-a para a etapa fora da borda, caindo em um poço sem sentido de turbilhão de paixão.

Seus seios macios subiram e desceram rapidamente e ele sabia que ela estava à beira de chegar ao clímax. Agora era a hora de tomá-la, enquanto estava pronta, enquanto seus medos de donzela eram substituídos com o desejo.

Quando os malvados, dedos mágicos a deixaram, Dana quase gemeu, abrindo os olhos para contemplar suplicante os olhos cinzentos escurecidos com paixão mal reprimida. Como ele poderia deixá-la balançar na borda de um desconhecido abismo prazeroso?

—Calma, querida, -Garret respirou fundo, levantou-se e tirou suas calças, liberando o pênis duro, que projetava-se com urgência.

Ela não teve tempo para realmente registrar sua nudez, apenas uma mancha vaga de ondulação muscular e pele bronzeada antes que ela fosse arrastada para fora da borda do sofá e abaixada até o tapete de pele preta, de costas. A túnica deslizou de seus quadris para cair descartada no chão, no processo, juntamente com suas sandálias.

O calor queimava em suas veias ao vê-la deitada, esguia mas ainda generosamente cheia de curvas, na pele negra do tapete, um cenário perfeito para sua beleza loira. Os lábios macios, vermelhos e

inchados de seus beijos, os olhos brilhantes e suplicando-lhe para dar-lhe o único alívio que ele poderia dar, esforçando-se através dos seus sentidos recém despertados.

Deus, isso é um presente.

Sem hesitação, ele se abaixou sobre ela, gemendo na mistura de prazer e dor que era causado quando sua masculinidade foi pressionada entre seus corpos.

Capturando as mãos, unindo seus dedos nos dela, ele as mantinha prisioneiras em cada lado da cabeça, beijou-a profundamente, saqueando sua boca vorazmente. Ao mesmo tempo, ele separou as coxas com o joelho.

Instintivamente, ela ampliou as coxas, dobrando os joelhos para lhe dar o espaço necessário para se acomodar confortavelmente no berço de suas coxas.

Quando a ponta ingurgitadas de seu pênis cutucou a entrada molhada para seu corpo, ele não podia mais esperar. Com um impulso poderoso mergulhou dentro dela, deslizando para a quente passagem vaginal, lisa, que agarrou com força.

Garret se enterrou profundamente dentro dela.

A invasão de sua entrada, embora não inesperada, a fez suspirar.

Imediatamente ele acalmou, os músculos tremendo com o esforço. —Sinto muito, meu amor. Eu a machuquei?

—Não, -sussurrou, então suspirou novamente quando ele moveu-se ligeiramente dentro dela, o mais delicado dos empurrões.

Ele era enorme.

—Você quer que eu pare? -ele deu um meio sorriso triste.
—Embora deva avisá-la, para dizer a verdade, que não sei se eu posso.

Ela podia senti-lo pulsando dentro dela, uma sensação incomum, completa. *Muito... prazerosa.*

—Não, está tudo bem. Não pare.

Outro impulso lento a fez engolir em seco, seus dedos apertando em torno dele. A sensação foi crescendo deliciosamente.

—Isso vai parar de doer logo, moça, eu prometo, -ele deixou cair um beijo, duro e rápido em seus lábios. —Deixe-me ajudá-la.

Antes que ela pudesse dizer que ele não estava machucando, ele se abaixou entre eles, encontrando o pequeno broto escondido nas dobras da sua feminilidade. Com um par de caricias lentas e firmes, construiu as chamas dentro dela e foi recompensado por seu gemido baixo, a sensação de suas coxas apertando-o mais firme, a ondulação dentro as paredes de sua bainha.

—Doce céu! Leve-me, Garret!

Um novo incentivo não era necessário. Ele começou a empurrar novamente, usando o controle de ferro para manter seu movimentos lentos e suaves, o suor caía em sua testa.

Não foi suficiente. Empurrando os quadris para ele, ela gemeu sua necessidade.

Ele sabia o que ela precisava e com um gemido de alívio abençoado, ele lançou o controle férreo sobre a paixão e desejo, e permitiu que a raiva fosse por meio dele.

Todos os meses e dias querendo, porém sendo incapaz de fazer amor com ela, surgiu por intermédio dele, e suas estocadas se tornaram mais poderosas, as mãos segurando seus quadris, segurando-a firme quando ele entrou com força dentro dela.

As paredes quentes da sua caverna agarrou-o com força, os músculos apertando o seu pênis, usados para montar e lutar, eram tonificados e fortes. O calor forte o agarrou como uma luva lisa, puxando sua masculinidade latejante mais profundo e mais profundo dentro dela.

As sensações eram incríveis e ele perdeu o controle totalmente, retirando-se para lançar novo e de novo em suas profundidades, esforçando mais e mais rápido, com o peito enorme, exigindo cada respiração ofegante que ele tomava.

Ela se agarrou a ele, levada a um estado selvagem, um passeio sensacional, glorificando o grande corpo que se movia contra ela, os sentimentos invocados pelo pênis grosso que invadiu seu corpo e tomou o controle, levando-a para a borda do abismo novamente. Só que desta vez ele a empurrou para fora e sobre a borda. Ela caiu da borda e no abismo em um turbilhão de paixão despedaçada e o desejo de dançar.

Empurrando nela uma última vez, Garret jogou a cabeça para trás, enquanto sua semente brotava e derramava dentro dela. As paredes da sua vagina ondulavam e espremeram até a última gota dele.

Com um gemido de satisfação ele caiu sobre ela, descansando sua testa no seu ombro, sua respiração estava trêmula e levava o cheiro dela em seus pulmões. Soltou seus seios macios contra seu peito e ele sorriu fracamente, sabendo que ela tinha tido seu primeiro clímax e agora estava tão exausta como ele, e ainda tinham o nebuloso e quente crepúsculo para se recuperar.

Vagamente, ele se perguntou se a estava esmagando com seu maior peso, o hábito o fez rolar de costas, os braços deslizando ao redor de Dana e puxando-a para ele. Imediatamente, ela se colocou em sua lateral.

Aos poucos, suas respirações desaceleraram, e seus corações voltaram a ter batidas constantes.

Garret olhou para a cabeça loira aninhada em seu ombro, o braço esbelto caído com confiança através de seu estômago, e uma onda de ternura varreu-o. A sensação dela, tão suave e quente, pressionada contra ele se sentia tão bem. Tão bom. E sua vida amorosa tinha sido mágica.

Ao longo dos anos, ele tinha dormido com muitas prostitutas, algumas de Argon, algumas das tabernas, moças de alta posição e prostitutas de assentamentos, todas experientes, mas nenhuma, nunca, tinha tido o mesmo efeito sobre ele, como esta inocente

guerreira impetuosa. Não tinha sido apenas uma ligação para o prazer mútuo, mas uma alucinante sessão de fazer amor, uma união de duas almas que o deixara se sentindo tão completo.

O ato sexual tinha sido quente e duro, a culpa picou a sua consciência. Ela tinha sido uma virgem e ele não tinha sido exatamente gentil.

—Dana?

—Hmm?

Uma grande mão penteou para trás os fios macios de cabelos do rosto.

—Eu machuquei você, meu amor?

O rubor pintou o rosto e ela não ousava olhar para ele.

—Não, na verdade. Foi apenas inesperado. Depois de um poucos segundos... *-Posso estar mais envergonhada?* Ela pensou com um gemido interior.

Ele não ia deixa-la ir embora com isso facilmente. Ele queria saber como ela se sentia. Deslizante um dedo sob o seu queixo, ele inclinou a sua cabeça para trás, para que pudesse ver o seu rosto. Suas bochechas ficaram ainda mais vermelhas quando ela encontrou o seu olhar e ele sorriu.

—E depois dos primeiros segundos?

Os grossos e escuros cílios fizeram um véu sobre os seus olhos.

—Você sabe.

—Eu sei como me senti, -ele se divertiu com seu embaraço óbvio. —Mas quero saber como você se sentiu, querida.

O grande imbecil estava gostando disso. Dana se mexeu desconfortavelmente, sem perceber a respiração súbita que ele puxou, quando sua mão escorregou mais baixo em seu estômago, e uma coxa esbelta esfregou contra a sua, mais dura.

—Foi legal.

—Legal? Apenas 'legal'? Certamente foi mais do que isso!

Ela levantou os cílios.

—Sim, foi muito mais do que legal.

Seus olhos brilhavam com o calor.

—Isso é tudo que eu queria saber, meu amor, que você achou tão incrível como eu.

—E você? -ela deixou escapar em surpresa. —Quero dizer, você... dormiu... com muitas moças... experientes... quero dizer, eu não sou experiente... oh! -com um gemido que ela deixou cair o rosto queimando em seu ombro. —Esqueça!

Seu peito tremia de riso reprimido.

—Estou satisfeita por que eu o divirto, comerciante! -as palavras abafadas mal chegaram aos seus ouvidos. —Vai ser a última vez!

Controlando a sua diversão, Garret pegou pelos ombros e puxou-a facilmente em cima dele, deslizando as mãos, inclinou seu rosto suavemente de volta para que ele pudesse olhar para ela.

Um olhar autoconsciente conheceu o seu.

Risos fugiram para ser substituído com ternura.

—Ah, querida, não fique constrangida ou envergonhada quando está comigo. Independentemente das prostitutas no meu passado, é só você que quero, eu preciso de você. O que eu disse é verdade. O que senti ao fazer amor com você, eu nunca senti com mais ninguém, e nunca o farei. O que nós compartilhamos é especial.

Especial. Eles tinham compartilhado algo especial.
Constrangimento foi substituído com o calor.

—Realmente, Garret?

—Sim, realmente. -puxando a sua cabeça para baixo, ele colocou seus lábios nos dela, beijando-a com calma, profundamente.

Ela respondeu imediatamente, colocando as mãos em cada lado de seus ombros largos, os cabelos varrendo o seu rosto. Um formigamento começou dentro dela.

Sentindo a virilha endurecer, ele infelizmente quebrou o contato de seus lábios e, empurrando os loiros cabelos para trás sobre os ombros bem torneados, ele sorriu com tristeza.

—Moça, eu juro que você me faz tão duro como um poste de aço com apenas um beijo, e não há nada mais eu queira do que me enterrar dentro de você, mas não seria sábio.

Intrigada, ela franziu a testa.

—Sábio?

—Sim, sábio. Eu a montei duramente, moça, e você vai estar muito dolorida para fazer amor de novo, imediatamente.

As palavras, de repente, a fizeram consciente da dor ligeira entre as coxas.

—Oh.

—Sim, 'oh', -delicadamente, ele esfregou os dedos polegares ao longo de suas maçãs do rosto salientes. —Acho que nós dois deveríamos apenas relaxar e desfrutar a companhia do outro por um tempo.

Ele a pegou de surpresa quando rolou para o lado dele, levando-a com uma facilidade ridícula, e puxando-a de volta contra ele para que seu peito estivesse em suas costas, seu bumbum aconchegou em sua virilha, e sua coxas musculosas pressionado para as costas lisas das dela. Deslizando um braço em volta da cintura, ele se acomodou confortavelmente atrás dela, apoiando o queixo sobre o cabelo macio e perfumado.

A sensação de seu corpo duro e nu em suas costas era excitante.

—Tem certeza que isso é uma boa ideia?

Sua risada agitou gavinhas de cabelo em sua testa.

—Relaxe, moça, -lábios firmes deram um beijo no topo da sua cabeça. —Estamos juntos, assim como nós estávamos destinados a ser. Eu nunca vou deixar você ir.

As palavras se infiltraram nela, enrolando através de seu coração, e ela pousou a mão sobre o braço que estava na sua cintura.

Capturando sua mão, ele entrelaçou os dedos nos dela.

Um silêncio confortável desceu e, agradavelmente cansado de sua vida amorosa, eles adormeceram.



A memória foi devolvida imediatamente ao acordar, fazendo-a sorrir e mover ainda mais para o calor em suas costas. A respiração de Garret aqueceu seu pescoço e ela suspirou alegremente. Estranho, ela ponderou, como o constrangimento não tinha lugar em suas lembranças de sua união gloriosa. O amor tinha substituído tudo.

Um pequeno arrepio passou por ela, seus mamilos endureceram. *Agora, o que causou essa reação?* A consciência ocorreu de repente.

O hálito quente em seu pescoço havia sido substituído por lábios firmes. O braço em sua cintura tinha mudado, e grandes mãos roçaram em seu seio, deslizando a palma calejada em seus mamilos.

—Você está acordado, -ela virou a cabeça para olhar para ele.

—Sim, eu estou. Acordado e faminto.

—Oh! -a decepção correu através dela, mas ela escondeu. —Vou comer alguma coisa...

—Fique aqui, -ele ordenou contra sua garganta. —Não é de comida que eu estou ávido.

—Não é? -a vibração começou no poço de seu estômago.

Um quente beijo de boca aberta foi colocada sobre o pulso e rapidamente disparou na garganta.

—Não. O que eu estou atrás é do néctar dos deuses.

—N-néctar dos deuses? -sua respiração ficou presa quando a mão acariciando achatada sobre o peito e massageado o monte generoso sem problemas.

—Sim, -sua boca arrastou até os ombros. —O néctar que vem de você, linda menina.

Ela não tinha ideia do que significava e ele sabia disso.

Ele riu com voz rouca.

—Me deixe mostrar a você, moça.

—Mostrar? -Dana olhou por cima do ombro e imediatamente ele reivindicou sua boca, a língua deslizando entre os lábios macios para saquear as profundezas doces sem piedade.

Ela estava sem fôlego pelo tempo que ele quebrou o contato.

Um sorriso sensual curvou seus lábios.

—Relaxe, querida, e dobre os joelhos para aqueles deliciosos seios.

Um rubor corou o seu rosto.

—Ah, Garret...

—Tsk, sempre discutindo, -admoestou, e sua mão esquerda escorregou de seu seio para bater na sua nádega.

Não doeu, mas ela enrijeceu, de surpresa. Antes que tivesse a chance de reagir, suas coxas fortes cutucaram as costas dela e ela se encontrou de joelhos, deslocando mais para cima, deixando um sentimento de estar estranhamente vulnerável e exposta.

—O que você está... oh! -ela suspirou quando uma grande mão em concha tomou a sua feminilidade.

Amor e luxúria combinados em Garret, no prazer chocado em suas palavras. Ela era uma inocente nas formas de intimidade física entre um homem e uma moça, e ele tinha o dever delicioso e o direito de ensiná-la em tudo o que ele soubesse sobre isso. E com a sua larga experiência de todas as maneiras de fazer amor, isso levaria um longo tempo.

Ou tanto tempo como eles pudessem ter.

Delicadamente, ele esfregou as dobras delicadas que protegiam a entrada do seu corpo, sentindo a maciez quente começar. Quando ela arqueou-se contra ele, ele apertou a boca para a garganta nua e beliscou.

Ela estremeceu quando ele lambeu a área beliscada com a língua, depois a boca prendeu na pele tenra e ele chupou com firmeza. O desejo queimava como mercúrio, da boca especialista em sua garganta para as qualificadas mãos acariciando suas fendas privadas.

—Oh, Deus, -ela gemeu, quando um longo dedo deslizou suavemente na abertura aquecida.

—Eu sinto o néctar dos deuses que fluem de você, Dana, -sua respiração quente roçou seu ouvido. —Este néctar que eu anseio por sentir em volta de mim quando eu entrar em você. Você está pronta?

Mordendo o lábio contra os sentimentos deliciosamente tumultuosos que giravam através dela, ela balançou a cabeça, sugando uma respiração funda quando seu dedo se retirou para ser substituído por algo muito maior.

Grosso e túrgido, seu pênis deslizou para dentro dela. Longas e quentes investidas marcaram as paredes de sua vagina, queimando com a essência que vazava a partir da extremidade da cabeça inchada.

Braços fortes deslizaram por baixo dela, se virando e se curvando para cima, mãos grandes agarrando os ombros a partir da frente.

Garret prendeu-a contra o peito, as mãos fixando-a no lugar, enquanto ele empurrava nela quase desesperadamente, glorificando a sensação sedutora das pernas longas deslocando e alongando

acima da sua própria, enquanto a sua bainha apertada o segurava em um abraço quente.

Parecia, para Dana, que seu poder estava em toda parte, nos braços fortes que a seguravam, no peito maciço contra a qual ela era apertada, nas pesadas coxas musculosas por trás dela e na sua grossa e dura masculinidade que a enchia. Dentro e fora, ela foi cercada por seu poder masculino.

Ela nunca sonhou que fazer amor podia ser tão bom. Nunca sonhou que Garret iria tomá-la como ele fez, por trás dessa maneira. Ela nunca teria imaginado que ele a queria tanto, mas o sentia agora, em cada impulso, nos braços que poderiam facilmente esmagá-la em momento de exaltação da paixão, mas não fazia. Doces, palavras carnavais respiravam sua necessidade em seu ouvido. Ela nunca teria acreditado que ele iria domina-la e ela iria recebê-lo.

Ele a levou, de volta para o abismo da sensação em espiral, em que Garret se juntou a ela, em um último impulso, se empurrando profundamente dentro de suas profundezas secretas, enquanto a sua semente ia derramando diante de uma torrente escaldante. Ele a segurou firmemente contra ele, enquanto cavalgavam as ondas bravias do êxtase, juntos.

Desta vez não houve nenhuma conversa mais tarde. Ele ficou enrolado em volta dela, protegendo-a com seu corpo, e embalando-a contra ele. Ela permaneceu em seus braços, os dedos ligados com os dele, onde descansavam, sob os seus seios.

Com a cabeça enfiada debaixo do queixo dele e o calor do seu corpo nas suas costas, Dana se sentiu segura e cuidada.

Com a moça que ele amava em seus braços, Garret estava contente.

Dormiram através do resto da noite.



Quase todos os momentos que passaram juntos, saboreando o momento, sabendo quão breve seria. Por mútuo consentimento, nenhuma menção foi feita sobre o que eles haviam deixado para trás. Em vez disso, usaram o tempo para explorar um ao outro, mente e corpo, crescendo ainda mais.

Mas não poderia durar para sempre.

Capítulo 18

À duas horas de Orkra, Dana usou o viscom para entrar em contato com Cina.

—Nós vamos pousar logo para falar com Zar e Diago. Existe alguma maneira de obtê-los juntos para conversar?

—Eles vão matar um ao outro. Tem piorado, Dana. Os Northland estão encarcerando suas escravas nas celas e as Southland fazem o mesmo. Nenhuma mulher anda em Northland, ninguém anda aqui. Em todos os lugares só há as preparações para a guerra.

—Maldição. Quando é a batalha?

—O dia depois de amanhã os exércitos se encontram na fronteira. Se Zar não entregar Rominac, ele começa e aí então...

—Então Rominac não apareceu?

—Ainda não. Estou tão preocupada com ele! -Cina começou a chorar.

—Você tem certeza que Zar não o têm?

—Ela não iria mentir sobre isso.

—Muito bem. Eu estarei em contato.

—Quando você vem?

—Assim que eu puder. Eu devo ir para Diago primeiro e ver se posso conversar para trazer algum sentido para ele.

—Tenha cuidado, -a tela ficou em branco.

—Talvez eu devesse falar com Diago, -Garret sugeriu.

Ela olhou por cima da mesa para ele.

—Não, eu tenho que fazer isso.

—Muito bem, mas vamos juntos.



Descendo da nave da frota, Garret olhou ao seu redor. Sim, os preparativos para a guerra estavam sendo feitos. Os cavalos estavam sendo preparados em uma área, lasers estavam sendo entregues aos homens, enquanto a armadura estava sendo montada em um edifício aberto nas proximidades. O choque metálico de espadas soava no ar, indicando claramente que praticavam.

Um guarda armado se aproximou com cautela, seu laser direcionado sobre o gigante.

—O que você quer, estranho?

—Diago. Ele está aqui?

—Por que você o procura?

—Tenho uma mensagem para ele. Chame-o agora.

Outro guarda se aproximou e reconheceu-o.

—É o comerciante Daamen. De quem é a mensagem?

—Sua filha.

Os guardas se entreolharam e um segundo com a cabeça.

—Espere aqui.

—Eu realmente tenho que ficar aqui até que ele chegar?

—Para sua própria segurança, sim, -Garret voltou e examinou Dana. Vestida com as roupas de guerreira, uma vez mais, ela lhe tirou o fôlego. —Esses Northlanders, é provável que atirem primeiro e perguntem depois.

—Eu sei, mas eu odeio ficar me escondendo atrás de portas.

—Paciência. Não será por muito tempo.

Eles esperaram por um tempo curto antes de ver a figura de Diago se aproximando.

Parando, olhou através do comerciante, para Dana.

—Você não deveria estar aqui.

Ela pulou da embarcação e imediatamente Garret aproximou-se dela.

—Não entre em guerra com as Southlanders, -disse ela.

—Elas têm o meu filho.

—Zar negou-o, não foi?

—Ela o têm.

—Você sabe com certeza?

—Como eu posso? Ela atira ou captura qualquer homem que atravesse a fronteira. Eu não posso enviar ninguém lá.

—Então eu vou.

Garret enrijeceu.

—Dana...

Ela manteve o olhar no Northlander.

—Deixe-me ir em frente e ver por mim mesmo.

—Ver não é prova. Você vai trazê-lo de volta?

—Se ele estiver lá, sim.

—Ele está lá, -a mandíbula de Diago se contraiu. —Vá, mas se você não voltar pela manhã após o próximo dia, a guerra começa.

Frustrada, ela cerrou os punhos.

—Isso é inútil! Por que você faz isso?

—Zar não vai ganhar esta batalha.

—Preciso de mais tempo.

Deu-lhe um aceno de cabeça.

—Muito bem. Você tem até o meio-dia em vez da manhã, no momento em que nos encontrarmos na fronteira. Se você aparecer lá com Rominac, vou retirar as minhas forças. Se não, fique de lado, por que a guerra começará.

—Pô, Diago!

—Esse é tempo o todo que você tem, -girando nos calcanhares, ele se afastou.

Deslizando seu braço ao redor de seus ombros, Garret puxou-a para seu lado.

—É melhor nos apressarmos para ir a Southland.

—Você não pode vir.

—Você não vai sozinha.

—Você ouviu Cina. Qualquer homem é capturado ou morto.

—Então eu vou ficar no navio.

—Não se esqueceu da nossa última saída? Não foi agradável. Se eu for agarrada, você estará fora da embarcação e tentará ir meu socorro. Não, você deve ficar aqui.

—Dana...

—Você deve ficar e continuar a tentar falar com Diago, tirá-lo fora disto. Se eu falar com Zar e você com ele, a guerra pode ser evitada.

—Que inferno, não era assim que era para ser! Eu vou aonde você for, lembra?

Carinhosamente, ela tocou seu rosto.

—Isso não é traição, Garret, mas nós trabalhando juntos. Eu preciso de você aqui, tentando fazer a paz, enquanto eu faço o mesmo em Southland. Por favor, meu amor, não lute comigo sobre isso. Juntos podemos ter sucesso.

Ela estava certa. Se Zar suspeitou que ele estava na embarcação da frota, as coisas poderiam ir de mal a pior para ambos. *Lá foi outra alternativa, maldição.*

—Tudo bem, moça, mas vou deixá-la perto do assentamento Southland.

—Obrigado.

Eles embarcaram no barco da frota e logo estavam em seu caminho, o desembarque era a uma milha da cidade, muito em breve.

—Fique aqui, -disse Dana como a porta se abriu. —Ou você pode levar um tiro, por algum atirador.

Ele pegou-lhe num abraço feroz, então estavam se beijando quase desesperadamente, como se fossem seus últimos momentos juntos. Que, eles sabiam, era possível.

Finalmente, se afastaram.

A emoção fez com que seus olhos ardessem.

—Vou encontrá-la na fronteira.

—Eu o amo, -ela sussurrou com voz trêmula.

Um último beijo feroz e depois foi embora. Independentemente de suas instruções, ele ficou parado na porta e a viu correr literalmente na floresta, a espada presa nas costas e laser preso à coxa.

A solidão penetrou o seu coração.

—Não deveria ser assim, -disse ele com voz rouca. —Deus vá com você, moça.



A guerreira alta foi descoberta não muito longe da cidade e uma escolta armada saiu ao seu encontro.

—Bem, bem, é a Reeka, -disse uma mulher.

—Você está como se nunca tivesse lutado contra nossa besta mutante, -observou outra.

—Você veio para se juntar a nós?

Elas esperaram curiosamente, perguntando por sua presença.

—Eu vim para conversar com Zar sobre esta guerra.

—Ela está em suas estratégias e planejamento em casa, -disse a primeira mulher. —Sem dúvida ela vai receber a sua especialização.

Duvido, Dana pensava.

—Leve-me para ela.

A cidade fervilhava com a atividade, as mulheres correndo para lá e para cá, trazendo armas e cavalos que as conduziam. Quase idêntico a Northland.

Ao entrar na casa de Zar, ela foi levada direto para o seu escritório.

Olhando para cima, de onde ela estava debruçada sobre um mapa desdobrado na mesa, seus olhos azuis arregalaram.

—Dana?

—Merda! -Gera franziu os lábios. —Volta por mais punição, guerreira?

—Pare com isso, -Zar endireitou-se. —Esta é uma surpresa, Dana.

—Para nós duas, -Dana entrou na sala.

A Southlander ergueu uma sobrancelha.

—Você veio para ser contratada como mercenária?

—Não. Eu vim para ver Rominac.

—Rominac?

—Ele está aqui? Você segurou-o em cativeiro?

—Ah! -seus olhos se estreitaram. —Você esteve falando com Diago, bastardo. Bem, ele está enganado. Nós não temos seu filho, mas o tolo não vai acreditar em nós.

—Por que deveria? Você levou Rominac antes.

—Antes, nós o deixamos saber, para vê-lo se contorcer, como me contorci sabendo que tinha a minha filha.

—Por que você não declara a guerra, então? Invade e a leva?

—Porque ela foi devolvida para nós. Tendo Rominac transformado em uma oportunidade boa demais para deixar passar. Em seguida, Diago lhe enviou, sua filha.

A mulher era cheia de surpresas.

—Você sabia?

—Não depois, mas mais tarde, -Zar cruzou os braços. —Eu não tenho o seu irmão, guerreira. Sinta-se livre para buscar na cidade, mas eu falo a verdade e eu suspeito que você sabe disso.

O instinto despertou.

—Então onde é que ele está, se não está aqui?

—Eu não sei e me preocupo menos ainda.

—Então, você é forçado a lutar porque Diago não vai acreditar em você? Por que não permitir que um homem para entre e pesquise na cidade?

Gera riu.

—Por quê?

—Então ele vai ter que aceitá-lo.

Zar balançou a cabeça.

—Não. Isto foi fermentado durante muito tempo entre Southland e Northland, uns contra os outros. A guerra é o ápice.

—Mas por quê? Isso é tão sem sentido! Você tem alguma ideia de quantas vão morrer com isso?

—Há uma história por trás disso é que, finalmente, cumprir seu destino. Haverá guerra.

—Por favor, Zar...

—A única pergunta é, você se juntar a nós?

—Não.

Gera olhou para o líder.

—As celas?

—Não. Dana não vai nos trair, pois ela sabe o que é isso. Você é livre para ir, guerreira.

—Mas Zar...

—Quieta, Gera. Volte para esses planos.

Com um último olhar cheio de ódio para a guerreira silenciosa, Gera inclinou-se sobre o mapa mais uma vez com a sua líder.

—Eu não vou desistir, Zar.

—Seja como for, -foi a resposta indiferente.

A Southlander não ia ouvir mais. Dana decidiu passear pela cidade e tentar novamente mais tarde. Na verdade, ela podia tentar encontrar Cina.

Assim que ela saiu da sala, uma menina apareceu no final do corredor, gesticulando freneticamente. Dana foi para ela e foi puxada para dentro de uma sala.

—Você veio!

—Eu disse que faria. Isso não parece bom.

—Minha mãe não ouviu você?

Mãe? Seus olhos se arregalaram.

—Zar?

Cina assentiu.

Agora isso estava começando a fazer mais sentido.

—Você é filha de Zar e você ama o filho de Diago?

—Sim.

—Bem, isto é uma bagunça, não é?

—Você tem que parar esta guerra antes que alguém se machuque.

—A guerra tem o mau hábito de fazer isso. Você disse a Zar que você ama Rominac?

Ela balançou a cabeça.

—Ela pediu-me para desistir.

—Pô, você sabe que...

—Eu a conheço melhor do que você. Eu a vi com os escravos do sexo masculino. Não há misericórdia se considerar uma ameaça à Southland. -o olhos de Cina caiu, um rubor crescendo em seu rosto. —Certamente você já notou os jovens escravos na casa.

—Eles são um pouco difíceis de não serem notados.

—Ela só compra os mais bonitos para servir e dar prazer a ela, quer goste ou não. Sem piedade, sem simpatia.

—Por que ela é tão amarga?

Cina hesitou, em seguida, baixou a voz.

—Zar era uma escrava de Diago, e ele a mantinha para seu próprio prazer, até que um dia ele retornou de uma viagem com várias escravas e a deu para um amigo que o visitava, para passar a noite. Ela matou seu amigo e fugiu comigo, libertando mais escravas quando nós fomos. Muitos mestres Northland foram mortos naquela noite. Viemos para cá e começamos Southland, usando os homens e as ferramentas que havíamos roubado. Isso é tudo que eu sei. O vale entre a nossa terra e as marcas dos homens da fronteira. Se um põe os pés sobre o limite, eles são capturados.

—Uma aliança desconfortável.

—Mais como uma existência.

Estudando a menina, Dana observou as olheiras sob seus olhos.

—Você sabe onde está Rominac?

—Eu desejaria saber.

—Você não ouviu falar dele?

—Não. Eu estou com tanto medo, e se ele estiver morto?

—Você não sabe disso. Você já procurou em todos os lugares?

—Sim.

—Vamos olhar de novo. Talvez você tenha perdido alguma coisa.

Juntas, eles vasculharam a cidade, mas ao cair da noite Dana teve que admitir que seu irmão não estava sendo mantido cativo nos limites. Onde diabos ele poderia estar?

Entrando na casa de Zar, ela deu de cara com ela.

Uma sobrancelha subiu.

—Vejo você se encontrou com a minha filha.

—Ela está me fazendo companhia.

—Ela?! Onde você vai passar a noite, guerreira?

—Eu não pensei sobre isso, mas eu vou encontrar um lugar.

—Você é bem-vinda para ficar aqui.

—Eu sou, por quê?

Zar riu.

—Eu gosto de você, pura e simplesmente. Não é culpa sua que o bastardo é o seu pai, e eu não usar isso contra você.

—Obrigada.

—Você pode ficar no quarto que tinha antes, -ela deslizou um braço ao redor dos ombros da Cina. —Junte-se a nós para a refeição da noite.

Não havia nenhuma razão para não fazê-lo.



Ele gemeu e a velha olhou atentamente para ele. O jovem estava ficando cada vez melhor, ela sentiu no arrefecimento de sua pele. A febre que tinha sido travada por meio dele estava desaparecendo. Bom. Ela retirou o curativo do braço e, como suspeitava, a exsudação purulenta estava aliviando, o cheiro da infecção desvanecendo.

—Demorou muito tempo, meu filho, mas você está com sorte. Os portões do céu não abrirão para você neste momento, -sorriu e pôs a mão em sua testa. Ele lembrou do filho que ela tinha deixado para trás há alguns anos. Como sentia falta dele. Mas, pensar sobre isso não fazia bem. Ele morreu na rebelião de mulheres contra homens.



—Você percebe que Dana colocou em perigo a si mesma ao tentar parar esta guerra sem sentido?

Diago olhou para o comerciante sentado na mesa dele.

—Isto não é da sua conta.

—Rominac é seu irmão e isso faz com que seja de minha conta.

—Ele começou a isso.

Garret ergueu as sobrancelhas.

—Como assim?

—O tolo imaginava-se no amor com uma escrava que eu comprei para ele.

—O amor vem para todos nós.

Os olhos penetrantes o estudaram.

—Você liga para a minha filha, comerciante?

—É bem mais do que isso, mas por que lhe interessa?

—Ela é minha filha.

Garret empurrou o prato de comida intocado para longe.

—Você perdeu o direito de se preocupar, muito tempo atrás, - seu olhar endureceu. —Você a traiu e a sua mãe. Eu não.

—Não vou entrar nesta discussão com você.

—E eu não quero ouvi-lo. Dana é a minha preocupação, não a sua, e é por causa dela que estou aqui agora, tentando falar com você para sair dessa loucura.

—Essa loucura, como você afirma de forma tão eloquente, terminará em um único caminho. Ou Southland vai ganhar, ou a nós. Ou Zar vai morrer, ou eu vou.

—Essa é a resposta? -Garret perguntou com nojo. —O que há entre vocês dois? Porque vocês não podem viver juntos, em paz?

—Paz? Houve muita amargura, para que isso aconteça.

—Tais como?

Ele olhou para dentro do cálice de vinho que segurava em sua mão.

—As relações entre um homem e uma mulher são complexas. É preciso governar, um obedecer ao outro.

—Eles são iguais, Diago. Não é preciso de ter submissão de um lado.

—O homem não pode viver contando com uma companheira mais fraca. Provou-se...

—Que inferno! De onde você tira essas ideias estúpidas? - Garret lançou uma mão em um gesto abrangente. —Quantos mundos existem por aí que sobrevivem alegremente, até mesmo prosperam, através da igualdade? Através de reconhecimento do valor do outro?

Os olhos duros brilharam perigosamente.

—Como você pode, de todas as raças, dizer isso? Você acha que eu não sei como os Daamen mantem as fêmeas em seu próprio planeta, só é permitida fora quando na companhia de seus homens? Como elas são protegidas por seus homens? Como...

—Essa é a palavra-chave, Diago. 'Protegida'. Nós cuidamos de nossas mulheres, garantindo a sua segurança em todos os momentos. Elas não deixam o nosso mundo, a casa ou viajam desacompanhadas em qualquer lugar, por causa dos perigos do espaço, piratas. Gostaríamos de morrer por elas. Mas elas são respeitadas e suas opiniões valorizadas, -um dedo longo esfaqueado em sua direção. —Nunca presuma que nós submetemos as nossas moças para as indignidades que concedeu sobre as suas próprias. Esta é a razão por que você está onde está agora.

O Northlander se levantou abruptamente.

—Você não entenderia, comerciante. Não há nada que possa interromper essa guerra. Foi sendo preparada por um longo tempo e finalmente chegou a hora. Esse é o fim.

—Merda! Você sabe que você está destruindo a vida de Dana, mais uma vez? Você não tem ideia do que ela deu se...

—Eu nunca pedi a ela para vir. Ela fez o trabalho que pedi e não há mais nada a ser dito, -Diago caminhou furiosamente pela sala.

Irritado, Garret saiu para a noite. Mais uma vez ele procurou na cidade de Northland por qualquer sinal de Rominac, mesmo que ele soubesse que era impossível, pois pesquisas anteriores tinham demonstrado isso. Mas ele precisava de algo para trabalhar fora a sua fúria.

Ele dormiu pouco naquela noite na embarcação da frota. O beliche que tinha partilhado com Dana era solitário. Perdeu sua inteligência afiada e a suavidade de seu corpo, o amor que brilhou em seus olhos, o jeito que ela procurava fazer pouco das coisas para agradá-lo. Ele ainda sentia falta de seus comentários mordazes, porque era outra parte dela que ele amava.

Até antes do amanhecer, ele começou a vasculhar o campo na esperança de encontrar Rominac, mas quando o sol se levantou, seu espírito despencou. Quando o sol se pôs, ele sabia que o Northlander estava em nenhum lugar da vizinhança.

Onde diabos ele estava?



Pegando o estribo, Dana olhou para Zar montada no cavalo de batalha.

—Não faça isso. Não é tarde demais para pará-lo.

—Porque isto lhe preocupa tanto, guerreira? Você sabe que seu irmão não está aqui, e ele não está em Northland, por isso é lógico que ele está seguro da próxima batalha.

—Mas muitos vão morrer desnecessariamente.

—Desnecessariamente? -Gera bufou para ela, ao lado de sua líder. —Isto é em parte uma batalha para acabar com o domínio dos Northlanders.

—E qual é a outra parte?

—Rancores antigos, -respondeu Zar. —As velhas feridas ainda sangram.

—Dadas as circunstâncias corretas, essas feridas podem curar.

O cavalo de batalha mudou-se inquieto e Zar apanhou as rédeas.

—A batalha começa ao meio-dia. Você monta com a gente?

Liberando o estribo, Dana recuou.

—Só para a fronteira. Não vou lutar uma guerra que não acredito.

—Esquisita, -Gera zombou. —Você lutou em muitas guerras por dinheiro, Reeka. Qual é a diferença agora?

Montando o cavalo de batalha livre, ela nivelou seu olhar sobre a Southlander.

—Os tempos mudaram, e com isso a minha percepção sobre o que considero importante.

—O tempo também está se movendo, -Zar ergueu um punho. —Saia!

A poeira encheu o ar quando duas centenas de cavalos de guerra trotaram pela cidade e para fora do país.

Dana teria caído para trás, mas Zar gesticulou para frente para andar ao lado dela na cabeça do exército.

—Estou surpresa que Cina não está com a gente.

—Eu não permitiria isso, -Zar pegou seu olhar surpreso. —Eu tenho algum sentimento dentro de mim.

—Você a fez ficar para trás?

—Ela ficou aborrecida, você pode ter certeza.

—Eu não a vi em sua casa.

—Deixei-a com uma velha que vive na floresta. Se perder, ela vai manter Cina oculta.

—Você tem isso muito bem planejado. E quanto a você, se Northland vencer? Você vai ser escravizada novamente.

Zar sorriu menos alegre.

—Eu vou, sem dúvida, estar entre as primeiras a morrer, de modo que, é a menor das minhas preocupações.

—E as outras?

—Elas vão para a batalha à espera de ganhar, mas sabendo das consequências da perda.

—Uma escolha sombria.

—Como a das Reekas, durante os seus anos de foragidas. Você de todas as pessoas devia entender.

Sim, ela entendia.

O resto da viagem foi mantida em silêncio, apenas o barulho dos cascos dos cavalos e o tilintar das armas.

Imersa em seus pensamentos, o cavalo de Dana caiu atrás alguns passos e ela olhou para cima quando uma mulher apareceu em seu lado esquerdo.

—Eu sou Deidra.

—Não acho que você precisa de uma apresentação minha.

Deidra riu.

—Você é bem conhecida. Bastante famosa, na verdade. Todas nós já ouvimos as façanhas das Reekas.

Dana se deslocou na sela.

—Não acredite em tudo que você ouve.

—Eu diria que é principalmente verdade, -ela hesitou. —Você passou algum tempo em Northland?

—O bastante.

—Eu vejo, -olhou ao redor antes de deixar cair a voz. —Por acaso você encontrou algum homem?

—Isso é um pouco difícil de evitar, de acordo com as circunstâncias.

—Desculpe. Eu sei que há muitos lá.

Um pensamento súbito ocorreu a Dana e ela lançou a mulher um olhar especulativo.

—Havia alguém em especial que você queria me perguntar?

—Eu... sim, -ela ergueu o queixo. —Um menino. Ele tem cabelo castanho com reflexos dourados e olhos azuis. Ele teria dez anos de idade agora. Você notou ele, enquanto em Northland?

A brisa agitava uma mecha de cabelo dourado que encontrou seu caminho sem a trança apertada. Certamente, não era possível? Era demais para uma coincidência...

Deidra suspirou.

—É apenas uma consulta. Há muitos meninos lá para você perceber apenas um.

—O menino é seu filho?

—Ele é, -ela olhou para suas mãos. —Eu não o vejo há três anos.

—E o pai?

Um sorriso triste puxou os lábios.

—Eu nunca esqueci Kal.

—Dane-se tudo para o inferno, -murmurou Dana. *Quais eram as chances?*

—Pode me achar fraca, guerreira, eu não me importo, -Deidra ergueu o queixo desafiadoramente. —Nunca deixei de amá-lo, e sinto falta dele ainda. Ele estava cuidando de seu caminho, nunca foi duro ou cruel, nunca me obrigou.

—Então, por que saiu?

—Liberdade. Que vida minha filha que nasceu lá, teria? Deixei por ela. Ela é livre, sem pertencer a qualquer homem.

—Você não confia Kal suficiente para mantê-la?

—Ah, ele nunca se separaria dela, teria matado um homem que ousasse tentar tocá-la. Mas e se algo acontecesse com ele? Quem iria cuidar de nós, e nos manter à salvo? Eu fiz uma escolha para beneficia-la.

—Mas você deixou o seu filho.

—É óbvio porque, guerreira. Você gostaria de trazer o seu filho para a escravidão? Se eu o trouxesse para Southland, o que lhe aconteceria se eu morresse? Ele seria vendido na feira de escravos. A escolha foi por ele também.

Rodaram em silêncio por vários minutos, Dana debatendo como muito para contar a mulher ao seu lado. Mas ela não tinha o direito de saber que por quem ela ansiava, ansiava por ela também? Seria um pequeno conforto antes de ela conhecesse a sua possível morte, na hora seguinte ou duas.

—Kal perguntou sobre você.

A cabeça de Deidra virou em torno rapidamente: —O quê?

—Ele se aproximou de mim em Northland, perguntando se eu tinha visto você.

—Ele fez? -seus olhos brilhavam. —Viu o nosso filho com ele?

—Não, ele estava sozinho. Mas ele disse que você era a mãe de seu filho.

Deidra fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu novamente, brilhou em sua gratidão profundidades.

—Como ele está?

—Eu não tomei muita atenção, mas ele parecia bem.

—O seu cabelo ainda escuro, ele ainda tem barba?

—O cabelo é escuro, sim, mas a barba se foi.

—Eu nunca gostei dela, você sabe, -Deidra sorriu de repente.

—Era espinhosa quando nos beijávamos. Ele sempre deixava uma erupção em mim.

—Na verdade eu prefiro que o meu homem tenha um rosto bem barbeado, -Dana disse sem pensar, então, ficou estarelecida. *Desde quando ela dizia algo parecido com isso?*

—Ah. Era o de cabelos castanhos? -Deidra piscou. —Ou o outro?

De repente, o constrangimento fugiu. O amor não era nada para se envergonhar, ela decidiu. —

—O primeiro, Garret.

—Realmente grandes espécimes de masculinidade, mas nada comparado ao meu, -ela balançou a cabeça. —Que desperdício!

—Então, por que aderiu a esta guerra?

—Por minha filha.

—Onde ela está agora?

—Com as outras meninas em um refúgio, a quilômetros de Southland.

—E os filhos do sexo masculino?

Deidra desviou o olhar.

—Nas celas de escravos. Se o Northlanders vencer, os meninos vão ser livres.

—E as meninas vão viver como fugitivas.

—A guerra deixa muitas vítimas.

Não havia mais nada a dizer.

Capítulo 19

—Eu não posso acreditar que você está aqui, seguro, -Cina sussurrou.

Os braços de Rominac se apertaram ao redor dela.

—Agora eu estou, graças a Martal. Foi ela quem me encontrou na floresta e cuidou da minha lesão.

—O menino teve sorte, a armadilha do velho caçador de não causou a sua morte, -Martal franziu a testa. —As estacas no fundo estavam enferrujadas. Essa foi a principal causa da febre, que durou tanto tempo.

—O pensamento de você cair dentro... -Cina estremeceu.

—Não foi agradável, mas então eu não lembro de muita coisa depois disso. Dor, principalmente.

—Isso seria por eu puxá-lo para fora, -Martal tomou um gole da bebida quente da caneca ela segurava. —Você estava consciente e desacordado o tempo todo. Uma coisa boa, considerando a maneira que você estava, mas não havia ajuda para isso. De qualquer forma, aqui está você, recuperado e bem, e a armadilha dos caçadores foi preenchida com terra e entulho para que ninguém mais pudesse cair e se machucar.

—Você teve a sorte de estar tão longe de Southland, -disse Cina. —Se alguma das Southlanders tivesse encontrado você, em vez de Martal... -ela estremeceu.

—As celas de escravos, -ele balançou a cabeça-, mas agora temos coisas mais importantes para pensar.

—A guerra. Começa ao meio-dia se você não aparecer.

—Portanto, temos de sair agora. Venha, o tempo passou desde que você já chegou.

—Nós poderíamos fugir agora, enquanto eles estão ocupados.

Rominac lançou-lhe um olhar chocado.

—Você deixaria nossos pais morrer? Os nossos amigos?

—Mas como podemos impedi-los? Zar e Diago estão dispostos a matar um ao outro, em ter isto entre eles...

—Eu não posso acreditar que estou ouvindo isso.

Sob o olhar de reprovação, ela abaixou a cabeça.

—Sinto muito. Você está certo. É só que eu estou tão cansada de toda esta luta e da escravidão, -ela olhou para cima, com lágrimas brilhando em seus olhos arregalados. —Eu só quero viver em paz com você. Por que não podemos viver em paz?

Seu coração amoleceu, ele tocou seu rosto delicadamente.

—Por causa da sociedade em que vivemos. Se podemos tentar levá-los a ver que o que eles fazem é errado, então temos uma chance de realizar o nosso sonho. Temos que tentar, Cina. Temos que lhes mostrar o caminho.

—Eu estou com medo.

—Eu estou com você.

—Estou com medo de perder você.

Ele considerava-a firmemente.

—Eu preferia morrer com você do que viver sem você. Temos amigos que anseiam pelo amor, dos pais por suas filhas, dos filhos por suas mães, dos amantes para as amantes. Eles estão sendo mantidos separados por amargura e ressentimentos do passado. Podemos viver felizes sabendo que nós não tentamos acabar com essa insensatez?

Seus ombros se endireitaram.

—Você fala com sabedoria, como sua irmã. Vem, vamos acabar com essa guerra. Vamos enfrentar a ira de nossos pais...

—E suas possíveis mortes, -Martal lembrou. —Você pode morrer na batalha se ninguém os escutar. Ou pode ser tarde demais.

—Temos que tentar, -disseram ambos em uníssono.



O sol estava alto no céu enquanto o exército Southland subia a ladeira e ficava no topo da crista do vale. A vasta extensão no fundo era exuberante e verde, a fronteira que separava as Terras.

Um estrondo baixo soou e na crista oposta apareceu o exército Northland, Diago na liderança, e ao lado dele... os batimentos

cardíacos Dana pegou de repente. Sentando alto na sela estava Garret.

—Espalhe,—Zar falou.

Dentro de minutos o exército Southland forrava a crista, quatro linhas de profundidade. O exército do lado oposto fez o mesmo, e em silêncio as mulheres de Southland e os homens de Northland se enfrentaram em todo o vale.

Dana olhou para Zar, que estava olhando para a vasta extensão no menor número de Diago. Seu rosto era um borrão pálido.

—Zar... —Dana começou.

—Ele está esperando para saber se você encontrou Rominac. Dê-lhe a mensagem que ele procura.

Sombriamente, Dana cutucou o cavalo de batalha com seus joelhos e começou a descer a ladeira. Ela viu Garret romper a hierarquia no lado oposto e andar a cavalo com cuidado para o lado.

O silêncio encheu o ar, tensão e expectativa nos rostos dos observadores de ambos os lados.

Os cavalos atingiram o fundo do vale, ao mesmo tempo, a grama, abafando as batidas dos cascos.

Dana procurou o rosto de Garret e seu coração caiu na severidade de sua expressão.

Ele cavalcou ao lado dela e se entreolharam.

—Sinto muito, moça. Rominac está longe de ser encontrado, e eu não pude mudar a mente de Diago.

Olhando para Diago, ela suspirou. Mesmo que ela não pudesse ver as suas características claramente, ela sabia que falhara.

—Então, é guerra.

—Eu tentei.

Seus olhos caíram de costas para ele, e ela sorriu tristemente.

—Eu sei que você fez e eu nunca poderei agradecer o suficiente por isso. Parece que Zar e Diago escolheram ir em frente.

Inclinado para frente, ele escovou um beijo nos seus lábios, depois se endireitou.

—Sugiro que sair da linha de batalha para uma posição mais segura.

Com um último olhar primeiro para Diago e depois para Zar, ela balançou a cabeça e viraram seus cavalos.

Zar os assistiu ir embora.

Ao seu lado, Gera mudou impaciente.

—Vamos.

—Vamos esperar até que estejam fora da linha.

—Você está ficando mole.

Os olhos duros cortaram para ela.

—Eles não fazem parte disto. É a nossa guerra.

Gera fez uma careta.

Diago viu sua filha ir embora e se perguntou se ele viveria para vê-la novamente. Provavelmente não. Ainda que sobrevivesse a isto, duvidava que ela um dia voltasse.

Esperando que eles estivessem em uma distância segura, ele levantou o braço.

—Guerra!

O grito foi retomada por ambos os lados e cavalos de guerra começou a descer as rampas. Quatrocentos e mais espadas foram levantadas e brilharam na luz do sol.

Garret e Dana levaram seus cavalos ao redor e viram uma guerra começar, sentindo o ódio no ar, vendo a sede de sangue em mais de quatrocentos rostos, masculinos e femininos.

Rancores longamente detidos seriam pagos de volta nesse dia sangrento.

—Garret, o que é isso?

—Onde?

Ela apontou.

—Dois cavalos, chegando rápido.

Ele franziu a testa, estreitando os olhos.

—Duas pessoas, um homem e uma moça.

Os cavaleiros se aproximavam, correndo em linha reta pelo centro do vale em direção a eles, enquanto ambos os lados dos exércitos trovejavam sobre eles.

—É Rominac e Cina!

—Eles vão ser pegos no meio da luta! -Dana chutou seu cavalo em uma corrida.

Mesmo que ele seguiu, Garret sabia que não iria fazê-lo em tempo. Os exércitos estariam sobre o casal antes que eles pudessem chegar com segurança através do vale. Rominac e Cina estavam andando para a morte.

Como eles mesmos estavam em um lance, louco inatingível para salvar suas vidas.

Ele sabia que o mesmo pensamento ocorreu para Dana, viu em seus olhos quando ela olhou para ele. Ele não hesitou. Era seu irmão, e Garret a amava demais para deixá-la passear no meio da batalha por si mesmo. Eles andavam juntos.

Seu emocionante sorriso torto derreteu o coração dela e o tempo parecia ter parado por um instante, seus olhos fecharam, e naquele segundo, ela sabia que ele iria segui-la em qualquer lugar, mesmo nas garras da morte.

Por causa de seu amor por ela.

—Garret...

—Cavalgue, moça.

Virando para frente, dividida entre parar o que estava acontecendo e tentar salvar seu irmão, ela de repente parou o cavalo, surpresa. Garret freou ao lado dela. Ambos os lados dos cavalos no vale estavam correndo e bufando, puxados duro pelos seus pilotos, disparando em confusão. Na cabeça de ambos os lados estavam Zar e Diago, ambos olhando com espanto e raiva para os seus filhos, que disparavam os seus cavalos diretamente no caminho dos exércitos.

—Avante! -Gera rosnou.

—Não! -Zar gritou. —Espere!

—Vamos sair daqui! -Diago agarrou seu braço no ar.

Inquieto, emoções correndo, adrenalina subindo em suas veias, os homens e mulheres se olharam sobre a distância, agora perto o suficiente para ver todas as expressões cruzarem os rostos uns dos outros.

Tristeza, ódio, arrependimento, sede de sangue e medo.

Reconhecimento nos rostos de muitos.

—Cina, venha aqui!

—Não, mamãe, eu não posso.

—Maldição, eu a deixei em segurança!

—O que você escolheu para mim, eu não quero!

Zar olhou através de Diago.

—Aqui está o seu filho, Northlander. Como você pode ver, eu não o tenho.

—Rominac, saia do caminho antes de ser morto ou capturado. Venha mais para este lado.

Rominac sentou-se reto na sela, chegando a pegar a mão da Cina.

—Meu lado é com dela.

O rosto de Diago ficou vermelho.

—Você escolhe as Southlanders acima de mim, seu próprio pai?

—Eu escolho nenhum lado, nem Northland Southland.

—Então por que você se deu ao trabalho de vir aqui?

—Para parar esta guerra. Eu estava originalmente indo encontrar Cina, mas uma lesão me impediu por mais de duas semanas. Uma velha na floresta estava cuidando de mim. Era a mesma mulher que Zar deixou Cina. Quando Cina me disse o que estava acontecendo, vim direto para cá. Esta não é a maneira de lidar com o ódio e o ressentimento.

—É a única maneira!

O rosto de Zar se cobriu de trevas.

—Saia, Cina.

—Não, mãe. Rominac e eu nos amamos. Como podemos viver uma vida juntos com tanto ódio entre nosso povo? Minha mãe e seu

pai tentando matar um ao outro, o nosso povo tentando escravizar o outro. Famílias separadas. Não é certo!

—Eles são homens, -Gera disse com raiva. —Eles começaram a escravidão.

—Então está na hora de finalizá-la.

Deidra olhou em toda a extensão de grama e nos olhos de Kal. A dor estava refletida de forma idêntica... dor e resolução. Iriam lutar por seus filhos. Eles morreriam por seu amor.

Diago e Zar se entreolharam.

—O que vai acontecer, me pergunto? -Dana sussurrou.

—Eu não sei, moça. Não posso ver o que vai parar com isso agora.

Ambos os líderes falaram como um só.

—A guerra começa.

—Muito bem, -Cina endireitou os ombros magros. —Então, ouve a nossa decisão.

—O que é isso? -Diago agarrou.

Rominac olhou-o nos olhos, sem pestanejar.

—Nós vamos morrer juntos na batalha.

—Você vai lutar comigo ou contra mim?

—Nenhum dos dois. Vamos simplesmente ficar aqui e ver quem nos mata primeiro. Se não podemos viver felizes juntos, então,

escolhemos morrer juntos. Nós vamos ter a paz na morte que você e Zar nos negaram nesta vida.

—Isso é absurdo!

—Essa é a nossa decisão.

—Vou arrasta-la para longe se eu tiver, Cina, -Zar ameaçou.

—Um ato de guerra, mamãe. Vai acender as chamas da batalha em segundos, e ainda vamos morrer.

Desamparada e furiosa, Zar olhou para Diago para ver seus próprios sentimentos refletidos em seu rosto. A tensão encheu o ar.

Gera andava para frente.

—Qual é a sua decisão?

—Ela é minha filha, o que você acha?

—Você não pode se render!

Os olhos pálidos brilharam para Diago.

—Não rendição, mas um impasse. O que você acha?

—Por quanto tempo?

—Até o próximo problema, sem dúvida, Northlander.

O olhar de Diago ia dela para seu filho. Ele não podia arriscar a vida de Rominac, ele significava muito para ele.

Lentamente, ele começou a levar o seu cavalo para longe.

—Concordo.

—Você está louco? -um homem gritou. —Estas cadelas não pode vencer! Elas devem ser tomadas!

—Eu digo que a luta continua! -outro gritou.

Um homem grisalho de cabelo cortado, levou o seu cavalo em frente e falou.

—Eu não quero lutar, se não precisamos, assim cale a sua matraca!

—Que diabos é o seu problema? Aquelas...

—Minha filha cavalga na primeira fila, a terceira da esquerda. Você acha que eu quero matá-la? Vê-la morrer em nossas mãos? Não! -ele girou seu cavalo em torno e olhou para Diago.

—Acho que devemos ir embora, nós podemos!

Atordado, o líder Northland olhou para ele.

—O homem que eu amo está diante de mim, -Deidra quebrou formação e trouxe seu cavalo vários metros mais perto da fronteira. —Eu não quero matá-lo, mas para o bem dos nossos filhos, vamos ter que matar um ao outro. Para o bem das crianças que fizemos juntos, com amor. Como torcido isso soa para todos nós? E todos nós fazendo a mesma coisa!

—Eu não acredito nisso, -Dana sussurrou. —Rominac e Cina tocaram através de alguns deles?

—Huh! -Gera rosnou. —Amor? Eu fui estuprada por vários desses homens! Trabalhei de sol a sol e minhas costas carrega as marcas. Eu digo que matá-los agora!

—Minha irmã também foi violada, -disse outra mulher amargamente. —Seu filho foi tirado dela e vendido no bloco de escravo. Como nós podemos confiar nesses bastardos?

Um jovem se aproximou.

—Minha mãe foi tirado de mim e vendida. Eu chorei por ela, eu não tenho vergonha de admitir. Minha irmã ficou, mas eu cuido dela. Ninguém a toca... jamais.

—Você iria governar como escrava, no entanto, -os lábios de Gera se curvaram com desgosto. —Você não perderam.

—Meu irmão foi enforcado por um grupo de Southlanders, -o homem afirmou categoricamente.

—Ele era um homem...

—Ele tinha quatorze anos.

O silêncio encheu o vale.

—Nós todos perdemos alguém que amamos, -disse Cina.
—Quantos mais vamos perder nessa batalha inútil?

Rominac segurou a mão dela com força.

—Eu não sei qual é a resposta para tudo isso...

—Então fique de fora! -Diago rosnou.

—Ficar fora disso? Pai, se todos aqueles que não querem arriscar a matar um parente de sangue não lutarem, quantos de vocês realmente sobrariam para a sua guerra?

—Você é impudente, filhote. O que você sabe de perder aqueles que você ama? O que você...

—É a sua intenção de mostrar-me, pai? Você quer que eu sinta a dor e o sofrimento que tantos de vocês já conhecem? É esta é a minha lição?

Garret queria adicionar suas próprias palavras, mas o medo de quebrar o momento, temporário e frágil, de paz, ele ficou em silêncio. Tudo estava na balança aqui, um movimento errado poderia começar a guerra. Um movimento certo poderia detê-la. Mas uma coisa era certa, o movimento, de qualquer forma, tinha que ser feito pelo povo de Orkra.

—E o que dizer de suas razões, Mãe? -Cina perguntou desafiadoramente, tirando coragem de seu amante. —Vocês estão lutando pela nossa liberdade? Ou algo mais pessoal? Estão todos vocês, -ela olhou em torno suplicante-, lutando pelas razões certas?

—Cina! -Zar latiu. —Basta!

—Quando isso será suficiente? Quando todos nós morrermos? Quando as crianças deixadas para trás, tiverem que cuidar de si mesmas? Sejam escravizadas e comecem isso tudo de novo, um legado de ódio? Não foi sempre assim, Mãe! Não é possível qualquer você lembrar de uma época em que viveram juntos?

Os homens e mulheres mais velhos se entreolharam.

—Eu me lembro, -uma mulher de cabelos grisalhos, disse. —Eu não posso dizer que eram sempre momentos felizes.

—Eles eram até que fomos escravizados, -disse outro.

—Eu nunca quis isso, -um homem de meia-idade com uma barba espessa afirmou. —Mas se tornou lei.

—O que você fez para tentar pará-lo, Ecan? -a mulher cuspiu.

-Eu fui espancado pelos meus pontos de vista. Tudo que eu podia fazer era proteger o que era meu e isso incluiu a minha esposa.

—Você é um covarde!

—Eu não nego isso. Eu gostaria de ter feito mais, mas é inútil agora.

—Então você siga o seu líder.

—Como você segue a sua.

Dana observou o resmungar entre os homens e mulheres, os olhares disfarçados, a incerteza. Lá ainda estava o ódio, a desconfiança, mas alguns estavam a procura de esperança. Quantos viveram nestes últimos anos desejando uma vida melhor?

—Os homens nunca fizeram nada para nós,—retrucou Zar.

—Diago, parece que nossos povos estão em um impasse sobre esse negócio todo.

—Pela primeira vez, eu tenho que concordar, -respondeu ele.

—A trégua, por enquanto, Southlander. Outro dia.

—Estou ansiosa para isso, -Zar levantou o braço. —Nós vamos voltar.

Diago balançou a cabeça e levantou seu próprio punho.
—Northland... de volta!

Os exércitos se retiraram lentamente, com alguma relutância.

Cina e Rominac sorriram aliviados.

De repente, um estalo soou, um estouro brilhante que visava Diago, do laser de Gera.

—Diago, não! -antes de qualquer dos exércitos atordoados pudesse registrar o que estava acontecendo, Zar saltou com seu cavalo para frente, se colocando em seu caminho, e a explosão a atingiu, jogando-a fora de seu cavalo.

—Mãe!

—Você é fraca! -Gera rosnou, balançando seu laser na direção de Cina. —E assim é a sua semente!

Antes que ela pudesse apertar o gatilho, uma lâmina de espada explodiu através de seu peito, perfurando seu coração, e com uma expressão de choque, ela caiu para frente sobre a grama. Atrás dela estava uma velha Southlander, calmamente limpando a lâmina suja de sangue em suas calças prateadas.

—Zar é a nossa líder, não você, Gera, -ela falou em frente da Southlander caído.

Diago bateu seu cavalo para ela, desmontou e caiu de joelhos ao lado Zar. Cina se agachou em frente chorando, Rominac, atrás dela.

—Droga! —Dana desmontou e caminhou para frente, seguida por Garret.

Eles tinham tomado não mais que dez passos quando uma voz ordenou duramente: —Mãos para cima, fora da lei!

Rominac olhou para eles.

—Soldados? Aqui?

—Vire-se, fora da lei. Agora!

Sabendo instintivamente que estava atrás deles, Dana e Garret olharam um para o outro, com medo em seus corações.

—Ponha as mãos para cima e vire, ou nós começaremos a atirar.

Lentamente, virou-se para os quinze soldados da paz intergalática, dez dos quais carregavam lasers destinados diretamente para eles. Quatro cadeias portáteis e algemas de aço, enquanto o soldado do meio falou. Atrás deles estava um navio de tropas.

Diago olhou, impotente do sangramento da mulher inconsciente na grama, para sua filha.

A confusão era evidente nos Southlanders e Northlanders, alguns de pé juntos, sussurrando, pela primeira vez não sentindo nenhuma inimizade de um para o outro, com esta nova ameaça de frente para eles.

Os olhos de Zar olhos se abriram e ela olhou dolorosamente para Diago.

—Não me deixe.

—Eu...

—Fique com ela, pai, -Rominac passou por ele. —Vou ver isso.

—Um passo à parte, fora da lei, -o soldado ordenou. —Ponha as mãos para baixo. Tente lutar e não hesitaremos em disparar em ambos. Você entendeu?

Com os corações pesados, Garret e Dana fizeram como requisitado.

Sim, eles entenderam. Os Soldados da Paz Intergalatica eram uma tropa de elite comprometida com o Conselho de Paz e iria realizar as suas encomendas até o último homem.

Com horror, Rominac viu as algemas de aço estalarem em torno dos pulsos de sua irmã e tornozelos, o mesmo feito para o grande Daamen.

—O que significa isso? – ele exigiu.

—Afaste-se.

—Essa mulher é minha irmã. Exijo saber o que está acontecendo!

O soldado olhou para ele sem expressão.

—Este casal quebrou ordens expressas do Conselho da Paz Intergalatica para ficar de fora dessa guerra.

—Eu não entendo. Por que eles estão acorrentados?

—Ao quebrar as ordens, eles se tornaram fora da lei.

—Isso é verdade, Dana? Você sabia que isso ia acontecer?

Sua expressão disse tudo, a tristeza em seus olhos, a palidez de seu rosto.

Seu rosto mudou para Garret.

—Como você pode deixá-la fazer isso?

—Eu a amo demais para impedi-la, -foi a resposta simples.

—Então eu vim com ela.

—Mova-os, -disse o soldado, acenando para a tropa armada.

—Você não pode fazer isso! -Rominac protestou.

Um laser foi apontado em sua direção.

—Rominac, não, -Dana disse suavemente.

—Dana...

—Não.

Desamparado, ele assistiu sua irmã e o comerciante serem levados para o navio. Em poucos minutos ela foi retirada, deixando para trás um silêncio atordoadado.

Girando em torno, ele olhou para Diago e sacudiu o punho com raiva amarga.

—Veja o que a sua sangrenta guerra fez, pai? Veja o que a sua filha sacrificou por nós? Ela é uma fora da lei, mais uma vez! Por nossa causa, por sua causa! Nós a traímos de novo! -ele olhou em volta para as pessoas em silêncio. —Por nossa causa em tudo!



O instinto de lutar era forte, mas a vida do homem que ela amava significava mais para ela, algo que ela nunca sonhou, até poucos meses atrás.

Cinco soldados marcharam entre ela e Garret, cada soldado a um metro de distância, se dando espaço, no caso de uma luta eclodir, de repente.

O soldado parou, abriu uma porta de ferro e recuou.

—Entre, Reeka.

Ela estava olhando para uma cela combria contendo um beliche estreito. Lentamente virou a cabeça e olhou sobre a cabeça dos soldados para Garret. Vendo a angustia para ela em seu rosto, ela tentou um sorriso de reafirmação.

—Dentro... agora.

Vendo Garret tenso e contido, sabendo que ele iria lutar por ela, independentemente de que isso lhe custasse a vida, ela rapidamente entrou na cela. A porta fechou, soando ameaçadoramente.

No interior, o silêncio era quase ensurdecedor. Olhando em volta, ela viu que não havia vigias, nem janela na porta. O desespero a encheu. Em todos os seus anos como uma fora da lei,

nunca tinha sido capturada, nunca tinha sido acorrentada. Para ser assim agora, era uma piada cruel do destino.

—Não é justo, -ela sussurrou, depois mais alto: —Isto não é justo!

As palavras soaram na cela, um escárnio, uma zombaria.

—Não é justo! -as palavras gritou mais uma vez, mas não havia ninguém para ouvir, exceto a solitária ocupante.

Capítulo 20

Garret andava pela cela, as correntes nos tornozelos impediam o seu normal passo suave. Seus pulsos estavam ainda acorrentados. Durante sete dias ele havia sido preso na cela e conhecia cada canto e recanto da mesma. Não que havia muito a saber.

Um tabuleiro de alimentação era deslizado através da abertura estreita na porta duas vezes por dia. Quando terminava de comer, deslizava a bandeja de volta para fora da mesma abertura. Ninguém chegou perto dele, exceto para verificar brevemente através de uma pequena fenda. Ninguém falou e ninguém respondeu às suas perguntas sobre o bem-estar da Dana. Ele se preocupou em silêncio.

De repente, a porta da cela se abriu e apareceu um soldado.

—Um passo para fora da cela.

Garret ergueu as sobrancelhas.

—Nós ancoramos no Navio da Paz Intergalática. Seu julgamento começa em quatro horas.

—E o de Dana? -caminhando pelo corredor, ele olhou ansiosamente na direção da sua cela.

—Ela já foi levada. Uma precaução de segurança, -com o seu olhar confuso, o guarda acrescentou: —Sua obediência é garantida

quando a seguramos em outro lugar. Sabe-se que nenhum de vocês vai arriscar a vida do outro.

Era que um brilho de simpatia nos olhos do soldado? Se assim fosse, se foi em um instante.

—Mova-se para a saída.

Ele fez como ordenado, cinco soldados atrás dele e cinco a uma distância de segurança, na frente. Descendo a rampa da estação de ancoragem, ele viu mais soldados marchando e sabia por que, logo que o seu olhar caiu sobre o grupo a espera, por perto.

Maverk, Connie, Darvk e Tenia, Jase, Simon, Cam e Red todos esperavam lá. Ao vê-lo, eles se moveram para frente.

—Espere! -dois soldados bloquearam a passagem, com lasers empunhados.

—Mantenha apontando que para mim, soldado, e eu enfio isso pela sua garganta, -Connie prometeu severamente.

—Você permitiu que Reya falasse com Dana, -Maverk intensificou ao lado dele. —Permita que um de nós fale com Garret.

—Um só.

Darvk avançou. Parando diante de seu amigo, ele colocou a mão sobre um dos ombros, a tristeza era vívida em seus olhos azuis.

—Você viu minha moça? Como ela está?

—Fugazmente, quando ela deixou o navio. Ela parece calma.
Garret, por que você não veio para nós?

—Eu não tive escolha.

—Nós poderíamos ter ajudado.

—E todos seriam marcados como fora da lei?

—Lealdade, meu amigo, -foi tudo que Darvk respondeu, mas
Garret leu a resposta real em seus olhos.

Seus amigos teriam feito qualquer coisa para ajudá-los. Ele
teve de engolir o nó na garganta.

—Você não sabe o quanto isso significa para mim. Foi bastante
difícil conseguir que Dana me permitisse ir junto. Nenhum de nós
teria posto nenhum de vocês em perigo.

—Você não está sozinho neste julgamento. Lembre-se disso.

Pegando o brilho nos seus olhos, Garret olhou através de seus
amigos. Tania, a mais emocional do grupo, estava pálida, mas
robusta, seu aceno mal discernível. Eles estavam planejando algo?
Não seria surpresa para ele.

O soldado avançou.

—Isso é tudo, Daamen. O prisioneiro está sendo levado para a
cela. Você pode vê-lo no julgamento.



A porta da cela foi aberta e Dana olhou para cima, de onde ela se sentava, na cama. Vendo a alta guerreira de entrar, ela se levantou rapidamente.

Reya olhou em volta e para o guarda, que fechou a porta atrás dela. O olhar gelado, em seguida, caiu em cima dela.

—Irmã...

Dana curvou a cabeça.

—Sinto muito, Reya, eu trouxe vergonha para as Reekas...

—Que inferno, não me venha com essa, -sua prima respondeu e abriu os braços. —Venha cá.

Sem hesitar, ela voou para os braços delgados que fecharam em torno dela, confortavelmente.

—Oh, Deus, Reya! -ela começou a chorar.

—Calma, agora, -Reya bateu nas suas costas suavemente.
—Nem tudo está perdido.

—Como você pode dizer isso, se Garret está acorrentado, estou presa, nós somos fora da lei...

—Moça insensata, -foi a resposta ríspida. —Por que você não veio falar comigo?

—Como eu poderia? Você está casada, com uma criança. Eu não poderia arrastá-la para isso comigo.

—Nós teríamos arrumado alguma coisa. Indo ao abrigo da escuridão e batendo o sentido em seu pai inútil e na Southlander igualmente inútil.

Dana deu uma risada abafada.

—Assim é melhor, -Reya andou ligeiramente para trás e enxugou as lágrimas do rosto de sua prima com uma mão suave.
—Eu sou a sua líder, assim como Tenia. Também somos parentes de sangue. É para nós que você tem trazer os seus problemas. Não teríamos falhado com você.

—Eu nunca duvidei disso, mas era o meu problema...

—Nós deveríamos ter tratado disso conjuntamente.

—Eu tinha que fazer sozinha.

—Dana...

—Você é a única que pode me entender, irmã. Você foi sozinha para lidar com os seus próprios demônios. Eu tive que fazer o mesmo.

—Você está chamando seu pai de demônio? Posso me relacionar com isso, -ela disse sombriamente.

—Não. Bem, sim. Mas foi por Rominac que fui originalmente. Foi por ele que eu tive que voltar.

—Eu posso ver que não estamos indo para ver um olho no olho sobre isso, e é tarde demais para discutir sobre isso agora, de qualquer maneira. O que precisamos fazer é tentar resolver esta bagunça.

—Sinto muito...

—Diga isso mais uma vez e vou bater em você. Como você disse, eu entendo você, sim, -um sorriso frio a aqueceu-, você está perdoada. No entanto, devo lembrar que não está sozinha nessa.

—Eu sei. Garret está preso em algum lugar aqui, também.

—Possivelmente. Eu não sei.

—Ele não está? -alarmada, Dana puxou para trás.

—Eu quis dizer que não o vi.

—Eu não deveria ter permitido que ele me acompanhasse, Reya.

—Eu duvido que você fosse capaz de detê-lo. A experiência passada com estes Daamens deve ter-lhe ensinado que, uma vez que suas mentes estão definidas em alguma coisa, nada vai influenciar as suas convicções. E Garret, irmã, tem a sua mente fixada em você.

—Eu sei. E olha a bagunça que temos obtido.

—Por esse bastardo inútil, Diago.

—Sim, mas não posso dizer que sinto muito por ter ido em seu auxílio, pois significa que encontrei o meu irmão mais uma vez.

Reya sorriu compreensivamente.

A porta se abriu, revelando a guarda.

—O horário de visita acabou.

Esponaneamente, o coração de Dana caiu. Vendo como Reya tinha dado o seu conforto.

Pousando a mão sobre o ombro de sua prima, Reya disse baixinho: —Você não está sozinha, irmã. Cada Reeka está por trás de você.

—Eu não quero que minhas irmãs guerreiras se coloquem em perigo se isso acabar mal.

—Eles não vão.

—Prometa-me.

—Estamos juntas, você sabe disso. Mas não vamos estar em perigo. Eu só quero que você não se desespere. Entende?

—Sim, mas...

—Nada de mas. Com os Daamens e Reekas do seu lado, não tenha medo. Nós não vamos deixar você ou Garret. Agora, tentar descansar, -Reya recuou. —O julgamento começa em quatro horas. Tania, Connie e eu estaremos com você na sala do Conselho.

—Obrigado.

Com um aceno reconfortante, Reya saiu, o guarda bateu a porta da cela atrás dela. Sozinha mais uma vez, Dana sentou-se na cama e olhou para a sombria parede de aço.



Ao entrar na sala enorme, Dana viu que era a mesma em que ela e as suas irmãs guerreiras tinham sido perdoadas três anos antes. Sim, havia a mesa longa e curva, com dezoito cadeiras, havia outra mesa levantada por trás dela, e ainda uma terceira por trás dessa, cada uma com dezoito cadeiras. Três níveis de líderes, um de cada planeta.

Era esse imenso painel que iria decidir o seu destino, após o parecer do resto dos líderes e assessores, sentados às mesas longas e fileiras de cadeiras nas laterais da sala.

Os líderes entraram e sentaram em seus assentos, o restante dos líderes e seus assessores vieram e sentaram-se para os lados. Entre eles, reconheceu três conselheiros Saalm, amigos dos Daamens e a única raça na galáxia para combinar com eles em tamanho e altura.

Coran, Byron e Keema acenaram para ela, com simpatia em seus olhos.

As portas se abriram de novo e três guerreiras Reeka entraram, as duas líderes e suas primas, a terceira, era Connie, a segunda em comando. Atrás delas passeavam os seus maridos Daamen. Eles atravessaram para o lado oposto da sala para os conselheiros e se sentaram.

Dana mantinha seu olhar sobre os níveis de líderes, estudando-os, tentando avaliar os seus humores.

O barulho de correntes lhe chamou a atenção e ela olhou em volta para ver Garret sendo levado para a câmara.

Seus olhares se cruzaram e ela sentiu o seu amor e dor na boca do estômago. Amor e tristeza, pelo homem que ela trouxe para baixo em sua vida.

Ele foi trazido a uma parada ao lado dela e os soldados se retiraram para seus postos, perto da porta.

Os olhos cinzentos e quentes varreram o seu rosto.

—Eu a amo Dana. Aconteça o que acontecer, lembre-se disso.

—Se você não amasse, não estaria aqui.

—Com você, é o único lugar que quero estar, moça, independentemente de onde.

Não houve mais tempo para conversar. O silêncio caiu quando o homem alto, vestido de negro, entrou na sala e tomou o seu lugar no meio da longa mesa curva. Penetrantes olhos negros estudaram os prisioneiros acorrentados no centro da sala.

—Bem, Dana de Reeka, você fez isso desta vez, -disse Meekta.

—Você foi ordenado a ficar longe de Orkra e da guerra, mas você descumpriu essa ordem. Não é?

Ela endireitou os ombros.

—Sim.

—Você sabia que as conseqüências.

—Sim.

—Mas você fez isso de qualquer maneira.

—Sim.

—Você se tornou uma fora da lei de bom grado.

—Você não me deu escolha.

Sua fronte escureceu.

—A situação foi explicado para você, guerreira. Foi uma escolha e você tomou a decisão errada.

—Ela pegou a única que podia, -Garret declarou.

Olhos duros se ligaram nele.

—Você também sabia as consequências de ajudá-la, Daamen, e escolheu quebrar a ordem dada e foi banido também.

—Eu não tinha escolha, qualquer uma. Eu a amo.

Muitas das sobrancelhas dos líderes subiram com esta declaração, exceto Meekta, que franziu a testa.

—Você fez a escolha. E está aqui agora, acorrentado e marcado como um fora da lei, você pode dizer honestamente que foi correto?

—Sim. Eu não iria mudá-lo.

Um murmúrio retumbou pelos ouvintes.

—Isso não irá ajudá-los, -Keema murmurou. —Meekta não é conhecido por um coração mole.

Coran esfregou polegar contra o indicador.

—Vai ser preciso um milagre para tirá-los desta.

—No tocante a isto, -Meekta disse-, o fato de que você rompeu ordens diretas não muda.

Próximo a ele, o Saalm, Membro do Conselho, falou.

—Eu entendo que a guerra foi evitada, e que Rominac foi salvo. Por que você não fugiu quando você soube que ele não foi capturado? Por que ficou?

—Porque a guerra não foi interrompida.

—Você não poderia pará-la. Você poderia ter saído então. O que a fez ficar, ver se paravam?

Foi a mesma pergunta que ela perguntou a si mesma na cela solitária. A resposta não lhe deu conforto real.

—Por causa de Diago.

—Por que se preocupar com ele? Será que ele não a traiu quinze anos atrás, deixando você e sua mãe, para enfrentar os soldados e caçadores de recompensas?

—Ele é meu pai. -as palavras eram altas no silêncio. —Meu pai, independentemente do que ele fez.

Com os olhos dourados atentos, um membro Morican se inclinou para frente.

—Você o ama, depois de tudo que ele fez?

—Eu não posso dizer honestamente que o amo, mas há laços de sangue. Ele é o pai do meu irmão, a quem eu amo. Para salvar Rominac, eu tinha que tentar salvar Diago. A lealdade é profunda nas Reekas.

—A vergonha não é assim para o seu pai, -ele se recostou na cadeira.

Meekta cruzou as mãos sobre a mesa.

—O caso contra você é bem claro, culpada de...

—Espere! -Dana se adiantou, rolando as correntes. —Garret não deve ser julgado. Foi idéia minha...

—Não! Dana, você não vai levar a culpa!

—Ele tentou me convencer de que...

—Eu não vou permitir isso! Meekta, ela é quem precisa de compaixão...

—Ele veio apenas para me proteger...

—Basta! -Meekta bateu com o punho na mesa. —Vocês dois estão em julgamento...

As portas no final da sala se abriram para admitir um grande grupo de pessoas vestidas com roupas finas de vários estilos, de acordo com as raças que os usavam.

—Qual é o significado disso? -Meekta rugiu.

Um homem se aproximou.

—Eu sou o Imperial Ravnor de Rashmar e vim em nome da guerreira Reeka.

Os soldados olhou para os membros do Conselho, para obter instruções.

Meekta fez uma careta.

—Isto é incomum, Ravnor. Por que você não veio mais cedo?

—Eu vim tão rápido quanto podia, enquanto juntava outros no caminho.

—Outros?

Ravnor indicado as pessoas por trás dele.

Irritado, Meekta olhou para o membro Saalm ao lado dele.

—Um julgamento justo permite que qualquer um fale em nome do acusado, -Karion lembrou.

Confusa, Dana olhou para as pessoas, reconhecendo-as. Várias vezes ela havia servido como sua guarda-costas. O que poderiam significar? Ela olhou para Garret e viu que ele estava intrigado, também.

—Deve haver pelo menos doze de vocês, -disse o Morican.

—Vocês todos falam por si mesmos, ou é há um porta-voz?

—Falo em nome de todos nós.

—Muito bem. Sentem-se, -ele apontou na direção das Reekas e Daamens. —Mas você vem para frente, Ravnor, e esteja pronto para declarar seu caso.

—Desenvolvimento interessante, -Darvk assistiu do banco os recém chegados ao lado dele.

—Talvez eles possam fazer algo de bom, -Tenia mordeu o lábio preocupada. —Embora eu não possa imaginar como.

Ele apertou a mão dela tranquilizador.

Parando ao lado de Dana, Ravnor olhou para ela gravemente.
—Você deveria ter vindo a mim.

—O que você está fazendo aqui?

—Estou fazendo o que posso.

Descansando as mãos postas sobre a mesa, Meekta concordou secamente.

—Fale, Ravnor.

O homem idoso encontrou os olhos de forma constante.

—Dana de Reeka já salvou muitas vidas, eu e esses outros, incluídos, -ele fez um gesto para seus companheiros.

—Como um guarda-costas faz.

—Sim, mas não foi apenas a nossa vida, mas milhares de outras. Suas ações impediram guerras. Por exemplo, se eu tivesse sido morto, meus parentes teriam lutado pelo meu trono, para liderar Rashmar.

—Suas ações são conhecidas, mas que não...

—Eu não terminei.

A mandíbula de Meekta se contraiu.

—Uh-oh. -Byron esfregou seu rosto ansiosamente.

Ravnor não se intimidou.

—Doze pessoas que ela guardou da morte e pelo menos oito delas tiveram guerras evitadas.

—Então, você disse antes.

—As guerras que envolveram o Conselho da Paz Intergaláctica, aquelas que teriam ocorrido nos planetas que são membros deste Conselho.

—O seu ponto? -os olhos negros se estreitaram.

—Ela está sendo punida por tentar evitar mais uma guerra. Não é isso errado?

—Orkra não é membro do Conselho, e como tal ela não tinha o direito de interferir.

—Pagamos para interferir por nós. E ser parente de sangue é uma razão menor?

As narinas de Meekta se dilataram, mas Karion falou primeiro.

—Um ponto de vista interessante, mas as leis são claras. Aqueles que não são membros não recebem qualquer assistência, daqueles que cumprem as leis. Dana sabia da lei, quebrou, e agora deve enfrentar as consequências.

Para todas as suas boas intenções, Dana pensou, era tudo em vão. Ouvindo o tilintar de correntes, ela sentiu os fortes dedos curvados ao redor dela e olhou para cima, mas o olhar firme de Garret não havia mudado do Conselho Membros.

A indignação queimou nos olhos de Ravnor.

—Quantas consequências mais que ela deve aceitar para as ações de outros?

—Eu não aprecio o seu tom, -Meekta disse, irritado. —Talvez você não se importar em explicar melhor?

—Ela foi proibida por causa de uma trama de vingança torcida que não tinha nada a ver com ela, ela foi abandonada por um pai que acreditava nessas mentiras, quase morreu ao lado de suas primas para provar a inocência das Reekas, e, finalmente, é ilegal, uma vez mais, ao tentar salvar a vida de seu irmão e pai.

—É fora da lei porque ela infringiu a lei, posso lembrá-lo?

—A primeira vez que ela se virou contra a lei foi para ajudar, e vocês a condenam! -Ravnor queimou. —Será que você realmente espera que um guarda-costas possa ficar ao lado por lealdade e permitir que seus parentes de sangue morram? Acho que não!

—Sua atitude deixa muito a desejar...

—Como faz a sua!

—Isso está feito, -previu Coran severamente.

—Você foi longe demais, Ravnor! -furioso, Meekta se levantou irritado.

Alarmada, Dana viu seu ex-empregador enfurecido apontar para o membro do Conselho.

—Você quer ver o quão longe eu vou na minha convicção de que Dana de Reeka e seu fiel amigo, estão sendo tratado injustamente?

—Ravnor...-ela começou.

—Se eles não forem perdoados, eu retiro a adesão de Rashmar para o Conselho da Paz Intergalático!

Um suspiro audível varreu a sala.

—Você o quê?

Orgulhosamente seu queixo se levantou.

—Como Ravnor, o Imperial de Rashmar, tenho falado.

—O mesmo vale para o meu país de Eiga em Brezna, -a mulher ao lado Darvk se levantou também.

—E do planeta Comll, -o homem gordo atrás dela também se levantou. —É o mínimo que podemos fazer, considerando as muitas atrocidades realizadas contra as Reekas lá.

Um a um os recém-chegados ficaram em pé, alguns líderes de planeta, líderes de outros países, até que todos estavam em pé.

O Conselho da Paz Intergaláctica e os outros líderes e vários assessores ficaram atordoados.

Karion foi o primeiro a recuperar.

—Vocês todos se retiram?

Eles acenam com a cabeça.

—Por uma guerreira, você deixaria a segurança do Conselho, ficando aberto para a guerra e ser atacado sem nenhuma esperança de apoio?

—Por uma Reeka e um Daamen, -Ravnor falou. —E nós, os planetas vamos nos apoiar mutuamente.

O coração de Dana bateu fortemente quando mais uma vez todos assentiram em uníssono. Indo pela estrondosa expressão de Meekta, não havia nenhuma maneira que ele ia permitir que o

Conselho fosse forçado a tal, em um canto. Selvagemente ela olhou para Garret.

—Parece que há fidelidade onde você menos esperava moça, - ele disse.

A tensão encheu a sala, os soldados estavam duros e atentos, raiva e descrença em dezenas de rostos. Choque, perplexidade e até admiração em dezenas de outros.

Reya se levantou e anunciou friamente: —As Reekas vão se retirar também.

Meekta olhou para ela: —E os seus maridos?

Maverk levantou-se ao lado de sua esposa: —Aqueles que optarem, podem ir embora e viver no assentamento Reeka em Comll.

—Isso é um absurdo!

—Sim, 'isto é', o líder Daamen, Grezel, concordou de onde ele estava sentado atrás de Meekta.

—No passado, teria algum sentido!

—Não podemos ter o nosso povo dividido. Acho que vamos ter que nos retirar também.

—Isto não pode estar acontecendo, -sussurrou Dana, atordoada.

—Eu nunca sonhei que iria tão longe, -Garret olhou para Grezel, que sorriu preguiçosamente para trás.

—Silêncio! -Meekta rugia acima das vozes crescentes na sala.

Imediatamente todos pararam de falar.

—Você percebe o que você começou, guerreira?

—Você está indo para enfrentar as consequências do que eu fiz? -ela revidou.

A casa explodiu em barulho. Ele fisicamente puxou de volta.

—À medida que ela enfrentou as consequências das ações de outro, -Ravnor levou a farpa com mais prazer.

Os olhos negros cravaram nela.

—Por você, os planetas e as nações estão ameaçando retirar os membros, e assim enfraquecer o Conselho da Paz e Intergalática e a própria paz. Fizeram-se vulneráveis por causa de você. O que você acha disso?

A raiva queimava dentro de Garret: —Você está colocando a culpa de seu destempero nela, Meekta!

—O que você diz, guerreira?

—Você aceita as nossas condições ou não, Meekta? -Ravnor pressionado.

—Eu quero a sua resposta.

—Decida agora ou a associação será retirada sem mais discussão!

O alarme de Dana cresceu com a divisão mostrada entre os líderes e conselheiros, a paz conhecida por anos, estava sendo

abalada e ameaçada. Havia murmúrios de raiva e discórdia entre as raças anteriormente amigáveis.

Apenas um homem não disse nada, mas continuou a olhar para ela. Era para este homem que ela tinha que responder, este homem que possuía as ligações frágeis da paz em suas mãos. O homem que chefiava o Conselho da Paz Intergalática. O impiedoso homem que garantia que a paz fosse mantida.

Ela se aproximou.

—Não!

Aqueles mais próximos a ouviram, o mais distantes viram. O murmúrio de vozes parou e todo mundo assistiu a guerreira alto e loira, com uma mistura de expectativa, curiosidade, admiração e ressentimento.

Meekta não falou, mas esperou com calma fria.

—Por mais de cem anos tem existido paz nesta galáxia, e proteção contra o Setor Outlaw e aqueles que procuram a guerra. Meekta está correto, enfraquecer as ligações fará com que as bases sólidas desmoronem. As ligações são feitas de adesões, a força de muitos. Eu não vou ser a única responsável pela desintegração de um sistema legal que permite aos seus membros viver uma vida feliz, segura e pacífica.

—Dana... -Ravnor começou a protestar.

O tilintar das cadeias precedeu a mão levantada, e ele se viu olhando para olhos castanhos, considerado-o com gratidão, antes de mudar para seus partidários.

—Sua lealdade significa mais para mim do que vocês jamais poderiam imaginar. É mais do que eu esperava e nunca vou esquecer de nenhum de vocês. Por favor, entendam, se eu permitir que todos os membros se retirem, tudo pelo que lutei, as vidas que eu salvei, tudo terá sido em vão.

—Oh, não, -Reya fechou os olhos por alguns instantes. —Não faça isso.

Connie empalideceu e Tenia agarrou a mão Darvk com tanta força os nós dos dedos ficaram brancos.

Garret ficou firme, com orgulho pela guerreira que amava, enchendo-o. Mesmo que ela estivesse selando seu destino, sua honra brilhou como o sol. Ele não a queria de outra maneira.

—Em troca das vidas que eu salvei, convido todos a retirar suas ameaças. Uma vida em troca de tantos milhões não é negócio e um futuro justo. Se você quiser me pagar e mostrar a sua lealdade, respeitem a minha decisão

A mulher de Brezna começou a chorar.

Ravnor pegou a mão dela.

—Meu querida, não nos obriga a fazer isso.

—Faça a escolha certa, amigo.

Lágrimas encheram os olhos antigos e os ombros caíram. Apertando a sua mão, ele olhou em direção aos seus companheiros. Lentamente, um por um, eles inclinaram suas cabeças e retomaram seus lugares.

Exceto as Reekas e os Daamens.

—Você poderia pedir a suas irmãs guerreiras para abandonar você, prima?

—Não, eu lhes peço para me apoiar nisso. Sabemos o que é a guerra, Reya, a morte e o sofrimento. O que me faria trazê-la para essa galáxia? Depois de tudo que passamos juntas, façam isso por mim.

Por longos segundos elas olharam uma para a outra, em seguida, a guerreira de cabelos de fogo acenou com a cabeça e se sentou.

Dana voltou seu olhar para o rosto ilegível Meekta.

—Há uma condição para a minha entrega total.

Ele levantou uma sobrancelha, mas não era bobo, sabendo que ela tinha o poder de paz.

—Fale.

—Foi a minha escolha apenas, e somente eu devo enfrentar as consequências.

—O quê? -Garret olhou para ela.

—Eu sozinha, Meekta. Garret será perdoado e livre para retomar sua vida. De acordo?

—Dana! Você está louca? -ele agarrou seu braço e girou em torno dela para enfrentá-lo, o medo, batendo dentro dele. —Você não pode dizer isso!

—Concorda, Meekta? Responda-me!

—Eu não vou deixar você fazer isso! Nós estaremos juntos, independentemente do que aconteça!

Seus olhares estavam fixos, o dela triste, mas determinado, o dele com desespero, raiva e confuso.

—Concordo, guerreira. Garret de Daamen está perdoado.

—Não! -ele olhou descontroladamente para o líder do Conselho.

—Eu escolhi ir eu quebrei a lei...

—A decisão se levanta e que se registre. O julgamento é agora para Dana de Reeka sozinha.

—Não, maldito eu não vou deixar você levá-la...

—Nem eu! -as portas se abriram.

—Que diabos está acontecendo aqui? -Meekta rugiu. —Quem são vocês?

Dana e Garret olharam em choque para as mulheres de de roupa prateada, e os homens vestidos de túnicas até o joelho e calças compridas, que entraram.

—Eu sou Diago de Northland, Orkra.

—O pai de Dana?

—Correto. Este é Rominac, meu filho.

—Quem é você, então? -Meekta rosnou para a mulher de rosto pálido.

—Zar de Southland, Orkra e Cina, minha filha.

—Eu não entendo, -Dana sussurrou incerteza. —O que eles estão fazendo aqui?

Incapaz de abraça-la, acorrentado como ele estava, Garret no entanto, retratou sua proteção, em pé, em parte atrás dela, mas tão perto, que o calor do seu corpo infiltrou-se nela. Pegando o aceno de Rominac, ele tinha sentimento que ele conhecia.

—Eu estou perto do fim da minha paciência com essas constantes interrupções e surpresas desagradáveis, -Meekta franziu a testa. —O que você quer, Diago?

—Um perdão para minha filha.

—Deixe-me adivinhar, o pagamento por serviços prestados?

As narinas do Northlander estavam queimando.

—Seus comentários são um insulto.

—Você abandonou ela e sua esposa há quinze anos, -uma borda de aço afiava as palavras. —Você espera que eu acredite que você faz isso por amor?

Diago caminhou até sua filha atordoado e desconsiderando a ameaçadora carranca do imponente Daamen atrás dela, olhava-a em seus olhos.

—Diago, -ela umedeceu os lábios secos. —O que você está fazendo?

Pesar e tristeza encheram os seus olhos e sua resposta foi alto o suficiente para todos os ouvidos.

—Eu a abandonei uma vez, não farei isso novamente, -se virando, ele enfrentou os membros do Conselho. —Desde que eu fui a causa de sua infração da lei, assumirei as consequências pela minha filha.

—É isso mesmo? Bem, lamento informar-lhe que é totalmente inaceitável...

—Então me leve também, -Zar caminhou para frente, para ficar ao lado de Diago. —Eu sou parcialmente culpada.

—Não se algum de vocês me ouviu? -Meekta rangeu.

—Diago, Zar, isso não é necessário, -Dana começou, com voz trêmula.

—Filha, silencio. É hora de eu pagar por minha traição.

—Seu sacrifício oferecido é admirável, -Karion cortou, de repente-, mas a lei é alei. Orkra, pela escolha de si mesmo e Zar, não é um membro do Conselho da Paz Intergalático e, portanto, a lei foi quebrada.

Tomando a mão de Cina, Rominac caminhou ao lado de Dana e colocou a mão sobre o seu ombro.

—Minha irmã fez isso por mim. Foi o meu amor por Cina, que causou o meu desaparecimento e, posteriormente, o envolvimento de Dana. Se não fosse por isso, nada disto teria acontecido. Nós somos igualmente culpados.

—Você está querendo ser proibido ou punido de alguma maneira? -Meekta empurrou uma mão pelo cabelo, exasperado.

—Ela evitou uma guerra...

—A guerreira é um modelo, de acordo com muitos, -ele retrucou. —Isso não muda nada!

Karion colocou uma mão suavemente no seu braço enquanto dirigia a sua atenção para o grupo diante dela.

—As circunstâncias não mudam nada. Se quebrar a constituição de um, temos que fazê-lo por outro e depois por outro. Orkra não está sob a nossa jurisdição e, portanto, ações em seu nome, e contra as nossas ordens, é quebra da lei.

O coração de Garret caiu, a esperança se esvaindo. Por um curto período, ele se atreveu a ter esperança de que tudo daria certo, mas agora...

—Então só há uma coisa a fazer, -Diago se ajoelhou perante o Conselho, Zar ao lado dele. —Nós nos comprometemos ao Conselho da Paz Intergalática. Orkra e seu povo, Northlanders e Southlanders, estaremos sob suas leis.

Murmúrios eclodiram na galeria.

—Na condição de perdoarem a minha filha.

—Que diabos são essas condições? -Meekta latiu. —O que faz você pensar que, se tornando membro, vamos perdoá-la? Ela nos desobedeceu!

Os olhos castanhos, tão misteriosos como os da guerreira, o traspassaram.

—E por que ela reforçou as ligações. Em troca de uma vida, você terá ganho milhares de pessoas. Isso não é uma razão boa o suficiente?

—Ele tem um bom argumento, -Karion se sentou.

—Você concorda? -Meekta olhou para ela, sua estava mandíbula apertada.

—Eu concordo, -o membro de Morican, em seu outro lado afirmou.

Vários membros concordaram com a cabeça enquanto alguns franziu a testa, hesitantes.

Dando uma respiração profunda, Meekta disse secamente: —Parece que uma discussão entre nós é necessária. O julgamento está suspenso por uma hora, -ele se levantou para sair. —A fora da lei deve ser devolvida à espera na cela. Tirem as algemas de Garret de Daamen. Ele é livre para ir.

—Eu não vou deixá-la, -disse Garret imediatamente.

—Vá, -disse Dana.

—Não, -ele olhou para os soldados que se aproximam para levá-la embora. —Não a toque ou para me ajudar...

—Amigo, calma, -uma mão pesada pousou em seu ombro.

Ele encontrou os olhos azuis vívidos.

—Darvk, eu não posso...

—Ela não vai longe e vai voltar, -baixando a voz, ele acrescentou: —Independentemente do resultado, confie em mim.

—Mas...

—Eu já falhei?

Os olhos torturados viram os soldados levarem a guerreira pelos braços.

—Eu não posso perdê-la.

—Você não vai. Venha, estas correntes devem ser removidas e sente-se conosco.

Vendo a expressão no rosto de Dana, pedindo, e não querendo lhe causar mais sofrimento, ele cedeu. Foi a coisa mais difícil que já tinha feito em sua vida.

—Bom, -Darvk tocou a face da Dana e sorriu levemente reconfortante. —Nós vamos estar aqui para você, moça.

O nó na garganta tornando-a incapaz de falar, ela balançou a cabeça.

Abaixando-se, Garret descansou sua bochecha contra a dela.

—Eu a amo.

Houve tempo apenas para um sorriso trêmulo antes que ela fosse levada.

Capítulo 21

Em pé, acorrentada e sozinha, Dana enfrentou os membros do Conselho. Aparentemente calma, por dentro ela era uma massa de nervos. Não havia maneira do Conselho deixá-la impune.

Meekta se levantou, seus penetrantes olhos negros varrendo os ocupantes da sala.

—Esta decisão não foi fácil. Muita discussão e argumentação a precederam. Levamos em consideração as ameaças, os suplicantes e os sacrifícios oferecidos em troca do perdão para esta fora da lei.

O olhar duro fechou em Dana.

—Para que todos possam ouvir mais uma vez: você aceitará a decisão final do Conselho?

Oh, Deus.

—Sim. *Não me deixe chorar.*

—Você tem causado grandes transtornos.

Isto está piorando.

—Você é a única pessoa que quase levou o Conselho da Paz Intergaláctico de joelhos.

Eles estavam indo para trancá-la e jogar a chave fora.

—A única pessoa que tem abalado as relações cordiais entre os membros do Conselho.

Eles estavam indo para executá-la. Sua boca ficou seca.

—Dana de Reeka...

Suas mãos estavam molhadas de suor.

—...pelos poderes investidos a mim pelo Conselho da Paz Intergaláctica...

Não me deixe desmaiar, Deus, eu lhe imploro.

—...venho por meio deste...

Aqui ele veio. Seu destino estava selado.

—...pronunciar o veredicto: perdoada.

No início, o significado não se registrou e, rosto estava pálido, ela olhou para ele.

—O quê?

Um rugido de aprovação subiu dos ouvintes, que se levantaram. Nenhuma uma pessoa permaneceu sentada, e os aplausos foram ensurdecedores.

Meekta inclinou a cabeça e foi arrastado para fora pela porta lateral em um redemoinho de vestes negras.

Todos estavam ao seu redor, abraçando e dando os parabéns. Um soldado removeu as algemas de aço, as correntes de seus pulsos e tornozelos e, realmente, sorriu para ela.

Suas irmãs Guerreiras a abraçaram e beijaram, seus maridos fizeram o mesmo, seguidos por Rominac e Cina, mas ela estava paralisada com o choque.

Ela tinha sido perdoada. Ela não iria ser separada de Garret.

O pensamento penetrou a dormência e desesperadamente ela olhou em volta, por ele, seu coração martelando.

Então ela não precisava mais procurar, braços fortes a cercaram de uma maneira profundamente familiar, e a abraçou fortemente.

—Dana, acabou. Oh, meu amor, tudo acabou!

E ele beijou-a, com lágrimas em seus olhos, embora ela não pudesse ver através da mancha de suas próprias. Tudo o que ela podia fazer era segurar firme e chorar sem vergonha.



—Você está indo embora.

Diago olhou para sua filha.

—Sim.

Dana atravessou a baia de ancoragem para a embarcação da frota e seu olhar caiu para Kiile, encostado na porta.

—Ele trouxe você?

—Ele veio com uma tropa armada de soldados argônios para me pedir para vir.

A tristeza o preencheu.

—Eu vejo.

—Seu pai e Zar estavam tentando ligar a nave que você e Garret 'roubaram' de mim, só que ninguém poderia operá-lo, -Kiile sorriu. —Eu não tive a chance de encarregar ninguém a fazer nada. Diago exigiu que trouxesse os outros para o seu julgamento. Tem alguém me chamando pelo intercom. -ele desapareceu dentro do navio.

—Você realmente estava vindo atrás de mim?

—Eu acho que é difícil de acreditar, -disse o Northlander calmamente. —Eu cometi muitos erros. Não iria cometer outro.

O peso diminuiu.

—Obrigada.

—Não há necessidade, -ele hesitou. —O que aconteceu no passado não pode ser corrigido, mas eu gostaria que nós chegássemos a conhecer uns aos outros novamente. Eu sei que não será fácil, na verdade, vai ser complicado, mas ainda assim...

—Vamos vê-la em breve, -Rominac enfiou a cabeça para fora da porta e acenou para ela. —Ela virá para o nosso casamento.

Cina apareceu ao lado dele.

Dana sorriu antes que uma expressão preocupada cruzasse seu rosto.

—Como vocês esperam viver juntos em um lugar como Orkra?

—Não há Southland ou Northland mais, -ele falou alegremente
—Todo o conceito foi abolido.

—Eu não entendo. Onde viverão agora?

—Alguns estão se movendo para lados distintos, objetivando duas cidades. Os nomes ainda serão escolhidos. Será, no entanto, através de votação igual e secreta, -ele piscou.

—Como você conseguiu que seu povo concordasse? Duvido que tenha sido fácil.

—Não foi, mas parece que houve quem quisesse tentar novamente. Deidra e Kal entraram na abertura enquanto meu pai estava ocupado com Zar e sua lesão, começaram a organizar as coisas. Acho que foi a partir disso.

—Eu não tenho certeza se entendi.

—Uma vez que algumas das pessoas se viram, eles não estavam dispostos a simplesmente partir. Oh, não era tudo o amor e perdão. Havia ainda rancores, mas os laços de sangue revelaram-se bastante fortes.

—Então foram as memórias, -acrescentou Cina. —Deidra afirmou que ela não ia voltar para Southland sem Kal e seu filho, e ele respondeu da mesma forma. Antes que você soubesse, Southlanders e Northlanders, por igual, estavam vindos para frente, declarando sua insatisfação com a forma como as coisas eram. Muitos deles queriam viver em família novamente.

—Não é tão simples, -disse Dana.

—Eles estão cientes disso, -Rominac disse. —Ainda há muitos que desejam viver separadamente e acreditam em escravidão. Agora que eles estão sob a regra do Conselho da Paz Intergaláctica, as leis

serão feitas para reger o planeta inteiro. Em conjunto com os nossos novos líderes, então eu vou falar por Meekta.

Dana olhou para Diago.

—Você está muito calmo sobre isso.

—Não é problema meu, -respondeu ele, encontrando seu olhar constantemente.

—Você é o líder do Northlanders.

—Não mais. Kal foi eleito em meu lugar.

—E Deidra no meu, -disse Zar, pulando desajeitadamente para baixo da porta da nave.

Diago rapidamente firmou-a. Surpreso, Dana observou a expressão estranha, quase terno, que passou entre eles.

Certamente ele e Zar não foram...

—Parece que uma nova era veio sobre Orkra e foi decidido que precisavam de novos líderes para governar. Líderes que acreditem na família e na igualdade. Eles possuem segundo em comando, agora conhecidos como conselheiros.

Zar enrugou o nariz um pouco.

—Você não aprova? -Dana consultou.

—Não é para eu aprovar ou desaprovar. Eles fizeram a sua escolha e eu vou viver de acordo com suas regras.

—Você vai?

—Não fique tão surpresa. Eu aprendi uma coisa ou duas sobre mim e minhas ideias, sobre você, seu irmão e minha filha errante.

E Diago? Dana se perguntava.

—Eu li seus pensamentos, minha filha. Sim, eu vim a perceber que rancores pessoais afetaram meus pontos de vista sobre a vida.

—Isso afetou a todos nós, -Zar colocou a mão na sua manga.

O gesto teve uma familiaridade que surpreendeu Dana.

Vendo a surpresa, Zar disse: —Eu acho que você merece conhecer a história que causou a amargura entre nós.

—Tinha-me perguntado.

Diago falou com sobriedade: —Quando eu tomei Rominac e deixei-as, viajei muitas milhas e muitos planetas, buscando esquecer a sua mãe e você. Não foi fácil e houve noites em que eu chorei para dormir, porque eu a amava. Eu sei que é difícil para você entender e talvez nunca entenda. Em meu jeito, eu também me senti traído, e jurei nunca amar outra mulher novamente. Um ano depois, desembarquei em Orkra, onde a sociedade dos homens governava sobre as mulheres. Não demorou muito, depois que cheguei, as coisas vieram à tona com o assassinato do líder Orkra por sua esposa. Não foi um grande passo para conduzir as mulheres à escravidão. Eu tenho vergonha de dizer que eu era liderado por minha própria amargura e dor, encontrando consolo no que eu realmente acreditava que era a parada de mais assassinatos de mulheres.

Zar pegou a história: —Diago nos comprou não muito tempo depois, Cina e eu. Ela tinha apenas três anos de idade. Mesmo com toda a dureza dele, ele era justo, e na maioria das vezes suave. Eu me apaixonei por ele.

Dana não tinha certeza de como se sentia sobre isso.

—E eu por ela, -continuou Diago. —Mas eu estava com medo, e, eventualmente, comprei mais escravas para usar, para empurrá-la emocionalmente, e realmente a dei para um amigo meu, para passar a noite, -ele olhou para Zar com arrependimento. —Eu sinto muito.

—O passado é passado, -ciente de sua ferida enfaixada, ela encolheu os ombros com cuidado. —Eu o matei e fugi com outras escravas. Nós construímos Southland e minha amargura me corroia. Corroia a todos nós, mulheres, na verdade, por tudo o que tínhamos perdido... filhos, maridos, irmãos, pais. O amor se transformou em ódio. Para a maioria, mas não para todos, como eu descobri recentemente, para minha surpresa.

—Nós caçávamos uns aos outros, -ele balançou a cabeça. —Para machucar um ao outro. Nosso interesse particular assumiu. Como estúpido e cegamente egoísta eu fui.

—O futuro é nosso, -Zar disse suavemente. —Embora vá haver muito trabalho, não só para nós, mas também para o nosso povo. Há muitas feridas para curar, muito ódio e desconfiança para vencer, mas vamos fazê-lo. Os filhos e filhas estão ajudando a consertar as brechas, -ela sorriu para Cina.

—Graças a Dana. Foi o seu amor desinteressado por Rominac que rachou a minha armadura de amargura. O sacrifício de sua liberdade para nos salvar que rachou isso. Zar ser baleada foi o golpe final. A devoção de Garret para você nos mostrou tudo o que a vida pode ser mais uma vez. O amor de Rominac e Cina é a promessa do nosso futuro. -Diago olhou para a filha. —Você nos deu de volta a vida e o amor, nos fez perceber o que havíamos perdido.

—Acabou bem, -ela se mexeu desconfortavelmente.

—Venha nos conhecer. Não seja uma estranha.

—Eu vou.

Diago hesitou, em seguida, adiantou-se e a abraçou. Sem jeito, ela retribuiu.

Zar apertou a mão dela.

—Uma vez eu disse, que em circunstâncias diferentes, poderíamos ter sido amigas. As circunstâncias são diferentes.

Dana sorriu. —Sim, elas são... amiga.

Kiile apareceu na porta.

—Pronto?

—Certamente.

—Suba a bordo e nós vamos sair em breve, -ele saltou para o chão. —Só tenho algumas coisas para verificar e eu volto. Onde está Garret, Dana?

—Em algum lugar com Darvk e Maverk, -ela deu um passo ao lado dele e eles saíram da baia do embarcadouro para o corredor.

—Eu quero agradecer a você por trazê-los. Você ajudou a salvar minha vida.

Seu sorriso era uma carícia para os sentidos.

—Tenho um carinho especial pelas fogosas guerreiras, e, além disso, se Garret e você fossem banidos, seria tão chato por aqui. Todo mundo estaria lamentando e não haveria combates ou moças...

—O que está fazendo, conversando com minha noiva sem escolta?

Como sempre fez, seu coração pulou uma batida com a visão do comerciante de cabelos castanhos andando em sua direção.

A alegria habitual brilhou em seus olhos.

—Eu ficaria preocupado, entretanto, eu sei que ela não tem olhos para mais ninguém, apenas para o meu charme, essa moça de sorte.

—O amor é realmente cego, -Kiile balançou a cabeça. —Dana, eu tenho excelentes curandeiros em Argon que podem tratar os seus olhos, enquanto eu trato o seu coração.

—Será um pouco difícil de fazer, comigo preso ao seu lado.

A sensação familiar do braço de Garret veio ao redor de sua cintura, puxando-a bem perto, e Dana se encostou nele com um suspiro de contentamento.

—Vocês dois parecem repugnantemente domados, -Kiile revirou os olhos. —É hora de caminhar de volta a Argon. Talvez quando eu retornar, será para ter o entretenimento de vocês terem uma troca acalorada de palavras. Isso sempre ilumina meu dia! Para não mencionar todos os outros, de acordo com Cam e Simon.

—Esta acalorada discussão, nós resolvemos mais tarde, e é o que eu gosto ainda mais, -Garret sorriu amplamente.

O rubor se apoderou do rosto de Dana, mas ficou onde estava. Chegando ao redor dele, ela beliscou a sua bunda.

—Ai! Você é uma diabinha! Veja? Mesmo agora ela não consegue manter suas mãos longe de mim!

—É isso mesmo? -ela beliscou-o novamente.

—Ai! Certo, é tempo para domar alguém, eu vejo! -mergulhando-a em seus braços, ele foi para a sala de espera deserta nas proximidades.

—Ponha-me no chão, seu grande palhaço!

—Ooh, agora isso é uma coisa desagradável para dizer. Eu vou ter que trabalhar com adoçantes nesta boca.

—Você vai ter que trabalhar duro, comerciante, é tudo que posso dizer.

—Eu tenho muitas partes duras. O que devo começar primeiro?

—Você é nojento!

—Você me ama mesmo assim.

—Sim, mas você ainda é nojento.

—Eu tenho uma ideia. Vamos ser nojento juntos.

—Eu gosto dessa ideia.

—Eu estou cheio delas. Algumas muito eróticas, na verdade.

Ela riu.

Na porta, Garret parou para olhar através de Kiile.

—Você vai vir para o nosso casamento?

—Não perderia isso por nada.

—Eu só vou me casar porque ela me arruinou. Eu apenas pensei em deixar você saber.

—Você tem a minha simpatia, -disse Kiile gravemente.

—Entra aí, seu rude palhaço. Eu vou lhe ensinar algumas boas maneiras!

—Vai ser áspera comigo, não vai? -ele chutou a porta, que se fechou atrás deles, mas sua voz flutuava claramente até o Argon divertido. —Eu gosto de uma vida difícil!

—Você é impossível.

—Eu posso fazer muitas coisas que você julgaria impossível. Eu vou mostrá-las para você.

Houve um silêncio curto, então a resposta chegou Kiile.

—Promete?

Rindo, ele continuou seu caminho.



O dia estava perfeito para um casamento. Dana olhou pela janela para o jardim ensolarado. Parecia que, embora cada flor que poderia florescer o fez, cada uma desabrochou para superar a outra.

As crianças brincavam em meio às Daamens e Reekas que estavam montando os cavaletes para a festa de casamento após a cerimônia. Os clientes de outros planetas vagavam entre si e entre eles. Ela viu o irmão e sua esposa, bem como Zar e Diago.

Suas Irmãs Guerreiras foram friamente educadas com Diago, mas era de se esperar. Como Jonette informou, senão fosse pelo fato de que Dana tinha pedido, ela o teria executado com sua própria espada. As Reekas tinham memória longa.

—Não adianta olhar para fora da janela, -Reya disse secamente, de sua posição curvada na poltrona.

—Ele não vai estar lá.

—Que romântico. -Tenia suspirou. —Olhando para o seu amor...

Uma almofada bateu em seu rosto.

—Não precisa ficar envergonhada, -Connie bateu os cílios.

Dana enviou-lhes um gesto rude.

—Legal, -Tenia fez uma careta.

—Você já experimentou o vestido? -Reya perguntou com leve interesse.

—Sim. Ele se encaixa perfeitamente.

—Dá-nos uma prévia, -Connie sentou na cama. —Estive morrendo de vontade de vê-lo desde que descobri que Kiile o enviou. Eu aposto que ele é feito para levar um homem a loucura!

—Soa como um vestido de Argon, tudo bem, -Reya concordou.

—Coloque-o, -Tenia descansou a mão em seu estômago. —Para o bebê.

—O bebê está dentro de você. Não use isso como desculpa, -Dana zombou.

—Estou grávida. Você deveria me agradar, como Darvk faz.

—Ele não agrada você. Ele a mima, como sempre fez, grávida ou não.

—Você não pode zombar, Reya. Maverk corre atrás de você como um cão treinado.

Tenia mostrou a língua.

—Para se enfiar em suas calças, você quer dizer.

—Não comece Connie. Morgan praticamente devora você com os olhos cada vez que ele a vê. Não sabe que ele está sempre tropeçando em tudo.

Ouvindo suas irmãs guerreiras se divertindo, Dana deslizou o vestido por cima da cabeça. Ele deslizou para baixo sobre sua pele nua até roçar o chão.

—Minhas estrelas! -Connie deixou escapar de repente. —Garret não vai mesmo esperar a cerimônia de casamento para começar!

—Ele vai deitar você na frente de todos! -Tenia riu.

As sobrancelhas Reya quase atingiram a linha dos cabelos. —Oh sim, é uma criação de argônio, nenhuma dúvida sobre isso.

Dana olhou para seu reflexo no espelho. O vestido cobria do pescoço aos pulsos e aos tornozelos, numa queda elegante, e foi feito inteiramente de renda branca delicada. Ela podia ver vislumbres de pele através dele, e à sombra do seu umbigo. Rendas mais pesadas foram artisticamente tecidas para armar sugestivamente ainda quase afetadamente sobre os seios e quadris, até um pouco abaixo da junção de suas coxas, escondendo-os de vista.

Era um vestido provocante. Fios de ouro finos foram tecidos através da renda, captando a luz sempre que ela se movesse.

—Você acha que ele é adequado? -na dúvida, ela mordeu o lábio. —Muito, talvez?

—Muito do que? Não há muito para começar.

—Reya!

—Ela perguntou, irmãzinha.

—Eu acho que é simplesmente perfeito, -uma voz profunda ressoou.

Eles olharam ao redor para ver Garret em pé na soleira da porta, os olhos quentes pairavam sobre o rubor da futura noiva.

—Não foi possível esperar, hein? -os olhos de Connie brilharam. —Isto é apenas um treinamento, você entende.

Um sorriso brilhou em seu rosto.

—Eu gosto de treinamentos! A propósito, Morgan precisa de ajuda com seus filhos, Darvk quer que Tenia descanse antes da cerimônia...

—Eu posso ver que vai ser uma longa gestação. Eu estou apenas nos estágios iniciais e ele insiste que eu descanse um par de horas todos os dias.

—...e Maverk estava procurando Reya, por algum motivo insondável.

Connie se levantou para sair.

—Venham, irmãs. Acho que ele está nos dando uma dica.

—Eles ainda não estão casados, -Reya demorou.

—Não é bom deixá-los sozinhos. Nunca se sabe o que virá.

—Tarde demais para se preocupar com isso, -Garret sorriu enormemente.

—Agora, isso é revoltante. Eu vou sair daqui.

Reya fez uma careta enquanto se empurrava para fora da cadeira.

Garret fechou a porta atrás das Reekas então atravessou a sala em passos rápidos e ágeis, para deslizar os braços em torno de Dana e puxá-la com força contra ele.

—Eu senti sua falta, moça.

—Nós não estávamos juntos há duas horas.

—E duas horas é muito tempo, -uma grande mão arrastou para baixo para traçar círculos preguiçosos sobre uma nádega bem torneada. —Este vestido é tão descaradamente carnal, e estou tão duro como um poste!

—Você gosta dele, então? -ela olhou para ele através da espessa varredura de seus cílios.

—Como é? Eu iria adorar ainda mais se estivesse fora de você.

—Onde está o sentido nisso?

—Você ficaria nua em meus braços, -o sorriso voltou perverso.

—Na verdade, eu acho que devemos removê-lo antes que ele fique amarrotado.

—Como ficaria amarrotado?

—Rolando por aí na luxúria saudável em uma grande cama.

Ela revirou os olhos, quando faíscas inflamaram em suas veias com o pensamento.

—O que você acha? -ele deixou cair um beijo em seus lábios.
—Devo tirá-lo? -beijou sua garganta. —Ou será você? -sua boca tocou seu ombro, quente e úmida através da renda.

Seus joelhos fraquejaram.

—Nós não podemos. Alguém pode entrar.

—É uma vergonha as embarcações da frota que Darvk e Kiile posicionaram perto da saída de emergência da Paz Intergaláctica, o navio para nosso refugio, em caso de necessidade, não é aqui. Se fosse, eu juro que eu ia levá-lo para um lugar privado para que eu pudesse ter o meu mau caminho com você.

—O nosso refúgio?

—Eu me esqueci de lhe dizer? Durante o julgamento, Darvk me disse para confiar nele. Na época eu não sabia que ele e os outros tinham se preparado para o pior, que seria proibido, ocasião em que eles provocariam uma distração enquanto nós escapávamos.

Seus olhos se arregalaram.

—Qual possível desvio eles poderiam ter feito que não os incriminassem?

—Cam e Jase estavam perto da fonte de alimentação. Uma palavra codificada através do comunicador que Maverk usava teria feito sobrecarregar os circuitos com um dispositivo de bloqueio. O poder em todo o navio fracassaria, e, na confusão e na escuridão, eles estavam indo para levar-nos para longe. Foi tudo planejado.

—Temos bons amigos.

—Leais. -ele acariciou um peito generoso. —Agora, o que você me diz sobre trancar a porta e testar a estrutura e a solidez da cama? Eu...

Uma batida soou na porta, pequena e afiada.

—Não responda, -seu polegar roçou um mamilo endurecido.

A batida veio de novo, muito mais alta.

—Quem quer que seja, não irá embora até nós respondermos.

Com um suspiro, ele a soltou, recuando e chamando: —Venha e é melhor você ter uma maldita de uma boa razão!

A porta se abriu para revelar um homem alto, de túnica preta.

—Eu acredito que eu tenho.

—Meekta, -Dana olhou para ele, o olhar passando rapidamente atrás dele.

—Eu não trago soldados, guerreira.

Garret pegou a mão dela.

—A que devemos o prazer de sua visita?

—É um prazer? Duvido. -ele fechou a porta, gravemente observando os dois jovens desconfiados. —Eu não os culpo por sentirem como vocês se sentem em relação a mim. Faria o mesmo em seu lugar.

O que ele queria? Inconscientemente Dana se aproximou de Garret.

—Eu não vou perder tempo, não é o meu feitio. Eu vim ver os dois sobre o outro dia. O julgamento. Eu quero que vocês saibam que, como líder do Conselho da Paz Intergaláctica, tenho deveres, a serem seguidos, e as leis para defender, independentemente dos meus sentimentos pessoais. Vocês entendem?

Intrigados, assentiram com a cabeça.

—As pessoas dizem que eu sou duro, mas honesto, do que me orgulho. Eu vim hoje para informá-los que tudo que eu disse a ambos era lícito. Se eu fosse capaz de agir com sentimentos pessoais, eu teria aplaudido os seus apoiantes.

Dana ficou surpreso. —Você o faria?

—Eu vou dizer isto uma única vez e nunca mais. Eu admiro você, guerreira, por sua lealdade e destemor em face de grande oposição. Você, comerciante, tenho em alta estima por sua fidelidade e amor por ela. -o semblante grave relaxou um pouco, uma dica de um sorriso nos olhos duros. —Contrariamente à opinião popular e o que você pode pensar, fiquei aliviado com o voto para o seu perdão, Dana, foi unânime. Agora, então, -qualquer sinal de suavidade fugiu para ser substituído com as normais e formidáveis características. —Tenho coisas para fazer antes do casamento. Eu vou vê-los lá.

—Você virá? -Garret ergueu as sobrancelhas. —Você não precisa de aprovação?

—Eu pretendo ver vocês dois casados e acomodados, para evitar mais transtornos, -Meekta saiu da sala sem dizer uma palavra.

—Bem, -Garret olhou para ela. —Estamos honrados... eu acho.

—Eu pensei que ele me odiasse.

—Eu sempre achei que ele era incapaz de sentir qualquer coisa, -ele a abraçou, um sorriso brincando em torno de sua boca. —Falando de sentimentos...

—Eu não estava ciente de mencionar algum.

—Eu vou ter que demonstrar o meu por você.

—Espere, -ela colocou um dedo sobre os lábios. —Eu preciso lhe dizer algo que está muito atrasado.

Ele ficou sóbrio ante sua expressão séria. —Sim?

—Peço desculpas pela minha falta de fé em você. Você arriscou tanto por mim, -brilhando com amor, seu olhar encontrou o dele. —Você é minha vida inteira, Garret, e aqui, entre nós, sozinhos, eu me comprometo com você. Onde você for eu vou.

A grande palma calejada segurou o rosto delicado, seu polegar correndo suavemente em toda a alta bochecha.

—Eu nunca vou deixar você, Dana. Eu amo você.

—Não mais do que eu amo você.

Reunindo-a mais perto, ele a beijou, lábios quentes, persuasão, habilidade e amor tomaram posse de sua boca. Quando

ele finalmente levantou a cabeça, ambos estavam respirando mais rápido.

—Eu acho que você está certo, -Dana correu uma das mãos para baixo nos rígidos e lisos músculos do seu peito.

—Eu estou sempre certo, -a viu caminhar até a porta. —Sobre o quê?

A fechadura se encaixou e seus olhos ardentes encontraram os dele: —Verificar a solidez estrutural da cama.

Calor chamuscando suas veias: —Venha aqui, moça.

—Você está me mandando? -provocativamente ela umedeceu os lábios.

—Agora eu lhe peço de joelhos.

Lentamente, ela foi para ele, seus quadris balançando sedutoramente, as dobras elegantes de renda deslizando por suas longas pernas, revelando vislumbres intrigantes da carne. Até o momento que ela parou diante dele, o sangue foi empurrando pesadamente em sua virilha.

—Eu vou fazer você se sentir como se tivesse morrido e ido para o céu comerciante.

—Você é uma garota devassa, -disse ele com voz rouca.

—Eu sou pior quando em torno de você, -escorregou seu colete.

—Eu posso ser uma garota má.

Uma faísca quente sacudiu por ele quando ela deu um beijo leve no pulso descontroladamente pulando em sua garganta, depois

arrastou os lábios em seu peito para um pequeno mamilo masculino. A ponta de sua língua estalou através dele e sua respiração foi sugada asperamente.

Pegando-lhe os pulsos, ele levantou os braços acima da cabeça.

—Fique quieta.

As mãos grandes deslizaram em seus braços e nos lados, deslizando sobre os quadris arredondados e longas pernas graciosas. Ajoelhando, ele pegou cuidadosamente a bainha do vestido delicado e ergueu-o lentamente, garantindo seus dedos deslizarem através de sua pele nua no caminho até seu corpo.

No momento em que ele puxou o vestido para cima e sobre sua cabeça, ela sentiu como se tivesse deixado um rastro ardente em sua carne. Sem tirar o olhar do dela, ele se inclinou para um lado e colocou o vestido sobre o dorso da poltrona. No desejo que ardia nos olhos cinza sobre dela, a respiração acelerou e uma chama quente queimou para vida dentro dela.

Lentamente, ele começou a leva-la através do quarto.

—Se eu vou sentir como se eu tivesse morrido e ido para céu, adivinha moça?

—O quê? -ela perguntou, sem fôlego, as costas dos seus joelhos empurrando a cama grande.

Seu sorriso era totalmente perverso.

—Você está vindo comigo.

FIM

Sobre a Autora

Nascida em Victoria, Austrália, minha infância foi passada em uma variedade de lugares, tanto nas cidades como no interior.

Agora vivo na Austrália Ocidental e trabalho como enfermeira.

Um amor pelos animais me fez envolver-me com o seu bem estar e, certamente, explica os gatos em minha cama e a garrafa de água quente!

A leitura tem sido sempre a minha fuga, meu sonho de escrever.

Horror, mitos, lendas, fantasias e história, não há limites para as maravilhas a serem encontradas. E o romance?

Bem, adiciona o tempero de esperança e felicidade para sempre.



Aviso Um



Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidades de redes sociais, principamnete facebook.

Quer baixar os livros do PL ? Entre no grupo de pate-papo, entre no forum ou blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL, ou envie por email a quem pedir

Postagens de livros no fascebook pode acarretar problemas ao PL !

Ajude-nos a preservar o grupo !

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela informe que leu os arquivos no idioma original, mas por favor, evite tocar no nome do PL para autoras e editoras!

Ajude-nos a preservar o seu grupo de romance!

A equipe PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com Comunidades/Foruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a digulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta(o)